Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores

Camila de Sousa Freire

O pensamento e a trajetória intelectual de Gustavo Barroso: identidade regional, redes de sociabilidade, integralismo e escrita de si (1910-1940)

São Gonçalo
2023

Camila de Sousa Freire

O pensamento e a trajetória intelectual de Gustavo Barroso: identidade regional, redes de sociabilidade, integralismo e escrita de si (1910-1940)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

São Gonçalo
2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

F866 Freire, Camila de Sousa.
O pensamento e a trajetória intelectual de Gustavo Barroso: identidade regional, redes de sociabilidade, integralismo e escrita de si (1910-1940) / Camila de Sousa Freire. – 2023.
267f.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva.
Tese (Doutorado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Barroso, Gustavo, 1888-1959 – Teses. 2. Intelectuais – Brasil – Teses. 3. Integralismo – Teses. 4. Identidade (Conceito filosófico) – Teses. I. Silva, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 – 4994 CDU 3-056.3

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Camila de Sousa Freire

O pensamento e a trajetória intelectual de Gustavo Barroso: identidade regional, redes de sociabilidade, integralismo e escrita de si (1910-1940)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: 29 de setembro de 2023.

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva (Orientadora)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

_____

Prof. Dr. Fernando Luiz Vale Castro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

_____

Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

_____

Prof. Dr. Gisálio Cerqueira Filho

Universidade Federal Fluminense

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos meus pais, por sempre priorizarem minha educação antes de tudo; e aos meus avós, migrantes paraibanos, que me ensinaram a amar e me orgulhar das minhas origens.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para este trabalho, ainda que indiretamente, e foram pacientes comigo durante o processo de sua elaboração, como familiares e amigos que foram compreensíveis com minha ausência durante sua redação. Agradeço especialmente aos meus pais, Célia e Leandro, pelo apoio constante durante toda minha vida e por sempre terem priorizado minha educação. Sem seu apoio com certeza eu não teria chegado até aqui. Agradeço também ao meu noivo, Mauro Borges, pela paciência, incentivo e apoio constantes durante esse processo.

Agradeço à minha orientadora Ana Paula Barcelos, pela orientação cuidadosa e profissional de sempre, não só na redação deste trabalho mas em toda minha vida acadêmica. Obrigada por todo incentivo, apoio e conselhos que tanto me ajudaram a crescer profissionalmente desde a graduação até aqui.

Também gostaria de agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Agradeço, especialmente, aos professores Rui Aniceto Fernandes e Fernando Vale Castro pela leitura e apontamentos que fizeram no exame de qualificação e que contribuíram significativamente para este trabalho. Agradeço ainda aos professores Rafael Brandão e Gisálio Cerqueira Filho por aceitarem o convite para participar da banca de defesa, bem como aos professores Jefferson Almeida e Renato Coutinho pelo aceite para a suplência.

RESUMO

FREIRE, Camila de Sousa. *O pensamento e a trajetória intelectual de Gustavo Barroso*: identidade regional, redes de sociabilidade, integralismo e escrita de si (1910-1940). 2023. 267 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Neste trabalho refletimos sobre o pensamento e a trajetória intelectual de Gustavo Barroso entre as décadas de 1910 e 1940. Para isto, analisamos seus livros e textos em geral publicados em jornais e revistas da época. Em seus primeiros livros e artigos, Barroso abordava temas como o sertão, a seca e os modos de vida dos sertanejos, o que nos possibilitou verificar sua contribuição para a formação de uma identidade regional cearense e, também, para a construção de uma ideia de Nordeste. Abordamos ainda suas redes de sociabilidade e seu envolvimento com o movimento integralista, a partir da década de 1930, do qual foi um dos seus principais líderes. Neste sentido, ganha destaque seu discurso antissemita. Por fim, abordamos suas três autobiografias, nas quais Barroso trata de sua infância e juventude no Ceará, antes de migrar para o Rio de Janeiro. Por meio delas, discutimos questões referentes à escrita de si, ao ressentimento e ao silenciamento que marcam uma trajetória ambígua e composta por nuances e escolhas próprias do intelectual agindo em seu campo.

Palavras-chave: Gustavo Barroso; identidade; trajetória intelectual; sociabilidade; integralismo; escrita de si.

ABSTRACT

FREIRE, Camila de Sousa. *The thought and intellectual trajectory of Gustavo Barroso*: regional identity, sociability networks, integralism and self-writing (1910-1940). 2023. 267 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

In this work, we reflect on the thought and intellectual trajectory of Gustavo Barroso between the 1910s and 1940s. For this, we analyze his books and texts in general published in newspapers and magazines at the time. In his first books and articles, Barroso addressed topics such as the sertão, the drought and the ways of life of the sertanejos, which allowed us to verify his contribution to the formation of a regional identity in Ceará and, also, to the construction of an idea of North East. We also approach his sociability networks and his involvement with the integralist movement, from the 1930s, of which he was one of its main leaders. In this sense, his anti-Semitic discourse gains prominence. Finally, we approach his three autobiographies, in which Barroso talks about his childhood and youth in Ceará, before migrating to Rio de Janeiro. Through them, we discuss issues related to self-writing, resentment and silencing that mark an ambiguous trajectory and composed of nuances and choices of the intellectual acting in his field.

Keywords: Gustavo Barroso; identity; intellectual trajectory; sociability; integralism; self writing.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	**O CEARÁ, A IDENTIDADE REGIONAL E OS ESCRITOS DE GUSTAVO BARROSO**	17
1.1	**Um intelectual migrante**	17
1.2	**O Nordeste e a nação no início do século XX: a imagem e o discurso de uma regiã**o	45
1.3	**A imagem e o discurso sobre o Ceará e o Nordeste nos escritos de Gustavo Barroso**	60
2	**IDEIAS, REDES DE SOCIABILIDADE E A TRAJETÓRIA DE UM INTELECTUAL REGIONALISTA**	76
2.1	**O campo literário no início do século XX e o escritor regionalista**	76
2.2	**Redes de sociabilidade, campo intelectual e busca por reconhecimento** ….	92
2.3	**Reconhecimento entre os pares: a visão do outro sobre Gustavo Barroso** ..	107
2.4	**O olhar sobre Gustavo Barroso no contexto da militância integralista**	117
3	**INTEGRALISMO, ANTISSEMITISMO E PROJETO DE NAÇÃO**	133
3.1	**Fascimo, integralismo e nação**	133
3.2	**História e antissemitismo**	156
3.3	**O regional e o nacional no projeto de nação barroseano**	184
4	**ESCRITA DE SI, MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DAS AUTOBIOGRAFIAS DE BARROSO**	194
4.1	**Coração de Menino: a infância como ponto de partida**	194
4.2	**O Liceu do Ceará e a passagem para a juventude**	217
4.3	**O Consulado da China: sertão, início da carreira e migração**	233
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
	REFERÊNCIAS	256

INTRODUÇÃO

Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu em 29 de dezembro de 1888, em Fortaleza, no Ceará. Empreendeu seus primeiros estudos nesta mesma cidade, onde já começou a atuar como jornalista no período em que estava na Faculdade de Direito. Porém, migrou para o Rio de Janeiro em 1912, alegando perseguição política por parte da oligarquia do coronel Accioly, onde terminou a faculdade em 1912. No Rio de Janeiro, então capital do país, começou a colaborar para a revista *Fon-Fon* já em 1910, tornando-se diretor de redação em 1916. No *Jornal do Commercio*, Barroso inicia sua colaboração em 1911, se tornando chefe de redação em 1914 e permanecendo até 1919. Antes disso, porém, precisou trabalhar em outras funções, como professor, por exemplo, e buscou estabelecer contato com outros intelectuais, já conhecidos, para assim conseguir ingressar no meio intelectual da época.

Barroso obteve, através desses contatos, a oportunidade de divulgar sua primeira obra, tornando-se reconhecido como escritor regionalista. Assim, conseguiu se estabelecer no meio literário carioca, como escritor e jornalista, ingressou na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi eleito membro e recebeu homenagens de instituições estrangeiras, publicou livros em outros idiomas e tornou-se conhecido no Brasil e no exterior como escritor folclorista. Nesse período também atuou como Secretário do Interior no governo do seu primo, Benjamim Liberato Barroso e foi Deputado Federal pelo Estado do Ceará. Além disso, também se tornou, na década de 1930, um dos principais líderes do integralismo, movimento de inspiração fascista criado no Brasil por Plínio Salgado. Barroso se dedicou à propagação das ideias integralistas através de livros, conferências e artigos em jornais. Seu discurso e sua postura se tornaram mais radicais, chegando a entrar em conflito com outros imortais da ABL em razão de suas críticas sobre a instituição e seus membros. Assim, também se tornou conhecido como líder integralista e por seu trabalho na área de museologia e patrimonialismo, a partir da atuação como diretor do Museu Histórico Nacional, desde sua fundação, idealizada por ele, em 1922, até seu falecimento em 1959. Sobre Barroso, destacamos também seus trabalhos de cunho biográfico já em seus escritos sobre o sertão, quando relembrava episódios que viveu na região, sua ação de guardar recortes de jornais que versavam sobre si mesmo e suas autobiografias (divididas em três volumes).

Seguindo esta trajetória, tivemos por objetivo, inicialmente, analisar os escritos de Gustavo Barroso em relação ao Ceará e ao sertão e como estes contribuíram para a construção

de uma identidade regional e também para uma ideia, imagem e discurso forjados sobre a região Nordeste em formação no início do século XX. Imagem, ideia e discurso que se cristalizaram no imaginário social: uma região seca, árida, onde a escassez gera o sofrimento e a migração da população sertaneja para outras regiões. Ao mesmo tempo, esta população se tornaria mais forte por sua vivência em um meio inóspito. Imagem que até hoje marca a percepção que se tem sobre o Nordeste em outras regiões. Porém, conforme a pesquisa foi sendo desenvolvida, ficou clara a necessidade de se abordar outras questões e obras de Gustavo Barroso a fim de se obter um entendimento mais amplo de sua trajetória e ideias enquanto intelectual e escritor. Tornou-se importante não só pensar o olhar de Barroso sobre o Ceará, mas também o olhar que se tinha sobre ele, no Ceará e no Rio de Janeiro, onde ele efetivamente atuou como escritor, assim como sua busca por reconhecimento e as redes de sociabilidade que buscou criar para obtê-lo e se tornar um autor conhecido. Outro aspecto indissociável da sua trajetória foi o período em que esteve engajado no integralismo, movimento que angariou um grande número de adeptos na década de 1930. Barroso adere ao movimento, tornando-se um dos seus principais líderes e empreendendo uma verdadeira campanha política a seu favor, como dissemos.

Porém, o integralismo não chegaria ao poder de fato, como almejavam seus líderes e demais membros, pois com o golpe do Estado Novo liderado por Getúlio Vargas, é colocado na ilegalidade, assim como outros movimentos organizados nesse período. Com isso, seus líderes buscaram outros rumos para si e para o movimento e Barroso se recolheu ao trabalho no MHN, voltando sua produção às temáticas anteriores. Problematizamos essa questão cientes que o intelectual faz escolhas visando angariar capital simbólico e político, o que não foi diferente para Gustavo Barroso. Dessa forma, ele se dedica ao trabalho museológico e patrimonial, que foi muito beneficiado pelo governo nesse período e interrompe sua militância política. Posteriormente, o principal líder do integralismo, Plínio Salgado retorna do exílio e tenta reorganizar o movimento, dessa vez como um partido, o PRP. Porém, Barroso não se filia ao partido e parece não se interessar mais por questões políticas, pelo menos não publicamente. Então, ele volta-se para si mesmo e empreende um trabalho de escrita de si, através da publicação de três autobiografias: *Coração de Menino*[1], *Liceu do*

[1] BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. Rio de Janeiro: Getulio M. Costa Editora, 1939.

Ceará[2] e *O Consulado da China*[3], que também analisaremos neste trabalho, fechando nosso recorte cronológico em sua última obra autobiográfica.

Portanto, a análise da atuação de Barroso na construção de uma imagem e um discurso sobre o Nordeste constituiu o primeiro capítulo desta tese. Para isso, utilizamos recortes de seus textos para jornais e revistas que se encontram organizados na Hemeroteca Gustavo Barroso, da Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional. Utilizamos também como fontes neste capítulo seu primeiro livro *Terra de Sol: Natureza e costumes do Norte*[4], publicado quando ele já estava no Rio de Janeiro. Abordamos sua migração e os primeiros anos após sua chegada à capital federal também neste capítulo, seus primeiros contatos e trabalhos e como ele se consolidou na carreira de jornalista e escritor. Com este objetivo, também analisamos outros livros que tratavam da temática regionalista, como *Praias e Várzeas*[5], *Ao som da viola*[6], *Alma sertaneja*[7], e *Almas de lama e de aço*[8].

Além de contextualizarmos historicamente essas obras e o momento em que Gustavo Barroso começou sua carreira de escritor, também buscamos a influência teórica que norteava seus escritos, tais como o evolucionismo, o racialismo, o determinismo geográfico, entre outras. Teorias que se desenvolveram no século XIX, mas que ainda tinham muita aceitação no meio intelectual do início do século XX. Gustavo Barroso, inserido em sua época, não estava alheio a elas, como veremos. Além disso, buscamos demonstrar seu olhar elitizado sobre o sertanejo e a imagem que ajudou a criar sobre essas pessoas. Um olhar característico de um homem que nasceu e viveu em uma capital como Fortaleza e ia ao sertão apenas nas férias, ou seja, o olhar do observador externo, que observa essa população, mas não se coloca como igual a ela. Em muitos momentos ele mobiliza essa experiência e conhecimento sobre o sertão para conferir legitimidade a seus escritos, mas não se vê como um igual. Sendo assim, Barroso observa e escreve sobre "tipos" característicos dessa região, que posteriormente se tornarão verdadeiros personagens no imaginário sobre o Nordeste, como o cangaceiro, o beato, o vaqueiro e o retirante. Observa também seus modos de vida, hábitos e práticas religiosas em estudos que chegaram a ser vistos como "sociologia sertaneja" ou "psicologia sertaneja".

---

[2] _____. *Liceu do Ceará. Memórias de Gustavo Barroso*. 3ª Ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.
[3] BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China.* Rio de Janeiro: Getulio M. Costa Editora, 1941.
[4] _____. *Terra de Sol: natureza e costumes do Norte*. 6ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
[5] _____. *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979.
[6] _____. *Ao som da viola*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1921.
[7] _____. *Alma sertaneja*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979.
[8] _____. *Almas de Lama e de Aço*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1928.

Além destes, outros temas também são tratados neste capítulo: o coronelismo, a seca e os campos de concentração criados para conter os retirantes; o nacionalismo e a construção de uma ideia e de uma cultura para o Nordeste; o reconhecimento almejado por Gustavo Barroso através de suas obras regionalistas, entre outros. Para essas análises, utilizamos autores como Aline Magalhães Montenegro[9], Afonsina Maria Augusto Moreira[10], Margarida de Souza Neves[11], Nicolau Sevcenko[12], Flora Sussekind e Roberto Ventura[13], Cláudia Viscardi[14], Raimunda Oliveira[15], Marcos Chor Maio e Ricardo Ventura Santos[16], Tzvetan Todorov[17], Durval Muniz de Albuquerque Júnior[18], Eric Hobsbawm[19], Sérgio Miceli[20], Frederico de Castro Neves[21], Pierre Bourdieu[22], entre outros.

No segundo capítulo, abordamos as mudanças ocorridas nas décadas de 1930 e 1940, mais uma vez buscando contextualizar a atuação de Barroso historicamente. Falamos do mercado do livro nesse período, que obteve um grande crescimento no Brasil, buscando também situar sua produção literária. Tratamos da fundação e de sua atuação no Museu

---

[9] MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da Guerra perdida: Um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso.* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2009.

[10] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No Norte da saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso.* Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2006.

[11] NEVES, Margarida de Souza. "Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 11-41.

[12] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

[13] SUSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo: Ed. Moderna, 1984.

[14] VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da "política do café com leite"*. Ebook. 2ª Ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

[15] OLIVEIRA, Raimunda Rodrigues. *Gustavo Barroso: a tragédia sertaneja*. Fortaleza: Secult, 2006.

[16] MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, edição digital.

[17] TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: Ensaio de Antropologia Geral.*São Paulo: Editora Unesp, 2014.
_____. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

[18] ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
_____. *A Feira dos Mitos: A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.
_____. "A invenção de um macho". In: *Nordestino: a invenção do "falo": uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013, pp. 137-229.

[19] HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

[20] MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[21] NEVES, Frederico de Castro. '"Desbriamento 'e 'perversão': olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877." *Proj. História*, São Paulo, (27), pp. 167-189, dez. 2003.
_____. "A seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900)". In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Seca*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015, pp. 75-104.

[22] BOURDIEU, Pierre. "A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região". In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989, pp. 107-132.

Histórico Nacional, bem como de sua visão sobre a História do Brasil a partir da organização do Museu. Continuamos discutindo sua busca por reconhecimento e as redes de sociabilidade que procurou forjar ao chegar no Rio de Janeiro, principalmente sua relação com Coelho Neto, cuja casa era local de reunião de diversos intelectuais importantes e a qual Barroso passa a frequentar, sendo de grande importância para a divulgação do seu primeiro livro. Destacamos ainda sua relação com Epitácio Pessoa, que patrocinou a criação do MHN, cuja direção foi concedida a Barroso e onde este permaneceu por décadas, até seu falecimento em 1959. Debatemos o conceito de campo intelectual, desenvolvido por Pierre Bourdieu[23], analisando como Gustavo Barroso fez escolhas e contatos que lhe proporcionaram o capital simbólico necessário para obter o reconhecimento intelectual que almejava dentro do campo intelectual e do campo político no qual se inseriu.

Além disso, refletimos sobre a relação entre centro e periferia, a partir do estudo de Carlo Ginzburg[24] sobre a arte italiana, a fim de melhor entender as relações entre o Ceará e o Rio de Janeiro no início de século XX, pois Barroso era um intelectual cearense atuando no Rio. A cidade era a capital federal naquele momento, o que lhe conferia um lugar de centro econômico e político em relação ao Ceará. Sabemos da fluidez dessa relação. O Ceará foi visto, por exemplo, como um centro importante do movimento abolicionista na década de 1880. Mas, nesse momento, inclusive na visão de Barroso, o Rio de Janeiro era um importante centro também intelectual. Assim, ao migrar para o Rio, Barroso busca reconhecimento como escritor. Ao começar a publicar trabalhos na imprensa cearense, foi aconselhado mais de uma vez a tentar a carreira no Rio de Janeiro, onde teria mais oportunidades. Seguindo esses conselhos, e por questões políticas do contexto cearense, que também veremos, Barroso migra para a capital. Analisamos como ele tentou de várias formas ingressar em instituições intelectuais conceituadas, como a Academia Brasileira de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, até ingressar em ambas. Posteriormente, obteria ainda diversos títulos e homenagens, em instituições brasileiras e do exterior, algo que ele ostentava com orgulho até visto como exagerado por seus contemporâneos.

Outra questão analisada neste capítulo é o olhar de outros intelectuais em relação a Barroso. Procuramos percebê-lo tanto em relação à sua atuação como escritor regionalista, como enquanto militante integralista. Assim, analisamos alguns recortes de jornais, que se

[23] BOURDIEU, Pierre. "Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe". In: *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectivas, 2007, pp. 183-202.
_____. "O campo intelectual: um mundo à parte". In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp. 169-180.
[24] GINZBURG, Carlo. "História da arte italiana". In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo (Orgs.). *A Micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989, pp. 5-93.

encontram na Hemeroteca do Museu Histórico Nacional e no Arquivo da Academia Brasileira de Letras, e que continham depoimentos de outros escritores e intelectuais sobre a obra e a atuação de Barroso, assim como resenhas de seus livros. Nos recortes da Hemeroteca encontramos algumas críticas a ele, mas principalmente elogios à sua pessoa e a seus livros. A maior parte das críticas foram encontradas no Arquivo da ABL, talvez pelo fato de Barroso ter feito duras críticas àquela instituição após ingressar no movimento integralista, como veremos também neste capítulo.

Além disso, focalizamos no olhar de outros intelectuais cearenses sobre Barroso, já que este era um conterrâneo escrevendo sobre sua terra em outro local. Vimos como no Ceará ele foi elogiado, homenageado inclusive, mas também bastante criticado, principalmente no período de militância integralista, embora o integralismo tenha obtido forte inserção no Ceará. Buscamos demonstrá-lo a partir da análise da Legião Cearense do Trabalho, uma organização integralista que obteve grande número de adeptos e tinha relações estreitas com a Igreja Católica. No capítulo, continuaremos utilizando os estudos de autores como Antonio Candido[25], Aline Montenegro[26], Pierre Bourdieu[27] e Tzvetan Todorov[28], além de outros como Gilberto Gilvan de S. Oliveira[29], Tânia de Luca e Ana Luiza Martins[30], Angela de Castro Gomes[31], Carlos Altamirano[32] e Sérgio Miceli[33], entre outros.

Essa análise do olhar do outro durante a atuação integralista de Gustavo Barroso, bem como o estudo sobre a Legião Cearense do Trabalho, constituíram um gancho para o terceiro capítulo, onde efetivamente examinaremos o desenvolvimento do integralismo e a inserção de Gustavo Barroso. Sendo assim, neste terceiro capítulo introduzimos o tema do fascismo fazendo uma contextualização sobre seu surgimento e desenvolvimento na Europa, assim como em outros lugares posteriormente, incluindo o Brasil. Para essa análise utilizamos os

---

[25] CANDIDO, Antônio. "De cortiço a cortiço". *Novos Estudos*, nº 30, julho/1991, pp. 111-129.
_____. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul, 2006.
[26] MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da Guerra perdida...* Op. Cit.
[27] BOURDIEU, Pierre. Op. Cit.
[28] TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum...* Op. Cit.
[29] OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. *"O livrinho que desencadeou o resto": circulação e produção do romance O Quinze de Raquel de Queiroz pela Livraria José Oplympio Editora (1948-1990)*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017.
[30] DE LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, Versão digital.
[31] GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, Ebook Kindle.
_____. "Essa gente do Rio". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, pp. 62-77.
[32] ALTAMIRANO, Carlos (director). Introducción general. In: *Historia de losintelectuales em América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo.* Myers, Jorge (ed. Del volumen). Buenos Aires: Katz, 2008, pp. 9-27.
[33] MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

autores Leandro Konder[34], Jason Stanley[35] e Robert Paxton[36]. Em seguida, abordamos o integralismo no Brasil e mostramos sua inspiração no fascismo europeu, a partir do estudo de Odilon Caldeira Neto e Leandro Pereira Gonçalves[37] e de Hélgio Trindade[38]. Neste capítulo também analisamos duas obras integralistas de Gustavo Barroso: *Integralismo em Marcha*[39] e *Integralismo de Norte a Sul*[40], com o objetivo de demonstrar como era sua militância no integralismo através dos seus discursos. Também prosseguimos com a utilização dos documentos da Hemeroteca do MHN.

Além das obras integralistas, no terceiro capítulo também analisamos seus livros antissemitas como *História Secreta do Brasil – Vol. 1*[41], *Os Protocolos dos Sábios de Sião*[42], edição traduzida e comentada por Barroso, e *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*[43]. A partir dessas obras, analisamos o discurso antissemita de Gustavo Barroso e o antissemitismo de uma forma geral no Brasil e no mundo, utilizando os estudos de Hannah Arendt[44], Gérald Messadié[45], Maria Luiza Tucci Carneiro[46], Anita Novinsky[47], entre outros autores. Vemos como o discurso de Barroso se radicalizou nesse período e a aproximação de suas ideias com o nazismo. Para a análise do seu discurso antissemita e suas possíveis implicações, recorremos a Mikhail Bakhtin[48]. Também debatemos sua visão de História do Brasil, já discutida em capitulo anterior. Mas, neste momento esta visão está carregada de antissemitismo e se torna conspiracionista: haveria um plano de dominação judaica ao longo

---

[34] KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
[35] STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do "nós" e "eles"*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.
[36] PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
[37] CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O Fascismo em Camisas Verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.
[38] TRINDADE, Hélgio. *Integralismo (O fascismo brasileiro na década de 30)*. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
[39] BARROSO, Gustavo. *O Integralismo em marcha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
[40] _____. *O integralismo de Norte a Sul*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
[41] BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil, vol. 1*. Coleção comemorativa do centenário de Gustavo Barroso. Porto Alegre/RS: Revisão Editora Ltda., 1990.
[42] _____. *Os Protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Editora Minerva, 1936.
[43] _____. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
[44] ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013, edição digital.
[45] MESSADIÉ, Gérald. *História Geral do Anti-semitismo*. 2ª ed. Tradução Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
[46] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O veneno da serpente: reflexões sobre o anti-semitismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
[47] NOVINSKY, Anita [et al]. *Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma visão da história*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.
[48] BAKHTIN, Mikhail. "Os gêneros do discurso". In: *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

de toda a história do Brasil, desde a chegada dos portugueses, que teriam trazido consigo o primeiro judeu ao país.

Porém, como dito anteriormente, após o fim do movimento integralista, Barroso passa a se dedicar à escrita de si. Pode-se considerar que o trabalho iniciado por ele de guardar recortes de jornais que versavam sobre sua vida e produção literária já era uma iniciativa neste sentido, mas toma outras formas com a escrita de suas autobiografias. Estas seriam efetivamente uma escrita biográfica, na qual pretende narrar sua vida de forma linear, desde a infância até sua partida para o Rio de Janeiro. Dessa forma, dedicamos o quarto capítulo à análise dessas obras, debatendo temas como a escrita de si, a partir do estudo de Angela de Castro Gomes[49], e a questão da memória na escrita autobiográfica, problematizando o que se queria lembrar ou esquecer e como a memória é na verdade uma construção, conforme demonstra Michael Pollak[50]. Também buscamos problematizar uma ideia de linearidade, como se a vida fosse apresentada a partir de acontecimentos encadeados em uma ordem pré-determinada, por meio da leitura de Pierre Bourdieu[51]. Ao mesmo tempo, abordamos o silenciamento do período integralista nessas obras e sua intencionalidade, a saudade que busca demonstrar do período da infância no Ceará, a nostalgia dessa época e até um certo ressentimento em relação a acontecimentos e pessoas do seu passado. Para o estudo desses temas nos servimos dos trabalhos de Afonsina Moreira e Aline Montenegro, já citadas, e Claudine Haroche[52] para tratar do ressentimento e dos sentimentos que levariam a ele.

Assim, a partir da análise das autobiografias de Gustavo Barroso, concluímos este trabalho, no qual buscamos acompanhar a trajetória do intelectual cearense e, principalmente, observar seu discurso sobre o Ceará e sobre o Nordeste, além do seu discurso integralista e antissemita. Discursos estes que não se davam no vazio, mas faziam parte de um contexto, havendo uma motivação para serem construídos. No caso de Barroso, houve primeiramente o desejo de se fazer reconhecido tratando de um assunto que lhe era familiar, o que poderia lhe conferir legitimidade através da experiência no sertão. Esta atuação acabou por fazer parte de um projeto maior de criação imagética e discursiva sobre o Nordeste, como bem explica

---

[49] GOMES, Angela de Castro (Org.). "Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo". In: *Escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, livro digital.
[50] POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.
[51] BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, Edição digital, 2012.
[52] HAROCHE, Claudine. "Elementos para uma antropologia política do ressentimento: Laços emocionais e processos políticos". In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Posteriormente, seu discurso integralista e antissemita serviria a um fim político e faria parte de um projeto de nação que ele queria criar através do integralismo. Uma nação autoritária e excludente, que discriminaria um povo em detrimento do outro que ele pensava ser superior, mas que seria, em sua opinião, uma nação forte e homogênea, caminhando para o progresso.

Por fim, analisamos seu discurso sobre si mesmo, através das autobiografias. Um discurso que também desejava criar uma imagem: a de uma intelectual que desde criança demonstrava seus talentos e dava indícios do adulto que viria a ser; a de alguém que, mesmo passando por dificuldades e contratempos, conseguira “vencer”, produzindo a ideia de um homem forte e destemido que venceu barreiras para chegar ao seu objetivo, o de ser um intelectual reconhecido em seu país e fora dele. Portanto, esse trabalho, além de uma análise de trajetória individual, constitui-se também em uma análise do discurso barroseano e de como este serviu a diversas causas ao longo do tempo. Um discurso que se adaptou e se remodelou de acordo com as necessidades e escolhas individuais de um intelectual inserido em sua época e em seu campo de atuação, buscando o reconhecimento de seus pares e a fuga do esquecimento na posteridade.

1 **O CEARÁ, A IDENTIDADE REGIONAL E OS ESCRITOS DE GUSTAVO BARROSO**

1.1 **Um intelectual migrante**

Gustavo Barroso nasceu em 29 de dezembro de 1888, em Fortaleza, no Ceará, filho de Ana Guilhermina Dodt Barroso e Antônio Felino Barroso. Estudou no Partenon Cearense em 1898 e, posteriormente, ingressou no Liceu do Ceará, em 1899, para os chamados estudos preparatórios. Em 1907, iniciou os estudos na Faculdade de Direito do Ceará, concluindo o curso de Direito no Rio de Janeiro em 1912. Começou a publicar em jornais já em Fortaleza, em 1906, no jornal situacionista *A República*, da oligarquia de Nogueira Accioly, passando para a oposição em 1907. Sua primeira publicação nesse jornal intitulava-se "O descobrimento da América". Na oposição, escreveu nos jornais *Unitário* e *Jornal do Ceará*.

Ainda no período da faculdade participou de grêmios literários e de grupos de estudo e oratória, como o Grêmio Literário 25 de Março e o Jardim de Academus, compostos por estudantes da Faculdade de Direito. Afonsina Moreira[53] destaca a intensa atividade intelectual cearense nesse período, a qual Barroso não esteve alheio. Além disso, ainda no Ceará já contribuía para a imprensa do Rio de Janeiro, como nas revistas *A Careta* e *Tico-Tico*, desde 1907. Em 1910, se transfere para o Rio de Janeiro e no mesmo ano começa a colaborar para a revista *Fon-Fon*, tornando-se diretor de redação em 1916. No *Jornal do Commercio* ele inicia sua colaboração em 1911, se tornando chefe de redação entre 1914 e 1919.

Porém, ao chegar no Rio de Janeiro ele ainda precisou trabalhar em outras funções antes de seguir a carreira de jornalista. Segundo Aline Montenegro[54], foi Antonio Salles, outro intelectual cearense, que conseguiu o primeiro emprego para Barroso. Ela transcreve o relato de Salles segundo o qual no início Barroso teria passado por algumas dificuldades e o teria procurado muito desanimado, chegando inclusive "a alimentar ideias sinistras de auto-destruição"[55]. Salles então teria conversado com o também conterrâneo Belisário Távora e este, que era chefe de polícia, conseguiu um emprego de professor para Barroso em uma

[53] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit.
[54] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit.
[55] SALES, Antonio. "Cearenses lá fora". *Correio do Ceará*, 02/03/1928. Apud MAGALHÃES, Aline Montenegro. Ibidem, p. 29.

escola mantida por aquela instituição. Fato este que já demonstra seus contatos e o início de uma rede de sociabilidades que lhe conferia algum ganho. Outro contato que ele já mantinha no Rio de Janeiro, por correspondência quando ainda estava no Ceará, era Olavo Bilac, que inclusive chegou a mandar um poema no aniversário de um ano do primeiro jornal de Barroso, *O Garoto*, publicado no Ceará. Aline Montenegro considera que ao chegar ao Rio muito provavelmente Barroso procurou estreitar os laços com Bilac[56].

Além destes, outro contato foi Coelho Neto, cuja casa era frequentada por diversos intelectuais já renomados, inclusive o próprio Bilac, e que Barroso também passou a frequentar. Segundo Aline Montenegro, "Coelho Neto ocupava um lugar de destaque no mundo literário e na política. Seu salão era uma 'vantajosa extensão de sua identidade na alta sociedade como homem de letras consagrado 'e tinha o costume de acolher jovens intelectuais na Capital"[57]. Era lá que Barroso "contava histórias do Ceará, demonstrando a saudade que sentia de sua terra natal. Aqueles que participavam dessas reuniões e liam os artigos de Barroso, carregados de forte caráter memorialístico e publicados na seção literária de domingo do *Jornal do Brasil*, o incentivaram a escrever um livro"[58]. Inclusive "*Terra de sol*, sua estreia no universo literário da capital em 1912, é fruto desses incentivos, daí a dedicatória feita a Coelho Neto, Eurico Cruz e Félix Pacheco"[59]. Em artigo do *Jornal do Commercio* de 20 de janeiro de 1952, intitulado "O Livro do meu destino - Memórias: Salões mundanos e literários"[60], Benedicto Costa fala sobre os salões cariocas onde intelectualidade e nobreza se encontravam. Entre estes salões, cita o de Coelho Neto, ao qual se refere como uma "ante-câmara da Academia" [61], a Academia Brasileira de Letras, pois nele eram discutidos assuntos referentes a ela. Destaca, inclusive, que a candidatura de Alcides Maya havia sido decidida ali.

Costa cita alguns intelectuais que o frequentavam, como Oscar Lopes, Olegario Mariano, Alvaro Moreyra, Gregorio da Fonseca, Jorge Jobim, Alcides Maya, Rodolpho Amoedo, Arthur Napoleão e Olavo Bilac. Foi ali que este foi eleito príncipe dos poetas, segundo o autor. Para Costa: "Lá tudo se discutia: as estéticas, as cidades europeias, livros,

[56] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 31.
[57] Ibidem..
[58] Ibidem, p. 32.
[59] Ibidem.
[60] COSTA, Benedicto. "O Livro do meu destino - Memórias: Salões mundanos e literários". *Jornal do Commercio*, 20 de janeiro de 1952, Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual MHN, pasta 35.
[61] Ibidem.

paisagens e obras d'arte"[62]. Neste salão, Barroso "colheu os primeiros sucessos de *Terra do Sol*, água-forte nordestina, um dos livros regionalistas que fizeram época"[63]. Ou seja, seu primeiro livro foi divulgado naquele importante local da sociabilidade carioca, o que nos dá mais um indício da rede de sociabilidade na qual Barroso estava se inserindo, assunto que retomaremos mais adiante nesta tese. Certamente foi de extrema importância a divulgação do seu livro de estreia em um local como esse para que se tornasse tão conhecido como foi à época. *Terra de Sol* foi muito bem recebido pelo público e se tornou um marco na literatura regionalista sobre o Ceará, sendo a partir dele que Barroso se tornou realmente conhecido.

Nesse contexto do início da carreira intelectual de Gustavo Barroso, podemos considerar os motivos que o levaram a migrar, já que ele já possuía algumas publicações no Ceará e no Rio de Janeiro, mesmo residindo em outro Estado. Segundo o próprio Barroso, ele teria deixado o Ceará por perseguição política, já que fazia oposição à oligarquia de Antônio Pinto Nogueira Acioly, que dominava a política cearense naquele momento. Essa informação ficou consolidada como o motivo de sua migração. Aline Montenegro[64] cita a desavença que houve entre Barroso e o jornalista Carlos Câmara, do jornal *A República*, que era favorável a Nogueira Acioly. Na ocasião, Barroso escreveu um artigo alfinetando o governo de Acioly, ao qual o jornalista respondeu em tom de ameaça, o que, segundo Barroso, o levou a andar disfarçado nas ruas e sob a proteção de colegas das agremiações que participava.

Porém, além dessa perseguição relatada por Barroso, a autora considera importante pensar em outras possíveis motivações, como a própria vontade de fazer uma carreira promissora, naquela época entendida como possível apenas na capital. Embora Barroso afirmasse também que migrar era o destino natural do cearense. Como destaca a autora, "com essas palavras Barroso colocava que a migração de cearenses para o sul é algo da ordem do destino e não do campo das escolhas"[65]. Para ela, no entanto:

> Mais do que uma fuga provocada por circunstâncias políticas, Barroso buscava seguir os passos de conterrâneos que fizeram esse movimento anteriormente e lograram êxito, como Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua. Interpretar essa escolha individual como obra do destino não responde apenas a uma produção de si como vítima dos problemas de sua terra, criando uma identidade com os retirantes sertanejos. Significa também retirar o peso de sua responsabilidade sobre a escolha, procurando deixar claro que, se não fosse o destino, que transcende às vontades

[62] COSTA, Benedicto. "O Livro do meu destino - Memórias: Salões mundanos e literários". *Jornal do Commercio*, 20 de janeiro de 1952, Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual MHN, pasta 35.
[63] Ibidem.
[64] Ibidem, pp. 26-27.
[65] Ibidem, p. 28.

> humanas e é visto como força divinatória que comanda a vida dos homens, jamais abandonaria a cidade natal[66].

Ao analisar seus escritos, vemos que Gustavo Barroso construiu sua carreira falando de sua terra natal. Logo, percebemos que ele sentiu a necessidade de criar também uma imagem de intelectual amante dessa terra que buscava descrever e, assim, alcançar legitimidade para seus escritos a partir do conhecimento e do apreço pela mesma. Afirmar que migrou por decisão própria iria contra essa imagem.

Sobre a sua escolha pela faculdade de direito, embora tenha dito que foi uma escolha da família e não sua vontade, Aline Montenegro ressalta que "a escolha foi bastante coerente com seus projetos de vida na capital, pois lhe dava subsídios para o ingresso no mundo intelectual e político" [67], como era praxe entre os intelectuais brasileiros. Conforme analisamos na dissertação de mestrado, a maioria dos intelectuais cearenses eram bacharéis em direito, constituindo uma geração de intelectuais que estudaram nas mesmas instituições – no Liceu do Ceará e na Faculdade de Direito – e, posteriormente, ocuparam cargos públicos e participaram das agremiações literárias e do Instituto Histórico do Ceará, no final do século XIX e início do XX[68]. Gustavo Barroso inicia sua carreira na primeira década do período republicano, e não esteve alheio a essa tradição, como podemos ver. No entanto, buscou seguir os passos daqueles que haviam saído da região para se tornar reconhecidos na capital. Segundo Afonsina Moreira, o Rio de Janeiro nesse período era o:

> Centro aglutinador de escritores de perfis variados e de cidades diferentes, a Capital do País era pólo político-econômico e artístico. Tinha intensa presença de expressões artísticas e intelectuais, como também, da representação política nacional, das instituições nacionais, e do mercado editorial e do jornalismo. Ora, por ser a Capital federal, os órgãos, instituições e departamentos lá endereçados eram caracterizados e rotulados de nacional e brasileiro[69].

Assim, Gustavo Barroso seria um escritor reconhecido em esfera nacional, e não apenas regional. Portanto, fazia parte dos seus objetivos migrar para o Rio de Janeiro, por este ser considerado, no início do século XX, o centro privilegiado do país. Segundo Nicolau Sevcenko, a cidade possuía uma acumulação de recursos oriundos do comércio, das finanças e das aplicações industriais, a maior malha ferroviária do país, além do comércio de

---

[66] Ibidem.
[67] Ibidem, p. 29.
[68] Ver: FREIRE, Camila de Sousa. *O Instituto do Ceará e a identidade regional a partir do movimento abolicionista cearense (1884-1956).* Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2018.
[69] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 10.

cabotagem com o Norte; era o maior centro populacional, oferecendo amplo mercado consumidor e mão de obra para as indústrias, além do seu porto que se destacava no contexto nacional[70]. O Rio de Janeiro também passou por diversas modificações, como a inauguração da Avenida Central, a lei da vacinação obrigatória, a Exposição Nacional, a derrubada do Morro do Castelo e a expulsão da população pobre do centro para as áreas mais periféricas da cidade, em um movimento de reorganização urbana visando atender aos novos padrões burgueses que se impunham junto ao desenvolvimento do capitalismo. Processo que Sevcenko chamou de "Regeneração" e que, segundo ele:

> (...) não poderia ser considerada apenas transformação da figura urbana da cidade do Rio de Janeiro. Analisamos como ela nasce em função do porto e da circulação de mercadorias, como subentende o saneamento e a higienização do meio ambiente, como se estende pelos hábitos, costumes, abrangendo o próprio modo de vida e as ideias, e como organiza de modo particular todo o sistema de compreensão e comportamento dos agentes que a vivenciam[71].

Segundo o autor, a "Regeneração" já teria sido iniciada com o Encilhamento, em 1891, mas foi rigorosamente implementada com a inauguração da Avenida Central em 1904, continuando com as reformas urbanas e sociais até 1920. Em um contexto internacional, ele insere esse processo no desenvolvimento da Segunda Revolução Industrial, iniciada em torno de 1870[72]. Para Margarida de Souza Neves, o contexto é de entrada de outros países na corrida imperialista, ao lado da Inglaterra, que perde a hegemonia mantida até então. Dessa forma, investimentos serão feitos no Brasil, frutos de outros interesses, principalmente os norte-americanos. Porém, mesmo com as mudanças econômicas, o Brasil continua como "dependente e periférico"[73] no novo mapa político. Segundo a autora:

> Novas engrenagens internacionais transformam a economia mundial, as grandes potências hegemônicas descobrem, nas áreas periféricas – inclusive no Brasil -, um mercado lucrativo para aplicações financeiras e passam a investir fortemente ali, onde a mão de obra é barata, os direitos sociais estão longe de serem conquistados e a matéria-prima é farta e disponível. O capitalismo financeiro complementa as conquistas dos países industrializados e os trustes e cartéis darão novas formas às políticas monopolistas[74].

[70] SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p. 39.
[71] Ibidem, p. 58.
[72] Ibidem, p. 60.
[73] NEVES, Margarida de Souza. Op. Cit., p. 16.
[74] Ibidem, pp. 16-17.

Nesse momento, no plano nacional, acontecem alguns conflitos importantes, como a Revolução Federalista, no Sul, e a Revolta da Armada, no Rio de Janeiro[75]; o movimento do Contestado, também no Sul; e o movimento em torno do Padre Cícero e de Canudos, no Norte[76]. Movimentos aos quais o governo reage violentamente na tentativa de fortalecer o novo governo republicano e manter a ordem política e social. Porém, quando Gustavo Barroso iniciou efetivamente sua trajetória de escritor, a chamada "política dos governadores" já estava consolidada, a pior fase de conflitos teoricamente já havia sido reprimida e a aparência de ordem do novo acordo político se instaurava. Segundo Margarida de Souza Neves:

> (...) com base no peculiar federalismo da primeira República brasileira, era possível fazer funcionar a chamada *política dos governadores*, que garantia ao governo federal o apoio necessário - traduzido acima de tudo no fornecimento de uma base eleitoral -, enquanto este oferecia em troca as verbas necessárias para a manutenção do prestígio da situação nos estados e municípios (...) [grifo no original][77].

Porém, Cláudia Viscardi busca relativizar essa ideia de que esses acordos regionais na "política dos governadores", ou na "política do café com leite" teriam conferido ordem e hegemonia ao governo republicano. Segundo ela, o suposto acordo entre Minas Gerais e São Paulo para revezar na escolha dos presidentes não faz tanto sentido, pois outros estados também eram economicamente importantes e participavam das decisões, como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Bahia; além de ainda existirem os conflitos internos em cada estado[78]. Segundo a autora, a estabilização só teria realmente se efetivado nas gestões de Prudente de Morais e Campos Sales[79]. Assim, percebe-se a partir da análise de Viscardi, a importância de outros estados nesse contexto, além do Rio de Janeiro.

Porém, esse período também foi atravessado por formas de governo autoritárias marcadas pelo coronelismo nos estados e municípios, tornando-se a base fundamental do sistema político da Primeira República. Além disso, vemos a passagem de um ideal senhorial para outro dito moderno, expresso principalmente na Capital Federal, a partir de um culto aos ideais de progresso e civilização, sendo a Europa o principal modelo. Ainda segundo

---

[75] FLORES, Elio Chaves. "A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 43-80.
[76] HERMANN, Jacqueline. "Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). Ibidem, pp. 111-152.
[77] NEVES, Margarida de Souza. Op. Cit., pp. 34-35.
[78] VISCARI, Cláudia Maria Ribeiro. Op. Cit.
[79] Ibidem, posição 1043 no ebook.

Viscardi, na gestão de Rodrigues Alves houve o plano de saneamento para "melhorar as condições de saúde do Brasil"[80], principalmente do Rio de Janeiro. Dessa forma, "estava prevista uma série de reformas urbanas na capital nacional, que incluía a remodelação do Porto do Rio e a 'higienização 'completa da cidade"[81]. Isto porque "o Brasil queria evitar a propaganda internacional contrária aos seus produtos, especialmente o café, em função das péssimas condições sanitárias do país"[82]. Vivian Marcello Caetano aborda nesse contexto da Belle Époque carioca, o desejo pelo moderno e civilizado e as mudanças que foram pensadas e efetuadas para se alcançar esse objetivo. Através da análise da revista *Fon-Fon*, a autora relaciona essas questões ao feminino, pois a modernidade também passava pela reforma dos costumes, onde serão exigidos novos padrões de comportamento.

Barroso escreveu bastante na *Fon-Fon*, na qual publicavam intelectuais de diversas regiões do Brasil. Assim, não deve ter sido difícil encontrar trabalho na revista. A *Fon-Fon*, segundo Vivian Caetano, seguia uma inspiração europeia, principalmente francesa e, assim, com um dircurso moderno conservador, influenciava o público a seguir um padrão de civilidade e modernidade. O Rio de Janeiro passava por mudanças naquele momento nas quais conviviam tradição e modernidade: "Tratava-se de uma sociedade que investia em apagar o passado colonial e escravista, mas ao mesmo tempo mantinha marcas patriarcais e paternalistas como forma de controle e manutenção da hierarquia e da ordem social"[83].

Vemos essa relação entre tradição e modernidade na postura do próprio Gustavo Barroso, que publicava em uma revista como a *Fon-Fon*, que se dizia modernizadora, mas ao mesmo tempo exaltava as tradições e honrarias. Aline Montenegro destaca como Barroso iria ostentar, quando já estava na Academia Brasileira de Letras, todas as suas medalhas e condecorações em seu uniforme, algo que era até motivo de comentários de outros membros da Academia por não ser uma prática comum entre eles. A autora cita o discurso de Alberto Faria, em ocasião da recepção de Barroso na ABL, onde ele critica essa postura de Barroso:

> Faria critica a postura soberba, vaidosa e exibicionista do recém-acadêmico. Essas características depreciadoras são ainda mais criticadas ao final do discurso de recepção, quando comenta o gosto que Barroso tem em estampar um sem-número de condecorações no peito. Considera que esses "enfeites" não possuem valor maior do que a produção intelectual, às vezes sacrificada em função dos títulos honoríficos[84].

[80] Ibidem, posição 1131.
[81] Ibidem.
[82] Ibidem.
[83] CAETANO, Vivian Marcello Ferreira. *Modernidade, gênero e condição feminina nas páginas da revista Fon-Fon (1910-1920)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, p. 32.
[84] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 81.

Assim, vemos que Barroso também buscava reconhecimento e distinção a partir de seus títulos e medalhas, adotando práticas que não eram comuns entre seus pares. Contudo, mesmo exagerando, ele estava inserido no contexto de sua época. Entendemos que ele buscava se inserir no que era exigido por essa modernidade que se impunha na capital no período. Além disso, essa postura também fazia parte da trajetória de outros intelectuais da época, como vemos na análise de Flora Sussekind e Roberto Ventura acerca de Manoel Bomfim [85]. De acordo com os autores, Bomfim fez uma crítica à ciência da época, discordando da sua pretensa neutralidade, mas utilizando termos científicos em suas análises[86]. Era um intelectual inserido em sua época, assim como tantos outros que atuaram e escreveram sobre assuntos em voga na primeira metade do século XX. Os autores destacam que na obra *A América Latina* (1905), Bomfim demonstra um interesse pela nacionalidade, o que desenvolverá em *O Brasil na História* (1930). Esse interesse pelas coisas nacionais era uma preocupação presente na intelectualidade da época, se acentuando a partir de 1922 e se estendendo até a década de 1930. De acordo com Sussekind e Ventura:

> Basta pensarmos que, neste mesmo ano [1922], ocorrem a fundação do Centro Dom Vital e do Partido Comunista Brasileiro, a Semana de Arte Moderna, o levante dos tenentes no Forte de Copacabana. Acontecimentos que marcam não apenas rumos diferentes para a sociedade brasileira como encaminham a produção intelectual para uma maior ênfase no nacional e na brasilidade. Esta ênfase se dá também em publicações posteriores a 1922, como *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, publicado em 1928, ou *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, de 1936. E em intelectuais e escritores que participam de grupos ou correntes como a Antropofagia, o Grupo da Anta, o Verde-amarelismo. Se, no entanto, há uma mesma ênfase na brasilidade, as perspectivas não serão as mesmas. A partir da década de 30, sobretudo, as diferentes orientações ideológicas da 'brasilidade 'tornam-se cada vez mais conflitantes[87].

Assim, vemos que o contexto era de múltiplas contribuições intelectuais, principalmente a temas ligados à nação. Sussekind e Ventura ressaltam ainda que entre o livro *A América Latina* e o livro *Brasil Nação*, a abordagem de Bomfim sofre uma mudança, ocorrendo maior radicalização. Para eles, são "deslocamentos ao influxo das transformações no processo social brasileiro"[88]. Ou seja, eram posturas próprias da época. Assim, veremos ao longo dessa tese uma postura semelhante em Gustavo Barroso, a partir de suas mudanças, escolhas e a preocupação com as questões nacionais, que irão resultar na sua adesão ao Integralismo na década de 1930. Abordaremos mais detalhadamente essas questões adiante.

---

[85] SUSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. Op. Cit.
[86] Ibidem, pp. 14-15.
[87] Ibidem, p. 18.
[88] Ibidem, p. 20.

Quando iniciou sua atuação no Rio de Janeiro, Barroso sempre frisava que sua trajetória não havia sido fácil:

> Quem não conhece a minha vida por trás dos bastidores, pensa que surgi deputado federal, que me fiz acadêmico sem antes passar por sérias dificuldades, ignorando de certo que fui empregado modesto numa estrada de ferro; que já dormi de favor, nos fundos de uma delegacia, cujo delegado era meu parente; e que lecionei para viver, num colégio em Petrópolis, onde ganhava cinquenta mil réis por mês, com direito a casa e comida, etc[89].

Nessa declaração percebemos como ele considerava essas atividades como inferiores, tendo que se submeter a elas até alçar patamares mais altos. Segundo Aline Montenegro, com essa fala, Barroso:

> Tentava assim mostrar ao seu público que veio de baixo e conquistou seu espaço a custa de muito trabalho e esforço, superando as dificuldades com o propósito de realizar o seu projeto de vida. Faz questão de se colocar como uma pessoa que caminhou com os próprios pés, sem contar com a ajuda de ninguém. Esse perfil de intelectual independente é cuidadosamente construído em toda a produção autobiográfica de Gustavo Barroso, dificultando a identificação das redes de sociabilidade que o ajudaram a alcançar seus objetivos[90].

No entanto, ele mesmo diz ter precisado do favor de um parente. Embora não dê tanta relevância ao fato, colocando-o também em uma categoria inferior de ajuda, o "favor", podemos ver que ele não chegou na capital e ascendeu por conta própria. Ao contrário, acreditamos que foi essa ajuda que possibilitou a ele as primeiras condições materiais de permanecer na cidade e continuar a escrever e fazer novos contatos.

Em seus primeiros escritos no Rio de Janeiro, Gustavo Barroso já adotava o tom memorialístico, como destaca Aline Montenegro. Nesses primeiros textos já traz lembranças de quando era criança no Ceará. A autora ressalta como havia nesses escritos um tom de confidência do autor para o leitor e como ele desejava frisar a mudança de sua personalidade, de um menino endiabrado para um jovem jornalista responsável. Postura que ele adotaria novamente ao escrever suas autobiografias, como veremos. Barroso buscava também deixar um ensinamento moral com suas histórias, sendo possível perceber continuidades em sua personalidade. Aline Montenegro destaca, por exemplo, um perfil de liderança quando ele conta que chefiava um bando de garotos na infância. A autora questiona o motivo de Barroso,

---

[89] COELHO, Gonzaga. "Gustavo Barroso conta um episódio curioso de sua vida". *Beira-mar*, Fortaleza, 03/09/1932. GB20, Biblioteca do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro. Apud MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 37.
[90] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 37.

então com apenas 22 anos, já estar se voltando para o passado, visando trazer lições para o público. Apropriando-se de Beatriz Sarlo e de Paul Ricoeur, Montenegro considera que:

> Barroso deixava sua Fortaleza em busca de uma terra desconhecida, onde apostava seu futuro, seu sucesso. Vivia um momento de incertezas quanto ao que seria sua vida dali por diante, abrindo brechas para a saudade, para o conforto das lembranças de um tempo distante, dos amigos, da família. Por outro lado, reforçava seus vínculos com a cidade natal, onde reconhecia suas raízes e sua identidade, valores que não poderiam se perder com as mudanças que se iniciaram com a transferência para a Capital. O conteúdo da narrativa servia como meio de se apresentar ao público leitor a partir das características consideradas importantes para assumir papéis desejados na sociedade. Interessava ser conhecido não só pelos seus estudos e sua erudição, mas também como um homem honrado, pacífico e com espírito de liderança[91].

Além disso, acreditamos que trazer essas lembranças da infância, de um menino peralta, dá um ar de descontração à narrativa e um certo grau de humanidade ao autor, criando laços de familiaridade com o leitor, principalmente aqueles que, assim como ele, haviam migrado. Assim, *Terra de Sol* também estava inserido "no mesmo espírito da saudade da terra que deixara para trás"[92]. Inclusive Aline Montenegro o considera um livro de literatura regionalista, mas ressalta que:

> Embora cearense, o olhar que Barroso tinha sobre o sertão não era o de quem possuía raízes no lugar. Por ter produzido a obra inserido no ambiente cultural do Rio de Janeiro e autoidentificado como um homem de letras, olhava para aquela realidade como alguém de fora, dotado de um ar de superioridade de quem tinha total identidade e familiaridade com a vida urbana. Seguia a trilha do sucesso de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, no qual a realidade do sertão estava sendo tomada como símbolo da autêntica nacionalidade, consolidando-se como um importante marco da noção do sertão como nação. Barroso visava projetar o Ceará da mesma maneira que Euclides da Cunha projetou Canudos: como síntese da autêntica nacionalidade por não ter sofrido as influências do cosmopolitismo litorâneo, mantendo a originalidade dos aspectos genuinamente brasileiros[93].

Acreditamos que isso ocorreu porque Gustavo Barroso, mesmo sendo cearense, nasceu e passou grande parte da vida em Fortaleza, que era também uma grande capital[94]. Ele narra suas andanças pelo sertão, nos sítios do pai ou do padrinho, mas estudou e passava a maior parte do tempo na cidade, indo ao sertão apenas nas férias. Daí seu olhar distanciado em relação ao sertão e aos sertanejos, o que pode ter se acentuado com sua vinda para a capital federal, tornando-se um olhar mais elitizado. Raimunda Rodrigues Oliveira aborda em seu trabalho justamente esse olhar elitizado que Gustavo Barroso adotou ao falar do sertanejo

[91] Ibidem, p. 38.
[92] Ibidem.
[93] Ibidem, p. 39.
[94] Sobre as mudanças pelas quais Fortaleza passou no final do século XIX e início do XX ver: FREIRE, Camila de Sousa. Op. Cit.

e sua realidade. Segundo ela, essa visão estava entrelaçada ao seu projeto para o Brasil, um projeto autoritário. A autora diz que "toda a obra do escritor cearense Gustavo Barroso encontra-se impregnada desse esforço de buscar e, simultaneamente, afirmar a existência de um homem sertanejo, que é depositário daquilo que é genuinamente brasileiro e ao mesmo tempo enquadrá-lo em normas de civilidade que seriam de âmbito 'universal'"[95].

Gustavo Barroso era cearense e usou essa vivência como forma de legitimar seu discurso, mas não se coloca como um igual ao sertanejo. Por ser um homem da cidade, se coloca mais como um observador, que por deter certos saberes – que ele também faz questão de demonstrar – está autorizado a dizer como aquelas pessoas vivem, por que são como são e o que deveria ser feito com elas. Então, seu projeto de sociedade passa por essa tutela das massas pela elite. Projeto este que alcança seu ápice com a adesão ao movimento integralista, como veremos nos próximos capítulos. Porém, ao mesmo tempo em que Barroso criticava a civilização por destruir as tradições "apagando ou deturpando velhos costumes"[96], defendia que ela fosse levada ao sertão, principalmente como um meio de acabar com o banditismo. Isso ocorre porque Barroso era um intelectual conservador, mas estava inserido em seu tempo, e no contexto da época havia uma busca por essa modernidade e que ela fosse levada a outras populações consideradas atrasadas. Portanto, esta era uma modernização conservadora, que buscava também controlar essa população[97]. Gustavo Barroso já era um intelectual conservador, inclusive quando tratava de temas folclóricos, mas, na década de 1930, observamos uma radicalização após seu ingresso no integralismo, como veremos.

Em *Terra de Sol*, que tem sua primeira edição em 1912, defende que o cangaceiro é fruto da miscigenação: "(...) raramente brancos, sempre mestiços de ínfimo cruzamento, (...) faces horrendas, simiescas, com contrações de orango (...)" [98]. Essa hereditariedade influenciaria também os aspectos psicológicos desses homens: "As perturbações nervosas tumultuam e tempesteiam nesses cérebros, incentivando o crime. São verdadeiros monstros às vezes, epiléticos, de fácies envilecidos, crânios deformados, acumulando heranças tôrvas, *sistematizando as mais vis taras hereditárias*" [grifo nosso][99]. Segundo Barroso, essas

[95] OLIVEIRA, Raimunda Rodrigues. *Gustavo Barroso: a tragédia sertaneja*. Fortaleza: Secult, 2006, p. 24.
[96] BARROSO, Gustavo. Op. Cit., p. 91.
[97] Para um maior aprofundamento neste assunto ver: BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
[98] BARROSO, Gustavo. Op. Cit., pp. 100-101.
[99] Ibidem, p. 101.

pessoas agiam "sob as determinantes psicológicas da bastardia étnica e dos instintos degenerativos"[100].

Esta era a forma como Barroso via o sertanejo, com a personalidade moldada pelo clima e pelo meio, visão também bastante adotada por outros intelectuais da época. Ainda no século XIX, ao lado das teorias de determinismo climático, também ganharam força as de determinismo racial[101]. Nesse contexto, o evolucionismo entrou em evidência. Segundo Marcos Chor Maio e Jair de Souza Ramos, este era anterior a Darwin, mas ganhou mais fôlego com *A origem das espécies* (1859), se tornando "um verdadeiro paradigma" no fim do século XIX e início do XX[102]. Essas teorias iriam influenciar a visão que se tinha do país como atrasado e não civilizado, principalmente por causa da mestiçagem, o que se tornou um problema a ser resolvido por esses intelectuais que desejavam formar outra imagem de Brasil.

O cientificismo e o racialismo também se fortaleceram nesse período e influenciaram intelectuais do início do século XX. Encontramos traços dessas teorias no pensamento de Gustavo Barroso, como pode ser visto na própria citação de *Terra do Sol*. Tzvetan Todorov, em seu livro *Nós e os outros*[103], traz a questão do olhar do outro, principalmente através dessas teorias que surgiram na Europa do século XIX buscando caracterizar outros grupos a partir do seu olhar. Nesse sentido, Todorov aborda o cientificismo e como este serve de base ao etnocentrismo e ao racialismo. Este racialismo, enquanto doutrina (diferente do racismo, relativo a comportamento), se apoia no cientificismo para conferir caráter de ciência aos seus postulados e, assim, alcançar legitimidade. A doutrina tem por base principalmente a crença na existência de raças distintas (igualando os homens aos animais), hierarquizando-as e sendo contrária ao "cruzamento" entre elas, pois isto significaria deturpar a hierarquização.

Assim, as culturas também seriam bem definidas e existiria uma continuidade entre o físico e o moral, sendo a hereditariedade o principal fator de determinação do caráter. Esta hereditariedade não poderia ser modificada. Além da sua ação sobre o indivíduo, também seria importante a ação do grupo ao qual pertencia. Já a hierarquização das raças resultaria em "um padrão de avaliação com o qual faz julgamentos universais"[104], que se baseiam, por sua vez, em uma "escala de valores" etnocêntrica. Este julgamento, segundo Todorov,

---

[100] Ibidem, p. 103.
[101] MAIO, Marcos Chor; RAMOS, Jair de Souza. "Entre a riqueza natural, a pobreza humana e os imperativos da civilização, inventa-se a investigação do povo brasileiro". In: SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor (Orgs.). *Raça como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010, edição digital, posição 326-346 no ebook.
[102] Ibidem, posição 366 no ebook.
[103] TODOROV, Tzvetan. Op. Cit.
[104] Ibidem, p. 110.

preferencialmente toma a forma de uma "apreciação estética"[105]. Por fim, esta seria uma política baseada no saber, ou em um pseudo-saber, utilizado para fins políticos. Todorov explica que:

> Tendo estabelecido os "fatos", o racialista tira deles um julgamento moral e um ideal político. Assim, a submissão das raças inferiores, ou mesmo sua eliminação, pode ser justificada pelo saber acumulado a respeito das raças. É aqui que o racialismo junta-se ao racismo: a teoria dá lugar a uma prática[106].

Ao longo desta tese, veremos como Barroso adota essas características para pensar tanto os sertanejos quanto os judeus. Porém, neste capítulo especificamente nosso foco é o seu olhar sobre o sertão e o sertanejo. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu livro *Nordestino: a invenção do "falo"*, aborda a criação de um discurso sobre o nordestino pelas elites do Nordeste nas décadas de 1920 e 1930. Discurso que está inserido na criação de uma imagem para a região que então passava pelo período de transição de Norte para Nordeste. Este discurso sobre o homem nordestino seria um componente importante da imagem que se formava sobre a região, pois essas elites, buscando visibilidade e investimento para seus estados, desejavam colocá-lo como símbolo nacional.

O sertanejo seria o melhor exemplo de brasileiro, forte, resistente e que conservava as verdadeiras tradições brasileiras em suas vivências e práticas culturais. Nesse sentido, foi criada a ideia dos "tipos" regionais, que seriam os tipos característicos daquela região, como o caboclo, o matuto, o sertanejo, o cangaceiro, os beatos, o praieiro, o brejeiro, o vaqueiro. Nesses tipos, a masculinidade, a virilidade e a força seriam os principais aspectos destacados, moldados pelo meio, representando a região. Veremos como Barroso também se utiliza dessa ideia dos "tipos" mais adiante, pois faz um estudo de alguns deles em seu livro *Terra de Sol*. Mesmo não estando ligado oficialmente a nenhum dos movimentos regionalistas que surgiam no período, Barroso adotava essas ideias em seus escritos. Segundo Durval Muniz:

> Na definição destes tipos regionais notamos, mais uma vez, uma característica de grande parte dos discursos das elites nordestinas, no período que vai dos anos 20 aos anos 30, o uso eclético de vários modelos teóricos para a explicação da sociabilidade humana e mesmo para explicar os comportamentos e atitudes dos grupos sociais ou dos indivíduos. Misturam-se em um só texto conceitos, enunciados, temas e imagens de tendências teóricas às vezes antagônicas, mas que são harmonizadas naquilo que seria uma característica do pensamento brasileiro, ou seja, não ter amor pelas oposições e pelas dissidências e sim pelo amalgamento e a harmonização dos contrários. Na descrição do cabloco, por exemplo, somam-se enunciados eugenistas e naturalistas, com enunciados biogeográficos e enunciados sociológicos e

[105] Ibidem.
[106] Ibidem.

> psicológicos. E quando este aparece sob a face do cangaceiro, um tipo criminoso, antissocial, as explicações para que o cabloco tenha gerado estes "tipos monstruosos" tendem a misturar diferentes matrizes teóricas; mesmo quando se pretende criticar qualquer determinismo, conceitos com ele comprometidos afloram na argumentação[107].

Em *Almas de Lama e de Aço*, de 1928, ao falar do banditismo, Gustavo Barroso defende que sua primeira causa seria "a energia bárbara do homem do sertão nordestino" que "precisando manifestar-se por injucção da propria força e não achando como, naquelle meio atrasado e pobre, vae naturalmente perder-se no crime"[108]. Ele diz que essa tese é de Stendhal e Taine, que a aplicaram na Itália. Ao comparar as duas realidades, aponta, na Itália, os "ardentes espíritos a que somente faltavam os meios para sêrem heróes ao invés de bandidos", e, no sertão, "o cangaceiro nordestino é, na maioria dos casos, um simples heróe abortado, ou ás avessas"[109]. Ou seja, o cangaceiro teria uma personalidade que poderia ser de herói, mas o meio em que vivia o tornava bandido. Ele compara os sertanejos nordestinos com os camponeses italianos, baseado nas notas de viagem de Taine e Stendhal pela Itália. Segundo estes, ali os aldeões se esfaqueavam por motivos banais, se envolviam em guerras familiares, etc. Segundo Barroso, no sertão nordestino os homens também "puxam a faca por ninharias e até a enterram no buxo dos outros sem motivo"[110]. Em suas palavras, "o indivíduo, barbarizado pelo meio bárbaro, adorava as emoções fortes"[111]. Ou seja, é o meio que molda a personalidade, logo, ele que deve ser modificado. Segundo Todorov, Hyppolite Taine é "o grande profeta do determinismo na segunda metade do século XIX", e também "um dos racialistas mais influentes"[112]. Este determinismo do meio e da natureza agindo sobre os homens que vemos em Gustavo Barroso tem suas raízes no pensamento de Taine.

Porém, ao comparar o sertão do Ceará com o caso italiano, Barroso defende que, assim como ocorria no outro país, era a falta de um meio adequado ao desenvolvimento moral e intelectual que moldava os homens como bárbaros. Um meio bárbaro formava um homem bárbaro. É nesse sentido que Barroso defende que a civilização seja levada para o sertão, a partir de medidas voltadas para o trabalho, o saneamento, a comunicação, os transportes, a instrução e a justiça. Para ele:

> (...) o que acabou na Itália com aquelles sentimentos barbaros que geravam tantos bandidos nas epocas de Alfieri, de Taine e de Stendhal, não foram os carabineiros

[107] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. "A invenção de um macho". Op. Cit., p. 198.
[108] BARROSO, Gustavo. *Almas de lama e de aço: Lampeão e outros cangaceiros*. Op. Cit., p. 11.
[109] Ibidem.
[110] Ibidem, p. 12.
[111] Ibidem.
[112] TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros*. Op. Cit., p. 129.

> reaes, porem a lavoura desenvolvida, as vias de comunicação faceis, as escolas abundantes e eficientes, a industria e, pairando acima de tudo, a honestidade da administração e a seriedade da justiça[113].

Para Barroso, prender e matar os cangaceiros era apenas combater os efeitos do banditismo, não suas causas. Era preciso acabar com o atraso da região. Em 1915, o jornal *A Capital* publicou uma nota agradecendo os artigos que Barroso enviou para publicação, e disse que ele prometeu, enquanto deputado, combater:

> Dois importantes problemas que interessam não sómente ao seu Estado como tambem a todo o nordéste do paiz: são dois flagellos que precisam ser debellados, ou ao menos attenuados em seus effeitos com a máxima urgencia: a secca e o banditismo dos sertões[114].

Porém, não temos notícia de nenhum projeto de lei apresentado por Barroso nesse período em relação a nenhum dos dois assuntos. Sabemos sim de sua proposta de lei para restringir a imigração de pessoas com deficiências físicas e intelectuais, viúvas, idosos com mais de 60 anos, criminosos políticos, entre outros; o "Projecto de Lei dos Indesejáveis"[115]. Além disso, ele propõe o retorno do regimento dos Dragões da Independência, que era a antiga guarda pessoal de D. Pedro I[116].

No entanto, já em 1927, em um artigo para a *Folha da Noite*, intitulado "Os cangaceiros e a policia", ele ressalta que já havia abordado o assunto em textos passados:

> Em 1911 e 1912, no "Jornal do Commercio", iniciámos uma campanha forte contra o banditismo e o fanatismo dos sertões nordestinos. Mais tarde, em 1917, no nosso livro "Heróes e Bandidos", estudámos detidamente o phenomeno social do cangaço, apontando suas causas e mostrando os seus effeitos. Desde esse tempo que affirmamos serem as desorganizadas policias do Nordeste um dos factores principaes do cangaceirismo. Repisámos o assumpto varias vezes nestas columnas e ainda sobre elle mais uma vez voltamos a nos manifestar[117].

Dessa vez, utilizando Lampião como exemplo, Barroso continua defendendo que o cangaceiro também era fruto do meio e da falta de investimentos, assim como da incompetência policial, que, segundo ele, muitas vezes agia igual ou pior que os cangaceiros. Assim, de alguma forma, sua entrada no crime poderia ser evitada:

---

[113] BARROSO, Gustavo. *Almas de lama e de aço*. Op. Cit., p. 15.
[114] *A Capital*, 19 de junho de 1915. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 04.
[115] *Brasil Ferro Carril*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1916. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 05.
[116] CAVALCANTI. M. "A phantasia de Nhônhô". *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1917. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 06.
[117] BARROSO, Gustavo. "Os cangaceiros e a polícia". *Folha da Noite*, 09 de julho de 1927. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

> A vida de Lampeão é semelhante no seu início a dos outros "out-lans" dos sertões: é um revoltado contra a injustiça e contra a prepotencia, que se torna bandido por necessidade de defesa e de vida, peiorando dia a dia moralmente em virtude das táras que se accentuam e da velocidade adquirida na carreira do crime. O que se deu com elle foi o mesmo que se deu com Adolfo Meia Noite, Jesuino Brilhante e Antonio Silvino. E a nação ignorante e indifferente deixa perderem-se no crime energias dessa tempera que poderiam desenvolver-se para o bem[118].

Barroso defende que as "energias" dessas pessoas (talvez se referindo à inteligência, uma iniciativa ou disposição pessoal por um ideal) poderiam resultar em algo bom, se houvesse investimento governamental:

> Na existência do Nordeste se tem provado que ao influxo dessas energias, sob um Antonio Conselheiro ha a epopéa de "Troya de palha" de Canudos, sob um Padre Cicero ha *uma Méca espuria como Joazeiro*, mas sob um Delmiro Gouvêa ha um portento de industria e de actividade como a Fabrica da Pedra em Alagôas. E 'essa verdade que os olhos dos governos não querem absolutamente vêr [grifo nosso][119].

Delmiro Gouveia foi um industrial cearense que construiu fábricas, o Mercado Modelo em Recife e a hidrelétrica de Paulo Afonso, a primeira do Nordeste[120]. Portanto, ao mesmo tempo em que defende que estes homens são produto de taras hereditárias advindas da miscigenação, como fala em outros escritos, um maior investimento e talvez outras oportunidades desviassem o curso de seus destinos. Seria mudando o meio que se modificaria esses homens. Mais uma vez, ele se utiliza da sua vivência como forma de corroborar suas teses:

> Somos do Ceará, conhecemos os sertões e preferimos os cangaceiros aos policiais daquellas paragens. Affirmámos isso com a responsabilidade de havermos sido Secretario de Estado do Ceará e Deputado Federal, conhecedores, portanto, dos mecanismos administrativo, policial e politico. Não é com policias que se extinguirão os Lampeões; mas com a civilização, com a justiça, com o respeito à lei, com o trabalho, com o livro, as vias de communicação, os exemplos[121].

Além disso, não seria só o banditismo a ser combatido com a civilização, mas também o messianismo. Ao falar sobre o tema, Barroso demonstra como vê o sertão e seus habitantes:

> Nessa *sociedade rudimentar, retardada*, o padre é quase sempre um centralizador de forças, de ideaes, de inclinações. A justiça está nas mãos dos poderosos. A força vence o direito. Não ha assistencia de serviços públicos, não há instrucção e não ha prophylaxia. Agricultura e comércio arrastam-se atrazados, acabrunhados pelos impostos excessivos. A política serve somente para perseguições pessoaes, ajudada pela policia. (...) a única coisa que ainda fala á *alma rude e atribulada dos*

[118] Ibidem.
[119] Ibidem.
[120] Para mais informações, ver: https://www.ebiografia.com/delmiro_gouveia/
[121] Ibidem.

> *sertanejos* é a religião, embora *deformada pelo fanatismo resultante da ignorancia* [grifos nossos][122].

Em um artigo para o *Correio Paulistano*, do dia 26 de outubro de 1921, intitulado "Mysticismo Sertanejo", Barroso fala que o sertanejo estaria atrasado em séculos e viveria ainda como na época dos colonizadores e bandeirantes:

> (...) as gentes sertanejas ainda hoje se apresentam no mapa demographico da nossa nacionalidade como um grande elemento de atrazo, pois a *sua mentalidade não evoluiu e está hoje, como era na época das primeiras bandeiras audazes, das primeiras mestiçagens dos colonizadores com os indios, retardada de quasi tres séculos* [grifos nossos][123].

No artigo "O Rei do Sertão", no jornal *Folha*, em 4 de outubro de 1926, ele fala sobre seus primeiros artigos publicados na capital e sobre como já falava do movimento em torno do padre Cícero naquele momento. A respeito da questão de Juazeiro, ele havia publicado artigos no *Jornal do Commercio*, e diz que teve "o ensejo de ser ha tres lustros um dos primeiros a mostrar no *centro culto do paiz* os perigos da fanatização crescente do Joaseiro" [grifos nossos][124]. Ele fala então da chamada "Sedição de Juazeiro", episódio em que o governador Franco Rabello foi retirado do cargo pelo movimento de um grupo de insatisfeitos (entre eles, o Padre Cícero) com a intervenção federal que retirou do poder a oligarquia da família Acioly[125]. Curiosamente, após a retirada de Rabello, quem ascende ao posto de governador é o coronel Benjamim Barroso (primo de Gustavo Barroso), com Padre Cicero como seu vice e Gustavo Barroso como Secretário do Interior. Por isso, houve críticas a seu respeito nesse sentido, alegando que ele não podia falar mal do Padre, ou que Barroso falava mal dele mesmo tendo recebido sua "ajuda", com o cargo de Secretário, como veremos adiante. Talvez daí viesse a necessidade de Barroso destacar que foi contra a Sedição e contra o movimento de Juazeiro. Assim, ele diz que:

> (...) quando se discutiu a organização da famigerada sedição do Joaseiro, que derrubou o governo Franco Rabello, no Ceará, embóra adversario desse coronel, contra ella me manifestei sem ambages. Valeu-me isso a inimizade de João Brigido (...). Secretario do governo que pela intervenção federal subiu ao poder, na pasta do Interior, bati-me para que fosse dissolvido logo um batalhão de policia organizado

[122] BARROSO, Gustavo. *Almas de lama e de aço.* Op. Cit., p. 31.
[123] _____. "Mysticismo sertanejo". *Correio Paulistano*, 1921. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 09.
[124] BARROSO, Gustavo. "O Rei do Sertão". *Folha*, 04 de outubro de 1926. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[125] MELO, Leda Agnes Simões de. *O trabalho em tempos de calamidade: a Inspetoria de Obras nos campos de concentração do Ceará (1915 e 1932).* Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2015, p. 47.

> com romeiros do padre Cicero. Não consegui isso; mas dentro de pouco tempo o governo verificava que a razão estava do meu lado e dissolvia o batalhão. Mais tarde, era eu quem escrevia e defendia em reunião dos membros do executivo cearense o veto a uma lei que mandava indemnizar com quatrocentos contos aquelles que haviam participado da malfadada sedição. Ainda hoje considero o governo Franco Rabello como uma das peores calamidades que têm pesado sobre o Ceará. No emtanto, achava e acho que devia ter sido combatido por outros meios que não o Joaseiro. O tempo passou, a politica cearense mandou-me passear. Eu reflecti e vi que tinha deante de mim outra carreira que não a de ser deputado. Os annos deram-me esperiencia e o estudo outras idéas. Assim, no governo do sr. Epitacio Pessoa, eu pude, sorrindo, recusar tornar ao convivio dos homens politicos da minha terra, de cuja pobreza mental tenho profunda pena… E, embora considerando o Joaseiro e o padre Cicero sob um prisma de côres menos carregadas do que aquelle pelo qual os via nos meus artigos do "Jornal do Commercio", continúo a pensar da mesma maneira quanto ao crime que foi a sedição de Joaseiro, em 1914[126].

A citação é longa, porém é possível perceber duas questões em sua fala: em primeiro lugar, Barroso busca desligar sua imagem do padre, que ele considera um místico e, por isso, inferior, forma como sempre se refere à religiosidade sertaneja. Em segundo lugar, busca passar uma imagem de desligamento da política cearense, tida também como inferior, dizendo que não gostaria de voltar a ela. Mas, se aproximou e mantinha relação com políticos no Rio de Janeiro. Ou seja, não era com a política que ele tinha receios, como queria demonstrar, mas com a política cearense, talvez por não lhe conferir os ganhos que desejava.

Em seguida, diz que essas considerações são uma introdução para os comentários que ele faria sobre o livro de Lourenço Filho (*Joaseiro do Padre Cicero*). Daí vemos que ele queria, com essa introdução, demonstrar que tinha propriedade para fazer a crítica ao livro, por já falar há bastante tempo do assunto nos jornais e ter conhecimento empírico da política cearense. Ou seja, para legitimar seus escritos, ele destacava sua atuação na política cearense, mas, em outros momentos, dizia preferir não se envolver na mesma. Posteriormente, em 09 de outubro de 1926, em outro artigo para o mesmo jornal, intitulado "O Rei do Sertão II", Barroso comenta o livro citado. Para ele:

> Faz [o autor do livro] uma descripção escellente, proporcionada, photographica pela exactidão e artistica pelo colorido, do *antro do fanatismo cariryense* (...). Alli nos mostra *os matizes da credulidade e as singularidades das superstições, verdadeiros phenomenos morbidos*, nas mais das vezes de fórma collectiva [grifos nossos][127].

Quando fala sobre o Padre Cícero, Barroso também o coloca como resultado do seu meio:

---

[126] BARROSO, Gustavo. "O Rei do Sertão". Op. Cit.

[127] BARROSO, Gustavo. "O Rei do Sertão II". *Folha*, 09 de outubro de 1926. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

> Não será o padre um centralizador de energias *naquella anarchia social completa, preparado pelo proprio* ambiente para centralizal-as pelo unico meio moral possivel? E, se os nossos governos fossem de verdadeiros estadistas, esse indivíduo não teria podido ser utilizado para propugnador de medidas de progresso, em logar de ser levado a guerras-santas pró-interesse deste ou daquelle partido? Só faltou - é uma grande verdade - quem tivesse a intelligencia de aproveitar o poder do padre Cicero para o bem, evitando que os interesseiros o levassem para o mal [grifos nossos][128].

Assim, o padre seria não só o resultado do seu meio, mas um catalizador das energias desorganizadas do povo daquele mesmo meio. Além disso, para Barroso, o próprio Padre Cícero parece não ter a menor autonomia, sendo os políticos "do bem" que deveriam utilizar sua influência ao invés de deixá-lo à mercê do "mal", demonstrando uma visão dualista da realidade. Dessa forma, vemos que era assim que Barroso via o povo do sertão, como pessoas perdidas, desorganizadas, com uma mentalidade supersticiosa e até mesmo infantil, que precisavam de uma espécie de catalizador, de algo que as organizasse e guiasse para o que ele via como progresso. Na conclusão do artigo, ele diz como isso deveria ser feito:

> Bello [o livro] pela sua technica e bom, porque chama a attenção do paiz mais uma vez para esse tão descurado problema do abandono dos sertões. Elles precisam entrar para a communidade brasileira. Para isso, carecem de vias de communicação, de justiça, de escolas, de hygiene e, sobretudo, de educação. Lancemos hombros, pois, a essa grande empresa. E, quando avistarmos um padre Cicero, um rei do sertão, pela prôa, agarremol-o, não para elle erguer exercitos contra partidos politicos ou autoridades constituidas; porém para que, com o seu immenso prestigio, aconselhar os sertanejos a trabalhar, obedecer, frequentar a escola, vaccinarem-se, educarem-se[129].

Assim, vemos como Barroso estava inserido nesse contexto de transformações do início do século XX, adotando os ideais de civilização e progresso então em voga, enquanto defendia a tradição em relação ao folclore e à história. Estas ideias moldavam sua visão sobre o sertanejo, considerado atrasado e ignorante. O atraso intelectual seria um reflexo do atraso do meio e por isso este deveria ser modificado, mas apenas em seus elementos materiais, não em suas tradições. Escrevendo sobre estas questões a partir da ótica na capital federal, Barroso iria contribuir para a visão que se teria no Sul sobre o Ceará, e também sobre o Nordeste, então em formação. Neste período frequentemente ocorria uma generalização sobre a ideia de sertão, então ao falar do sertão do Ceará, aquela imagem e aquele discurso era ampliado para toda a região. Por isso, consideramos que, mesmo não participando

[128] Ibidem.
[129] Ibidem.

oficialmente do movimento regionalista, que veremos mais adiante, Gustavo Barroso também acaba por contribuir para a ideia e o discurso sobre o Nordeste que eram moldados naquele momento.

Neste caso, falando sobre o padre Cícero, ele traz a visão de outro "tipo" que comporia a visão do nordestino, o beato, que sendo "líder de hordas de fanáticos, mostrava a face supersticiosa e mística do povo nordestino"[130]. O cangaço ou o movimento ocorrido em Juazeiro podem ter tido suas raízes em problemas sociais e nas necessidades que aquela população passava à época. Para Eric Hobsbawm:

> (...) o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram a ter poder, a lei e o controle dos recursos. (...) Portanto, como fenômeno específico, o banditismo não pode existir fora de ordens socioeconômicas e políticas que possam ser assim desafiadas[131].

Do ponto de vista social, o autor divide o banditismo em três fases: "seu nascimento, quando as sociedades anteriores ao bandido passam a fazer parte de sociedades com classes e Estado; sua transformação a partir da ascensão do capitalismo, local e mundial; e sua longa trajetória sob Estados e regimes sociais intermediários"[132]. Na primeira fase, portanto, há uma resistência ao novo, seja uma nova sociedade de classes que se impõe ou sociedades rurais resistindo a outras formas de culturas rurais, urbanas ou estrangeiras. Na segunda fase, o banditismo estaria relacionado "à classe, à riqueza e ao poder nas sociedades camponesas"[133]. Já na terceira fase há um diferencial: a fome. Hobsbawm, inclusive, cita a seca de 1877-1879 como exemplo de maior atuação do cangaço brasileiro, tendo seu "apogeu" na seca de 1919[134]. Ou seja, os aspectos sociais, econômicos e políticos tinham influência sobre esses movimentos, que apresentavam um caráter de insubordinação e contestação àquela ordem social vigente, que lhes era desfavorável. Assim:

> (...) para compreender o banditismo e sua história devemos vê-lo no contexto da história do poder, ou seja, do controle, por parte dos governos ou outros centros de poder (no campo, principalmente os donos da terra e do gado), daquilo que sucede nos territórios e entre as populações sobre as quais pretendem exercer controle[135].

---

[130] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. "A invenção de um macho"... Op. Cit., p. 203.
[131] HOBSBAWM, Eric J. *Bandidos*. Tradução Donaldson M. Garschagen. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p. 18.
[132] Ibidem, p. 19.
[133] Ibidem.
[134] Ibidem, p. 20.
[135] Ibidem, p. 21.

Sobre o movimento de Juazeiro, Rui Facó chama a atenção para o termo "fanático", que deve ser problematizado. Diferente do cangaço, onde os cangaceiros se identificavam com esse termo, o "fanático" foi aplicado por outros àquela realidade. Segundo Facó:

> (...) veio de fora, dos meios cultos para o sertão, designando os pobres insubmissos que acompanhavam os conselheiros, monges ou beatos surgidos no interior, como imitações dos sacerdotes católicos ou missionários do passado. É um temo impróprio, inadequado, sobre ser pejorativo[136].

Mesmo levando em conta o aspecto religioso, para Facó "formalmente influenciado pelo cristianismo", um movimento como este de Juazeiro, visto como messianismo, misticismo ou até sob o termo pejorativo de fanatismo, tem origens materiais e o aspecto religioso seria apenas sua exteriorização[137]. O autor considera que as necessidades materiais, as explorações pelas quais passavam, e até mesmo os aspectos naturais impulsionaram essas pessoas. Assim:

> Ao elaborarem variantes do cristianismo, as populações oprimidas do sertão separavam-se ideologicamente das classes e grupos que as dominavam, procurando suas próprias vias de libertação. As classes dominantes, por sua vez, tentando justificar o seu esmagamento pelas armas – e o fizeram sempre – apresentavam-nos como fanáticos, isto é, insubmissos religiosos extremados e agressivos[138].

Não cabe aqui uma análise profunda sobre esses movimentos, pois nosso objetivo é perceber o olhar de Gustavo Barroso sobre o sertão e como ele apresentava essa região na capital federal, contribuindo para cristalizar a imagem que ficou no imaginário social sobre a mesma. Porém, vemos como ele utilizava justamente termos e expressões pejorativas, como vimos acima, para tratar desses movimentos e dessa população. Barroso considera os problemas e a escassez de recursos que lhes afligia, porém tratando-os nitidamente com uma postura de superioridade.

Por sua vez, ao falar dos romeiros que iriam para Juazeiro, essa "Meca" do sertão, outro tipo viria à tona no discurso de Barroso, o retirante:

> O romeiro fanático, pobre e andrajoso, percorrendo os sertões a pé em busca de sua "Meca", atualizava um aspecto que também serviria para definir o nordestino, o da sua disposição para o nomadismo, para percorrer longas distâncias a pé, fato que se extremava no momento das longas estiagens, quando surgia pelas estradas outra figura que marcava, com sua presença aterradora, nas páginas sociais da região: o retirante[139].

---

[136] FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 1.
[137] Ibidem, p. 2.
[138] Ibidem.
[139] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. "A invenção de um macho". Op. Cit., p. 204.

Esta ideia do retirante viria acompanhada da ideia de tragédia e também do determinismo, como se o sertanejo fosse obrigado a migrar em razão das dificuldades do meio. Ao tratar desse aspecto, Barroso pensa o ato de migrar como uma sina do cearense, se incluindo nessa tragédia coletiva ao falar da sua ida para a capital, como vimos anteriormente. Porém, essa ideia foi agenciada com maior ênfase ao falar da seca, pois esta obrigaria o sertanejo a sair de sua terra e a procurar a sobrevivência em outras regiões. Raimunda Oliveira aborda o conceito de "tragicidade", que é central em seu trabalho "por ser a característica principal atribuída ao sertanejo", não apenas por Barroso, "mas por grande parte do pensamento social brasileiro durante o final do século XIX e começo do século XX"[140]. Daí o fato de Barroso afirmar que o cearense estaria fadado a migrar, em razão da vida trágica da região. Ou seja, mesmo defendendo possíveis mudanças que mitigariam o atraso do sertanejo, ainda há um elemento determinante em sua análise: o aspecto trágico da vida sertaneja, fadada a migrar.

Neste momento, ele se insere nessa vivência, admitindo uma tragicidade em sua própria vida para conferir linearidade a sua trajetória e legitimidade aos seus escritos. Ora, se já havia sido vítima do coronelismo que o forçou a migrar, teria propriedade para falar sobre aquilo que seria mais um aspecto da tragicidade sertaneja, a política. Até porque, posteriormente, ele também participaria efetivamente dessa política, quando foi Secretário do Interior e Justiça no governo do seu primo, o Coronel Benjamin Liberato Barroso, e quando foi deputado federal pelo Ceará. Ao falar desse período de atuação de Gustavo Barroso na política, Aline Montenegro cita Sérgio Miceli que defende que a inserção nos quadros políticos era "a carreira dominante, para a qual convergiam as esperanças dos escritores (...)"[141]. Dessa forma, a autora acredita que Barroso se inseria nesse quadro intelectual apresentado por Miceli, adentrando na política devido ao seu parentesco com o Coronel Benjamin Barroso, escolhido em 1914 para Presidente do Estado do Ceará.

As relações políticas na Primeira República foram dominadas pelas oligarquias estaduais, no contexto do chamado Coronelismo. Segundo Victor Nunes Leal, este pode ser concebido:

> Como resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. Não é, pois, mera sobrevivência do poder privado, cuja hipertrofia constituiu fenômeno típico de nossa história colonial.

[140] OLIVEIRA, Raimunda. Op. Cit., pp. 27-28.
[141] MICELI, Sérgio. "Poder, sexo e letras na República Velha". In: *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 51. Apud MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 48.

> É antes uma forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa. (...) o "coronelismo" é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras[142].

Nesse contexto, eram muito importantes as relações familiares entre os chefes locais, e destes com o poder municipal e estadual. Como explica Nunes Leal, o poder do chefe estendia-se apenas entre os agregados de suas terras. Logo, ele precisava do apoio das instâncias municipais e estaduais para exercer seu poder além de suas terras. Para isso, havia a "política" de troca de favores entre os chefes e essas instâncias, e principalmente a troca de votos. Segundo o autor, eram "favores pessoais de toda ordem, desde arranjar emprego público até os mínimos obséquios"[143].

Era uma política de apoio mútuo. Nesse sentido, o chefe local determinava os votos de seus agregados, o chamado "voto de cabestro". Assim, teria seus favores atendidos durante o governo, inclusive podendo nomear quem desejasse para os cargos públicos (quando não era o próprio chefe local que ganhava a eleição, mas nesse caso também poderia nomear quem desejasse). Além desses chefes locais, ainda existe a figura do coronel, que segundo Nunes Leal é a base desse sistema:

> (...) todo o edifício vai assentar na base, que é o "coronel", fortalecido pelo entendimento que existe entre ele e a situação política dominante em seu Estado, através dos chefes intermediários. O bem e o mal, que os chefes locais estão em condições de fazer aos seus jurisdicionados, não poderiam assumir as proporções habituais sem o apoio da situação política estadual para uma e outra coisa. Em primeiro lugar, grande cópia de favores pessoais depende fundamentalmente, quando não exclusivamente, das autoridades estaduais. Com o chefe local – quando amigo – é que se entende o governo do Estado em tudo quanto respeite aos interesses do município. Os próprios funcionários estaduais, que servem no lugar, são escolhidos por sua indicação. Professoras primárias, coletor, funcionários da coletoria, serventuários da justiça, promotor público, inspetores do ensino primário, servidores da saúde pública etc., para tantos cargos a indicação ou aprovação do chefe local costuma ser de praxe. Mesmo quando o governo estadual tem candidatos próprios, evita nomeá-los, desde que venha isso a representar quebra de prestígio do chefe político do município. (...) A influência do chefe local nas nomeações atinge os próprios cargos federais, como coletor, agente do correio, inspetor de ensino secundário e comercial etc., e os cargos das autarquias (cujos quadros de pessoal têm sido muito ampliados), porque também é praxe do governo da União, em sua política de compromisso com a situação estadual, aceitar indicações e pedidos dos chefes políticos dos Estados[144].

---

[142] LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, Versão Digital, posição 487-491 no ebook.
[143] Ibidem, posição 850 no ebook.
[144] Ibidem, posição 913 no ebook.

Foi nesse sistema, segundo Aline Montenegro, que Gustavo Barroso foi nomeado, em 1914, como Secretário do Interior por seu primo, Benjamim Liberato Barroso. Antes disso, porém, se filiou ao Partido Republicano Conservador, o mesmo de Benjamim Barroso, criado em 1911 pelo senador Pinheiro Machado. Nesse contexto, o Ceará não estava inserido na política dos governadores. Porém, Pinheiro Machado apoiava a oligarquia dos Acioly, mas "perdeu espaço no Ceará quando a política 'salvacionista 'do Presidente Hermes da Fonseca destituiu o então presidente do Estado, Antonio Pinto Nogueira Acioly, nomeando para seu lugar um representante do Exército, Marcos Franco Rabelo. Acioly acaba saindo do PRC e rompendo com Pinheiro Machado"[145]. Foi assim que Rabelo chegou ao governo, sendo deposto após a Sedição de Juazeiro, citada anteriormente.

Montenegro chama a atenção para a relação de Gustavo Barroso com Pinheiro Machado, que chegou a ser seu padrinho de casamento. Segundo a autora, esse fato "pode ser visto mais como uma estratégia política do que como indícios de laços de amizade pessoais"[146]. Segundo Barroso, eles teriam se conhecido em 1910, em um evento no *Jornal do Commercio*, onde ele já trabalhava. Além disso, Barroso relatou, em um discurso no IHGB, alguns episódios que viveu com o senador, nos quais não teria se deixado abalar pelo seu autoritarismo. Segundo Aline Montenegro:

> Ao registrar esses acontecimentos, Barroso procurava sublinhar que não precisou adular ninguém para conquistar espaço na arena política da capital. Desejava passar a imagem de um homem independente e honrado que não se curvava à autoridade de uma pessoa poderosa e influente, mas que, mesmo assim, por conta de seus esforços, conseguia ascender na vida política e literária na qual se inseriu ao transferir-se para o Rio de Janeiro[147].

Cláudia Viscardi destaca a participação de Pinheiro Machado na política Nacional, na qual exercia um papel importante, controlando o Senado e ditando as decisões políticas ali tomadas: "(…) na condição de vice-presidente do Senado Federal, Pinheiro controlava o reconhecimento dos poderes na Câmara Alta. (...) Por meio desse controle conseguia a sujeição dos governadores de forma indireta"[148]. Assim, vemos como era importante manter relações com um político que detinha tanto poder. Aline Montenegro cita então uma reportagem que mostra outro lado dessa relação de Barroso com Machado, na qual o articulista diz que Barroso era guarda livros do senador. Para Montenegro, esta citação:

---

[145] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 49.
[146] Ibidem, p. 50.
[147] Ibidem, p. 51.
[148] VISCARI, Cláudia. Op. Cit., posição 1212-1216 no ebook.

> (...) aponta para dois aspectos da postura barroseana no sentido de angariar um cargo na política. O primeiro consiste no fato de não ter conseguido ocupar uma cadeira na assembleia cearense por ser opositor dos Acioly. O segundo, a iminência de assumir um posto no governo do primo Benjamin Barroso em uma articulação do P.R.C abençoada pelo líder nacional, o qual procurava agradar como "guardalivros". Ou seja, a imagem que se tinha de Barroso não era a de alguém que ascendia politicamente unicamente pelos seus méritos, mas graças às articulações de parentesco e fidelidade com relação ao senador gaúcho. Afinal, era muito comentada que a frequência de Barroso à casa de Pinheiro Machado tinha como principal motivação o interesse em sua posição política[149].

Aline Montenegro conta ainda que antes de Barroso voltar ao Ceará para assumir o cargo de Secretário houve um jantar de despedida, onde compareceram Félix Pacheco, Coelho Neto, Octavio Tarquínio de Souza, Raul Doria e seu futuro sogro, Paulo Laboriau. Porém, Pinheiro Machado não aparece na lista dos presentes e nem entre os que se despediram por mensagem via correio, o que põe em dúvida a relação entre os dois. Já no Ceará, ele também assumiu a direção do jornal *Diário do Estado*, que era um órgão favorável à gestão do seu primo. Nesse jornal, Barroso fazia críticas ao governo anterior e procurava sublinhar os aspectos positivos do governo atual. Para Montenegro, Barroso se utilizou desse jornal "para projeção política do seu familiar, com claro propósito de conquistar um espaço maior nessa arena política"[150].

No entanto, Barroso ficou pouco tempo no cargo de Secretário, pedindo demissão cinco meses depois de sua posse para se candidatar ao cargo de Deputado Federal. Segundo Aline Montenegro:

> Durante os cinco meses que comandou a pasta pouco fez para resolver questões urgentes do Estado. Realmente era melhor para seu primo e para o partido ter um porta-voz na capital federal. Assim poderia reivindicar mais de perto, junto ao governo federal, a resolução dos problemas de sua terra, como a seca e teria também projeção maior na política[151].

Aline Montenegro considera ainda ser "possível inferir que a eleição de Gustavo Barroso não passou de uma articulação entre o Governo do Estado e o Governo Federal a fim de manter a situação no poder"[152]. De fato, quando questionado sobre seus planos e projetos como deputado, no jornal *ABC*, de abril de 1915, Barroso diz em entrevista não ter nenhum plano ou projeto:

> Nada; não perpetrarei projeto algum. Acho isso muito accaciano. Na Assembléa de Joazeiro, de que já fiz parte, o único projecto que elaborei, e que felizmente

[149] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 52.
[150] Ibidem, p. 53.
[151] Ibidem.
[152] Ibidem, p. 54.

> consegui realizar, foi o de fugir ás consequencias do civismo sertanejo. Tenho a melhor vontade em não ter vontade nenhuma. Mesmo porque ainda sou *João do Norte*. Só depois do reconhecimento é que mudarei esse nome no pseudonymo de Gustavo Barroso [grifo no original][153].

Assim, a entrada de Gustavo Barroso na política foi provavelmente mais um passo na busca por se tornar reconhecido, momento no qual ele seria efetivamente Gustavo Barroso e não mais João do Norte. No entanto, como vemos em jornais da época, seu pseudônimo seria sua marca até o final da vida. Percebemos, portanto, um oportunismo nas decisões tomadas por Gustavo Barroso no que se refere à sua carreira. Vemos que ele buscava se relacionar com as pessoas necessárias para a obtenção do reconhecimento desejado. Veremos este aspecto com mais detalhes ao analisar suas redes de sociabilidade no próximo capítulo, mas aqui já podemos perceber esse caráter oportunista de suas escolhas.

Mesmo não desejando tomar medidas enquanto deputado, o período em que foi eleito acabou se tornando mais complexo do que imaginava, pois em 1915 se iniciou uma das maiores secas já ocorridas no Ceará. Barroso então acabaria se tornando o porta-voz do governo cearense na Câmara solicitando resoluções para minorar o sofrimento da população. Seu primo Benjamim Liberato Barroso, por sua vez, criou os campos de concentração como medida contra a seca, uma forma de controle da população sertaneja que migrava para Fortaleza. O primeiro campo de concentração, criado em 1915 pela administração de Benjamin Barroso, foi o campo do Alagadiço. Segundo Leda Melo, o terreno era originalmente do Sr. João de Pontes Medeiros, que o cedeu para ser "o local onde se colocaram os sertanejos para receberem ajuda do governo e obterem trabalho por meio da Inspetoria de Obras contra as Secas"[154]. Ali os retirantes ficavam "expostos a esmo em 'abarracamentos', debaixo dos cajueiros deste terreno, de modo que, concentrados, não perambulavam pelas cidades e poderiam ser enviados para as obras públicas"[155]. Assim, essas pessoas eram concentradas e controladas, para evitar possíveis desordens, e sua força de trabalho era utilizada em obras urbanas na capital, Fortaleza.

Embora a criação de um campo de concentração propriamente dito fosse algo daquele ano e da administração de Benjamin Barroso, o controle dos retirantes não era novo, ocorrendo pelo menos desde a seca de 1877. Frederico de Castro Neves discorre sobre o olhar elitizado direcionado a essas pessoas e os modos de exercer o controle sobre elas desde esse período, quando eles também eram concentrados, porém em locais chamados

[153] *ABC*, abril de 1915. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, pasta 04.
[154] MELO, Leda Agnes Simões de. *O trabalho em tempos de calamidade...* Op. Cit., p. 6.
[155] Ibidem.

"abarracamentos", que seriam antecessores dos campos de concentração. No contexto do final do século XIX, Neves[156] aborda os movimentos de trabalhadores pobres que abandonavam suas terras em um momento de crise e luta das elites brasileiras "pelo controle simbólico da sociedade nacional"[157] .

Nesse contexto, o relacionamento com os pobres passa a ser questionado, assim como as ideias de trabalho e civilização e o lugar destinado aos pobres e trabalhadores são ressignificados. Assim, Neves diz que "mudanças significativas foram identificadas em torno das noções de caridade, trabalho e moralidade", onde procurou-se "circunscrever o lugar social do trabalhador rural", definindo "rigorosamente os limites para sua ação autônoma" em um contexto de "redirecionamento das relações de trabalho e das instituições políticas"[158] na segunda metade do século XIX. Esse redirecionamento envolvia discussões sobre o trabalhador nacional no momento em que a escravidão começava a sofrer restrições com as leis de 1850 e 1871. Ao mesmo tempo, se dá uma ressignificação das noções de ajuda e caridade. O autor relata episódios em que os trabalhadores tomaram a iniciativa de buscar ajuda, como um abaixo-assinado enviado por eles ao próprio imperador no qual a linguagem utilizada demonstra que entendiam seu lugar como o de subordinados, cabendo ao governante a decisão de ajudar, atribuindo-lhe a posição de benfeitor, atendendo as demandas que considerasse justas[159].

Assim, com os trabalhadores tomando a iniciativa de requisitar ajuda, para as elites torna-se real a perspectiva de algum levante ou revolta, o que faz da caridade uma medida urgente para contê-los. Ou seja, a caridade se torna uma forma de controle social. Haveria então uma mobilização nacional em prol daqueles que sofriam com a seca, a partir de subscrições e comissões de socorros em vários pontos do país. Neves analisa essas iniciativas na Corte. Segundo o autor, nesse momento há uma verdadeira mobilização social, norteada pela caridade e "solidariedade cristã", demonstrando a presença de tais sentimentos na relação entre as classes mais abastadas e os pobres e "sua força organizativa no estabelecimento cotidiano das relações sociais baseadas na reciprocidade desigual, característica do paternalismo"[160]. Dessa forma, uma prática privada, como a caridade, torna-se pública. Ao mesmo tempo, generaliza-se a ideia de que o socorro por esmola seria a forma mais

[156] NEVES, Frederico de Castro. '"Desbriamento 'e 'perversão': olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877". Op. Cit.
[157] Ibidem, p. 168.
[158] Ibidem, pp. 168-169.
[159] Ibidem, pp. 171-172.
[160] Ibidem.

perniciosa de ajuda, o que legitimaria o uso da mão de obra desses retirantes da seca nas obras públicas.

É nesse contexto que, enquanto deputado, Gustavo Barroso defende a gestão do seu primo em relação à seca, com a criação dos campos e o uso da mão de obra dos retirantes. Aline Montenegro destaca que:

> Era propagando as maravilhas dos Campos de Concentração que Gustavo Barroso solicitava na tribuna o aumento do envio de recursos públicos para o Ceará, sempre defendendo o governo de Liberato Barroso. No dia 25 de outubro de 1915, dedicou seu discurso à defesa do governador cearense, que estaria sendo acusado de utilizar a verba de socorro enviada pelo governo federal para obras de embelezamento de Fortaleza[161].

Destacamos também uma parte desse discurso de Barroso, pois consideramos importante para compreender seu pensamento, alinhado à elite da época:

> Sr. Presidente, há alguns dias atrás o nobre Deputado pelo Estado do Rio de Janeiro, (…) Sr. Mauricio de Lacerda, leu (…) um telegrama em que se reclamava do Ceará contra os serviços feitos pelo Presidente do Estado nos jardins da capital, embelezamento à custa dos socorros enviados daqui para os retirantes. [Essa notícia saiu, mais de uma vez, nos jornais *Correio da Manhã* e *A Rua*] *Nada mais injusto e cruel do que essa campanha.* O Presidente do Ceará tem distribuído os socorros aos retirantes vindos do interior e aglomerados intensamente na capital do Estado da maneira mais humanitária e mais correta possível. Em vez de humilhá-los com esmolas, ele [o governador] manda que façam trabalhos e paga esses trabalhos, de modo que isso aproveita os retirantes e se aproveitam as obras (…) O socorro é, assim, feito diariamente, perfeitamente e honestamente. (…) [grifo no original][162].

Vemos então, no discurso de Barroso, a lógica da relação entre trabalho e esmola, já explicitada por Frederico de Castro Neves. Além disso, Barroso teria proposto o uso da mão de obra desses retirantes também nas lavouras de café de São Paulo em vez de imigrantes europeus[163]. Percebemos como suas ideias estavam afinadas com a classe dirigente e vemos como neste momento – ao contrário de quando escrevia sobre suas experiências no sertão do Ceará – se distancia dos sertanejos, apresentando-se como superior, com capacidade de opinar sobre seus destinos e o que seria melhor para eles. Ou seja, concordava e advogava o projeto de controle dessas pessoas em um lugar social que considerava destinado para elas: o do trabalho. Assim, percebemos como Gustavo Barroso estava afinado com a classe à qual pertencia e como, ao analisar o sertão e os sertanejos, buscava implementar um projeto civilizatório para eles. Com isso, acabou contribuindo para forjar a imagem e o discurso

[161] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 56.
[162] Pronunciamento de Gustavo Barroso na Câmara. *Diário Oficial*. 27/10/1915. GB 04. Biblioteca do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro. Apud MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 56.
[163] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., pp. 57-58.

necessários à criação de uma identidade regional cearense, e consequentemente da própria região Nordeste.

1.2 **O Nordeste e a nação no início do século XX: a imagem e o discurso de uma região**

Nas primeiras décadas do século XX, entre 1920 e 1950, os folcloristas buscavam uma tradição na tentativa de delimitar um conceito de cultura nordestina que daria forma à região que passaria a ser conhecida como Nordeste. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, estes homens:

> (...) através de suas pesquisas, de seus escritos, de suas ações institucionais e de suas práticas, foram definindo e instituindo o que deveria ser visto e dito como sendo a cultura desta região, aquilo que seria típico, particular, singular, autêntico deste espaço e que manifestaria, portanto, sua própria essência, sua própria identidade[164].

Gustavo Barroso contribuiu para este processo na medida em que fortaleceu a identidade cearense ao tratar daquela região em seus escritos. Segundo Durval Muniz, a região nordestina foi pensada articulando dois temas que, para ele, são fundamentais: as secas periódicas e a ideia de uma cultura particular. A seca legitimaria o recorte regional "a partir da ideia de que teria uma natureza particular, seria um recorte natural distinto no território nacional"[165], enquanto a ideia de cultura particular seria:

> (...) produto de uma história também singular, uma cultura regional distinta, fruto do cruzamento de elementos culturais das três raças formadoras da nacionalidade, sendo a região onde a cultura brasileira, a verdadeira cultura de raiz teria se mantido imune às influências "deletérias" do cosmopolitismo e da imigração estrangeira, que se dera em outras áreas do país, desnacionalizando-as[166].

Para Durval Muniz, o Nordeste e os nordestinos também "são invenções" de "determinadas relações de poder e saber"[167]. O autor considera importante entender essas relações para superar um discurso e uma imagem sobre o Nordeste em grande parte baseados em estereótipos. Estes estariam inseridos em um "discurso de estereotipia" que, segundo ele:

> (...) é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de *uma voz segura e autossuficiente que se*

[164] ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Feira dos Mitos...* Op. Cit., p. 21.
[165] Ibidem, p. 22.
[166] Ibidem.
[167] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Op. Cit., p. 31.

> *arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras*. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (...) O estereótipo não é apenas um olhar ou uma fala torta, mentirosa. O estereótipo é um olhar e uma fala produtiva, ele tem uma dimensão concreta, porque, além de lançar mão de matérias e formas de expressão do sublunar, ele se materializa ao ser subjetivado por quem é estereotipado, ao criar uma realidade para o que toma como objeto [grifo nosso][168].

Dessa forma, o autor explica que o estereótipo é uma forma de representar o que seria o diferente por aquele que se arroga o direito de dizer e determinar o que é o outro. Ao mesmo tempo, esse estereótipo se torna algo real e concreto ao ser subjetivado por aquele que é alvo do discurso de estereotipia, criando uma realidade para seu objeto. Podemos entender Gustavo Barroso como essa voz arrogante que ao mesmo tempo cria o discurso e o subjetiva, já que se coloca em uma posição diferente, mas é ele mesmo um nordestino. Nesse processo, Barroso cria e reafirma esses estereótipos, disseminando-os em seus escritos, atribuindo ao sertanejo imagens e termos pejorativos, como vimos no tópico anterior.

Pierre Bourdieu também nos fala sobre como determinadas classificações podem produzir uma realidade e uma representação para os outros:

> (...) as classificações práticas estão sempre subordinadas a *funções práticas* e orientadas para a produção de efeitos sociais; e, ainda, que as representações práticas mais expostas à crítica científica (...) podem *contribuir para produzir* aquilo por elas descrito ou designado, quer dizer, a *realidade objectiva* à qual a crítica objectivista as refere para fazer aparecer as ilusões e as incoerências delas. Mas, mais profundamente, a procura dos critérios "objetivos" de identidade "regional" ou "étnica" não deve fazer esquecer que, na prática social, estes critérios (por exemplo, a língua, o dialecto ou o sotaque) são objecto de *representações mentais*, quer dizer, de actos de percepção de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores [grifos no original][169].

Ou seja, segundo Bourdieu, as classificações e representações práticas, expostas ao rigor da crítica científica, contribuem para produzir uma realidade objetiva sobre o que está sendo classificado e representado. No que se refere à identidade regional, os critérios usados para defini-la também são representações com a finalidade de criar uma ideia sobre o que está sendo representado. Assim, podemos inferir que foram criadas classificações e representações sobre o Nordeste, ao mesmo tempo em que se delimitava a região, para legitimar sua criação

[168] Ibidem, p. 30.
[169] BOURDIEU, Pierre. "A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região". Op. Cit., p.112.

diante do restante do país, ou seja, dos "outros". No processo de criação de uma identidade regional, o olhar do outro é muito importante a fim de legitimar essa identidade, como demonstra Tzvetan Todorov. Isto porque, segundo ele, para existir, o ser humano precisa do olhar do outro. Para confirmar sua existência, precisa do reconhecimento externo. Segundo Todorov, Schopenhauer diz que o homem vive antes de tudo em sua própria pele. Porém, Todorov acrescenta que, embora talvez viva realmente na própria pele, o homem *existe* pelo olhar do outro; e sem *existência*, a própria vida se extingue[170] [Grifos nossos]. Logo, para viver, o homem precisa do reconhecimento do outro.

Assim também ocorre com a identidade regional. Segundo Bourdieu:

> As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem e dos sinais duradoiros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo [grifos no original][171].

Acreditamos que assim ocorreu no processo de criação da identidade regional nordestina, que iria legitimar a existência da região Nordeste. Para a criação dessa identidade regional, foi mobilizado o trabalho de intelectuais regionalistas e folcloristas, justamente para criar essas classificações que fariam ver e crer, "dar a conhecer" e "fazer reconhecer"; que iriam impor a definição legítima da região.

Estes intelectuais folcloristas, segundo Durval Muniz, iriam recolher material empírico de escritores, cordelistas, repentistas e tudo aquilo que para eles representavam esse Nordeste puro e tradicional, na tentativa de salvaguardar essa tradição, destacando as características, as classificações e representações sobre aquela região que se formava e se modificava, passando de uma ideia à outra, de Norte para Nordeste. Segundo o autor, essa "invenção do Nordeste", que consiste nessa criação da imagem e do discurso sobre a região, e sobre o que é ser nordestino, foi possível:

> A partir da reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, feita por um novo discurso regionalista, e como resultado de uma série de práticas regionalistas, só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade que possibilitaram a emergência de um novo olhar em

[170] TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum*... Op. Cit., p. 87.
[171] BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., p. 113.

> relação ao espaço, uma nova sensibilidade social em relação à nação, trazendo a necessidade de se pensar em questões como a identidade nacional, da raça nacional, do caráter nacional, trazendo, ainda, a necessidade de se pensar uma cultura nacional, capaz de incorporar os diferentes espaços do país[172].

Portanto, essas mudanças que vimos no item anterior, possibilitaram a formação desse novo olhar e de um novo discurso sobre a região. Era um momento de transformações nas vivências e olhares sobre o mundo e de formação de identidades, tanto regional quanto nacional. Identidade nacional que se inicia entre os séculos XVIII e XIX, e no Brasil principalmente após a Independência[173], e adentra o século XX, passando por reelaborações em cada contexto. Para Benedict Anderson[174], tanto a condição nacional quanto o nacionalismo são produtos culturais específicos. Para entendê-los, deve-se considerar suas origens históricas, como seus significados se transformaram ao longo do tempo e como conseguiram uma legitimidade tão forte na contemporaneidade. Falando de um contexto mais amplo, o autor defende que a criação dessa nacionalidade e desse nacionalismo, no final do século XVIII, foi um resultado espontâneo de um "cruzamento" de diferentes forças históricas, que posteriormente se tornaram "modulares", adaptando-se a outros locais e a realidades distintas[175].

Anderson propõe uma definição de caráter antropológico para a nação, onde esta seria uma "comunidade imaginada", limitada e ao mesmo tempo soberana[176]. Seria imaginada, porque seus membros não se conhecem em sua totalidade, mas possuem um sentimento de comunhão. Anderson diz que qualquer comunidade maior que a aldeia de "contato face a face" é imaginada. Ela também seria limitada, pois mesmo a maior delas possui fronteiras que as limitam territorialmente e para além das quais existem outras nações. Além disso, ela também seria soberana, com a soberania e a liberdade garantidas por um Estado, e não mais por um governo de direito divino. Seria, por fim, uma comunidade, pois é concebida com uma "camaradagem horizontal", independentemente de qualquer desigualdade ou exploração que possa existir em seu interior[177].

---

[172] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*... Op. Cit., p. 52.
[173] Ver: MALERBA, Jurandir. "Esboço crítico da recente historiografia sobre a independência do Brasil". In: MALERBA, Jurandir (Org.). *A independência brasileira: novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 19-52.
[174] ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
[175] Ibidem, p. 30.
[176] Ibidem, p. 32.
[177] Ibidem, p. 34.

Anderson propõe ainda que o nacionalismo seja analisado não como uma ideologia conscientemente adotada, mas alinhando-o "aos grandes sistemas culturais que o precederam"[178]. Para ele, só foi possível imaginar a nação a partir do declínio de três concepções culturais antigas. Quando elas perdem o domínio sobre a mentalidade dos homens torna-se possível, historicamente, pensar a nação. A primeira concepção é a língua, de caráter religioso e portadora de uma "verdade"; a segunda é a crença de que a sociedade se organizava naturalmente a partir de uma hierarquia divinamente instituída; e a terceira é a concepção temporal, onde a cronologia e a história se confundem. A partir do declínio dessas concepções surge a necessidade de uma nova maneira de unir história, tempo e poder. Para o autor, nesse momento foi de suma importância o desenvolvimento do capitalismo editorial que, além de promover uma nova forma de relação entre os indivíduos, também contribuiu para a disseminação de uma língua nacional. No contexto hispano-americano, os jornais passaram a fornecer um panorama da vida administrativa colonial, criando uma "comunidade imaginada" entre os leitores. Além disso, mesmo sabendo da existência de outros jornais, liam apenas os locais. Daí uma característica do nacionalismo hispano-americano: grande alcance espacial e localismo particularista[179]. Mas, para além disso, todos se consideravam americanos, em oposição aos nascidos na Espanha. Porém, mesmo entre os que se consideravam americanos, havia uma diferenciação.

Eric Hobsbawm adota uma concepção de nacionalismo conduzido pelo Estado e mais ligado às questões materiais relacionadas à dominação e à luta de classes. Para ele, em relação aos casos latino-americanos, "esse nacionalismo potencial era limitado pela desconfiança aguda dos crioulos em relação às massas americanas e pelo temor de suas revoluções sociais (...)"[180]. Isto porque os crioulos eram uma elite nascida na América. Logo, por mais que mobilizassem uma identidade americana em oposição à metrópole espanhola, ainda assim se diferenciavam das massas populares. Dessa forma, para Hobsbawm:

> Não era possível detectar elementos potencialmente nacionalistas em alguns porta-vozes da defesa da autonomia da elite crioula, em especial onde era possível elaborar, como na Nova Espanha, o mito de que os crioulos e mestiços representavam, em certo sentido, uma tradição não hispânica e autóctone, embora sem dúvida cristianizada, ou seja, uma continuidade com os impérios pré-colombianos[181].

[178] Ibidem, p. 39.
[179] Ibidem, p. 103.
[180] HOBSBAWM, Eric. "Nacionalismo e nacionalidade na América Latina". In: BETHELL, Leslie (Org.). *Viva la Revolución: a era das utopias na América Latina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Edição digital, posição 6239 no ebook.
[181] Ibidem, posição 6233 no ebook.

Para Hobsbawm, era quase impossível elencar definições do que seria uma nação, porém ele parte da hipótese de que seria "qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma 'nação'"[182]. Hobsbawm considera ainda o termo "nacionalismo", seguindo a orientação de Gellner, como "um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente"[183]. Já "nação" seria pertencente a um período histórico particular e recente; sendo uma "entidade social" apenas quando relacionada à forma de um Estado territorial moderno, o "Estado-nação", sem o qual perde o sentido discuti-la.

Além disso, o autor defende que o "nacionalismo vem antes das nações. As nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto"[184]. Dessa forma, a "questão nacional" deve estar inserida em um contexto de desenvolvimento econômico e tecnológico e deve estar associada às condições "econômicas, administrativas, técnicas, políticas e outras exigências"[185]. O autor destaca ainda que as nações são "fenômenos duais", construídas do alto, mas que não podem deixar de ser analisadas também de baixo, do ponto de vista das "suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns"[186], que nem sempre eram nacionalistas. Hobsbawm ressalta ainda que:

> (...) o nacionalismo de elites minoritárias não deve ser confundido com o nacionalismo que possui ou desenvolve uma base popular de massa sob a forma de consciência nacional ou de um apego aos símbolos e instituições da nacionalidade, embora possam existir vínculos históricos entre os dois. E deve ser identificado menos ainda com as formas étnicas/religiosas ou exclusivistas de consciência nacional. Em ambos os aspectos, a América Latina se desenvolveu tardiamente[187].

Sabemos que Benedict Anderson e Eric Hobsbawm possuem concepções distintas sobre o nacionalismo e a ideia de nação. Porém, trazemos ambos para o debate, pois acreditamos que suas visões enriquecem a discussão e por entender que a concepção de Hobsbawm talvez esteja mais próxima do nosso caso ao abordar questões relativas à América Latina. Para o autor, o caso das Treze Colônias foi diferente do restante da América, pois ali havia um "senso de unidade" que não havia no restante do continente. Hobsbawm faz uma ressalva apenas para o Brasil, que se tornou um único Estado após a independência. Mas, nem mesmo no Brasil a independência aconteceu sem conflitos. Ainda assim, era um caso

---

[182] HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Op. Cit., p. 17.
[183] Ibidem, p. 18.
[184] Ibidem, p. 19.
[185] Ibidem.
[186] Ibidem.
[187] HOBSBAWM, Eric. "Nacionalismo e nacionalidade na América Latina". Op. Cit., posição 6228 no ebook.

diferente, também por ser a única monarquia do continente, tendo permanecido deste modo até 1889. Após a proclamação da república, haveria um novo investimento em destacar a nacionalidade, agora diferenciando-se do período monárquico. A questão da modernidade seria muito ressaltada, como apresentamos acima, bem como a necessidade de selecionar os aspectos originais dessa nacionalidade. Isso já havia sido feito no século XIX, através dos institutos regionais[188]. Porém, após a proclamação houve a necessidade de diferenciar o novo momento que se iniciava do momento anterior. Para tanto, se deu essa nova reelaboração, onde novamente seriam elencados os aspectos formadores na nacionalidade, não mais pelos institutos históricos, mas principalmente pelo trabalho dos intelectuais, que poderiam estar ligados a instituições ou não.

Nesse processo, buscam-se esses aspectos formadores nas diversas regiões que compõem o todo nacional. Segundo Anne-Marie Thiesse, "a construção das identidades nacionais foi acompanhada da elaboração de identidades locais, concebidas segundo modalidades similares; mas elas foram colocadas como secundárias, subordinadas à identidade nacional e não contraditórias para com elas"[189]. Thiesse fala sobre esse processo na França, quando no início do século XX havia diversas reivindicações contra o centralismo político e econômico em Paris, em detrimento das demais províncias. Uma nova definição seria formulada para a França nesse momento, mais modesta, porém que se pretendia, segundo a autora, mais "sólida e inextirpável", estabelecendo "a superioridade francesa pela reunião harmoniosa de tudo aquilo que é necessário à felicidade humana"[190]. Essa grandeza consistia em sua diversidade. Dessa forma, o patriotismo baseava-se "em fazer conhecer, amar e avivar a maravilhosa diversidade francesa"[191].

Assim, a diversidade regional iria compor a nacionalidade. Nesse momento, no caso francês, foram utilizadas as descobertas e a valorização da vida camponesa já iniciada no final do século XIX, feitas a partir da pesquisa de folcloristas da cultura material (vestuário, mobiliário, habitat), dos costumes e modos de vida. Segundo Thiesse, durante a Terceira República francesa, todos esses elementos foram mobilizados e apresentados "como uma obra

[188] Ver: FREIRE, Camila de Sousa. Op. Cit..
[189] THIESSE, Anne-Marie. "Ficções Criadoras: As identidades nacionais". *Anos 90*, Porto Alegre, n. 15, 2001/2002, pp. 7-23.
[190] THIESSE, Anne-Marie. '"La Petit Patrie enclose dans la grande': regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940)". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 6.
[191] Ibidem, p. 7.

de salvação nacional"[192]. A autora ressalta que o regionalismo alcançou grande disseminação em pouco tempo, fazendo-se presente:

> (...) nos discursos eleitorais, nas inaugurações de feiras comerciais, em comemorações e nas mais diversas manifestações culturais (criação de museus do folclore, festivais de danças folclóricas, lançamentos de coleções editoriais consagradas às províncias, cartazes publicitários, etc.). O regionalismo estava assim em toda parte, de preferência com um tom festivo e brilhante. Nos anos 1900-1930, desenvolveu-se uma importante produção literária regionalista, que alcançou grande sucesso junto ao grande público[193].

Thiesse destaca ainda como o regionalismo atuou fortemente como elemento de consenso na consciência nacional. Era utilizado no sentido de união, exaltando as diferenças ao mesmo tempo em que as neutralizava, "deslocando-as do plano social para o geográfico"[194]. Deste modo, vemos como o caso francês guarda semelhanças com o brasileiro.

Durval Muniz relata como esses aspectos foram elencados de diversas formas no caso do Nordeste, tanto pela literatura, quanto pela pintura, pela música e pelo cinema. Desse processo participaram, principalmente na literatura, diversos intelectuais, que ficaram conhecidos como regionalistas, por trazer ao conhecimento geral, principalmente da capital do país, os aspectos de sua região. Segundo o autor, o regionalismo surge já no século XIX, no momento de centralização política do império, que se caracterizaria por um "apego a questões provincianas ou locais"[195]. Porém, na década de 1920, no período republicano, surgiu um novo regionalismo, que, segundo o autor, "extrapola as fronteiras dos Estados, que busca o agrupamento em torno de um aspecto maior, diante de todas as mudanças que estavam destruindo as espacialidades tradicionais"[196]. Com as mudanças trazidas pela modernidade, há também uma mudança na dimensão natural do espaço, havendo uma "desnaturalização", atribuindo ao espaço uma dimensão mais histórica. Com isso, emerge uma "formação discursiva nacional-popular"[197], que estaria inserida no que o autor chama de "dispositivo das nacionalidades", que seria:

> O conjunto de regras anônimas que passa a reger as práticas e os discursos no Ocidente desde o final do século XVIII e que impunha aos homens a necessidade de ter uma nação, de superar suas vinculações localistas, de se identificarem com um espaço e um território imaginários delimitados por fronteiras instituídas

[192] Ibidem.
[193] Ibidem, p. 8.
[194] Ibidem, p. 9.
[195] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Op. Cit., p. 60.
[196] Ibidem.
[197] Ibidem, p. 61.

> historicamente, por meio de guerras ou convenções, ou mesmo, artificialmente. Este dispositivo faz vir à tona a procura de signos, de símbolos, que preencham esta ideia de nação, que a tornem visível, que a traduzam para todo o povo[198].

Assim, essa formação discursiva nacional-popular pensava a nação como homogênea, buscando uma identidade nacional homogeneizante que apagasse as diferenças. No entanto, segundo Durval Muniz, essa "conceituação" acabaria por revelar ainda mais a fragmentação do país. Nesse processo, as diversas práticas de cada região seriam destacadas, materializando as regiões. No caso do Nordeste foram elencados temas como o coronelismo, o cangaço, o messianismo, entre outros. Porém, essa escolha não é aleatória, mas obedece a interesses tanto da própria região quanto das demais regiões. De acordo com o autor, "o discurso regionalista não é apenas um discurso ideológico, que desfiguraria uma pretensa essência do Nordeste ou de outra região. O discurso regionalista não mascara a verdade da região, *ele a institui*" [grifo no original][199]. Assim, os temas, signos, imagens que são elencados para formular essa imagem da região:

> (...) impõem-se como verdades pela repetição, o que lhes dá consistência interna e faz com que tal arquivo de imagens e textos possa ser agenciado e vir a compor discursos que partem de paradigmas teóricos os mais diferenciados. Vamos encontrar as mesmas imagens e os mesmos enunciados sobre o Nordeste em formulações naturalistas, positivistas, culturalistas, marxistas, estruturalistas. Por isso, o discurso regionalista não pode ser reduzido a enunciação de sujeitos individuais, de sujeitos fundantes, mas sim a sujeitos instituintes[200].

Portanto, é dessa forma que a região vai se formando. Sobre a ideia de região, José D'Assunção Barros diz que:

> (...) região é uma unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios. Os elementos internos que dão identidade à região (e que só se tornam perceptíveis quando estabelecemos critérios que favoreçam a sua percepção) não são necessariamente estáticos. Daí que a região também pode ter sua identidade delimitada e definida com base no fato de que nela pode ser percebido um certo padrão de interrelações entre elementos dentro dos seus limites. Vale dizer, a região também pode ser compreendida como um sistema de movimento interno. Por outro lado, além de ser uma porção do espaço organizada de acordo com um determinado sistema ou identificada através de um padrão, a região quase sempre se insere ou pode se ver inserida em um conjunto mais vasto[201].

---

[198] Ibidem.
[199] Ibidem, p. 62.
[200] Ibidem.
[201] BARROS, José D'Assunção. "História, região e espacialidade". *Revista de História Regional* 10(1): 95-129, Verão, 2005, p. 98.

Segundo o autor, os aspectos que podem ser considerados na definição de região são os critérios culturais, critérios geológicos ou zonas climáticas. Dessa forma, a noção de "região natural" está baseada "francamente no papel desempenhado por certos elementos físicos na organização do espaço"[202]. Um exemplo que podemos citar e que diz respeito ao objeto deste trabalho é o sertão, que inicialmente tinha o significado de oposição ao litoral, porém foi sendo historicamente delimitado a partir de determinados elementos, como o clima. Assunção Barros continua falando sobre a produção de representação do espaço, que "por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento"[203]. Assim, Barros vai ao encontro do que também defende Durval Muniz: a representação do espaço da região está perpassada pelas relações de poder internas e externas àquele espaço e a produção do discurso produz o espaço[204].

Rui Aniceto Fernandes diz que o significado do conceito de região teria "em si a conexão entre o particular e o geral, entre o específico e o universal, entre diversidade e unidade"[205]. O autor apresenta um apanhado de como foi o desenvolvimento da História e da Geografia no século XIX e sua posterior importância para o estudo da região. Ele também destaca as relações entre regionalismo e nacionalismo desde o século XIX, mas ressalta que no início do século XX o modernismo teria trazido uma nova necessidade de conhecimento sobre a região, o que teria incentivado os estudos sobre a mesma. Dessa forma:

> Os estudos regionais não defendiam os separatismos. Pelo contrário, buscava-se ressaltar a unidade, os elementos integradores que constituiriam a nação. Neste sentido, as histórias particulares, mesmo trabalhando com as especificidades, deveriam ser investigadas ressaltando os laços de unidade, os elos integradores que conferiam uma identidade única ao brasileiro[206].

No caso do Nordeste, se reformulando, pois mudaria de Norte para Nordeste, e não se constituiria do zero. O Nordeste seria formulado principalmente através do chamado "polígono das secas", que seria a região com a maior incidência dessa ocorrência climática, e onde a Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) deveria agir em prol de minorar

[202] Ibidem, p. 100.
[203] Ibidem, p. 112.
[204] Ibidem, p. 115.
[205] FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e identidade fluminense. A escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950.* Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2009, p. 33.
[206] Ibidem, p. 43.

seus efeitos. O termo Nordeste também surge para designar a área de atuação dessa Inspetoria, criada em 1919. Segundo Durval Muniz:

> Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área. Estes discursos, bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país[207].

Dessa forma, vemos que este processo que começou nas primeiras décadas do século, foi concluído apenas na década de 1970, quando o IBGE define as regiões da forma como conhecemos hoje. Entre elas, está o Nordeste:

> No IBGE, as divisões regionais se estabeleceram em diversas escalas de abrangência ao longo do tempo, conduzindo, em 1942, à agregação de Unidades da Federação em Grandes Regiões definidas pelas características físicas do território brasileiro e institucionalizadas com as denominações de: Região Norte, Região Meio-Norte, Região Nordeste Ocidental, Região Nordeste Oriental, Região Leste Setentrional, Região Leste Meridional, Região Sul e Região Centro-Oeste. Em consequência das transformações ocorridas no espaço geográfico brasileiro, nas décadas de 1950 e 1960, uma nova divisão em Macrorregiões foi elaborada em 1970, introduzindo conceitos e métodos reveladores da importância crescente da articulação econômica e da estrutura urbana na compreensão do processo de organização do espaço brasileiro, do que resultaram as seguintes denominações: Região Norte, Região Nordeste, Região Sudeste, Região Sul e Região Centro-Oeste, que permanecem em vigor até o momento atual[208].

Ainda no site do IBGE, é destacado que ao definir as regiões, além dos aspectos geográficos, leva-se em conta também as "diferentes abordagens conceituais, visando traduzir, ainda que de maneira sintética, a diversidade natural, cultural, econômica, social e política coexistente no Território Nacional"[209]. Ou seja, os diferentes aspectos de cada uma delas. Nesse sentido, nas décadas de 1910 e 1920 houve movimentações no sentido de delimitar essa região através da cultura e do que seriam seus aspectos originais. Gilberto Freyre, desde o início do século XX, utilizaria, segundo Durval Muniz, sua influência no jornal *Diário de Pernambuco* para "definir os limites do que seria a região Nordeste"[210]. Segundo este autor, o jornal se tornaria porta-voz dos estados do Norte e defenderia o novo recorte da região Nordeste. Posteriormente, em 1925, seria elaborado *O Livro do Nordeste*,

---

[207] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*... Op. Cit., p. 81.
[208] Disponível em https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e . Acesso em 30/11/2020.
[209] Ibidem.
[210] ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*... Op. Cit., p. 85.

também sob influência de Freyre, que "dará a este recorte regional um conteúdo cultural e artístico, com o resgate do que seriam as suas tradições, a sua memória, a sua história"[211].

Em 1926, acontecia o Congresso Regionalista do Recife, que "teria em vista salvar o 'espírito nordestino 'da destruição lenta, mas inevitável, que ameaçava o Rio de Janeiro e São Paulo. Era o meio de salvar o Nordeste da invasão estrangeira, do cosmopolitismo que destruía o 'espírito 'paulista e carioca, evitando a perda de suas características brasileiras"[212]. Este Congresso, por sua vez, foi organizado pelo Centro Regionalista do Nordeste, que havia sido fundado em 1924, se propondo a "colaborar com todos os movimentos políticos que visassem ao desenvolvimento moral e material do Nordeste em solidariedade"[213]. Por ocasião deste Congresso foi publicado o *Manifesto Regionalista*, escrito por Gilberto Freyre, que liderou o movimento. Neste manifesto, Freyre fala sobre a necessidade de preservação da tradição e da cultura nordestinas, que tanto contribuíam para a nacionalidade, entre elas a flora, a fauna, as comidas e roupas, os doces, os engenhos, as brincadeiras, entre tantas outras coisas. Além disso, Freyre ressalta que aquele não era um movimento separatista, mas em acordo com a nacionalidade, onde o regional comporia o nacional:

> Ele é tão contrário a qualquer espécie de separatismo que, mais unionista que o atual e precário unionismo brasileiro, visa a superação do estadualismo, lamentavelmente desenvolvido aqui pela República – este sim, separatista – para substituí-lo por novo e flexível sistema em que as regiões, mais importantes que os Estados, se completem e se integrem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional[214].

Para Freyre, as atenções deveriam se voltar para o Brasil em suas "particularidades e desigualdades", que eram desrespeitadas em favor das "estrangeirices"[215]. Para mudar tal realidade, os intelectuais, escritores e autoridades governamentais deveriam se juntar em uma ação conjunta de valorização regional que valorizaria, ao mesmo tempo, o que era realmente nacional. Assim, para ele, o ideal seria que o Brasil fosse administrado regionalmente, e não dividido em estados, pois esta separação em unidades estaduais seria até mesmo perigosa para a unidade nacional:

> (...) a preocupação máxima de todos deveria ser a de articulação inter-regional. Pois de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais. De modo que sendo essa a sua configuração, o que se impõe aos estadistas e legisladores nacionais é pensarem e agirem inter-regionalmente. E lembrarem-se sempre de que governam regiões e de

[211] Ibidem, p. 86.
[212] Ibidem.
[213] Ibidem.
[214] FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 7. ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996, p. 48.
[215] Ibidem.

> que legislam para regiões interdependentes, cuja realidade não deve ser esquecida nunca pelas ficções necessárias, dentro dos seus limites, de "União" e de "Estado". *O conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil*. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de 'Estados', uns grandes, outros pequenos, a se guerrearem economicamente como outras tantas Bulgárias, Sérvias e Montenegros e a fazerem às vezes de partidos políticos – São Paulo contra Minas, Minas contra o Rio Grande do Sul – num jogo perigosíssimo para a unidade nacional [grifos nossos][216].

Dessa forma, ao dar atenção e importância ao regional, a própria nacionalidade estaria assegurada. Freyre então continua o manifesto criticando os governantes que não se interessam pelos aspectos regionais e apenas imitam tudo que é estrangeiro, sobretudo a França e a Inglaterra. Discorre, então, sobre os aspectos regionais que deveriam ser valorizados, como os já citados acima, focando principalmente na comida. Por fim, Freyre indica três objetivos que deveriam ser cumpridos após o Congresso por aqueles que estavam engajados no movimento, nos quais podemos ver alguns desses aspectos regionais:

> Creio que não haveria exagero nenhum em que este Congresso, pondo no mesmo plano de importância da casa, a mesa ou a cozinha regional, fizesse seus seguintes votos:
> 1º Que alguém tome a iniciativa de estabelecer no Recife um café ou restaurante a que não falte cor local – umas palmeiras, umas gaiolas de papagaios, um caritó de guaiamum à porta e uma preta de fogareiro, fazendo grude ou tapioca – café ou restaurante especializado nas boas tradições da cozinha nordestina;
> 2º Que os colégios de meninas estabeleçam cursos de cozinha em que sejam cultivadas as mesmas tradições;
> 3º Que todos quantos possuírem em casa cadernos ou Mss. Antigos de receitas de doces, bolos, guisados, assados, etc., cooperem para a reunião dessa riqueza, hoje dispersa em manuscritos de família, esforço de que o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste tomará a iniciativa, nomeando uma comissão para a colheita de material tão precioso e digno de publicação[217].

Assim, vemos como se iniciou a movimentação para a formulação da ideia de Nordeste, na medida em que buscavam destacar o que seria próprio daquela região, do ponto de vista cultural, físico e cotidiano.

Gustavo Barroso estava inserido nesse contexto e, mesmo não estando engajado oficialmente no movimento iniciado por Freyre, acreditamos que seus escritos contribuíram para tornar conhecidos no Sul/Sudeste esses aspectos regionais. Já em seu primeiro livro aborda temas caros à essa identidade regional, trazendo-os para a capital do país, o que acreditamos ter contribuído para o fortalecimento dessa identidade. Isto também acontece nos demais livros lançados até a década de 1930, considerados livros de folclore e "sociologia sertaneja". A partir de então se tornou uma referência em assuntos do Norte/Nordeste,

[216] Ibidem.
[217] Ibidem, p. 55.

escrevendo também crônicas em jornais e revistas sobre o tema, relatando para o público carioca como era a vida no Ceará e colaborando para a criação de uma imagem e um discurso que fortaleceriam a identidade cearense e, em um aspecto mais amplo, contribuiriam para a própria delimitação da região e de sua participação na identidade nacional. Isto porque ele falava em seus escritos sobre o Ceará, mas generalizava, atribuindo aquelas características à região como um todo. O que também era feito pelos demais folcloristas, pois, como destaca Durval Muniz, "muitas vezes o que se descreve são aspectos, costumes encontrados em um Estado ou uma área que são apresentados e descritos como 'costumes do Norte ou do Nordeste 'ou 'costumes de São Paulo'"[218]. É exatamente o que vemos Barroso fazer em seu primeiro livro, cujo subtítulo é *Natureza e costumes do Norte*, sendo que todos os aspectos tratados na obra se referem ao Ceará.

Não foi apenas Gustavo Barroso que seguiu essa linha regionalista da literatura. Muitos outros intelectuais, escritores e folcloristas seguiram esse caminho e contribuíram também para esse discurso e imagem da região. Autores como Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna, o próprio Gilberto Freyre; pintores como Portinari, Di Cavalvanti, Carybé; Glauber Rocha como expoente no cinema e Luiz Gonzaga na música; folcloristas como José Rodrigues de Carvalho, Leonardo Mota, Luís da Câmara Cascudo, entre outros. Todos são citados por Durval Muniz. Sua produção está diretamente ligada à ideia de região Nordeste, na medida em que produzem conteúdos sobre esses aspectos que seriam seu diferencial, criando os estereótipos e a ideia do que seria a cultura da região. A ideia de Nordeste surge no interior dessa classe intelectual e política, conforme ressalta Durval Muniz:

> (...) a ideia de região Nordeste surgiu entre as elites intelectuais e políticas que estavam ligadas por motivos econômicos, políticos, culturais e até por laços familiares à cidade do Recife, tendo destaque aquelas pertencentes aos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará e com menor destaque Alagoas. Sergipe, Bahia, Piauí e Maranhão terão adesão retardatária a esta identidade regional, embora desde o início possamos encontrar simpatizantes da causa regionalista nordestina nestes Estados. O Movimento Regionalista e Tradicionalista do Recife, fundamental para a emergência da ideia de Nordeste, mobilizou fundamentalmente os intelectuais e políticos daqueles quatro Estados, o que pode explicar a adesão desses estudiosos do folclore a esta identidade regional[219].

Esses intelectuais folcloristas pertenciam a uma elite agrária em declínio econômico, ou filhos de bacharéis, servidores públicos, comerciantes ou profissionais liberais, que se

[218] ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*... Op. Cit, p. 55.
[219] ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Feira dos Mitos*... Op. Cit., p. 124.

dedicaram a essas profissões também por causa do declínio econômico da economia agrária. Por isso, segundo Durval Muniz, "é comum nos relatos memorialísticos dos inventores da cultura nordestina a presença de um tom nostálgico, saudosista, ao falar da época de seus avôs, apontados como homens nobres, verdadeiros aristocratas, portando o título de capitão, sendo dono de escravos e terras"[220]. Também é possível perceber esse tom nostálgico em Gustavo Barroso, quando fala da família, de seu padrinho e de suas idas ao sertão cearense, e isso fica mais evidente em suas autobiografias, como veremos. Um episódio interessante que exemplifica essa questão é quando Barroso, já diretor do MHN, solicita a doação de um tronco que havia em um sítio no Ceará que havia pertencido a seu bisavô, por entender que este tronco, onde escravos eram presos e açoitados, constituía um objeto histórico. Aline Montenegro defende que o mais importante para ele não era o fato do tronco ter servido como local de suplício dos escravos, mas sim o sentimento familiar, onde a memória individual e nacional geraria o reconhecimento buscado por ele:

> O fato de atribuir valor de relíquia histórica ao artefato solicitado – que, mediante essa solicitação, foi transferido para o referido Museu – deixa claro que Barroso se sentia inserido na história dos homens distintos, contada nas galerias de exposição. Sua ascendência já apontaria para sua distinção, pois vinha de um militar, que teve atuação considerada relevante no Ceará do período colonial. O tronco, certamente, não era valorizado pelo seu uso como instrumento de suplício dos escravos, mas sim por ter pertencido a alguém que se desejava cultuar no Pantheon da Pátria. Significa também a transposição da memória pessoal do diretor do Museu para a memória nacional, uma vez que o contato com o objeto o fazia lembrar de sua infância no sítio da família, conforme crônica publicada no jornal Correio Paulistano, onde descreve o sítio Curió e relata seus dias infantis junto ao padrinho, Antonio Alexandrino[221].

Assim, a questão da saudade e da nostalgia estava presente em seus escritos. Nesse sentido, entendemos Gustavo Barroso como um desses sujeitos que instituem a região. O consideramos como um escritor regionalista, embora ele não tenha sido lembrado como tal posteriormente. Portanto, no próximo item focaremos nas formulações e imagens sobre o Nordeste veiculadas na literatura e na imprensa, meios por ele utilizados.

[220] Ibidem, p. 125.
[221] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 72.

1.3 **A imagem e o discurso sobre o Ceará e o Nordeste nos escritos de Gustavo Barroso**

Neste tópico discutiremos a atuação de Gustavo Barroso na consolidação de uma identidade regional cearense a partir de seus escritos, iniciando seu trabalho nas primeiras décadas do século XX, em um momento em que se empreendia também a formação da ideia de Nordeste e a criação de uma identidade para essa região, da qual acreditamos que Gustavo Barroso também participou. Essas criações regionais, como defende Anne-Marie Thiesse[222] ao tratar da França, conforme já vimos, estão ligadas às criações nacionais e contribuem para elas. Não foi diferente no caso brasileiro. Logo, ao mesmo tempo em que Gustavo Barroso atuou no fortalecimento da identidade cearense, colaborou também para uma identidade regional e nacional mais ampla.

Grande parte da identidade cearense foi baseada no fato de ter sido a primeira província a declarar extinta a escravidão em seu território, já em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea[223]. Porém, outra grande parcela dessa identidade se fundamentou nas secas que teriam conferido à geografia do Ceará as características especiais de um meio inóspito e de difícil sobrevivência que, por sua vez, moldariam a personalidade do próprio cearense. Este, vivendo neste meio, teria se tornado forte e resistente. Gustavo Barroso atuou enquanto um intelectual cearense que descreveu os costumes e o meio cearenses para um público que pouco conhecia sobre a região. Assim, contribuiu para seu conhecimento no momento em que se dá sua delimitação espacial a partir das características do meio geográfico e dos costumes locais (mudando de Norte para Nordeste). Neste processo, surge o conceito de cultura nordestina e a seleção do que seria o folclore da região, movimento do qual também participou, sendo conhecido também como folclorista, como vimos no tópico anterior. Dessa forma, participou também da consolidação de uma identidade cearense que já vinha sendo construída desde o império, principalmente pelo Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (1887), responsável pela escrita da história da então província.

Em *Terra de Sol*, seu primeiro livro, o foco de Gustavo Barroso é a seca, o meio da região e tudo que está ligado a ele, como os animais, a vegetação, a terra e os homens, principalmente o sertanejo, que tem bastante destaque em sua narrativa. Ele chega a citar a abolição na província em 1884, mas o tema não é aprofundado. Logo, nos escritos de Gustavo

---

[222] THIESSE, Anne-Marie. "Ficções Criadoras: As identidades nacionais". Op. Cit.
[223] Ver: FREIRE, Camila de Sousa. Op. Cit.

Barroso percebemos que a identidade cearense está fundamentada nas dificuldades do meio devido ao clima que gera secas recorrentes. Isso formaria tipos especiais de homens que, moldados por essas características, seriam diferentes dos demais, conferindo um caráter especial ao Ceará, formando, assim, sua identidade. Inclusive este livro é dividido em cinco partes, que são: "O meio", "Os animais", "O homem", "A arte" e "A lenda". A parte denominada "O homem" está dividida em tipos: "Tipos desaparecidos (Passadores de Gado)", "Tipos Anormais (Cangaceiros e Curandeiros)" e "Tipos Normais (Sertanejos, Fazendeiros e Vaqueiros)". A partir desta divisão já podemos ter uma ideia do pensamento de Gustavo Barroso e de sua visão estereotipada sobre o sertanejo, principalmente aqueles considerados "normais" e "anormais". Sobre essa divisão do sertanejo em tipos, Durval Muniz explica como ela foi conferida ao nordestino de uma forma geral, que "vai sendo elaborado, ao longo dos anos 20, na confluência de um discurso político e de um movimento cultural regionalista, que tem como centro a cidade do Recife, para onde acorria grande parte dos filhos das elites agrárias dos Estados que eram identificados como pertencendo ao Nordeste"[224]. Movimento regionalista que já explicamos em tópico anterior, exemplificado principalmente pelo *Manifesto Regionalista* escrito por Gilberto Freyre.

Porém, a definição desses tipos não parte do vazio, mas de um "saber" em voga naquele período. Para Durval Muniz, o saber biotipológico foi o principal norteador da definição desses tipos humanos, pois "a biotipologia buscava definir tipos característicos utilizando métodos estatísticos e medições de grupos humanos escolhidos"[225]. Segundo ele, este saber nortearia toda a vida humana, nos mais diversos aspectos e estaria ligado também à criminologia e à frenologia, também em voga, e que:

> (...) desde o final do século XIX, tentavam desenvolver formas de identificar indivíduos que seriam potencialmente perigosos para a ordem social, indivíduos que teriam uma "constituição deliquencial", que eram portadores de "taras eugênicas", que revelariam suas "tendências criminosas e amorais" através da própria morfologia de seu corpo, aliada à sua expressão gestual e comportamentos[226].

Dessa forma, para o autor, é da confluência desses saberes que nasce o tipo regional nordestino. Vemos pelas citações trazidas nos tópicos anteriores que Barroso seguia essa linha de pensamento, principalmente em sua análise sobre os cangaceiros e "curandeiros",

[224] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. "A invenção de um macho..." Op. Cit., p. 139.
[225] Ibidem, p. 160.
[226] Ibidem, p. 161.

considerados tipos anormais em seu livro, assim como quando ele fala dos "fanáticos" que seguiam o Padre Cícero. Ainda segundo o autor:

> Para se definir um tipo era preciso observar algumas variáveis: a cor da pele, que classificava os indivíduos em leucodermos (de cor branca), faiodermos (de cor parda ou mestiça) e melanodermos ou xantodermos (de cor negra); o formato do crânio, que os dividia em branquicéfalo (o crânio observado de cima teria forma de um ovo, porém mais curto e arredondado posteriormente) e dolicocéfalo (apresenta um crânio pequeno e achatado); a estatura que os dividia em normolíneo, brevilíneo e longilíneo. Os tipos raciais tendiam, também, a apresentar comportamentos psicológicos que os podiam classificar em: esquizotímicos (tendência à apresentação de comportamentos díspares, variações bruscas de humor), ciclotímicos (tendiam a apresentar comportamentos repetitivos e com tendência a introversão) e normotímicos (apresentando comportamentos normais)[227].

Barroso não utiliza esses termos técnicos, mas percebemos como ele valorizava as diferenciações físicas na definição do tipo cearense: "O tipo comum é o do mestiço acablocado, de pequena estatura, metro e meio, cabelo escuro e liso, fronte larga, olhar inteligente, cabeça achatada em cima e no occipital – verdadeiro característico do cearense"[228]. Esse "tipo comum" seria em sua maioria resultado "do cruzamento do índio com o português", pois "os mestiços do negro com o índio – cabras, e do negro com o português – mulatos, com tôdas as suas gradações, existem em menor proporção"[229], já que o negro, no sertão nordestino seria "quase raro". Segundo ele, isso ocorria porque a escravidão naquela região não teve a mesma intensidade que nas províncias do Sul. Ele então toma o Ceará como exemplo, pois esta província foi a primeira a libertar seus escravos, que já eram poucos. Assim, Barroso se utiliza da abolição dos escravos no Ceará em 1884 para justificar a ideia de que houve poucos negros naquela província, ideia que inclusive ficou bem marcada na historiografia cearense, só sendo problematizada mais recentemente[230].

Segundo Durval Muniz, esse tipo nordestino seria caracterizado basicamente pela sua ocupação, a região onde vivia e pelos aspectos físicos: o sertanejo, habitante do sertão, do interior, envolvido principalmente com a atividade pecuária e fruto do cruzamento entre o branco e o índio, como o próprio Barroso destaca; o brejeiro, que habitaria a região entre o sertão e o litoral, trabalhando principalmente na cana-de-açúcar e em atividades de subsistência e produto do cruzamento entre brancos e negros; e o praieiro, habitante do litoral, ligado à pesca, que seria resultado de vários cruzamentos. Além desses tipos mais gerais,

---

[227] Ibidem.
[228] BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*... Op. Cit., p. 136.
[229] Ibidem.
[230] Ver: FUNES, Eurípedes A.; RODRIGUES, Eylo Fagner da Silva; RIBARD, Franck (Orgs.). *Histórias de Negros no Ceará.* Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

haveria outros, que, segundo o autor, seriam mais caracterizados de acordo com as atividades e papéis sociais exercidos, sendo esta uma caracterização mais sociológica:

> (...) o vaqueiro, morador do sertão, responsável pelas atividades pastoris; o senhor de engenho ou o coronel, grandes proprietários de terras, exercendo o poder político e o mando em vastas áreas rurais, dedicando-se à produção de cana ou à pecuária e produção de algodão; o caboclo, nome genérico dado a todo descendente de indígenas e pertencente às camadas populares, independente das atividades que exercesse; o matuto, nome genérico dado a todo e qualquer homem do campo em relação de contraste com o homem citadino; o cangaceiro ou jagunço, tipos populares de homens dedicados a atividades consideradas criminosas, o matador independente ou o matador profissional a soldo dos coronéis; o beato, tipo de líder carismático e religioso popular, e o retirante, o homem pobre que migrava à procura de socorro, durante as secas[231].

Já mostramos que Barroso tratou em seus escritos de alguns desses tipos, os quais abordaremos nessa tese. Todos eles conferem características aos habitantes do Nordeste que ficaram marcadas no imaginário nacional até os dias atuais. Porém, o "tipo" que foi elencado como símbolo da região foi o sertanejo, colocado, segundo Durval Muniz, quase sempre como oposto ao brejeiro, praieiro ou citadino. Ou seja, era feito um contraposto entre sertanejo, o habitante do sertão, e os demais habitantes, principalmente os do litoral. Inclusive, Gustavo Barroso escreveu um livro pouco depois de *Terra de Sol*, intitulado *Praias e Várzeas* (1915), onde conta histórias ambientadas nas praias, exemplificadas pelos jangadeiros (trazendo também histórias sobre sua vida e trabalho), e histórias ambientadas no sertão, com contos sobre vaqueiros, rixas entre famílias inimigas e tocaias de cangaceiros. A maioria das histórias tem um aspecto lúgubre e fins trágicos, sendo a tragicidade um aspecto também muito presente em seus escritos, como vimos em item anterior.

Para Barroso, o sertanejo também seria inculto, ignorante, simplório; em razão da vida rústica e das crenças que possuía. Ele atribuía à crendices e superstições as práticas religiosas dos sertanejos, principalmente aquelas ligadas às tradições africanas, pois via a personalidade e cultura sertanejas como uma mistura das três raças que aqui conviviam. O elemento africano era sempre mal visto por ele, como aquele que contribuiu com as piores características. Logo, a miscigenação teria sido negativa, principalmente aquela entre brancos e negros. Porém, como já dissemos, são as características do branco e do índio que iriam prevalecer no sertanejo, segundo Barroso: "Simples, modesto, quase sem ambições, olha com desprêzo e sem curiosidade para tudo o que se não relacione diretamente com o seu meio. (...) Essa

[231] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. "A invenção de um macho...". Op. Cit., p. 187.

indiferença e falta de curiosidade são reminiscências do caráter índio"[232]. Além disso, ele é totalmente moldado pelo meio em que vive, tanto em tempos de seca como em tempos de chuvas:

> A alma do sertanejo é calcada na alma do sertão. Lá a natureza, quando recusa seu auxílio, nega avaramente a sombra, nega cruelmente a gôta de água, recusa tudo. Mas, quando dá, dá de mais, dá com fartura, com abundância. Daí os dois aspectos do caráter do homem do sertão: a tenacidade na luta, quando o meio o hostiliza, e procura esmagá-lo; o descuido, a indolência e a imprevidência de quem repousa de longa luta, nos tempos bons. A sêca calcina a terra, resseca os matagais, torra as capoeiras decotadas, vai amaciando as pastagens até pulverizá-las: o sertanejo combate estóicamente. O inverno alegra o sertão farto: êle preguiça e modorra[233].

Ou seja, as características consideradas benéficas no sertanejo, como o estoicismo, a força, a tenacidade, só aparecem em tempos de seca. Somente ela poderia lhe conferir qualidades, do contrário o sertanejo se deixa levar pela preguiça. Como se ele não trabalhasse nesse período.

Portanto, vemos em Barroso bastante do cientificismo e do racialismo que se desenvolveram no século XIX, na Europa e também no Brasil, e que se fortaleceram na passagem para o século XX, adentrando as primeiras décadas da República. A busca por referências estrangeiras também está muito presente em *Terra de Sol*, onde vemos Barroso a todo momento buscando principalmente na Europa as raízes das tradições sertanejas; o que ele também faz ao falar do folclore em jornais e revistas, sempre procurando um equivalente de uma tradição sertaneja em outros países. Para Raimunda Oliveira, Barroso teria se aproximado do pensamento filológico, que buscava justamente essa origem comum entre os povos, sendo esta sua base nos estudos folclóricos. Assim, ele chega à conclusão de que as tradições e costumes sertanejos não se originaram aqui. Em *O Jornal*, de 12 de julho de 1923, no artigo "Do Iran ao Sertão", ele defendia que o folclore nordestino é inspirado em tradições estrangeiras, ou seja, não é original:

> Até hoje, ainda não encontrei no folk-lore dos sertões de Nordeste, que tenho procurado honestamente estudar, uma só manifestação inteiramente original daquella vasta região. Quando menos espero, vou achar, nos mais longinquos povos os relatos, anedotas, idéas, ou cantigas, que me pareceram inteiramente filha do sertão agreste. E 'verdade que se adaptaram ao meio e offerecem uma feição propria, porém ali não nasceram[234].

---

[232] BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*... Op. Cit., p. 140.
[233] Ibidem, pp. 141-142.
[234] BARROSO, Gustavo. "Do Iran ao Sertão". *O Jornal*, 12 de julho de 1923. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 11.

Segundo Raimunda Oliveira, "Gustavo Barroso acredita que há uma origem comum entre os folclores, por conta das analogias encontradas em suas pesquisas. As relações entre o Oriente e os sertões teriam vindo de seus antepassados 'latinos, iberos, godos, suevos e sobretudo árabes'"[235]. Raimunda Oliveira se inspira em Edward Said[236] para os estudos sobre Filologia e como esta buscava uma relação de superioridade europeia sobre os outros povos, com a visão de que estes seriam atrasados. Para a autora, esta seria a metodologia de Gustavo Barroso, tanto nos estudos folclóricos como em sua visão sobre o sertanejo, sempre a partir de uma perspectiva comparada em relação à Antiguidade e ao Medievo.

Vemos também uma influência do naturalismo muito presente em Gustavo Barroso, principalmente em *Terra de Sol*. Neste livro ele fala como alguém que tem experiência no que está falando, pois viveu naquele meio e presenciou diretamente aquela realidade. O livro começa com uma descrição das características do sertão e como reconhecer onde ele começa e termina o litoral. De acordo com Barroso, só existem duas estações: a seca e o inverno. A seca começa em junho: "Morrem docemente os últimos dias de junho. Nunca mais chove"[237]. Essa morbidez, tristeza e melancolia são trazidas pela seca: "Todo o sertão é duma grande tristeza, na côr, no silêncio, no aspecto; e essa tristeza em tudo se infiltra e impregna tudo: (...) tudo é triste e tudo é melancólico"[238]. Assim, descreve os sentimentos que pairam na natureza e nos homens durante a seca: "A natureza compungida tem o desolado aspecto da desgraça (...)"[239]. Porém, para Barroso, é no momento mais crítico da seca que o sertanejo mostra sua força:

> Enfim, um dia o gado começa a cair de fome, de sêde e de fadiga. É a época mais terrível: é quando o nortista mostra a sua energia inflexível, quando mais se acrisolam suas faculdades combativas, e mais se enrija, e mais se robustece sua titânica virilidade. (...) Mas ele não se abranda e nem se verga. Só, contra a impassibilidade da natureza, luta, luta sempre. (...) E daí, não seja, talvez, paradoxo o dizer – que a sêca é um fator de progresso, porque forma e molda uma raça de fortes[240].

Assim, vemos que Barroso contribui para a ideia do sertanejo que se torna forte porque é moldado pelo meio inóspito da seca, que é uma ideia central na identidade regional cearense, desde o pós-abolição. Além disso, essa força do sertanejo viria desde a infância e o

---

[235] OLIVEIRA, Raimunda Rodrigues. *Gustavo Barroso: a tragédia sertaneja*. Op. Cit., p. 81.
[236] SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2003, edição digital.
[237] BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*... Op. Cit., p. 18.
[238] Ibidem.
[239] Ibidem, p. 20.
[240] Ibidem, p. 29.

meio o faria desenvolver também a generosidade, pois a despeito das dificuldades o sertanejo ainda compartilha o pouco que possui[241]. Ele também descreve a luta pela água como uma luta selvagem pela vida, onde o homem enfrentaria sua própria primitivez[242].

No ensaio "De cortiço a cortiço"[243], Antônio Candido fala sobre o Naturalismo, que também se desenvolveu na mesma época como uma corrente literária na Europa, incorporando muito deste cientificismo e racialismo então vigentes. Esta corrente literária chegou também ao Brasil, tendo como um dos seus maiores expoentes Aluísio Azevedo, em sua obra *O Cortiço* (1890), analisada no ensaio de Candido. Segundo o autor, *O Cortiço* teria sua principal inspiração em Émile Zola, escritor naturalista francês. Porém, a obra de Aluísio Azevedo vai além, abordando questões específicas do contexto brasileiro, como a questão racial, por exemplo, que no Brasil era um assunto urgente e delicado para muitos escritores e intelectuais desde o império e principalmente nas primeiras décadas após a abolição, adentrando o século XX. Candido diz que:

> (…) para o Naturalismo a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando (teoricamente sem interferência de outro texto) as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto[244].

Assim, vemos em Gustavo Barroso características do Naturalismo como o reducionismo biologizante, que reduz as pessoas aos seus instintos, até mesmo igualando-as aos animais, como Candido destaca na análise de *O Cortiço*. Além disso, há também um determinismo do meio, da natureza e da raça, que define as características dos indivíduos a partir de uma suposta cientificidade. Sobre esta questão, Candido diz que:

> (...) o Naturalismo foi um momento exemplar, porque viveu a contradição entre a grandiloquência das aspirações liberais e o fatalismo de teorias então recentes e triunfantes, com base aparentemente científica, que pareciam dar um cunho de inexorável inferioridade às nossas diferenças com relação às culturas matrizes[245].

Raimunda Oliveira também aborda esse cientificismo que teria baseado a concepção de folclore e do homem mestiço em Gustavo Barroso. Segundo a autora, "o referencial do pensamento de Gustavo Barroso é composto por uma mistura do determinismo geográfico e do racial, além da influência do romantismo"[246]. Por isso, "a construção de arquétipos se

[241] Ibidem, p. 32.
[242] Ibidem, p. 33.
[243] CANDIDO, Antônio. "De cortiço a cortiço". Op. Cit.
[244] Ibidem, p. 111.
[245] Ibidem, p. 120.
[246] OLIVEIRA, Raimunda. Op. Cit., p. 57.

constrói através da tipologia e da esquematização que procuram clarificar e explicar a realidade do outro através da raça e do ambiente natural"[247]. Quando fala dos cangaceiros, Gustavo Barroso coloca a miscigenação como uma de suas características, que influenciaria sua personalidade, sendo uma degeneração que explicaria suas más inclinações: "O cangaceiro do Norte é selvático e feroz, sofrendo de um descalabro nervoso – produtos da ancestralidade e do cruzamento étnico"[248]. Essa miscigenação, passada hereditariamente, afetaria os aspectos físicos e psicológicos do indivíduo. Segundo Barroso, essas pessoas agiam "sob as determinantes psicológicas da bastardia étnica e dos instintos degenerativos"[249]. Então, também é possível perceber como estão presentes em sua obra o racialismo e o cientificismo.

Raimunda Oliveira destaca que Barroso utilizou os estudos de H. Taine e Stendhal sobre banditismo na Itália para pensar o caso sertanejo, como já vimos em item anterior. Outros autores que o teriam influenciado seriam Auguste Comte, John Stuart Mill e Herbert Spencer. As vertentes que surgiram a partir do evolucionismo, unindo biologia e sociologia "viam na mestiçagem um fenômeno a ser evitado. Os mestiços seriam degenerados pelo cruzamento entre espécies diversas"[250]. Assim, nesse período, entre os letrados brasileiros percebe-se a "coexistência das mais diversas teorias e tendências, muitas vezes de caráter antagônico convivendo intimamente, como o monismo evolucionista de Haeckel e Noiré, o individualismo de Stuart Mill, o positivismo dissidente de Littré e Taine, as concepções políticas e sociais aplicadas à psicologia de Le Bon, o determinismo de Buckle"[251]. Logo, Gustavo Barroso, como um intelectual de sua época, não estava afastado dessas influências, ao contrário, as assimilou também. Segundo Fernando Luiz Vale Castro:

> Essa geração de intelectuais brasileiros da virada do século XIX para o XX, independente das interpretações diversas, que consequentemente levavam à disputa nos diferentes campos intelectuais, tinha um ponto em comum: o de pensar a realidade brasileira como parte integrante do concerto cultural europeu; vinculando o Brasil a esse projeto civilizador e, a partir daí, construir uma identidade nacional[252].

Nesse período, estiveram em voga as teorias raciais, que pressupunham a existência de raças superiores e inferiores e que foram adaptadas à realidade brasileira por esses

---

[247] Ibidem.
[248] BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*... Op. Cit., p. 98.
[249] Ibidem, p. 102.
[250] OLIVEIRA, Raimunda. Op. Cit., p. 61.
[251] Ibidem.
[252] CASTRO, Fernando Luiz Vale. *As colunas do templo: história e folclore no pensamento de Gustavo Barroso*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2001.

intelectuais. Entre essas teorias, estava a ideia de mestiçagem, que, de acordo com Vale Castro, "se apresentou como chave para a compreensão da composição física, moral e cultural do povo brasileiro, assim como a definição dos caminhos de sua transformação"[253]. Assim, diante do exemplo citado anteriormente no qual Gustavo Barroso fala sobre os cangaceiros, percebemos que ele via a mestiçagem como algo ruim, atribuindo as piores características da miscigenação aos negros e índios. Segundo ele, essa raça do Norte, como dizia, não teria tantas ligações com os africanos, pois, como vimos, defendia que estes estiveram em pouca quantidade na região. Ainda assim, o pouco que teriam influenciado não é visto de forma positiva pelo autor, como se pode perceber quando fala sobre a música e a dança sertanejas. A música seria:

> lânguida e dolente (...) tendo a tristeza das melopéias africanas e a rusticidade dos instrumentos indígenas. (...) o gemer triste das violas e o arfar fanhoso dos acordeões dão-lhes um som arrastado e nostálgico de batuque negro. *Algumas danças européias, deturpadas, corrompidas, tornam-se irreconhecíveis sob a grossa capa de bárbaras modificações.* (...) *O sertanejo herdou o batuque das senzalas (...). As danças são todas selvagens e rudes,* (...) sempre com um tom hierático e quase lúgubre de todo o povo que acumula grande herança fetichista [grifos nossos][254].

Na visão de Barroso, o elemento benéfico dessa raça do Norte, a qual o sertanejo representa, seria o europeu, que, no entanto, fora corrompido pelos aspectos negativos das outras raças, principalmente a africana. Sobre as lendas encontradas na região, ele diz que:

> (...) tôdas essas lendas, nas quais se chocam e emaranham as crendices de três raças opostas, que viveram durante séculos em contato, que se vão fundindo uma nas outras e se misturando de tal modo até formarem dentro em pouco um tipo étnico, que será a resultante de tôda essa ancestralidade e enfeixará tôdas as suas inclinações, sendo o tipo exato do brasileiro do Norte (...)[255].

Assim, as tradições, compostas pelas lendas, músicas, poesias, fábulas, etc, eram também resultado dessa mistura, sendo sempre ressaltada sua ancestralidade. Ou seja, o sertanejo não criava nada realmente original, apenas adaptava ou "deturpava" o que já existia em outras culturas:

> A gente sertaneja ficou na alma, no sentir, o que ela era quando os portugueses fundaram as primeiras vilas do sertão, no tempo das bandeiras aventureiras. As poesias amorosas do sertão, as suas glosas e motes têm um sabor seiscentista. Hoje, o sertanejo deturpa-os. Mas ainda nêles se notam os traços da antiga cultura. Vê-se que foram criados por gente de certa instrução, certamente alunos ou professôres dos velhos seminários sertanejos[256].

---

[253] Ibidem, p. 16.
[254] BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol*... Op. Cit., p. 166.
[255] Ibidem, p. 221.
[256] Ibidem, p. 199.

Nada foi realmente criado no sertão, pelo sertanejo. A cultura sertaneja seria então, na visão de Barroso, produto de outras culturas mais antigas, trazidas principalmente pelos portugueses e ensinada pelos padres jesuítas. Daí sua busca pelas raízes dessa cultura e sua insistência nos aspectos medievais, pois não acreditava que o sertanejo fosse capaz de criar uma cultura original. Logo, para conhecer essa região, era imprescindível estudar essa cultura, importada porém adaptada, que constituía seu folclore. Em *Ao som da viola*[257], Barroso destaca que quem deseja conhecer a alma e a vida dos sertões:

> (...) deve sem falta estudar carinhosamente o seu "folk-lore", analysando as suas fontes e procurando as suas analogias. Nelle esta contida a essencia mesma do carater do povo mestiçado, principalmente de portuguez e de indio, que, ha seculos já, luta, com heroismo, pela salvação da sua riqueza e da sua propria vida, contra a natureza impiedosa, quase abandonado dos poderes centraes e vendo afundados nos lameiros das politicagens pessoaes os governos dos Estados. (...) Emquanto o littoral progredio e outras regiões do paiz progrediram, (...) ficou insulado no tempo e no espaço, perdido nas crenças, nas imagens e nas fórmas do seculo em que iniciou a ardua colonização daquellas terras, retardado de mais de duzentos annos[258].

Segundo ele, o sertanejo por não saber ler e não possuir outro meio de comunicação, acabou criando canções. Ele diz que essas canções são acompanhadas por melodias muito simples "como toda música primitiva"[259]. Assim, para Barroso, o folclore era a exata expressão da alma desse povo, dos habitantes daqueles "paizes de sol ardente". Essas canções revelariam "perfeitamente o estado de espirito da raça"[260].

Nesse período, entre as décadas de 1910 e 1920, quando Barroso começa a escrever sobre o sertão e a falar de folclore, ainda não havia um movimento folclórico propriamente dito no Brasil. Segundo Rodolfo Vilhena[261], só haveria um movimento em torno do folclore e uma busca por institucionalizá-lo na década de 1950. Porém, no início do século já haveria debates em torno do que seria esse folclore[262]. No livro *Ao som da viola*, de 1921, vimos que Barroso já começa a nomear essas tradições como folclore, a partir de seus estudos de autores estrangeiros, pois o folclore já era estudado na Europa. Porém, segundo Fernando Vale Castro, a cultura popular já fazia parte das preocupações dos intelectuais brasileiros desde o

---

[257] BARROSO, Gustavo. *Ao som da viola.* Op. Cit.
[258] Ibidem, pp. 11-12.
[259] Ibidem, p. 12.
[260] Ibidem.
[261] VILHENA, Luís Rodolfo. "Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 11, n. 32, 1996, pp. 125-150.
[262] Para entender esses primeiros debates sobre o folclore no Brasil, ver: SILVA, Verônica Rocha da. *Entre a história e o folclore: a participação de Joaquim Ribeiro no Movimento Folclórico Brasileiro no Rio de Janeiro (1947-1964).* Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

século XIX, "tendo por conseguinte o estudo do folclore realizado este mesmo caminho"[263]. Porém, esse folclore só teria uma maior valorização quando faz a crítica aos paradigmas europeus, segundo Vale Castro, a partir do início do século XX. Essa preocupação com o popular e com o folclore teria estreita ligação com a busca pela nacionalidade. Como já vimos, o regional teria o papel de compor o nacional. Nele seriam buscados esses aspectos culturais que também iriam compor a cultura brasileira. Naquele contexto de modernização das primeiras décadas do século XX, as tradições seriam valorizadas e buscadas nessa região, único lugar onde ainda prevaleceriam, devendo ser então preservadas. Dessa forma, "é o elemento popular o guardião da nacionalidade, sendo o folclore fonte fundamental para o entendimento desse popular"[264].

Para Durval Muniz, cultura popular e folclore não são categorias dadas, que existem desde sempre, mas são conceitos criados "que recortam, promovem escolhas, dão visibilidade e produzem o esquecimento de parte da vasta produção de matérias e formas de expressão feitas pelos agentes das camadas populares"[265]. Como vimos anteriormente, foi em Recife, no Congresso Brasileiro de Regionalismo, em 1926, que oficialmente se iniciou o trabalho de formulação da identidade regional nordestina. Foi no bojo desses acontecimentos que, segundo Durval Muniz, surgiu o interesse pelo popular, a partir da confluência dos intelectuais ao Recife. Esta já ocorria desde o século XIX, pois esta cidade sempre foi uma das mais importantes da região, o que levava os filhos da elite a estudarem ali desde a criação da Faculdade de Direito em 1828, sendo uma das poucas do Brasil, juntamente com a Academia de Direito de São Paulo (1828) e as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro (1832)[266]. Dessa forma, Recife era uma das cidades mais importantes do Norte no século XIX, e seria o principal foco de desenvolvimento desse regionalismo nordestino do início do século XX. Segundo Durval Muniz:

> Se Recife, desde o século XIX, já chamava a atenção de quem a visitava pela presença marcante dos negros e pardos trabalhando ou na pândega por suas ruas, se os viajantes já se interessavam pelo exotismo de suas crenças, de seus rituais, de suas vestimentas, de seus costumes, de suas festas e pelo que já nomeavam de suas tradições, no início do século XX, essa variedade e diversidade dos populares, agora ampliada, e de suas práticas não passarão despercebidas para os letrados que nela viviam ou que a visitavam[267].

---

[263] CASTRO, Fernando Luiz Vale. *As colunas do templo*... Op. Cit., p. 27.
[264] Ibidem, p. 30.
[265] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A feira dos mitos*... Op. Cit., p. 177.
[266] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, edição digital, 1993.
[267] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A feira dos mitos*... Op. Cit., p. 180.

Assim, diversos intelectuais buscaram entender esse popular, através do estudo do folclore, ficando conhecidos como folcloristas. Segundo Vale Castro, "eles se apropriaram de elementos da cultura popular como forma de responder às questões surgidas acerca da necessidade de definição do caráter nacional brasileiro"[268]. No entanto, Durval Muniz destaca que, se por um lado os intelectuais teriam esse interesse de buscar o que era popular, por outro havia "mediadores populares" que mediariam esse contato entre a elite intelectual e o popular. Isso se dava principalmente através de agremiações, como clubes e agremiações carnavalescas, que, segundo ele, serviam "para marcar e estabelecer distinções e hierarquias no interior das próprias camadas populares"[269]. Seria para essas instituições que esses intelectuais iriam se dirigir a fim de testemunhar de perto as "coisas do povo"[270]. Essas instituições tinham o intuito também de hierarquizar e controlar as práticas populares. Porém, os grupos que nelas se reuniam, principalmente seus líderes, buscavam visibilidade e reconhecimento, e para isso nomeavam para ser protetores, financiadores ou figuras de destaque das agremiações pessoas influentes no meio social[271]. Assim, acabavam também por contribuir para o controle sobre as práticas populares, que ocorreu nesse período:

> Os mediadores culturais dos meios populares, os agentes que negociam saberes, também são, na maioria das vezes, os agentes que medeiam poderes, que negociam lugares de poder e que o fazem por já os ocuparem nas instituições populares. O combate às práticas violentas e consideradas atentatórias à moral e aos bons costumes, às atividades consideradas inestésicas e incivilizadas, e inclusive, àquelas consideradas perigosas politicamente contará, na maioria das vezes, com a colaboração das lideranças populares, sem as quais seria muito mais difícil realizá-lo[272].

Assim, o folclore também trouxe em seu desenvolvimento o aspecto do controle e da disciplinarização. Porém, é preciso entender que esses mediadores, esses "agentes do popular", não eram tradicionais, mas modernos, se utilizavam de meios modernos desenvolvidos pelo capitalismo, ao mesmo tempo em que adotavam uma postura reativa a ele e se diziam tradicionais. Além disso, eles agenciavam o material dito popular para criar algo novo, já que possuíam o saber letrado e os meios de produção e divulgação desse material novo, como os cordéis, por exemplo. Durval Muniz cita como exemplo Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde. Estes possuíam tipografias próprias, investiram na impressão de folhetos de cordéis, e passaram a viver desse ofício, disseminando um "produto

[268] CASTRO, Fernando Luiz Vale. *As colunas do templo...* Op. Cit., p. 35.
[269] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A feira dos mitos...* Op. Cit., p. 186.
[270] Ibidem, p. 188.
[271] Ibidem, p. 184.
[272] Ibidem, p. 187.

cultural" que ficou conhecido como uma das expressões dessa cultura nordestina. Segundo o autor:

> A trajetória de Leandro Gomes de Barros é exemplar do processo que estamos analisando, não só por ser o primeiro a imprimir folhetos em verso, constituindo-se assim em importante mediador e tradutor entre um universo cultural marcado pela oralidade e o universo cultural dominado pela escrita, mas também por ter sido o primeiro produtor de folhetos a viver de seu ofício, significando a emergência de uma categoria nova, o produtor cultural voltado para as camadas populares e que graças à emergência de um mercado de bens culturais consegue viver desse ofício[273].

Essa poesia e literatura consideradas populares, assim como os cordéis, foram as primeiras produções sobre as quais se dedicaram os folcloristas como Luís da Câmara Cascudo, Leonardo Mota, Rodrigues de Carvalho e o próprio Gustavo Barroso, assim como sobre o material produzido pelos repentistas e cantadores, que são material também desses mediadores. Porém, Gustavo Barroso, como vimos, gostava de frisar sua vivência entre os sertanejos e suas próprias experiências no sertão, destacando a originalidade de suas pesquisas, embora às vezes cite também os trabalhos de outros folcloristas e autores, até mesmo estrangeiros, quando busca no exterior as raízes das práticas populares nordestinas. No livro *Ao som da viola*, ao tratar dos autos comemorativos de Natal, ele ressalta que:

> Neste livro o leitor sómente encontrará autos ainda não publicados e conformes á sua ultima transformação, uns mais deturpados, outros guardando melhor a primitiva forma mais ou menos culta que lhes imprimiram os poetas populares de certa cultura, que os compuzeram. Os que fôram collecionados por outros autores não figuram aqui[274].

Com isso, entendemos que, para ele, o livro trazia autos ainda não publicados por outros folcloristas, sendo ele o primeiro a publicar as composições originais. Porém, na nota de rodapé ele cita outros folcloristas que teriam publicado outros tipos de canções/poesias, como Silvio Romero, Rodrigues de Carvalho, Mello Moraes Filho, entre outros. Assim, o trabalho dos folcloristas, incluindo Barroso, era o de trazer ao conhecimento essas práticas e tradições coligidas por eles próprios ou pelos mediadores, que denominaram de cultura nordestina, e que iriam compor o conjunto de tradições próprias daquela região que iriam formar. É nesse sentido que inserimos Gustavo Barroso neste trabalho de formação da identidade regional nordestina que se formulou nas primeiras décadas do século XX, ainda que ele não estivesse ligado a um movimento oficial.

---

[273] Ibidem, pp. 196-197.
[274] BARROSO, Gustavo. *Ao som da viola*... Op. Cit., p. 42.

Vimos em item anterior como se iniciou essa formulação da região Nordeste. Porém, Durval Muniz destaca ainda que a região não pode ser situada em um "plano a-histórico"[275], pois suas fronteiras e territórios são criações históricas e "esta dimensão histórica é multiforme, dependendo de que perspectiva de espaço se coloca em foco, se visualizado como espaço econômico, político, jurídico ou cultural, ou seja, o espaço regional é produto de uma rede de relações entre agentes que se reproduzem e agem com dimensões espaciais diferentes"[276]. Ou seja, o espaço e os discursos que o formam devem ser tomados como políticos, históricos e múltiplos, e não como algo dado e homogêneo. Porém, apesar de diversa, a região passa por uma "operação de homogeneização", que, segundo o autor, "se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais, por isso ela é aberta, móvel e atravessada por diferentes relações de poder"[277].

Assim, o discurso sobre a região é formado por interesses da própria região e de outras regiões. Por isso, o autor analisa a formação dos discursos e imagens que criarão a região Nordeste a partir tanto de um olhar dos próprios nordestinos como da região sudeste. Dessa forma, podemos perceber a importância do discurso de Gustavo Barroso sobre o Norte/Nordeste, pois ele era um nortista (como destacou em seu próprio pseudônimo João do Norte) falando sobre a região no Sul/Sudeste, na então capital do país, o Rio de Janeiro. Barroso então personifica os dois olhares diferentes sobre a região.

Esse discurso adquire caráter de verdade por ter sido dito e reforçado por pessoas da própria região, possuindo experiência sobre o assunto, por terem vivenciado aquela realidade, como no caso de Barroso. Dessa forma, ele acaba se tornando uma autoridade sobre temas como a seca, o sertão, o sertanejo, o cangaço, entre outros, que fazem parte até hoje do conjunto de imagens e discursos que se tem sobre o Nordeste. Vemos como ele era visto dessa forma em textos publicados em jornais e revistas sobre ele e sobre seus trabalhos. Em *O Imperial*, de Belém, em 29 de novembro de 1917, há um artigo sobre seu então recente livro, *Herois e Bandidos*, no qual o autor Peregrino Júnior fala sobre Barroso:

> Ainda resta muito a dizer da historia do nosso sertanejo. Entretanto, o "conteur" primoroso das "Velas Brancas" pode desvanecer-se, orgulhoso, de ter escripto alguns dos primeiros e mais bellos capitulos dessa admiravel epopéa, estudado, agora, "o typo social do cangaceiro alma feita de contraste, anormalidade quase normal na primitiva e estiolada sociedade sertaneja". (...) João do Norte revelou se o escriptor meticuloso e vibrante, o observador penetrante e suspicaz, que é, conquistando o alto logar que sem favoritismo, tem nas nossas lettras. E, assim,

[275] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste...* Op. Cit., p. 35.
[276] Ibidem.
[277] Ibidem, p. 37.

> desde logo *ficou consagrado o maior desenhador das scenas, da alma e dos costumes do sertão*. Narrador sobrio, emotivo e delicado, o rico e lapidar joalheiro da prosa das "Praias e Varzeas", dispondo de um extraordinario poder de descripção, ao cinzelar as paginas brilhantes de sua obra, *offerece nos sempre as visões, os quadros e os esboços mais flagrantes e vividos da terra sertaneja que ainda temos visto* [grifos nossos][278].

No *Jornal do Commercio*, de 10 de novembro de 1913, em artigo sobre a segunda edição de *Terra de Sol*, vemos alguns comentários de diversos escritores sobre o livro. Rui Barbosa diz que: "O sol e as terras do norte se *reflectem com o encanto da verdade* nas paginas de *Terra de Sol*, onde o talento da pintura literaria tem rasgos de colorido e vida que muito honram o joven escriptor" [grifo nosso][279] . No mesmo artigo, João Ribeiro diz que a obra de Gustavo Barroso é mais realista que a de Euclides da Cunha:

> (...) A obra de Euclydes da Cunha, "Os Sertões", cuja lembrança é inevitável, tem mais poesia que realidade e mais imaginação e fantasia que experiencia e conhecimento das coisas. A obra de João do Norte excede-a em observação. A todas as luzes que se considere, a *Terra de Sol* é uma obra notavel, destinada a vasta e duradoura popularidade[280].

No jornal *O Norte*, de 15 de maio de 1924, em artigo intitulado "Ceará de sol e de sangue", o autor Neves Manta fala também sobre essa realidade e veracidade dos textos de Barroso:

> (...) A capacidade de recordar neste homem é assombrosa. Aquillo que impressionou, em creança, a alma do escriptor que seria, ficou-lhe, indelevelmente na retentiva, como soem ficar, sempre, as passagens felizes de nossa existencia. Lembra-se de tudo o que viu e de tudo o que sentiu na infancia. *Os seus contos espelham, por isto, desde a veracidade palpitante do enredo até as pinceladas intensas da têla*. Ao descrever as nuanças de um logar, *contando a vida horrivel de certos individuos e o que presenceou* de alguns amores; (...) *ha o seu grande poder de historiographo, a pintar com talento e presteza as côres locaes verdadeiras. Ninguém lhe supera, no paisajar o Norte!* Ninguem tambem, lhe ama mais o rincão sadio que houve por filho! (...) [grifos nossos][281].

Assim, vemos como Gustavo Barroso era visto como uma autoridade no que se referia aos assuntos do Norte/Nordeste, contribuindo para forjar a identidade daquela região. Por isso, procuramos mostrar neste capítulo como sua atuação foi importante nesse contexto e

---

[278] PEREGRINO JÚNIOR. *O Imperial*, 29 de novembro de 1917. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, pasta 06.
[279] *Jornal do Commercio*, 10 de novembro de 1913. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, pasta 04.
[280] Ibidem.
[281] MANTA, Neves. "Ceará de sol e de sangue", *O Norte*, de 15 de maio de 1924. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, pasta 13.

nessa formação "imagético-discursiva"[282] sobre o Nordeste. Em um momento em que estes aspectos eram cruciais para o entendimento da ideia de nação, preocupação de toda uma classe intelectual e política, vemos que Barroso não estava alheio a esse processo, mas inserido e atuante nele. Com seus escritos legitimou a identidade regional cearense ao mesmo tempo em que contribuiu para a idealização da região Nordeste e para a identidade nacional de forma mais ampla.

[282] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Op. Cit., p. 342.

2 **IDEIAS, REDES DE SOCIABILIDADE E A TRAJETÓRIA DE UM INTELECTUAL REGIONALISTA**

2.1 **O campo literário no início do século XX e o escritor regionalista**

Foram muitas as transformações ocorridas no campo intelectual nas primeiras décadas do período republicano. Segundo Sérgio Miceli, este foi um momento de desenvolvimento das instituições culturais, das organizações políticas e da máquina burocrática, acarretando em transformações no interior da própria classe dirigente, assim como no mercado de bens culturais que se consolidava[283]. Para ele, as décadas de 1920 a 1940 trazem "transformações decisivas"[284] também nos setores econômico, político e cultural.

Já na década final da Primeira República, houve diferentes movimentos contestatórios das antigas oligarquias, com dissidentes que se organizaram em partidos de oposição, tenentes e trabalhadores. Foi nesse contexto de crise que se desenvolveu em São Paulo um campo de produção cultural que cresceu após o movimento de 1930 e a derrota das antigas oligarquias. Estas, por sua vez, tentariam retomar o poder, o que resultou em empreendimentos culturais e no surgimento de organizações radicais, nas quais se filiaram jovens que se viram sem oportunidades com a mudança política. Segundo Miceli, "o golpe de Estado perpetrado por Vargas e pelos militares dá cabo das esperanças da oligarquia, desmantela suas bases político-partidárias e aniquila as pretensões de suas 'extensões 'radicais (o partido integralista e o 'partido 'da Igreja)"[285]. O novo governo então direcionou o foco para os sistemas de ensino e cultura, ao mesmo tempo em que manteve distância dos antigos grupos dirigentes.

A nova coalizão de governo ligou-se a novos setores industriais em expansão, que favoreceram o desenvolvimento de um mercado de bens culturais, autônomo em relação aos grupos dirigentes e setores políticos e religiosos anteriores (estes ainda desejando interferir na produção cultural). A despeito dessas mudanças, houve ainda a expansão do mercado do livro e a formação de uma "categoria de romancistas profissionais"[286]. Gilberto Gilvan S. Oliveira fala sobre o mercado do livro deste período e a literatura regionalista a partir da atuação da

[283] MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
[284] Ibidem, p. 77.
[285] Ibidem, p. 78.
[286] Ibidem, p. 79.

Livraria José Olympio Editora[287]. Segundo ele, a partir de 1930 houve uma "valorização da escrita regionalista"[288]. A Livraria José Olympio teve um papel essencial nesse contexto, priorizando a publicação de escritores nordestinos e criando "o primeiro desenho de um mercado editorial no Brasil"[289]. Em 1934, a José Olympio criou a coleção "Problemas Políticos Contemporâneos", composta por obras integralistas. Gustavo Barroso foi um dos autores publicados com os livros *A ronda dos séculos*, em 1933, e *O quarto Império*, em 1935. Este, segundo Gilberto Oliveira, foi um sucesso de vendas. Posteriormente, publicou também a terceira edição de *Praias e Várzeas* e *Alma Sertaneja* pela mesma editora, em parceria com a Academia Cearense de Letras.

Apesar da editora ter publicado dois livros de Barroso na década de 1930, seu investimento recaiu mais sobre outros autores nordestinos, que estavam escrevendo sobre o Nordeste, como José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida e a própria Raquel de Queiroz, enquanto Barroso estava escrevendo sobre o integralismo, como podemos perceber através do levantamento feito por Gilberto Oliveira[290]. Esse projeto editorial da José Olympio estava estreitamente ligado a um projeto governamental de valorização do regional para compor a identidade e a história nacionais[291]. Dessa forma, os autores publicados pela José Olympio foram aqueles que ficaram conhecidos na literatura brasileira como símbolos do regionalismo nordestino, formando mesmo uma geração – a Geração de 30, ou Romance de 30. Segundo Gilberto Oliveira, "os temas regionais transfiguraram-se no projeto editorial de maior demanda da *José Olympio*. Não foi à toa que os autores do chamado *ciclo nordestino* foram seus principais editados" [grifos no original][292].

Antonio Candido fala sobre o regionalismo que, segundo ele:

---

[287] OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. Op. Cit.
[288] Ibidem, p. 28.
[289] Ibidem, p. 34.
[290] Ibidem, pp. 34-35.
[291] É importante ressaltar que não era apenas a Editora José Olympio que buscava trazer essa representação do Brasil a partir de suas publicações. Outras editoras organizaram coleções com o mesmo intuito nesse período, como a Companhia Editora Nacional, a Schmidt e a Martins, como ressalta o autor Fábio Franzini. No entanto a José Olympio se destacou, segundo o autor, por duas caraceterísticas. Primeiro por "seu caráter 'nacional', uma vez que contemplava tanto representantes do campo intelectual do eixo Rio de Janeiro – São Paulo quanto do nordeste, enquanto suas congêneres voltavam-se mais para a produção de seus locais de origem (São Paulo, no caso da Nacional e da Martins, Rio de Janeiro, no caso da Schmidt); a segunda é o prestígio que adquiriu junto aos círculos letrados da época(...)". Ver: FRANZINI, Fábio. À SOMBRA DAS PALMEIRAS: A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006, p. 14.
[292] OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. Op. Cit., p. 34.

> (...) desde o início do nosso romance constitui uma das principais vias de autodefinição da consciência local, com José de Alencar, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Taunay, transforma-se agora no "conto sertanejo", que alcança voga surpreendente. Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Esse meio foi o "conto sertanejo", que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito idéias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético[293].

Candido publicou a primeira edição de *Literatura e Sociedade* em 1965. Para ele, a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha teria influenciado esse movimento. Porém, "caberia ao Modernismo orientá-lo no rumo certo, ao redescobrir a visão de Euclides, que não comporta o pitoresco exótico da literatura sertaneja" [294]. Candido aborda ainda a influência do Naturalismo sobre o conto sertanejo, que foi uma das vertentes de escrita de Barroso. Também acreditamos que esta tenha sido muito influenciada pelo Naturalismo:

> As tendências oriundas do Naturalismo de 1880-1900, tanto na poesia quanto no romance e na crítica, propiciaram na fase de 1900-1922 um compromisso da literatura com as formas visíveis, concebidas pelo espírito principalmente como encantamento plástico, euforia verbal, regularidade. É o que se poderia chamar Naturalismo acadêmico, fascinado pelo Classicismo greco-latino já diluído na convenção acadêmica européia, que os escritores procuravam sobrepor às formas rebeldes da vida natural e social do Novo Mundo. (...) Em busca de elegância mediterrânea - em que se adelgaçou até esgarçar o Naturalismo vigoroso do século anterior, de intenção mais científica do que estética, - contamina a própria exploração dos temas regionais, pelo gênero ambíguo do *conto sertanejo* [grifo no original][295].

Já na década de 1930, o romance teria sido:

> (...) fortemente marcado de Neo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades em rápida transformação (Érico Veríssimo). Nesse tipo de romance característico do período e frequentemente de tendência radical, é marcante a preponderância do problema sobre o personagem. É a sua força e a sua fraqueza[296].

Tendência que seria aproveitada pela José Olympio Editora. Segundo Gilberto Oliveira, "na *José Olympio* a região nordeste foi descrita pelos próprios nordestinos, tornando-se vozes com autoridade para falar sobre o assunto". Raquel de Queiroz se tornou "a

---

[293] CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Op. Cit., p. 121.
[294] Ibidem.
[295] Ibidem, pp. 122-123.
[296] Ibidem, p. 131.

voz que falou sobre o Ceará"[297]. Acreditamos que esses fatores podem ter influenciado para que Barroso não ficasse conhecido posteriormente como um autor regionalista. Os autores conhecidos como tal foram aqueles que tiveram suas obras de cunho regionalista publicadas pela José Olympio, no auge do interesse pelo tema, quando Barroso estava se envolvendo com o integralismo, e publicando livros sobre este tema, e não sobre regionalismo. Além disso, Raquel de Queiroz e José Olympio se tornaram amigos e este investiu fortemente na publicação e na publicidade de seus livros. Oliveira relata que Olympio criava laços de amizade com seus editados, promovendo festas e almoços tanto em sua casa quanto na livraria, para onde eram enviados "doces e queijos"[298] que a família de Raquel de Queiroz mandava para ela. Por isso, a autora ficou conhecida como a porta-voz da literatura cearense no Romance de 30, sendo vista dessa forma até hoje.

Ainda sobre o desenvolvimento do mercado editorial, Miceli diz que após a Crise de 1929 e com o início da Segunda Grande Guerra, torna-se mais difícil a importação de livros. Os editores então adquirem os direitos de tradução e dessa forma a produção interna acaba superando a importação estrangeira. Um exemplo seria a própria José Olympio Editora, que segundo Gilberto Oliveira sobreviveu nos primeiros anos a partir do trabalho de tradução. Segundo Miceli:

> O surto editorial da década de 1930 é marcado pelo estabelecimento de inúmeras editoras, por fusões e outros processos de incorporação que ocorrem no mercado editorial e, ainda, por um conjunto significativo de transformações que acabaram afetando a própria definição do trabalho intelectual: aquisição de rotativas para impressão, diversificação dos investimentos e programas editoriais, recrutamento de especialistas para os diferentes encargos de produção e acabamento, inovações mercadológicas nas estratégias de vendas (...), mudanças na feição gráfica dos livros, com o intento de ajustar o acabamento das edições às diferentes camadas do público, e, sobretudo, empenho das principais editoras em verticalizar o processo produtivo e diversificar suas atividades. As tarefas de composição e impressão autonomizam-se das atividades a cargo das diversas seções de que se compõe o departamento editorial. Este, por sua vez, passa a abrigar setores especializados de revisão, tradução e ilustração, motivando a contratação de especialistas, como, por exemplo, consultores e leitores, paginadores, capistas, e também propiciando a formação de um pequeno grupo de escritores profissionais, os romancistas[299].

Porém, entre 1938 e 1943, a literatura de ficção ocupa o 1º lugar em edição, em razão do aumento da venda dos gêneros "menores", que eram os romances que compunham as coleções "menina-moça", os policiais, as aventuras, as biografias romanceadas e os

[297] OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. Op. Cit., p. 36.
[298] Ibidem, p. 41.
[299] MICELI, Sérgio. Op. Cit., p. 148.

infantis[300]. O aumento do contingente de leitores também influenciou os gêneros que se firmaram como mais populares, devido à demanda por obras de entretenimento com a expansão de leitores da classe média. Segundo Miceli, isso "comprova a existência de um público de leitores cujas preferências e escolhas em matéria de leitura são um tanto independentes dos juízos externados pelos detentores da autoridade intelectual"[301].

A partir da década de 1930, as redes de relações sociais continuam importantes, mas passam "a sofrer a mediação de trunfos escolares e culturais, cujo peso é tanto maior quanto mais se acentuava a concorrência no interior do campo intelectual"[302]. Ou seja, nessa nova configuração política há mudanças e permanências, tanto no campo político quanto das relações de poder, que se tornam mais acirradas, dependendo cada vez mais de especializações e capitais simbólicos ligados à área do ensino e da cultura – focos de atuação do governo pós-1930. Assim, os intelectuais que almejavam cargos institucionais tiveram que mobilizar esses capitais simbólicos e suas relações familiares e redes de sociabilidade para conseguir galgar postos e fazer carreira.

Gustavo Barroso não estava alheio a essa movimentação e não se diferenciava tanto dos intelectuais de sua época como procurava demonstrar. Aline Montenegro destaca como ele desejava ocupar cargos públicos. Daí também seu engajamento no Integralismo posteriormente, possivelmente visando algum cargo, já que Plínio Salgado seria o chefe nacional e ele vinha logo abaixo na hierarquia do Partido Integralista, juntamente com Miguel Reale. Segundo a autora, além do seu curto período como secretário no governo de seu primo no Ceará e como deputado federal, cargos que ele não consegue reaver após a ruptura das oligarquias, "Barroso só conseguiu colocar a sua pena e seu saber a serviço do Estado no período Vargas, que ele combateu militando no Integralismo"[303]. Parece contraditório ele servir ao Estado e ao mesmo tempo combater o governo, mas as relações de poder são ambíguas e vão se modificando e sofrendo rearranjos de acordo com as configurações de cada momento.

Nas décadas de 1920 e 1930, Barroso atuou principalmente no Museu Histórico Nacional e na defesa do patrimônio que ele considerava tradicional e deveria ser preservado. Após a criação do Museu em 1922, dedicou-se à preservação do patrimônio histórico, com a criação do Curso de Museus em 1932. Marcio Ferreira Rangel destaca que Barroso

[300] Ibidem, p. 154.
[301] Ibidem, p. 155.
[302] Ibidem, p. 79.
[303] Ibidem, p. 102.

considerava o curso como '"destinado a ser fonte de ensinamento e cultura, de devoção à história da Pátria e seminário de formação e aperfeiçoamento de funcionários técnicos', sendo o mesmo voltado especificamente para a formação de funcionários públicos que iriam ocupar funções em museus nacionais"[304]. Para esse fomento à proteção patrimonial, ele precisava de recursos e contou com o patrocínio do governo, que também passou a se movimentar nesse sentido de preservação do patrimônio na década de 1930 através da atuação do ministro Gustavo Capanema.

Com a atuação nesse curso, Barroso não apenas se destacou enquanto intelectual engajado com a história nacional, em consonância com os interesses do governo vigente, como também formou os quadros técnicos de profissionais que atuariam posteriormente em outros museus do país. Segundo Rangel, "por mais de quatro décadas, o Museu Histórico Nacional formou a maioria dos profissionais de museus que atuavam no país, difundindo para diferentes regiões o estilo barroseano (1932-1959) de museologia e ensino"[305], já que ele mesmo formulou as bases do curso e ministrava aulas no mesmo. Assim, ele também atuou no recrutamento de novos servidores para esse Estado, que iriam levar adiante sua visão de história e nação. Fica clara então sua iniciativa em materializar seu projeto de nação nesse momento, e que foi efetivada por quarenta anos, como afirma Rangel.

Além disso, Barroso realizou outro projeto nesse período: a criação da Inspetoria de Monumentos Nacionais, em 1934. Esta ficou vinculada ao MHN até 1937, quando finda suas atividades e quando será fundado o SPHAN por Gustavo Capanema, órgão precursor do atual IPHAN. Quando de sua criação, Barroso se tornou então Inspetor de Monumento da Inspetoria. Segundo Rangel:

> A criação desta Inspetoria estava diretamente vinculada aos discursos e projetos da década de 1920, que tinham como preocupação evitar que objetos antigos, referentes à história nacional, fossem retirados do país em virtude do comércio de antiguidades, e que as edificações monumentais fossem destruídas por conta das reformas urbanas, a pretexto de modernização das cidades. Este é o pretexto que Barroso encontra para determinar as diretrizes do patrimônio nacional[306].

Podemos ver nessa atitude novamente a determinação de Barroso em defender o tradicional, em oposição ao moderno, que viria destruí-lo. Essa posição é comum entre os folcloristas da década de 1910 e 1920, segundo Durval Muniz Albuquerque. Notamos que ela

[304] RANGEL, Marcio Ferreira. "Museologia e patrimônio: encontros e desencontros". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Ciências Humanas, v.7, n.1, jan.-abr. 2012, p. 106.
[305] Ibidem, p. 107.
[306] Ibidem.

permanece em Barroso nas décadas seguintes, quando ele já não estava mais tão envolvido com as questões folclóricas. Aline Montenegro afirma que as primeiras reflexões de Barroso na revista *Fon-Fon*, após assumir a direção, foram o culto ao passado e às tradições que ele considerava não existir no Brasil. A autora fala também do sentimento de perda diante das transformações da modernidade que teria afetado Barroso. Daí oriunda sua atitude preservacionista demonstrada na atuação no MHN. Ele também foi crítico ao Modernismo, aderindo ao movimento Neocolonial, que valorizava o passado colonial, adaptando-o à contemporaneidade. A autora destaca que, embora Barroso fosse um "homem da modernidade", ou seja, situado nesse período histórico, sempre se colocou ao "lado da tradição e das continuidades com o passado"[307]. Mesmo estando inserido na sociedade da época, voltada para a ordem burguesa, "se identificava com o *ethos* aristocrático, desejando reinventá-lo no seu presente"[308].

Foi o que tentou fazer no MHN e na Inspetoria de Monumentos Nacionais. Agindo assim, à frente dessas instituições e projetos, segundo Aline Montenegro, "tomou para si a 'missão 'de identificar a verdadeira nacionalidade, posicionando-se entre o 'povo', com seus estudos sobre o folclore, e o 'Estado', com a valorização da História do Brasil, de forte caráter político"[309]. Nesse projeto de nação, o Norte aparecia como a região onde as verdadeiras tradições nacionais ainda estavam preservadas, longe do contato com o que era "estrangeiro". Para Candido, o Modernismo viria romper com as duas tendências literárias então em voga: o idealismo simbolista e o naturalismo convencional; embora também retome alguns de seus pressupostos. O Modernismo rompe com a ideia de que características como o clima e a mestiçagem, por exemplo, seriam negativas, colocando-as como qualidades superiores[310]. Nesse sentido, podemos perceber o porquê de Gustavo Barroso não ter aderido a esse movimento, pois rompia justamente com tradições e visões de mundo que ele adotava, tanto no campo da história quanto no do folclore.

Já em relação ao trabalho intelectual, segundo Miceli, seu acesso continua dependendo do capital social das famílias, que o transmitem aos filhos, que irão preencher os postos de direção do Estado. Aqueles que não possuíam esse capital geralmente passavam primeiro pelo caminho do magistério. Como vimos, ao chegar no Rio de Janeiro, Barroso buscou travar relações com indivíduos que ele sabia que eram importantes no meio social carioca, pois aqui

[307] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 97.
[308] Ibidem.
[309] Ibidem.
[310] CANDIDO, Antonio. Op. Cit., pp. 126-127.

não possuía o capital familiar. Para conseguir o cargo de Secretário do Interior no governo do seu primo, no Ceará, este capital foi mobilizado, mas na Capital Federal o caminho não seria o mesmo. Não obstante, vimos que, a partir dos contatos com conterrâneos que aqui viviam, ele conseguiu um emprego como professor, iniciando sua carreira pelo magistério.

Ainda segundo Miceli:

> A maioria dos intelectuais desse período pertencia a famílias de "parentes pobres" da oligarquia ou então, a famílias de longa data especializadas no desempenho dos encargos políticos e culturais de maior prestígio. Assim, as disposições manifestadas pelos diferentes tipos de intelectuais, em termos de carreira parecem indissociáveis da história social de suas famílias. (...) A distribuição dos agentes propensos a uma carreira intelectual pelas diferentes carreiras possíveis nessa conjuntura vai depender, de um lado, da posição em que se encontram as famílias desses futuros intelectuais em relação ao pólo dominante da classe dirigente, e, de outro, do montante e dos tipos de capital escolar e cultural disponível conforme o setor da classe dirigente a que pertencem[311].

Ou seja, pertencer a uma família que estivesse inserida na sociabilidade da classe dirigente favorecia em muito a carreira intelectual. A família de Gustavo Barroso era bastante conhecida no Ceará. Já falamos do seu primo, Benjamim Barroso, que foi governador do Estado, em cujo governo Barroso foi Secretário do Interior, cargo que deixou meses depois para se candidatar a deputado federal, mais uma vez mobilizando o contato do primo a fim de se eleger. Segundo Regina da Silva[312], seu pai, Antônio Felino Barroso foi "tabelião e dono de um pequeno cartório", e sua mãe, Ana Guilhermina Dodt Barroso, era "alemã, diplomada pela Escola Normal de Hamburgo" e "veio para o Brasil com o pai, Gustavo Dodt, engenheiro e doutor em Filosofia pela Universidade de Iena, contratado que fora para construir pontes, estradas e linhas telegráficas no sertão do Nordeste"[313]. Segundo Afonsina Moreira, Felino Barroso era "de família tradicional cearense em declínio econômico"[314], o que também é ressaltado por Durval Muniz, para quem o fato do pai de Gustavo Barroso trabalhar como tabelião "representava o primeiro degrau de declínio de sua família paterna"[315]. Mais adiante veremos como ele se orgulhava de suas origens familiares, quando analisarmos suas autobiografias, nas quais ele exalta o fato de sua família descender dos primeiros fundadores do Ceará.

---

311 MICELI, Sérgio. Op. Cit., p. 81.
312 SILVA, Regina Cláudia Oliveira da. "Breves notas autobiográficas do cearense fundador da Museologia no Brasil". In: Encontro Cearense de História da Educação (ECHE), 11.; Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação (ENHIME), 1., 2012, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Imprece, 2012, pp. 701-718.
313 Ibidem, p. 701.
314 MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 9.
315 ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A feira dos Mitos*... Op. Cit., p. 126.

Aline Montenegro conta que o pai de Gustavo Barroso foi membro da Academia Francesa junto com Capistrano de Abreu, uma das principais agremiações de intelectuais do Ceará no século XIX[316]. Felino Barroso chegou a enviar uma carta de recomendação para que o filho entregasse a Capistrano quando chegasse no Rio de Janeiro – o que seria uma tentativa de mobilizar esse capital familiar. Este, porém, não lhe deu muita atenção e não encontramos qualquer indício de uma relação entre eles. Como dissemos, no Rio de Janeiro esse tipo de capital já não poderia ser mobilizado por Barroso da mesma forma que no Ceará. Para Aline Montenegro, "ao escrever uma carta de recomendação a um velho amigo na Capital, Felino Barroso talvez esperasse que seu filho fosse inserido no mundo literário e jornalístico pelas mãos de Capistrano. Entretanto, não foi isso que aconteceu"[317]. Assim, Gustavo Barroso se viu obrigado a buscar ele mesmo outras redes de apoio, indo atrás do conterrâneo já citado, que lhe conseguiu um emprego.

Desse modo, podemos ver como Gustavo Barroso se inseriu nas relações de poder e sociabilidade da sua época. Percebemos como "não se podem dissociar as disposições favoráveis ao trabalho intelectual das experiências sociais que moldaram tais disposições"[318], pois é a partir dessas experiências sociais que esses intelectuais conseguiam galgar postos e posições, o que não foi diferente com Gustavo Barroso. Em meio às mudanças destacadas por Sérgio Miceli, tanto nas organizações políticas como nas "instâncias de produção cultural", que foram acompanhadas por mudanças no "acesso às carreiras"[319], não bastariam mais a Faculdade de Direito ou o círculo de amizades da família. Teriam que:

> (...) envolver-se na concorrência política e intelectual e assumir tarefas cada vez mais especializadas nos jornais partidários, nas organizações políticas, nas instituições culturais. A diferenciação da esfera política e do campo de produção ideológica tornara praticamente inviável a passagem quase automática da situação de estudante à condição de membro por inteiro da classe dirigente (…)[320].

Miceli esclarece que o envolvimento dos intelectuais com a classe dirigente não se restringia à participação em alguma facção política, mas independentemente desta, colaboraram na "administração pública estadual, na imprensa, no setor editorial, na Câmara dos Deputados"[321]. Além disso, também se engajaram nas "lutas literárias", com o objetivo de

[316] Ver: FREIRE, Camila de Sousa. Op. Cit.
[317] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 33.
[318] MICELI, Sérgio. Op. Cit., p. 82.
[319] Ibidem, p. 93.
[320] Ibidem.
[321] Ibidem, p. 95.

impor seus "princípios e modelos"[322]. Dessa forma, Gustavo Barroso se envolveu, além do trabalho institucional no MHN, com os campos da imprensa e da literatura, nos quais desejava impor seus princípios e ideias. Aline Montenegro também trata dos escritos de Barroso para a *Fon-Fon*, onde ele empreendeu uma "escrita de si", como diretor, autorizando e publicando textos favoráveis a si mesmo, o que constituiu um verdadeiro "projeto autobiográfico" na revista[323]. Nesses textos, fala especialmente de "seus sentimentos, digressões filosóficas e posicionamentos frente à vida e ao mundo que vivia"[324].

Esses textos eram publicados principalmente nas sessões "Gatafunhos" e "Gatimanhos" e, posteriormente, em "Garatujas" e "Filigranas". De acordo com Magalhães:

> Em textos curtos e objetivos, Barroso expressava suas opiniões e demonstrava sentimentos como saudade, melancolia e ressentimento, não esquecendo de demonstrar a consciência que tinha de ser um homem distinto por sua origem, seu saber, sua cultura e sua trajetória pessoal. Em suma, por ser um homem das letras[325].

Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins falam sobre a imprensa no período inicial da República, que teria sido caracterizado pelo confronto e pela censura logo após a Proclamação. Contudo, passado esse primeiro momento, teria sido "vibrante e decisivo nos destinos do país"[326]. Sobre essa primeira fase do período republicano, até 1930, as autoras dizem ainda:

> Essa fase próspera resultou da especial conjuntura vivida pelo país, definida pelo momento econômico de apogeu do café e diversificação das atividades produtivas; pela nova ordem política republicana, com programas de alfabetização e remodelação das cidades; pela agilidade introduzida pelos novos meios de comunicação; pelo aperfeiçoamento tipográfico e avanços na ilustração, enquanto as máquinas impressoras atingiam velocidades nunca vistas[327].

Nesse momento, a imprensa passou a ser vista como um negócio, cuja sustentação estava baseada na propaganda, que atraía o público consumidor, além da melhoria técnica. Assim, o jornalista também se profissionalizou. Segundo as autoras, "o jornalista ascende a postos de comando, compõe os quadros de poder, ganha outra visibilidade e se impõe como

---

[322] Ibidem, p. 96.
[323] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 90.
[324] Ibidem, p. 91.
[325] Ibidem.
[326] DE LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade.* São Paulo: Editora UNESP, 2006, edição digital, posição 399 no ebook.
[327] Ibidem, posição 405 no ebook.

profissional”[328]. Entretanto, nesse período, foram os literatos que ocuparam esses postos de jornalistas, “tornando-se figuras influentes no cotidiano urbano”[329]. Este foi o caso também de Gustavo Barroso, atuando como literato e jornalista, escrevendo livros e artigos em jornais e revistas. Antes da profissionalização, esses intelectuais já atuavam em jornais, pois, devido ao alto índice de analfabetismo, precisavam de outras fontes de renda, trabalhando principalmente em jornais e ocupando cargos públicos, pois a literatura não tinha ainda um público amplo. A oralidade ainda seria largamente praticada no início do século XX, onde a leitura em voz alta levava as informações para aqueles que não sabiam ler. Nesse sentido, as imagens foram muito importantes e as ilustrações e fotografias alcançavam também esse público não letrado. Segundo Tania de Luca e Ana Luiza Martins:

> (...) no país de maioria analfabeta, a ilustração foi mais eficaz que a letra, de alcance imenso, levando-se em conta a força da imagem, decisiva para a comunicação de massa. Assim enriquecido, o periodismo potencializou-se com base em litografias precisas, caricaturas inventivas, imagens arrebatadoras de fotogravura, ilustrações florais *artnouveau*, soluções fotográficas inusitadas. Logo, formou-se o novo mercado dos chamados especialistas gráficos[330].

Com a profissionalização, esses mesmos homens continuariam nesses postos. Porém, para aqueles que eram só literatos, não seria tão fácil se adaptar. Monteiro Lobato reclamava: “O jornal nos sufoca todas as tentativas de literatura, com seus repórteres analfabetos, com sua meia língua engalicada (...)”[331]. Assim como ele, outros autores não se adaptaram à nova realidade, como Lima Barreto, conforme relatado por Nicolau Sevcenko[332]. Para esses escritores, a escrita jornalística era superficial e “pouco qualificada”[333]. Porém, Gustavo Barroso já atuava na imprensa antes mesmo de escrever seu primeiro livro, o que nos leva a crer que para ele não deve ter sido tão difícil essa adaptação. O jornalista se tornou, então, uma “figura poderosa, temida e adulada, emergindo como agente social diferenciado”[334].

O funcionário público também se projetou nesse novo cenário. O serviço público permitiu aos membros empobrecidos da classe dominante reverter o declínio social, atuando em diversas frentes do trabalho de dominação. Segundo Miceli, o funcionalismo público

---

[328] Ibidem, posição 430 no ebook.
[329] Ibidem.
[330] Ibidem, posição 484 no ebook.
[331] LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. *Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Brasiliense, 1948, v. 2, p. 70; v.I, p. 227. Apud DE LUCA, Tania Regina; MARTINS; Ana Luiza. Op. Cit., posição 447 no ebook.
[332] SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit.
[333] DE LUCA, Tania Regina; MARTINS; Ana Luiza. Op. Cit., posição 447 no ebook.
[334] Ibidem.

tornou-se "depositário de benefícios significativos" e "acabou convertendo-se numa das bases sociais decisivas para a sustentação política do regime"[335]. Muitos intelectuais se inseriram nessa lógica de poder, ocupando esses cargos públicos. Segundo Miceli:

> Embora não se possa afirmar ter havido a monopolização, por parte da fração intelectual, de certas carreiras, constata-se, não obstante, que os intelectuais tenderam a se concentrar naqueles cargos que dispunham de padrões de vencimento elevados e de uma série de regalias e vantagens na hierarquia burocrática, com exceção de alguns poucos especialistas que começaram suas carreiras ocupando as posições típicas de pequeno funcionário. (...) conseguiram se inserir nos espaços privilegiados do serviço público, plenamente entrosados com os expedientes usuais de apropriação de cargos, comissões extras e prebendas que a estrutura patrimonialista de poder punha ao seu alcance[336].

Gustavo Barroso já se encontrava em um cargo público antes do governo Vargas, quando se concretizam essas mudanças. Porém, como vimos, ele usou largamente seus contatos pessoais, e fez novos contatos com políticos influentes, para alcançar privilégios. Lembramos que foi através do seu contato com Epitácio Pessoa que conseguiu fundar e dirigir o MHN. O que acontece da década de 1930 em diante é o fortalecimento dessa lógica de poder, da qual Barroso também se aproveitaria, como vimos, para levar a cabo seus projetos patrimoniais, ainda que fosse crítico ao governo. Assim, vemos como ele era um intelectual do seu tempo, inserido no contexto de sua época, buscando aproveitar o capital simbólico que possuía para realizar seus projetos pessoais e também se projetar socialmente.

Seja no funcionalismo público ou no trabalho intelectual, "o traço mais característico da contribuição dessa elite intelectual e burocrática reside nas diversas frentes em que se desdobrava sua atuação política e cultural"[337]. Ou seja, fosse qual fosse o cargo oficial, eles atuavam em outros campos também. Tanto que Barroso atuou, posteriormente, escrevendo livros de cunho histórico, ampliando seu trabalho nesse sentido iniciado no MHN, como veremos nos próximos capítulos. Intelectual imortal da ABL, jornalista, escritor, folclorista, diretor do MHN, idealizador e professor do Curso de Museus, historiador... Tais foram as frentes nas quais atuou.

Segundo Miceli, com essa atuação, esses intelectuais obtinham ganhos materiais e simbólicos, incluindo-se indicações para a ABL e o IHGB, que voltaram a ter prestígio nesse período. Barroso conseguiu ser membro da ABL após várias tentativas, o que também ocorreu

[335] MICELI, Sérgio. Op. Cit., p. 200.
[336] Ibidem, pp. 208-209.
[337] Ibidem, p. 210.

em relação ao IHGB. Segundo Aline Montenegro, mesmo após entrar para a ABL, Barroso não se contentou:

> Dando continuidade ao seu projeto de alcançar cada vez mais distinção e reconhecimento, assim como legitimidade para sua prática letrada, Barroso não se contentou com o título de imortal. Título este que passou a acompanhar sua assinatura em livros e trabalhos para a imprensa. Buscou inserir-se nos demais institutos de intelectuais do Brasil e do exterior. Foi assim que se elegeu membro honorário-estrangeiro da Royal Society of Literature de Londres, também em 1923. Desejava ingressar também no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para o qual se candidatou em 1921 (...)[338].

Para tanto, Barroso chegou a enviar duas cartas ao Conde Afonso Celso, então presidente do Instituto, pedindo claramente que este lhe abrisse as portas da associação da qual desejava "há muito" participar[339]. Dessa forma, essa carta demonstra, para Montenegro, qual era o projeto intelectual de Gustavo Barroso: "Ingressar no IHGB como sócio efetivo era uma forma de ter legitimada sua atuação no universo intelectual. Não apenas no campo das letras, da literatura, mas também no âmbito de um saber específico: a História"[340]. Seria a partir de então que ele começaria a escrever livros nessa área, na tentativa de ingressar para o IHGB e obter reconhecido intelectual. Em 1921, sua carta para o Conde Afonso Celso é lida, como está registrada na ata da sessão de 20 de julho daquele ano. Porém, sua candidatura não foi aceita. Aline Montenegro levanta uma hipótese:

> (...) o fato de não ter, até então, nenhuma obra considerada histórica impedia sua entrada na agremiação, pois os sócios do Instituto não o reconheciam como historiador. Essa hipótese sustenta-se no fato de, após o veto de sua entrada no IHGB, Barroso ter se dedicado a escrever obras de história militar, diversificando um pouco sua produção folclorista, segundo consta, com base em uma orientação dada por seu amigo Luis da Câmara Cascudo[341].

É então que ele publica seus livros sobre a Guerra Grande (1839-1851) e a Guerra do Paraguai (1864-1870): *A Guerra do Lopez*, *A Guerra do Flores*, *A Guerra do Rosas*, *A Guerra de Artigas* e *Brasil em face do Prata*. Barroso, inclusive, entra em uma querela com o historiador argentino Manuel Gálvez, em razão da história da região, defendendo a atuação militar brasileira e, claro, o governo monárquico. Sobre essas obras e a discussão com Gálvez, Montenegro diz que:

---

[338] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 84.
[339] Ibidem.
[340] Ibidem, p. 85.
[341] Ibidem.

> Os referidos volumes não eram propriamente históricos segundo os cânones disciplinares vigentes à época. Tratavam-se de obras de literatura histórica estruturadas em contos sobre os episódios considerados marcantes. Entretanto, Barroso fazia questão de pautar sua literatura em "documentação insofismável", o que lhe dava meios não só de escrever sobre o passado, mas também de criticar e "corrigir" outros escritos sobre o mesmo, como fez com Gálvez. Talvez por remeterem a episódios valorizados à época, ou por se basearem em pesquisa documental, as obras foram elogiadas e Barroso deixou de ser referido apenas como folclorista, passando a ser reconhecido também como historiador[342].

O reconhecimento do IHGB viria somente em 1931, já no governo Vargas. Segundo Montenegro, comparado à sua entrada na ABL, o ingresso no IHGB obteve pouca repercussão na imprensa. Porém, o ganho simbólico foi inegável, já que ocorreu justamente neste período em que o Instituto voltava a ser um espaço privilegiado da intelectualidade brasileira, como destacou Miceli. Para a autora, esse acontecimento "consolida sua entrada no rol dos principais intelectuais da República das Letras. Por esse prisma é possível inferir que Barroso obteve relativo sucesso no intento que o levou a migrar para o Rio de Janeiro"[343]. Assim, ele passou a integrar as principais instituições intelectuais do país, o que para ele era um grande ganho simbólico. Podemos observar a importância que conferia ao fato ao assinar seus livros e artigos como "membro da Academia Brasileira de Letras".

Uma vez nessas associações ou cargos, esses intelectuais ali permaneciam o mais que podiam, usufruindo de seus ganhos. Barroso, por exemplo, permaneceu no cargo de diretor do MHN por 33 anos. Segundo Miceli:

> Tirante um pequeno contingente de letrados que firmaram sua reputação intelectual no âmbito de seus respectivos estados, onde por vezes ocuparam cargos de relevo nas instâncias locais de representação do poder central, inúmeros intelectuais tenderam a monopolizar aqueles cargos em cujo desempenho podiam fazer valer, em alguma medida, seu cabedal de saber especializado[344].

Embora Barroso tenha obtido o cargo no Museu em período anterior ao tratado por Miceli, acabou por usufruir das relações trazidas pelo novo contexto, dentre as quais essa estabilidade do serviço público, que o permitiu permanecer no cargo por tantos anos. Segundo o autor:

> (...) instaura-se uma situação de dependência material e institucional que passa a moldar as relações que as clientelas intelectuais mantêm com o poder público, cujos subsídios sustentam as iniciativas na área de produção cultural, colocam os

[342] Ibidem, p. 86.
[343] Ibidem, p. 88.
[344] MICELI, Sérgio. Op. Cit., p. 213.

> intelectuais a salvo das oscilações de prestígio, imunes às sanções de mercado, e definem o volume de ganhos de parte a parte[345].

Dessa forma, esses intelectuais "acabam negociando a perspectiva de levar a cabo uma obra pessoal em troca da colaboração que oferecem ao trabalho de 'construção institucional ' em curso"[346]. Porém, eles não assumem claramente essa ligação com o Estado e, segundo o autor, recorrem a "justificações idealistas"[347] para relativizar as influências e trocas recíprocas de ambos os lados. Assim, eles se colocam como "porta-vozes" da sociedade, declarando que serviam a ela, através de obras de cunho nacionalista, e não ao Estado.

Segundo Aline Montenegro, Barroso se utilizava também da imprensa para obter cargos e manter contatos políticos. Nas páginas dos jornais e revistas nas quais publicava seus textos, Barroso elogiava e projetava personalidades políticas, recebendo algumas benesses em troca, como quando se tornou secretário da Comissão do Brasil no Congresso Internacional de Jurisconsultos, meses após elogiar Epitácio Pessoa em um artigo. Este, que era representante do Brasil na dita Comissão, convidou-o para compô-la em 1927. Lembrando que não era a primeira vez que os dois participavam de eventos do tipo, já que em 1919 Barroso também havia acompanhado Pessoa na delegação brasileira para a Conferência de Paz de Paris. Para a autora:

> Certamente, a conquista de postos como este se devia ao tipo de relação que Barroso estabelecia com os políticos, tendo a imprensa como grande instrumento para acúmulo de capital simbólico. Com sua pena, projetava políticos e acabava se projetando em espaços cobiçados, como uma representação diplomática, numa clara relação de "troca de presentes", onde os elogios eram retribuídos com amizades, indicações e condecorações[348].

Segundo a autora, era dessa forma que Barroso formava suas redes de sociabilidade e adquiria capital simbólico, o que lhe proporcionava cargos, condecorações e reconhecimento. Isto influenciava diretamente seus escritos e suas relações com o poder estatal:

> Suas escolhas e seus posicionamentos frente aos seus projetos interferiam diretamente na pauta da revista que dirigia, ditando as matérias, os tipos de escritos, os personagens a serem elogiados etc. (...) Era nesse ambiente que Barroso conseguia aproximação com os cargos políticos e com a administração estatal[349].

---

[345] Ibidem, p. 215.
[346] Ibidem, p. 216.
[347] Ibidem.
[348] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 111.
[349] Ibidem, p. 112.

Aline Montenegro destaca que Barroso também elogiava Washington Luís em seus escritos e que apoiou a representação paulista nas eleições de 1930, o que o fez perder o posto de diretor do MHN após o golpe de Vargas e sua instalação no poder, retornando ao posto apenas em 1932. Sobre essa questão, Miceli esclarece:

> A exemplo do que vinha ocorrendo em outras esferas da máquina federal, a cooptação desses intelectuais não obedeceu a requisitos de ordem doutrinária, sendo inviável deslindar princípios de recrutamento alheios ao predomínio do estamento burocrático. Atuando em nome de seus interesses próprios e manejando os recursos políticos que o comando da máquina governamental lhe oferece, essa camada burocrática passa a acolher indivíduos que pouco antes se haviam filiado a movimentos e a forças políticas concorrentes[350].

Segundo Miceli, nesse período quase todas as vertentes ideológicas foram contempladas nesse processo de "expansão do aparelhamento estatal": "militantes em organizações de esquerda, quadros da cúpula integralista, porta-vozes da reação católica, figuras pertencentes à intelectualidade tradicional e os praticantes das novas especialidades"[351]. Portanto, para o governo não importava a orientação política do indivíduo, mas levar adiante essa expansão estatal, concedendo as benesses que esses intelectuais desejavam, em um movimento de trocas de interesses. Vimos anteriormente como Gustavo Barroso serviu a esse interesse governamental a partir do trabalho no MHN e da escrita da história do Brasil, por um viés conservador. Aprofundaremos essa questão nos próximos capítulos.

Nesse período, como já mencionado, Barroso se envolveu na militância integralista, o que, como pudemos ver, não afetou suas relações com o governo. Assim como ocorreu com os outros integralistas, pois "os ganhos profissionais de maior vulto favoreceram os quadros a serviço do movimento integralista e da reação católica, a cujos apelos foi sensível toda uma geração de bacharéis que se viu na iminência de engrossar a fileira dos 'sem trabalho 'da política (...)"[352]. Ainda segundo Miceli, os autores inspirados nas influências deterministas europeias, como Ratzel, Gobineau, etc, chamados de "pensadores autoritários" pelo autor, assim como os educadores profissionais, foram os únicos componentes intelectuais da elite burocrática que foram mobilizados por seu saber especializado em suas áreas. Dessa forma, acreditamos que Barroso foi contemplado com o mecenato governamental não por ser integralista, mas por sua atuação na área de história e museologia, pois, como vimos, ele era

[350] MICELI, Sérgio. Op. Cit., p. 218.
[351] Ibidem.
[352] Ibidem, pp. 218-219.

reconhecido como historiador, escrevendo sobre temas de história do Brasil e militar e atuando no MHN.

2.2 **Redes de sociabilidade, campo intelectual e busca por reconhecimento**

Como vimos no capítulo anterior, Gustavo Barroso chegou ao Rio de Janeiro em 1910, estreando no mundo das letras em 1912 com o livro *Terra de Sol*. Vimos também um pouco do contexto da época e pudemos observar parte da rede de sociabilidade que ele formou já nesses primeiros anos na capital federal. Mencionamos os contatos feitos para obter o primeiro emprego, pra entrar no mundo intelectual e letrado e divulgar seu livro de estreia, no salão de Coelho Neto; o contato com Epitácio Pessoa, que lhe possibilitou a ida à Conferência de Paz de Versalhes como Secretário da delegação brasileira, além de seu cargo de diretor no Museu Histórico Nacional, entre outros. Porém, como destaca Aline Montenegro, se torna bastante difícil rastrear as redes de sociabilidade de Gustavo Barroso em razão da imagem que ele mesmo criou para si de intelectual independente, que fez carreira por si mesmo, sem precisar da ajuda de terceiros. Assim, quando analisamos a documentação de sua Hemeroteca, em parte criada por ele mesmo, e formada basicamente por recortes de suas publicações em jornais e revistas, não vemos muitos indícios dessa rede. Até mesmo em suas autobiografias, Barroso não fala muito sobre o assunto e quando fala é ressaltando essa imagem que já destacamos.

No entanto, ao analisar os documentos da Hemeroteca Gustavo Barroso, no site da Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional[353], encontramos também, além dos recortes de suas próprias publicações, artigos de outros intelectuais e escritores sobre Barroso e suas obras. Artigos publicados em jornais de diversas partes do Brasil, inclusive. Contudo, como este trabalho tem por objetivo analisar o olhar de Gustavo Barroso sobre o Nordeste, em especial sobre o Ceará, consideramos importante também perceber o olhar desta região e do Ceará sobre Barroso e suas publicações. Como eles viam o trabalho de Barroso? Como o enxergavam enquanto intelectual? Concordavam com tudo o que ele dizia e fazia? São essas questões, assim como a postura de Gustavo Barroso diante do que defendia e do que

[353] Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional: http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=Gustavo%20Barroso&pagfis=27030 Acesso em: 01/03/2021.

acreditava, que buscamos entender nesse capítulo. Para isso, utilizamos também como fontes recortes de jornais com notícias sobre Barroso presentes no Arquivo da Academia Brasileira de Letras. Nesses recortes, foram encontrados muitos artigos e notícias de jornais cearenses sobre Gustavo Barroso que consideramos relevantes para esse estudo.

Angela de Castro Gomes[354] nos auxilia a entender o contexto intelectual do Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930:

> O Rio de Janeiro convivia, desde fins do século XIX, com duas presenças fundamentais em termos de referências para o mundo intelectual: a Academia Brasileira de Letras e o "grupo boêmio" da rua do Ouvidor. Tais referências, embora possam parecer excludentes e basicamente conflitantes, não o eram, havendo coabitação e complementaridade entre elas. A terceira presença data dos anos 20 e relaciona-se com o forte e militante movimento católico que se organiza na cidade sob os auspícios de dom Sebastião Leme. (...) Academia, boemia e catolicidade – esta última materializada e potencializada posteriormente pela figura do crítico literário Tristão de Ataíde – conjugam-se, não sem tensões, neste mundo intelectual das décadas de 20 e 30[355].

Podemos dizer que essas referências conviviam também no próprio Gustavo Barroso. Como todo intelectual desse período, ele também frequentou a Rua do Ouvidor, principalmente na fase inicial de sua carreira, quando ainda buscava fazer contatos e se tornar conhecido, pois era ali que todos os escritores que já eram reconhecidos circulavam, conversavam e travavam amizades. A Confeitaria Colombo, por exemplo, era um dos locais que ele frequentava. Segundo Aline Montenegro: "Bilac não foi o único a ser procurado por Barroso, que buscou se inserir na República das letras frequentando as rodas literárias, os cafés, os salões e as revistas da Capital. Brito Broca, ao comentar sobre os frequentadores da Confeitaria Colombo, relata que Gustavo Barroso andava por lá sempre 'muito elegante, de polainas e luvas'"[356].

Gustavo Barroso, como sabemos, também era membro da Academia Brasileira de Letras, onde ingressou em 1923, e era um intelectual católico bastante conservador. Estes eram dois aspectos que ele gostava de ressaltar. Inclusive publicava muitos artigos de cunho religioso, escrevendo livros com essa temática, como o *Livro dos Milagres* (1924), por exemplo, no qual escreveu crônicas da vida de santos e personagens da história do Cristianismo. Defensor das tradições, se opunha ao que era moderno e via como ameaça as mudanças que este pudesse trazer. Segundo Aline Montenegro, havia um sentimento de perda

---

[354] GOMES, Angela de Castro. "Essa gente do Rio". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, pp. 62-77.
[355] Ibidem, pp. 63-64.
[356] MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da guerra perdida*... Op. Cit., p. 31.

diante das transformações da modernidade que também afetou Barroso, conforme já destacamos. Daí deriva sua atitude preservacionista, demonstrada na atuação no MHN e em seu trabalho de preservação dos monumentos de Ouro Preto, frente à Inspetoria de Monumentos Nacionais. Ele também criticou o Modernismo ao aderir ao movimento Neocolonial, que valorizava o passado colonial, adaptando-o à contemporaneidade. A autora destaca que, embora Barroso fosse um "homem da modernidade", ou seja, situado nesse período histórico, ele sempre se colocou ao "lado da tradição e das continuidades com o passado"[357]. Ou seja, mesmo estando inserido na sociedade de sua época, uma sociedade burguesa, ele "se identificava com o *ethos* aristocrático, desejando reinventá-lo no seu presente"[358]. Foi o que ele tentou fazer no MHN, e também na Inspetoria de Monumentos Nacionais. Agindo assim, à frente dessas instituições e projetos, segundo Montenegro, "tomou para si a 'missão 'de identificar a verdadeira nacionalidade, posicionando-se entre o 'povo', com seus estudos sobre o folclore, e o 'Estado', com a valorização da História do Brasil, de forte caráter político"[359]. Nesse projeto de nação, o Norte aparecia como a região onde as verdadeiras tradições nacionais ainda estavam preservadas, longe do contato com o que era considerado estrangeiro.

Porém, para Barroso, a valorização e preservação da História do Brasil passava pela valorização do *ethos* aristocrático presente na sociedade brasileira. E isso ele faria a partir do seu trabalho no Museu Histórico Nacional, com a coleta de objetos representativos dessa aristocracia. Regina Abreu, ao tratar em seu livro[360] da Coleção Miguel Calmon doada ao MHN, ressalta essa questão. A autora comenta as intenções tanto por trás da doação dos objetos pessoais de Calmon por sua viúva Alice da Porciúncula, quanto do recebimento desses objetos pelo Museu, representado por Barroso, seu diretor. Sobre os objetos doados, Regina Abreu considera:

> Esses objetos vinham circulando durante séculos no interior da nobreza, selando alianças e reafirmando identidades. Ao ingressar no museu, em vez de se imobilizar, eles continuavam ativos, servindo para a perene legitimação dos valores desse segmento. Em outras palavras, por meio da preservação de objetos evocativos, imortalizava-se a própria nobreza brasileira no contexto do Museu Histórico Nacional. No museu, enquanto espaço destinado a uma representação da história nacional, a nobreza, por meio da exposição de seus objetos, estaria numa posição de destaque e prestígio[361].

[357] Ibidem, p. 97.
[358] Ibidem.
[359] Ibidem.
[360] ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.
[361] Ibidem, p. 59.

O Museu Histórico Nacional foi criado durante as comemorações do centenário da independência do Brasil, em 1922, pelo então presidente Epitácio Pessoa. Esse foi um período em que a própria cidade do Rio de Janeiro passou por diversas obras no sentido de se "modernizar", de acordo com o pensamento das classes dirigentes da época. O próprio ato de criar um Museu de História Nacional fazia parte de um culto à nacionalidade também em voga no período. Segundo Regina Abreu:

> No contexto das exposições universais, a história nacional representava um componente valorizado. Os países que promoviam as mostras geralmente elegiam e celebravam efemérides de suas respectivas histórias nacionais. O historicismo representava a busca de legitimidade para a ideologia do progresso. Mediante os conceitos de civilização e progresso difundia-se a crença numa história geral da humanidade[362].

Dessa forma, um museu de história nacional serviria a esse ideal também aqui no Brasil. Os intelectuais e membros da classe dirigente absorviam esses ideais e desejavam aplicá-los à sua realidade. Ainda de acordo com Regina Abreu: "Não eram poucos os intelectuais que, nesse período, atribuíam à história o papel de pedagoga de uma nacionalidade. Acreditavam que o grau de cultura e coesão nacional de um povo podia ser medido pela intensidade do culto a datas históricas e vultos notáveis"[363]. Assim, Gustavo Barroso também não estava alheio à sua época, mas inserido nesse contexto onde o culto da nacionalidade significava inserir-se no rol da civilização mundial. Outros intelectuais também já haviam debatido esse tema na imprensa, mas Barroso lançou uma verdadeira campanha em prol da criação de um museu nacional, através dos jornais para os quais escrevia.

Porém, outros fatores contribuíram para que o Museu fosse criado naquele momento, já que Barroso abordava o tema há um certo tempo na imprensa. Como dissemos, esse era o contexto do centenário da independência e nada melhor para ressaltar o valor da história do Brasil do que criar um museu em um marco comemorativo como esse. Havia também o culto à nacionalidade, que o governo republicano buscava resgatar nesse momento, e "o Museu Histórico Nacional, situado numa área histórica do país, parecia ser o local adequado para preservar os documentos e os objetos capazes de evocar o passado nacional"[364]. Porém, segundo Abreu, outro motivo para a criação do Museu estaria relacionado à derrubada do Morro do Castelo. Segundo a autora:

---

[362] Ibidem, p. 160.
[363] Ibidem.
[364] Ibidem, p. 161.

> Apesar de resquício de um passado colonial que se queria ocultar, o Morro do Castelo representava, também, o berço da ocupação da cidade. Sua derrubada provocou acirradas polêmicas. A destruição de um dos monumentos vivos da memória nacional levantava a suspeita de que os brasileiros eram pouco apegados à própria história. A criação de uma casa-memória para a moderna nação brasileira ao final da Exposição do Centenário sinalizava para uma tentativa do governo federal de se redimir perante a opinião pública[365].

Porém, mesmo diante desses diferentes aspectos, tudo parecia convergir para o objetivo principal de existir um local delimitado para o culto da nacionalidade brasileira, representada por sua história, ou seja, seu passado. Foi nesse sentido que Barroso empreendeu sua propaganda em prol do que chamava "Culto da Saudade", defendendo a necessidade brasileira de cultuar suas tradições e seu passado histórico, como ocorria nos outros países considerados desenvolvidos. Na revista *Selecta* de 9 de junho de 1917, encontramos um artigo de Barroso, fruto de uma conferência proferida por ele no Clube Militar, no Rio de Janeiro, sobre os Dragões da Independência. No artigo, ele fala sobre o culto às tradições e a importância da história para a nacionalidade:

> (...) Sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não pode haver nacionalidade. Não se ama sua patria sem amar sua historia. A alma nacional só se pode affirmar com a continuidade historica. Ensinemos o nosso povo a bem querer as nossas coisas. Incutamos-lhe a religião do passado, a que nenhuma nação jamais faltou, porque ella é a sua propria alma. Restauremos, com esse alevantado fim, no nosso exército, o prestigio da tradição[366].

Em um artigo do *Jornal do Commercio*, de 07 de julho de 1917, sobre o novo livro de Barroso, *Ideias e Palavras*, é dito que ele reivindicava um museu militar para o Brasil:

> (...) Ha assim no livro artigos sobre assumptos diversos. Ha fantasias sobre as lendas, chronicas sobre modernismos, estudos acerca da necessidade do culto das tradições, de um museu militar e do resurgimento dos dragões da independencia. (...) O capitulo sobre a tradição é magnifico de evocações patrioticas. O Sr. Gustavo Barroso pede a formação de um grande museu militar, mesmo porque muitos dos nossos tropheos estão desapparecendo[367].

Vemos que Barroso buscava, a princípio, a valorização da história militar, e por meio dela do nacionalismo, através de um museu que cultuasse essas ideias. Percebe-se então que ele não só escrevia sobre isso na imprensa, como também em seus livros, que eram resenhados e comentados posteriormente nos jornais. Encontramos outro exemplo no *Diário*

---

[365] Ibidem, pp. 162-163.
[366] BARROSO, Gustavo. "Os dragões da independência". *Selecta*, 9 de junho de 1917. Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[367] *Jornal do Commercio*, 7 de julho de 1917. Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

Popular, jornal paulista, de 6 de agosto de 1917, onde há uma crítica também ao livro *Ideias e Palavras*, assinada por L. M., que destaca o nacionalismo presente na obra: "Nos assumptos historicos, João do Norte, cultiva o nacionalismo, os seus sentimentos são devotados ao culto do nosso passado militar e civico, eis porque nas paginas sobre a fundação do Museu Militar, nas da Saudade, nas Tradicções esta concepção é bastante nitida". O autor ainda destaca que Barroso lamentava que o país não valorizasse as "coisas do passado", e que seria importante "procurar reliquias e guardal-as com carinho"[368], o que, de fato, ele fez posteriormente no Museu Histórico Nacional. O museu não era totalmente militar, mas esse aspecto foi bastante valorizado nas figuras de personalidades da história do Brasil por ele consideradas importantes por sua contribuição à pátria, como Caxias, por exemplo.

No âmbito do museu, os objetos traziam uma carga simbólica que reafirmava esses ideais de tradição, hierarquia e nobreza, baseados na origem familiar, que seriam preservados através das gerações. Segundo Aline Montenegro, "os patronos eram imortalizados no espaço museológico em troca do enriquecimento patrimonial da instituição e da adesão das elites ao projeto de construção simbólica da nação levado a cabo por Gustavo Barroso no MHN"[369]. Era uma troca simbólica mútua, onde o doador recebia o reconhecimento de ter seus objetos ou de sua família naquele ambiente de consagração social, e o próprio Barroso colhia os frutos simbólicos de estar formando um acervo importante para o Museu. A autora também considera que o próprio Barroso se inseriu nesse culto da saudade e dos grandes personagens da História, já que houve doações de sua família para o museu. Esses objetos, ao serem expostos, segundo ela, "não apenas remetem à personalidade e trajetória pessoal de quem os possuiu, mas ficam suscetíveis ao recebimento de outros sentidos construídos no processo de escrita da história do museu"[370]. Além disso, para ela fica claro que "Barroso se sentia inserido na história dos homens distintos, contada nas galerias de exposição. Sua ascendência já apontaria para sua distinção, pois vinha de um militar, que teve atuação considerada relevante no Ceará do período colonial"[371].

Barroso valorizava muito questões como a origem familiar e a genealogia, inclusive a sua própria. Segundo Regina Abreu, ele "citava seus avós paternos como homens de 'prestígio e fidalguia', cujos nomes 'projetavam-se no cenário provincial e no cenário nacional, nas letras, na política e nas armas'. Assinalava que a estirpe de seu avô materno 'se

[368] L.M., *Diário Popular*, SP, 6 de agosto de 1917. Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[369] MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus de uma guerra perdida*... Op. Cit., p. 71.
[370] Ibidem, p. 72.
[371] Ibidem, p. 73.

prendia à velha nobreza de Walsrode', na Alemanha"[372]. Ele incluía sua família entre os primeiros povoadores no Norte do país, ressaltando sua distinção e importância. Percebemos, então, que Barroso também possuía uma ideia de história como mestra da vida, como aquela história que serve de exemplo para as gerações. Segundo Koselleck, "ela orientou, ao longo dos séculos, a maneira como os historiadores compreenderam o seu objeto, ou até mesmo a sua produção"[373]. Este pensamento teria sido rompido a partir do século XVIII, em países como Alemanha e França, mas perdurado em países ibéricos marcados por ideias religiosas. Segundo o autor:

> A concepção herdada da Antiguidade a respeito da utilidade da historiografia permaneceu associada à experiência histórica cristã que se recortava sobre o horizonte das profecias de salvação eterna. Da mesma forma, o esquema linear das conjeturas bíblicas e de suas concretizações não ultrapassou – até Bossuet – os limites dentro dos quais é possível deixar-se instruir para o futuro a partir do passado[374].

Porém, essa concepção começa a perder força no contexto iluminista do século XVIII, a partir de uma mudança línguística ocorrida na Alemanha, quando o termo "Historie" foi substituído por "Geschichte", mudando também a forma como a história era vista:

> A palavra estrangeira que o léxico nacional tomou de empréstimo, "Historie", que significava predominantemente o relato, a narrativa de algo acontecido, designando especialmente as ciências históricas, foi sendo visivelmente preterida em favor da palavra "Geschichte". O abandono do termo "Historie" e o subsequente emprego de "Geschichte" completou-se por volta de 1750 (...). "Geschichte" significou originalmente o acontecimento em si ou, respectivamente, uma série de ações cometidas ou sofridas. (...) O termo "Geschichte" fortaleceu-se, ao passo que "Historie" foi excluído do uso geral[375].

Assim, a história passou a ser associada aos fatos, mais que ao relato. Passou a não mais ser vista como exemplo, mas como a apresentação dos acontecimentos, com um caráter coletivo e singular. Segundo o autor, a ideia de coletivo singular, presente na palavra "Geschichte" se desenvolveu no mesmo período do advento das singularizações, presentes também na Revolução Francesa. Esta, segundo Koselleck, "colocou em evidência o conceito de história [Geschichte] da escola alemã. Tanto um quanto o outro foram responsáveis pela

---

[372] ABREU, Regina. Op. Cit., p. 169.
[373] KOSELLECK, Reinhart. "Historia Magistra Vitae: sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento". In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 42.
[374] Ibidem, p. 44.
[375] Ibidem, p. 48.

erosão dos modelos do passado, embora aparentemente os estivessem acolhendo"[376]. Assim, a história deixa de ser vista como ensinamento, para adquirir um aspecto de reflexão. Porém, segundo Ana Paula Barcelos[377], mesmo com essas mudanças, no Brasil a história permanecia como mestra da vida. Ao analisar a escrita da história no Brasil e na Argentina, a autora percebe haver uma conjugação entre tradição e modernidade no início do século XX, que levava os historiadores a buscarem inovações, mas também a continuarem em seguindo a concepção tradicional de história como mestra da vida:

> Para estes historiadores, ligados à produção de uma história pretendidamente oficial, moderno era conjugar tradição e modernidade; história que ensina através de exemplos, mas que também deve ser esquecida em alguns pontos e reinterpretada em outros. História que, mesmo trazendo em seu bojo muito de uma concepção de mestra da vida, precisa de objetividade, documentos e crítica das fontes neste período de profissionalização e busca de cientificidade. Serve, assim, à unidade e à coesão social. Afinal, estas tensões historiográficas são inerentes a um contexto conflituado e marcado pela imigração, pelo encontro de diferentes valores sociais, e, nas décadas de 1920 e 1930 em ambos os países, por governos autoritários e pela recuperação das relações entre Igreja e Estado (…)[378].

Dessa forma, os historiadores do período buscavam conjugar modernidade e tradição. Muito disso vinha da influência religiosa, pois a maioria desses intelectuais eram católicos. Segundo Ana Paula Barcelos, eles ainda estavam:

> Muito vinculados à identificação direta entre presente, passado e futuro, ou seja, a uma visão de tempo religiosa. (...) para eles, a história ensina e, mesmo que não possa ser repetida, deve fornecer subsídios para o presente e o futuro das nações ibero-americanas em formação. Daí que, para estes indivíduos oriundos de sociedades ibéricas, a história permaneça em grande medida a mestra da vida. Nestas sociedades, ainda marcadamente religiosas, os vínculos entre história e religião são muitos. A busca de um passado fundador ibérico que gere união entre ex-colônias e ex-metrópoles, base da ideia de ibero-americanismo, encontra raízes numa noção de tempo religiosa que disputa espaço com uma ideia de história como progresso. Esse conflito se torna evidente no início do século XX quando a inserção destes países na modernidade, contrapõe, política e ideologicamente, visões mais progressistas e outras mais tradicionais e conservadoras[379].

Em relação a Gustavo Barroso, essa visão tradicionalista, conservadora, hierárquica e nobiliárquica da história já estava presente em seus estudos sobre folclore, como vimos no primeiro capítulo, e iria posteriormente influenciar suas concepções políticas, como veremos nos próximos capítulos. Segundo Angela de Castro Gomes, as tradições intelectuais possuem

---

[376] Ibidem, p. 52.
[377] SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. *Diálogos sobre a escrita da história: ibero-americanismo, catolicismo, (des)qualificação e alteridade no Brasil e na Argentina (1910-1940).* Tese de doutorado. Niterói: UFF, 2010.
[378] Ibidem, p. 37.
[379] Ibidem, p. 38.

dimensões simbólicas e organizacionais: “elas se ‘institucionalizam ’em uma variedade de *loci* de diferentes naturezas”[380]. Assim, a autora se utiliza dos termos “rede” e “sociabilidade” para se referir a esses meios ocupados pelos intelectuais e suas relações entre si. Gomes trata a sociabilidade como “um conjunto de formas de conviver com os pares, como um ‘domínio intermediário ’entre a família e a comunidade cívica obrigatória”[381]. Portanto, utilizar a noção de intelectual e analisar sua sociabilidade nos traz um duplo sentido para a análise: em primeiro lugar, as “estruturas organizacionais”, contidas na “ideia de rede”, que configuram os locais de “aprendizagem e trocas intelectuais”[382], como os cafés, salões, editoras, jornais, academias letradas, etc. A segunda ideia está contida nas redes formadas por esses intelectuais, sendo o espaço simbólico, “afetivo”[383], onde se travam as relações de amizade ou rivalidade.

Para Carlos Altamirano, o espaço característico dos intelectuais é a cidade: “La condición urbana define igualmente el tipo de cultura en que ellos se forman, una cultura de patrón europeo occidental que, desde la conquista y la colonización ibéricas, tiene su sede y sus focos de irradiación en las ciudades”[384]. Como vimos, o Rio de Janeiro vinha sendo modificado para se inserir nesse padrão europeu ocidental moderno. Altamirano destaca que nem sempre houve um grande desenvolvimento intelectual nas cidades latino-americanas, mas, a partir do século XX, esse quadro começa a se ampliar, devido ao aumento demográfico, das cidades, dos sistemas de ensino e da educação superior. Isto ocorre principalmente nas décadas de 1960 e 1970, com um aumento massivo de estudantes e “diplomados”[385].

Segundo Altamirano, “este crecimiento continuado amplió el universo de donde se reclutan los intelectuales, mejor dicho, de quienes son social y culturalmente percibidos como tales, un reconocimiento que no se extiende por igual a todos los que ejercen funciones y labores intelectuales en la vida social”[386]. No entanto, nem todos os intelectuais estão no centro, no foco de atenção, ou próximos a ele. Altamirano explica que esse campo intelectual seria estratificado, de modo que a autoridade não se encontra igualmente distribuída, pois

[380] GOMES, Angela de Castro. Op. Cit., p. 64.
[381] Ibidem.
[382] Ibidem, p. 65.
[383] Ibidem.
[384] ALTAMIRANO, Carlos. “Introducción general”.Op. Cit., pp. 11-12.
[385] Ibidem, p. 13.
[386] Ibidem.

alguns alcançam mais atenção que outros. Assim, há aqueles que se destacam e ocupam posições importantes, que ocupam o centro, que alcançam reconhecimento.

No caso de Gustavo Barroso, houve uma mudança da suposta periferia para o centro, pois no contexto abordado o Ceará era visto como periferia, e o Rio de Janeiro, por ser capital da república, era considerado o centro do país, nos aspectos cultural e econômico. Carlo Ginzburg[387] analisa essa relação entre centro e periferia a partir do estudo da arte italiana. Para o autor, ela deve ser compreendida "na sua complexidade: geográfica, política, econômica, religiosa"[388]. Nessa visão dicotômica, o centro tende a ser visto como o local que emana poder, enquanto a periferia é vista como local de atraso. Nesse sentido, muitos intelectuais acabavam por migrar para o Rio de Janeiro para fazer carreira, o que ocorria já desde o século anterior, pois quando não era ainda capital da república o Rio de Janeiro era a corte imperial, o que também lhe conferia *status* de centro. Assim, passava a imagem de oferecer maiores oportunidades tanto na área cultural quanto econômica. No entanto, Ginzburg destaca que "o nexo centro/periferia não pode ser visto como uma relação invariável entre inovação e atraso. Trata-se, pelo contrário, de uma relação móvel, sujeita a acelerações e tensões bruscas, ligada a modificações políticas e sociais e não apenas artísticas" [389]. Ou seja, as relações entre centro e periferia não são estáticas ou pré-determinadas, mas fluidas, móveis, e podem se alterar de acordo com o contexto. Além disso, essa visão do que seja centro ou periferia também é muito norteada pelo contexto e por um referencial particular. No contexto do movimento abolicionista, por exemplo, o Ceará foi visto como centro inclusive pelos abolicionistas que atuavam no Rio, principalmente após ter sido a primeira província a abolir oficialmente seus escravos. Porém, no período em questão, no início e ao longo da primeira metade do século XX, prevalecia a ideia de que para obter esse reconhecimento o intelectual deveria atuar no que seria considerado o centro, neste caso o Rio de Janeiro. Acreditamos que essa ideia norteou a escolha de Gustavo Barroso em migrar para a capital, como veremos em suas autobiografias.

Altamirano então questiona de onde viria esse reconhecimento, já que seria da própria comunidade intelectual, mas não apenas dela. Além disso, outro dado importante que o autor também ressalta é que o intelectual não tem apenas uma audiência fixa, ou um só público, e entre si não possui apenas um critério de julgamento do que é relevante em seu meio. Logo, esse reconhecimento pode vir de diversas partes. Até mesmo o conceito de intelectual, que,

[387] GINZBURG, Carlo. "História da arte italiana". Op. Cit.
[388] Ibidem, p. 6.
[389] Ibidem, p. 37.

para ele, está ligado a uma categoria "sócio-profissional", também conjuga diferentes pessoas, de diferentes profissões, agrupadas em diferentes campos simbólicos[390]. Isto porque, para Altamirano, os intelectuais estão conectados e, a partir das conexões que formam, transmitem suas ideias e obtém reconhecimento. Para o autor:

> Los intelectuales son personas, por lo general conectados entre si en instituciones, círculos, revistas, movimientos, que tienen su arena en el campo de la cultura. Como otras élites culturales, su ocupación distintiva es producir y transmitir mensajes relativos a lo verdadero (si se prefiere: a lo que ellos creen verdadero), se trate de los valores centrales de la sociedad o del significado de su historia (...). Su medio habitual de influencia, sea la que efectivamente tienen o sea a la que aspiran, es la publicación impresa. (...) Los intelectuales se dirigen unos a otros, a veces en la forma del debate, pero el destinatario no es siempre endógeno; también suelen buscar que sus enunciados resuenen más allá del ámbito de la vida intelectual, en la arena política. Más aun, a veces quieren llegar a la sede misma del poder político[391].

Consideramos que a trajetória de Gustavo Barroso muito se assemelha a essa ideia, pois, como vimos no capítulo anterior, desde que chegou à capital, no Rio de Janeiro, buscou se inserir nas redes de sociabilidade intelectual e angariar esse reconhecimento do público e de seus pares. Vimos como ele não só transitou por esses espaços de sociabilidade como buscou realmente se inserir e fazer parte deles de forma permanente, como na Academia Brasileira de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como em diversas áreas, como o folclore, o jornalismo, a literatura regionalista, a história, a museologia e a política. Assim, conseguia o reconhecimento almejado das mais diversas formas.

Para Tzvetan Todorov, como vimos anteriormente, o homem vive em sua pele, mas "só começa a existir pelo olhar do outro"[392]. Ou seja, para ele, o reconhecimento é condição essencial para a existência humana. É através do reconhecimento do outro que existimos. O autor distingue duas formas de reconhecimento: o de conformidade e o de distinção. Neste, o indivíduo deseja ser reconhecido por ser diferente, deseja distinguir-se dos demais, seja por ser mais belo, mais forte ou mais brilhante[393]. Já o reconhecimento de conformidade explicaria a satisfação de pertencer a um grupo, pois já que não possui realizações pessoais, o indivíduo busca seguir as normas do grupo, e assim sentir a existência através dele. Outra distinção são as etapas de desenvolvimento do reconhecimento, onde a primeira demanda é o reconhecimento da existência e a segunda é a confirmação do valor[394].

---

[390] ALTAMIRANO, Carlos. Op. Cit.
[391] Ibidem, pp. 14-15.
[392] TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum*... Op. Cit., p. 87.
[393] Ibidem, p. 119.
[394] Ibidem, pp. 120-121.

Dessa forma, para Todorov, na sociedade democrática, onde não há hierarquias, não há reconhecimento de conformidade e este é buscado através do sucesso. Na sociedade tradicional, o sucesso não é desconhecido e "toma a forma de aspiração à glória, ou à honra"[395]. Assim, "muito antes de buscar a satisfação dos sentidos, os seres humanos desejam reconhecimento simbólico, e estão prontos a sacrificar sua vida, já observava Adam Smith, por uma coisa tão insignificante como uma bandeira"[396]. Percebemos muito dessa questão da busca por glórias e honrarias em Gustavo Barroso. Inclusive em sua necessidade de fazer parte de grupos, nas instituições em que se inseriu, buscando esse reconhecimento, como destaca Aline Montenegro:

> Fazer parte de instituições como a ABL significava inserir-se num grupo seleto de intelectuais reconhecidos pela sua obra. (...) Conquistar a imortalidade ao sentar-se em uma das 40 cadeiras da Academia Francesa, era fundamental para o reconhecimento do homem de letras e do valor das obras por ele produzidas. Além de constituir um portal de entrada para outras instituições culturais e alargar as redes de sociabilidade dos "mais notáveis e fecundos intelectuais", também consistia em um passaporte para que o mesmo conquistasse postos de trabalho nos principais jornais do Brasil. Em última instância, contribui também para o aumento das vendas de livros, dos convites para conferências e discursos, divulgando, cada vez mais, o acadêmico[397].

Assim, para o intelectual que buscava reconhecimento era essencial se inserir nesses espaços, como Barroso fez. Além dessa honraria advinda da posição ocupada em uma instituição letrada, ele também possuía um gosto especial por condecorações, sempre que possível levando-as ao peito em seu uniforme da ABL, o que não era comum entre os membros da Casa, que o criticavam por isso. Monteiro Lobato, embora não pertencesse à ABL, foi um dos intelectuais da época que criticaram Barroso nesse sentido:

> Minha ideia é que todas as distinções honoríficas neste mundo são latas vazias. (...) Que são as fitinhas da Legião de Honra e as comendas do Gustavo Barroso? Latas. Pois a láurea acadêmica é também uma lata com que os homens se enfeitam para ficarem diferentes dos outros (...)[398].

Alberto Faria também o criticou, em seu discurso de recepção a Barroso na ABL. Segundo Aline Montenegro:

> Faria critica a postura soberba, vaidosa e exibicionista do recém-acadêmico. Essas características depreciadoras são ainda mais criticadas ao final do discurso de

[395] Ibidem, p. 127.
[396] Ibidem, p. 128.
[397] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., pp. 74-75.
[398] LOBATO, Monteiro. "Prefácios e entrevistas". In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. v. 13. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 201.Apud MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 77.

> recepção, quando comenta o gosto que Barroso tem em estampar um sem-número de condecorações no peito. Considera que esses "enfeites" não possuem valor maior que a produção intelectual, às vezes sacrificada em função dos títulos honoríficos[399].

Assim, vemos que Gustavo Barroso se destacava de seus pares por essas práticas consideradas exageradas e arrogantes. Consideramos que essa atitude seja fruto do seu desejo por reconhecimento, ao mostrar o que já havia conquistado para que todos vissem. As medalhas de honra que usava eram a materialização dessas conquistas. Ele desejava, com isso, ampliar seu capital simbólico. Segundo Pierre Bourdieu:

> Os símbolos são os instrumentos por excelência da "integração social": enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...), eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração "lógica" é a condição da integração "moral" [grifo no original][400].

Assim, esse capital simbólico era utilizado como forma de inserção social. No caso dos intelectuais, era constituído pelos ganhos simbólicos obtidos em seu campo de atuação, como as vagas em Academias e Institutos, medalhas, honrarias e homenagens, monumentos e cargos públicos. Possuindo esse capital se inseriam nesse mundo social e reproduziam sua ordem. Para esses intelectuais, era necessário não só se inserir nessa lógica social, como também no seu campo específico, que é o campo intelectual. Sobre isto, Bourdieu diz que:

> Para que seja possível romper com a problemática tradicional (...) a condição básica consiste em constituir o campo intelectual (por maior que seja sua autonomia, ele é determinado em sua estrutura e em sua função pela posição que ocupa no interior do campo de poder) como sistema de posições predeterminadas abrangendo, assim como os postos de um mercado de trabalho, classes de agentes providos de propriedades (socialmente constituídas) de um tipo determinado[401].

Dessa forma, estando inserido neste campo, o intelectual sofre suas influências. Assim, suas ações e escolhas partem do desejo de se inserir em seu campo e ali obter o reconhecimento desejado. Por isso, segundo Bourdieu, é importante analisar o intelectual inserido em seu campo específico:

> Tal passo é necessário para que se possa indagar não como tal escritor chegou a ser o que é, mas o que as diferentes categorias de artistas e escritores de uma determinada época e sociedade deviam ser do ponto de vista do *habitus* socialmente constituído, para que lhes tivesse sido possível ocupar as posições que lhes eram oferecidas por um determinado estado do campo intelectual e, ao mesmo tempo,

---

[399] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 81.
[400] BOURDIEU, Pierre. "Sobre o poder simbólico". Op. Cit., p. 10.
[401] BOURDIEU, Pierre. "Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe".Op. Cit., p. 190.

> adotar as tomadas de posição estéticas ou ideológicas objetivamente vinculadas a estas posições [grifo no original][402].

A análise assim realizada problematiza as escolhas e tomadas de posição dos intelectuais, não as tomando como algo dado ou vocacional. Suas decisões são tomadas de acordo com interesses específicos que estão relacionados ao campo no qual estão inseridos, no caso em questão o campo intelectual. Este, porém, está inserido em um campo de poder, que, para Bourdieu, também deve ser considerado: "(...) é necessário determinar previamente as funções de que se reveste este corpus no sistema de relações da concorrência e de conflito entre grupos situados em posições diferentes no interior de um campo intelectual que, por sua vez, também ocupa uma dada posição no campo de poder"[403]. Assim, se faz importante analisar as relações desses intelectuais com as classes dominantes: "(...) quando se trata de explicar as propriedades específicas de um grupo de obras a informação mais importante reside na forma particular da relação que se estabelece objetivamente entre a fração dos intelectuais e artistas em seu conjunto e as diferentes frações das classes dominantes"[404]. Dessa forma, o campo intelectual e artístico estão ligados à classe dominante e, à medida que ganham importância, suas relações com esta mudam:

> À medida que o campo intelectual e artístico amplia sua autonomia, elevando-se, ao mesmo tempo, o estatuto social dos produtores de bens simbólicos, os intelectuais e os artistas tendem progressivamente a ingressar por sua própria conta, e não mais apenas por procuração ou por delegação, no jogo dos conflitos entre as frações da classe dominante[405].

Para ele, os escritores estão em uma posição de dominados, em relação à classe dominante, o que influi diretamente em sua visão e suas relações tanto com o mercado literário e artístico, como com o público:

> (...) os escritores e artistas constituem, pelo menos desde a época romântica, uma *fração dominada da classe dominante*, que, em virtude da ambiguidade estrutural de sua posição na estrutura da classe dominante, vê-se forçada a manter uma relação ambivalente tanto com as frações dominantes da classe dominante ("os burgueses") como com as classes dominadas ("o povo"), e a compor uma imagem ambígua de sua posição na sociedade e de sua função social [grifo no original][406].

Dessa forma, o autor defende que as relações entre os intelectuais e a classe dominante e o povo são ambíguas, pois sua própria posição é ambígua enquanto fração dominada da

---

[402] Ibidem.
[403] Ibidem, p. 186.
[404] Ibidem, p. 191.
[405] Ibidem.
[406] Ibidem, p. 192.

classe dominante. Assim, suas posições, visões e identificações em relação tanto a um quanto ao outro (classe dominante e povo) podem ser muitas vezes contraditórias. É o que vemos acontecer com o próprio Gustavo Barroso, que mesmo sendo cearense e sempre frisando suas experiências no sertão, se coloca em uma posição de distanciamento em relação ao sertanejo, pois não se identificava com ele. Sua identificação era com seu campo intelectual, situado no Rio de Janeiro, no qual lutou para se inserir e permanecer reproduzindo seu capital simbólico e político.

De fato, ele se tornou um intelectual bastante reconhecido em seu meio. Para analisar essa questão, utilizamos como documentação os recortes de artigos e matérias sobre ele, escritos por outros intelectuais, organizados em cadernos, a princípio, por ele mesmo, digitalizados na Biblioteca Virtual do MHN. Segundo Aline Montenegro, Barroso organizou este arquivo pessoal de 1907, quando ainda estava em Fortaleza, até 1942. A partir de 1943, a coleção continuou através de empresas especializadas. O arquivo continua até 1973, devido ao trabalho de Nair de Moraes Carvalho, conservadora do museu que trabalhou com Barroso e continuou guardando seus recortes e o que saiu na imprensa sobre ele até essa data. Porém, devido ao recorte selecionado para esta tese, analisaremos os artigos presentes nesse arquivo até 1940. Ao tratar do arquivo pessoal de Gustavo Capanema, Priscila Fraiz[407] ressalta a principal característica dos arquivos pessoais:

> Uma característica essencial dos arquivos pessoais reside na preponderância do *valor informativo* de seus documentos, isto é, seu valor de uso para fins históricos. O *valor de prova legal*, característica essencial dos documentos públicos, perde esse sentido estrito para os papéis privados. Mas, alargando o conceito, também se pode dizer que na organicidade de um arquivo pessoal, na maneira pela qual os documentos foram organizados e mantidos em seu local de origem é que reside seu valor de prova. Essa maneira atesta, por exemplo, as intenções e os sentidos emprestados pelo titular do arquivo ao uso dos documentos acumulados [grifos no original][408].

Aline Montenegro considera que ele pode ter guardado o que era publicado na imprensa sobre si mesmo e se dedicado ao trabalho de organização nas décadas de 1940 e 1950. De qualquer forma, sobre o conteúdo deste arquivo, ela ressalta que:

> Pode-se dizer que se trata de um arquivo privado sobre a vida pública, onde buscou reunir tudo que a imprensa publicou de sua autoria e sobre sua vida nas letras e na política. (...) Elogios à sua produção literária e a seus projetos políticos

[407] FRAIZ, Priscila. "Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema". In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, pp. 73-102.
[408] Ibidem, p. 77.

> compartilham o espaço dos cadernos com críticas e ataques que sofreu (...). Por essas citações é possível perceber que Barroso não se preocupava apenas em construir uma imagem positiva, como se não houvesse oposições às suas ideias e ações. Talvez fosse propósito do escritor fazer um balanço geral entre elogios e críticas que saíram na imprensa, de modo a identificar onde estaria sendo incompreendido e injustiçado. Olhando por outro prisma, seu arquivamento de si poderia estar mais preocupado com a quantidade de notícias e produções publicadas do que propriamente o conteúdo do que foi publicado. Também é possível que houvesse o interesse em identificar o espaço que ocupou na mídia impressa ao longo de sua vida. Quanto maior o espaço maior seria medida a sua importância, a sua distinção... [409]

Desta forma, consideramos que a atitude de Barroso fazia parte também do seu desejo de reconhecimento, porém um reconhecimento póstumo. Ele buscava deixar para a posteridade tudo que pudesse comprovar sua contribuição para o país nas áreas em que atuou. Inclusive o que não era tão elogioso, como as críticas que recebeu, pois também queria reforçar a imagem do intelectual incompreendido, o que esteve muito presente em suas autobiografias. Contudo, neste arquivo, nos documentos analisados, verificamos que o volume de documentos elogiosos é muito maior do que os de crítica, pois mais do que incompreendido, Barroso desejava reforçar a imagem de intelectual laborioso, que doou todo seu tempo e energia ao trabalho intelectual, servindo ao seu país por meio das letras, sem buscar nada em troca. Assim, através desses recortes guardados por ele, vemos como ele era visto por seus pares, como folclorista, especialista em "sociologia e psicologia sertaneja", como se dizia na época, e também grande conhecedor da história brasileira. Já os recortes encontrados no Arquivo da ABL destoam um pouco, pois ali percebemos um maior número de críticas, principalmente durante seu período como militante integralista, quando Barroso direcionou várias críticas aos membros daquela instituição, como veremos mais à frente.

2.3 **Reconhecimento entre os pares: a visão do outro sobre Gustavo Barroso**

Já em 1914, quando se preparava para voltar ao Ceará como Secretário do Interior, é noticiado um banquete em sua homenagem no *Jornal do Commercio*, que teria sido oferecido por seus amigos, pois "João do Norte, em poucos annos de estadia aqui no Rio *conseguio, pelos seus merecimentos literarios e pelas suas qualidades pessoaes, formar um nucleo forte de sympathias, uma porção de admiradores* que vão lamentar bastante a sua ausencia" [grifos

[409] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit, p. 248.

nossos][410]. Ou seja, vemos que ele já possuía uma rede de sociabilidade poucos anos após a chegada no Rio e como isto era atribuído a seus merecimentos literários e pessoais, como se fosse uma conquista. Entre os intelectuais que compareceram a esse banquete estavam Felix Pacheco, Otavio Tarquinio de Souza, Sebastião Sampaio, Floro Bartolomeu (partidário do padre Cícero[411], que Barroso tanto criticou) e Coelho Neto. O jornal *A República*, de Natal, também noticiou esse acontecimento, aproveitando para elogiar Barroso e o livro *Terra de Sol*:

> (...) o *brilhante jornalista* Gustavo Barroso, o João do Norte, da *Terra do Sol*, o livro das tradições sertanejas dos tempos de outrora, que vive e viverá para todo sempre no aconchego carinhoso de todas as habitações do *Norte, onde o nome do exímio escriptor é apreciado e querido como um dos melhores expoentes de nossa cultura literaria* [grifos nossos][412].

Vemos que no Norte ele também era visto como "exímio escriptor" e "brilhante jornalista". Em seus recortes encontramos artigos de todos os Estados do Norte e Nordeste, que neste período passava por uma transição e uma reconfiguração da região, como explicamos no capítulo I. Por isso, nessas primeiras décadas do século XX, vemos as nomenclaturas se mesclando nesses jornais. É muito comum também encontrar elogios a Barroso em críticas literárias de seus livros. No *Correio da Manhã* de 01 de maio de 1915 há uma nota sobre o livro *Praias e Várzeas*, lançado naquele ano, que diz:

> João do Norte é um sertanista imaginoso, com uma bella visão das coisas e dos homens. Filho do Ceará, nos seus livros o jovem escriptor não cessa de revelar um extraordinário carinho por aquellas paragens aridas e lendarias (...) O estylo de *Praias e Varzeas* é o mesmo de Terra de Sol, scintillante, vivo, marchetado, reflectindo nas suas paginas o temperamento do artista que o escreveu. E já é alguma coisa de louvavel, haver na moderna geração literaria do Brasil um novelista que se impressione fortemente com os costumes e a exhuberancia da natureza deste paiz, cheio de poetas...[413]

Aqui vemos que em 1915, quando lançava seu segundo livro – um livro de contos ambientados em parte no sertão e em parte no litoral cearense –, Barroso já era visto como sertanista. Posteriormente, ele seria considerado até mesmo sociólogo do sertão e psicólogo do sertanejo, como veremos. Percebe-se também como o fato de ser cearense já começa a ser

---

[410] *Jornal do Commercio*, 1914, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[411] Para saber mais sobre Floro Bartolomeu e o padre Cícero, ver: FACÓ, Rui. "Floro Bartolomeu e sua influência". In: *Cangaceiros e fanáticos*... Op. Cit., pp. 145-154.
[412] *A República*, Natal, 1914, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[413] *Correio da Manhã*, 01 de maio de 1915, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

levado em consideração em relação a seus escritos, influenciando-os, pois ele já teria um "carinho" especial pela região. Afinal, ele seria "filho" daquela região, ideia que seria muito usada para se referir a Barroso ao longo de sua carreira, conferindo legitimidade aos seus escritos sobre o Ceará. Vemos essa ideia também em outra crítica a *Praias e Várzeas*, na sessão "Literatura Nacional" do jornal *A Capital*, de SP, em maio de 1915:

> O moço cearense, *filho dillecto* da terra que tanto sabe amar e cujas lendas, costumes e paisagens descreve nos seus dois livros com tanto colorido e primor de linguagem, senão ultrapassal-os, será sem duvida um digno depositario da aureola de gloria conquistada pelo nosso insigne José de Alencar, Francklin Tavora, Araripe Junior e outros muitos astros de primeira grandeza que figuram na constelação das letras brasileiras e cujas obras ahi estão para attestar aos vindouros que com o nosso material, podemos construir obras de arte, de inegualavel belleza, sem precisarmos recorrer a fontes de inspiração alheias [grifo nosso][414].

Aqui já vemos Gustavo Barroso considerado como continuador do trabalho de outros intelectuais renomados do Ceará. Um filho daquela terra capaz de dar continuidade ao trabalho desses homens, que engrandeciam seu nome no restante do país. Com dois livros lançados já era considerado capaz de receber a "aureola de gloria" de um José de Alencar, Francklin Tavora e Araripe Junior; não era pouca coisa.

O jornal citado acima é de São Paulo, porém, no Ceará, Barroso também era visto como um exemplo de cearense, que levava o nome daquele estado para o restante do país e principalmente para a capital, como vemos no trecho a seguir, retirado do jornal cearense *Diário do Estado*, de 01 de maio de 1915: "(...) no Ceará temos ouvido apreciações as mais injustas sobre esse cearense, que actualmente *é um dos mais dignos representantes da nossa cultura na Capital da Republica*" [grifo nosso][415]. Em outro jornal cearense, o *Correio do Ceará*, de 11 de junho de 1915, em mais uma crítica a *Praias e Várzeas*, vemos essa mesma ideia, de que o Rio de Janeiro seria o centro intelectual do país, e ali o livro já estaria consagrado, assim como o autor:

> "Praias e Varzeas", *já recebeu a consagração e o applauso do nosso mais adiantado meio intellectual, o Rio de Janeiro*. Mas nós, cearenses, não podemos deixar de falar mais longamente sobre *uma obra, que é um dos melhores estudos sobre os costumes e a alma popular de nossa gente*, e que vae ficar na literatura brasileira como uma das melhores representações artisticas da terra da jandaia[416] [grifos nossos].

---

[414] *A Capital*, SP, maio de 1915, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[415] *Diario do Estado*, Ceará, 01 de maio de 1915, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[416] *Correio do Ceará*, 11 de junho de 1915, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

Além disso, vemos um jornal cearense referendar a suposta veracidade do livro de Barroso, em relação aos costumes e à "alma" do povo cearense, ou seja, conferindo reconhecimento aos escritos de Barroso sobre o Ceará, bem como a sua autoridade para falar sobre a região. Assim, essa era a imagem que iria prevalecer: a do intelectual capaz de falar sobre o Ceará e, em última instância, sobre o Nordeste. Ele seria visto dessa forma também na capital e seus escritos sobre a região teriam caráter de verdade, como discutimos no capítulo anterior. Com isto, o reconhecimento conferido a Gustavo Barroso era duplo: a ele próprio, enquanto intelectual com autoridade para falar sobre o Ceará, o Nordeste e o sertanejo; e aos seus escritos, apresentados como a verdade sobre a região.

No jornal *A Rua*, de 28 de dezembro de 1917, vem publicada uma carta do embaixador do Brasil em Washington, Domicio da Gama, agradecendo Gustavo Barroso por ter-lhe enviado o livro *Herois e Bandidos*. Sabemos que enviar os próprios livros para outras personalidades consistia em uma busca por reconhecimento, na medida em que os tornaria conhecidos e comentados, pois na maioria das vezes esses comentários eram publicados em jornais, como destaca Aline Montenegro [417] e como vemos neste caso. Dependendo da personalidade que comentava, era um grande reconhecimento conferido à obra e ao autor, que assim adquiria capital simbólico; além de travar relações de possíveis amizades, o que também poderia significar ganhos futuros. Segundo Bourdieu, esta prática era comum também no campo literário:

> (...) *trata-se de uma questão de poder* – o poder de publicar ou de recusar a publicação, por exemplo -, *de capital – o do autor consagrado que pode ser parcialmente transferido para a conta de um jovem escritor ainda desconhecido, por meio de um comentário elogioso ou de um prefácio*; - *aqui como em outros lugares observam-se relações de força, estratégias, interesses, etc*. (...) permanece o fato de que *essas relações de força que se impõem a todos os agentes que entram no campo – e que pesam com especial brutalidade sobre os novatos* – revestem-se de uma forma especial: de fato, *elas tem por princípio uma espécie muito particular de capital, que é simultaneamente o instrumento e o alvo das lutas de concorrência no interior do campo, a saber, o capital simbólico como capital de reconhecimento ou consagração*, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas [grifos nossos][418].

Barroso, que estava inserido não só no campo intelectual e político, mas também no campo literário, adotava essa prática com o objetivo de conseguir justamente esse capital de reconhecimento do qual fala Bourdieu. Nesse caso, eram comentários do embaixador do

[417] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 104.
[418] BOURDIEU, Pierre. "O campo intelectual: um mundo à parte". Op. Cit., p. 170.

Brasil em Washington, personalidade de grande renome que tecia elogios sobre ele e sua obra:

> Meu caro confrade. Fico-lhe muito obrigado por se ter lembrado de mim, mandando-me o seu livro dos Cangaceiros do Nordéste, que me interessou tanto que o li todo, apezar de muitas interrupções (...). O seu livro é um dos mais brasileiros que tenho lido, mais natural, mais directo, talvez mais sincero, como as historias dos contadores que acreditam em forças sobrenaturaes e mysteriosas. Tem penetração psychologica e, ao mesmo tempo, elevação admirativa. (...) Com esse cabedal, estou certo de que o Sr. não ficará nesta primeira obra. Dê-nos mais, que seja assim brasileiro, barbaro e forte e simples como a propria vida do sertão. Eu, que do Norte só conheço a doçura e a bondade, e também a fraqueza de alguns, espero que também esses traços moraes serão retratados em futuros livros[419].

Vemos mais uma vez como Barroso era visto como autoridade no assunto do sertão e de outras questões relativas a ele. Gama então pede que ele escreva mais livros sobre a região, já que o considera especialista no tema, além de elogiar outras características suas como escritor, como a "penetração psychologica" e "elevação admirativa". Da mesma forma, Barroso também recebia livros de outros escritores, como demonstra em carta remetida a J. C. Oliveira e publicada no jornal *Belem Nova*, do Pará, em 06 de junho de 1925. Nesta carta, Barroso agradece a Oliveira o livro que lhe enviou, de sua autoria, prometendo citá-lo sempre que possível. Elogia o livro e os "curiosos trabalhos" de Oliveira, agradecendo-lhe por citá-lo. Promete referir-se ao livro de Oliveira em *Através dos folklores*[420]. Ainda sobre o campo literário, Bourdieu considera que:

> (...) o campo literário é simultaneamente um campo de forças e um campo de lutas que visa transformar ou conservar a relação de forças estabelecida: cada um dos agentes investe a força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto à orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, de seu capital específico[421].

Dessa forma, ao trocar seus livros, os intelectuais do campo literário investiam no campo com o capital que já possuíam: os livros. E, assim, contribuíam para conservar essa relação de força já existente no campo, ao mesmo tempo em que aumentavam seu capital. Outro exemplo de troca de livros é uma publicação de uma foto de Barroso com o intelectual inglês Cunninghame-Graham, que vinha informando da amizade e trocas literárias entre os dois, da qual trata Aline Montenegro. Vemos aqui uma tentativa de demonstrar suas importantes relações no meio intelectual e, segundo Montenegro, pode ter sido por esses

[419] *A Rua*, 28 de dezembro de 1917, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 06, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[420] *Belem Nova*, Pará, 06 de junho de 1925, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 15, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[421] BOURDIEU, Pierre. "O campo intelectual: um mundo à parte". Op. Cit., p. 172.

contatos que ele conseguiu se eleger para a Royal Society of Literature de Londres. Barroso havia enviado o livro *Ao som da Viola* para Graham, que disse em sua carta-resposta que Barroso era "um intérprete da alma do povo", imagem que ele já buscava construir para si e reforçar para os outros. De acordo com Montenegro:

> Por essa razão selecionava entre as cartas que recebia aquelas que se referiam às qualidades que gostava de sublinhar como marcas de sua personalidade. Como o processo de construção de identidade não se realiza pelo indivíduo isolado, mas em relação com os outros, as cartas e comentários publicados davam sentido a essa identidade que se formava na interação com os pares e, consequentemente, com os leitores. Reforçava a maneira pela qual Barroso se via e desejava ser visto. Com o mesmo propósito de reafirmar-se como homem de letras consagrado, a partir do olhar do outro, abria espaço nas páginas de *Fon-Fon* para que os críticos elogiassem seus livros[422].

Montenegro chama a atenção para outro ponto importante: "Raramente os comentários de divulgação literária eram assinados, o que deixa uma brecha para supormos que o próprio Barroso os teria escrito" [423]. Talvez este fosse mais um dos seus atos em busca de reconhecimento. Além desse reconhecimento interno, Barroso também foi reconhecido em outros países, além da Inglaterra, como na Argentina, onde publicou seu conto "Mosquita Muerta", pela editora argentina Novela Semanal. O jornal *A Folha*, de 11 de março de 1921, traz uma nota da própria editora sobre a obra:

> El doctor Gustavo Barroso, entusiasta divulgador de la obra de Sarmiento, es el escritor del norte del Brasil, describe aquelas regiones con una singular maestria. Nacido em Ceará, palpita en sus obras el amor a aquellos lugares de los que se diría, ha sorprendido el secreto de sus encantos para volcar-los en prosa cálida y maravillosa. *Sus obras publicadas (...) lo han colocado a la vanguardia de los intelectuales jóvenes, y es sin disputa, de los escritores que honram al Brasil*. "*Mosquita Muerta"*, plasmada sobre una preocupación serrana, *es un notable cuadro del majestoso escenario del nordeste del Brasil*. Aquí ofrece a nuestros lectores una pintura elocuente del fenómeno, terrible entre todos, de la sequia del Ceará. *Y las brillantes cualidades, del escritor se revelan en toda su fuerza, ya describiendo la belleza, ya emocionando... Con este trabajo queda Gustavo Barroso incorporado a la brillante falanje de escritores que mantienen el prestigio intelectual de la America Latina* [grifos nossos][424].

Aqui vemos como Barroso era visto no exterior da forma semelhante a que era visto aqui: um escritor prodígio, que tão jovem já honrava o Brasil com suas descrições do território nordestino, consideradas verídicas em razão do autor ter nascido naquela região. Neste artigo, Barroso não é visto como exemplo de intelectual apenas do Brasil, mas também

[422] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 106.
[423] Ibidem.
[424] *A Folha*, de 11 de março de 1921, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 08, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

da América Latina. Porém, nosso foco é principalmente o olhar dos intelectuais nordestinos e cearenses sobre ele e sua obra. A maioria dos artigos encontrados são elogiosos, como já destacamos. Em 03 de julho de 1926, o jornal *O Progresso*, Órgão do Grêmio Gustavo Barroso, do Ceará, traz um artigo comemorativo da eleição de Barroso como "Príncipe dos prosadores cearenses", em um concurso promovido pelo jornal *Ceará Ilustrado*. O artigo está incompleto, mas podemos ver como ele é elogiado por esses cearenses (jovens, segundo o artigo) que provavelmente faziam parte do grêmio em sua homenagem:

> Na estrada luminosa da literatura de Gustavo Barroso (...) a data que hoje transcorre gravará eternamente no seu espirito uma das mais gloriosas jornadas: é que neste dia venturoso a mocidade vibrante e varonil de sua terra natal acaba de tomar-lhe como patrono de uma pequena sociedade literária composta por uma pleiade de moços que trabalham fortemente para o progresso do Brasil. Ainda, *mesmo longe de sua terra natal nunca o grande escriptor cearense olvidou o nome sacrosanto do Ceará*.(...) *O immortal cearense já galgou os mais altos postos no mundo das letras* desde o de membro da mais brilhante corporação literaria do Paiz - A "Academia Brasileira de Letras" até o de socio effectivo da "Royal Society of Literature", da Inglaterra. No seu peito scintilam as magnificas insignias a de "cavalheiro da Legião de Honra" e de "Official da Instrucção Publica", da França; e de "Leopoldo II" da Belgica; da "Polonia Restituta"; do "Libertador da Venezuela"; de "San Thiago e de "Christo" de Portugal; de "Santo Olavo" da Noruega, do "Salvador" da Grecia; da "Corôa" da Italia; do "Sol" do Perú. A intelectualidade cearense num gesto digno e altaneiro conferiu-lhe ha poucos mêses atraz - a de "Principe dos Prosadores Cearenses" vivos. E 'um dos emblemas que mais brilham no bronzeo peito do nosso ilustre conterraneo porque representa a força e vigor da nossa mocidade e alem disto *é um dos vultos que dignificam e glorificam o Ceará e aliás o Brasil no concerto universal das letras*. (...) Finalmente este majestoso preito não foi mais do que uma tradução sincera dos conceitos em que é tido nas rodas mentaes o sympatico "João do norte" [grifos nossos][425].

A citação é longa, mas nos permite perceber como ele era exaltado por esse Grêmio e como eram levadas em consideração suas condecorações. Assim como ele gostava de exibi-las, seus conterrâneos também o faziam. Além disso, concediam eles mesmos outros títulos e diplomas a Barroso, como a Câmara Municipal de Quixeramobim, que lhe concedeu o título de "Cidadão Honorário", por "seus méritos de historiador laureado e acendrado amor à terra cearense"; a Academia Cearense de Letras que lhe conferiu diploma de Sócio Correspondente; e a Sociedade Cearense de Geografia e História também lhe concedeu um título de Sócio Honorário, por seus "méritos literários e científicos". Além disso, Barroso também escreveu o hino da cidade de Fortaleza, em parceria com Antônio Gondim, e recebeu um exemplar impresso com dedicatória e assinatura do prefeito à época, Acrisio Moreira da Rocha. Em 1952, também seria fundado outro Grêmio em sua homenagem, o Grêmio Lítero

[425]" Homenagem D''O Progresso 'ao Príncipe dos prosadores cearenses". *O Progresso*, 03 de julho de 1926, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 15, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

Cívico Gustavo Barroso, Órgão literário do Ginásio Nossa Senhora das Dores, em Senador Pompeu, no Ceará. Assim, vemos como ele foi reconhecido em sua terra natal. Porém, segundo Angela de Castro Gomes:

> As redes de sociabilidade que se tecem no meio intelectual, como de resto a própria solidariedade social, estão fundadas em elementos difíceis de circunscrever, mas que comportam tanto a amizade e a simpatia como a rivalidade e o ciúme. Desta forma, não é exclusivo do meio intelectual o paradoxo de que na base da solidariedade/sociabilidade está o conflito e a competição[426].

Como já ressaltamos, foram encontrados nos recortes da Hemeroteca mais artigos elogiosos, porém encontramos também críticas sutis e contendas com outros intelectuais. No jornal *Imprensa*, de Natal, de 02 de setembro de 1925, encontramos uma nota de Luís da Câmara Cascudo sobre o livro *Ramo de Oliveira*, no qual critica a viagem de Barroso a Versalhes com Epitácio Pessoa, quando diz que "Viagens de Epitacio e negociação de Paz não podem interessar sinão mediocremente um dessedentado nos jornaes e revistas". Na mesma nota, no entanto, há um elogio ao livro: "E' um livro intensamente denunciador da extrema motilidade cultural de Gustavo Barroso"[427].

Aline Montenegro também cita discussões de Barroso com Antonio Salles e Leonardo Motta na imprensa, dois intelectuais regionalistas atuantes no Nordeste, o primeiro cearense e o segundo paraibano. A questão com o primeiro ocorreu por causa da indignação de Barroso com o fato de Salles ter questionado sua experiência sobre o sertão. Segundo Montenegro, no texto de Salles:

> Barroso foi descrito como um escritor curioso que, muito jovem, nunca tinha habitado o sertão e que propunha-se a substituir Euclides da Cunha. O que mais o feriu foi a afirmação de que nunca tinha habitado o sertão, pois, sem ter tido a vivência do lugar que descreveu, junto aos tipos humanos que analisou em suas obras, a verdade sobre o que escreveu foi colocada em xeque[428].

Isto foi um problema, porque "para Barroso, a sua experiência junto aos 'matutos 'era o principal fundamento da verdade em seus escritos sociológicos de cunho autobiográfico, porque escrito em primeira pessoa"[429]. Salles disse que o livro *Terra de Sol* era "vigoroso e belo, embora nem sempre verídico"[430]. Barroso respondeu com a citação de Salles ao seu livro na época do lançamento, em 1912, quando este o elogiou, como se quisesse apontar uma

---

[426] GOMES, Angela de Castro. "Essa gente do Rio..." Op. Cit., p. 65.
[427] CASCUDO, Luís da Câmara. "Gustavo Barroso, chronista". *Imprensa*, Natal, 02 de setembro de 1925, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 15, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.
[428] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 114.
[429] Ibidem.
[430] Ibidem.

contradição no outro intelectual. Montenegro cita ainda uma nota publicada na *Fon-Fon*, de 11de fevereiro de 1928, não assinada, que se referia ao "provincianismo de Salles, sem o citar diretamente, em contraponto ao cosmopolitismo de Barroso"[431], aparentemente em uma tentativa de estigmatizar Salles. Segundo a autora, a nota tinha "clara intenção de mostrar superioridade do primeiro [Barroso] frente ao segundo [Salles]. Nessas ocasiões, Barroso esquecia de se identificar como um homem do sertão"[432].

Como já dissemos, no Arquivo da Academia Brasileira de Letras, por outro lado, encontramos recortes com várias críticas a Gustavo Barroso. Em *O Globo* de 12 de dezembro de 1927, no artigo "O Norte e a literatura", há uma resposta de Salles a Gustavo Barroso, originalmente publicada no *Correio do Ceará.* Segundo Salles, Barroso havia comentado na *Fon-Fon* um artigo que aquele havia publicado no jornal *Paiz,* onde Barroso o acusou de não ter citado alguns intelectuais importantes. Em sua resposta, Salles reconhece que faltaram algumas citações de nomes (nos parece que Barroso se ofendeu por não ter sido citado), porém atribui o ocorrido à falta de memória. Em seguida, ele passa a falar o que Barroso teria feito:

> Ha tempos Gustavo, achando-se em São Paulo, em roda de literatos, fez taboa rasa de todos os intellectuaes não só do Ceará como do norte inteiro. Indignado com essa afronta aos intellectuaes do Ceará, respondi-lhe em artigo publicado no "Tacape", editado por Sylvio Julio. Gustavo aproveita o ensejo para revelar a sua jactancia e innata grosseria, declarando que inclui na minha apreciação " –as mais inexpressivas nullidades do grande Estado nordestino". Os distinctos conterraneos agradeçam essa amabilidade ao pretencioso e insolente individuo cujo veso é destratar systematicamente os homens e as cousas do Ceará[433].

Salles continua respondendo ao que Barroso falou sobre ele, destacando suas próprias relações com outros intelectuais do Rio de Janeiro, de modo a demonstrar como era importante para eles esse pertencimento às redes de sociabilidade da época:

> Entre outras impertinencias e falsidades, Gustavo diz que sou no Rio "completamente desconhecido". E 'mentira. Nessa mesma Academia, a que Gustavo tanto se orgulha de pertencer, da qual foi repellido por duas ou tres vezes e onde, afinal, só entrou depois de infrene cabala; nessa Academia, onde não entrei nos primeiros tempos - porque não quiz; nessa mesma Academia que eu vi nascer (...) nessa mesma Academia, sou conhecido e estimado pela maior parte dos homens de letras que a compõem. Deve o meu agressor lembrar-se que, quando me atacava na Academia, o conde de Affonso Celso lhe deu este aparte: "Antonio Salles é um nome acatadissimo na literatura brasileira". Não ha ninguem que não desejasse ser

[431] Ibidem, p. 119.
[432] Ibidem.
[433] SALLES, Antonio. Apud Editorial "O Norte e a literatura", *O Globo*, 12 de dezembro de 1927, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

> atacado por Gustavo para ter a honra de ser defendido pelo eminente compatriota e glorioso escriptor conde de Affonso Celso[434].

O editorial segue dizendo que Salles publicou no artigo original, diversas dedicatórias, cartões e cartas que outros intelectuais o enviaram, demonstrando mais uma vez a importância, para esses homens, de comprovar suas relações no meio intelectual, pois isso conferia legitimidade ao seu trabalho, era uma prova de que este era reconhecido. Salles então conclui dizendo que de todas as citações que trouxe, deixou a melhor para o final:

> E 'a dedicatoria da "Terra de Sol" de Gustavo: "Ao Antonio Salles, pelo muito que lhe quero e admiro, - Gustavo." Nesta curta, mas expressiva dedicatoria, ha um erro de portuguez: o pronome "lhe" convem ao verbo "querer", que está aqui empregado intransitivamente, mas não ao verbo "admirar", que é transitivo. Se esta dedicatoria nada prova em favor do meu merecimento, prova contudo que o conhecido escriptor Gustavo Barroso é pouco conhecedor da grammatica portugueza[435].

O editor diz que "o artigo do Sr. Antonio Salles produziu funda impressão"[436]. E, então, conclui deslegitimando até mesmo os conhecimentos da língua portuguesa de Barroso. Segundo Aline Montenegro, essa contenda com Salles se estendeu até 1928, quando este acusou Barroso de ingratidão por não reconhecer sua ajuda quando chegou na capital. No entanto:

> (...) regozijava-se por ter sido quem o ajudou nos primeiros anos no Rio de Janeiro, mostrando a influência e o capital simbólico que possuía quando Barroso apenas começava a trilhar seu caminho na cidade. Mostrava-se também como mais velho e mais experiente que Barroso, reivindicando mais respeito[437].

Isto mostra como esses intelectuais, cada um ao seu modo, buscavam destacar seu lugar no campo intelectual, bem como suas relações dentro do campo. Ilustra também as relações de Barroso com os intelectuais cearenses. Até mesmo as contendas serviam a esse objetivo. Com Leonardo Motta a polêmica foi mais curta, mas este acusou Barroso de boicotar suas obras, sempre enviadas a *Fon-Fon* e nunca resenhadas na mesma[438]. Aline Montenegro conclui que:

> (...) é possível inferir que o objetivo dos duelos que tiveram lugar na imprensa, tanto no Rio de Janeiro quanto do Ceará, era menos ferir o outro e mais fazer brilhar os adversários. O que estava em jogo era uma guerra de palavras que devia ocupar as páginas dos periódicos como vitrine de projeção dos combatentes. Enquanto os cearenses desejavam aparecer na imprensa fluminense, Barroso, utilizando-se de sua

---

[434] Ibidem.
[435] Ibidem.
[436] Ibidem.
[437] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 121.
[438] Ibidem, p. 122.

> posição privilegiada na Revista Fon-Fon, rechaçava-os, se colocando como o legítimo porta voz do Ceará na capital, evitando dividir espaço com seus conterrâneos, através do boicote e dos ataques sem referência aos nomes. Antonio Salles e Leonardo Motta se reconheciam mais legítimos para falar ao Ceará do que Barroso. O primeiro por ser mais velho e por já ter passado pela mesma experiência de Barroso na Capital, mas retornando ao estado natal. O segundo por estar mais próximo do povo cearense do que Barroso, que migrou[439].

Dessa forma, vemos como eram importantes essas redes de sociabilidade para esses intelectuais, tanto para conseguir ganhos materiais e simbólicos, como para afirmarem sua posição em seu meio.

2.4 **O olhar sobre Barroso no contexto da militância integralista**

No contexto posterior à revolução de 1930, a situação de Barroso se altera de acordo com as próprias mudanças do país. Após apoiar a candidatura de Júlio Prestes à presidência, ele acabou sofrendo represálias, entre elas a perda do cargo de diretor do Museu Histórico Nacional. Aline Montenegro explica como se deu esse apoio publicamente através dos jornais e por meio de um manifesto assinado por Barroso (Manifesto dos Bandeirantes), declarando apoio a São Paulo e a Prestes e refutando a revolução que se anunciava. Com isso, ele foi contra até mesmo seus antigos aliados, como Epitácio Pessoa, que apoiava o sobrinho João Pessoa, e o governador de Minas, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, para o qual Barroso trabalhou em seus projetos de conservação patrimonial[440]. Quando o movimento de Vargas se tornou vitorioso, Barroso perdeu seu posto de diretor do MHN. Na carta de demissão, contudo, o então Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, diz ter sido uma exoneração a pedido do próprio Barroso. Este, no entanto, negou veementemente[441]. Outro trabalho que Barroso também perdeu foi o da conservação do patrimônio mineiro, no qual atuava a partir da Inspetoria de Monumentos Nacionais, pois Antônio Carlos não foi reeleito.

Além disso, Barroso também sofreu um boicote na ABL. Como era Secretário Geral da instituição, era de praxe que fosse eleito posteriormente para a presidência, como sempre acontecia com os secretários. Porém, isso não ocorreu, sendo eleito um presidente pró-Vargas: Fernando Magalhães. Em 1931, Fernando Magalhães se reelegeu na presidência da

---

[439] Ibidem, p. 123.
[440] Ibidem, pp. 142-148.
[441] Ibidem.

ABL e Barroso continuou na secretaria. Porém, em 1932 Magalhães renuncia após uma polêmica envolvendo a candidatura de Francisco Campos. A ABL estava dividida entre um grupo majoritário, o "legitimista", que defendia a eleição de Barroso e a eleição de imortais por critérios literários, e não políticos; e um grupo menor, que apoiava mudanças "revolucionárias" na instituição. Magalhães era a favor da eleição de Francisco Campos, mas esta foi adiada após um boicote dos legitimistas, o que fez Magalhães renunciar por se sentir desmoralizado. Só então Barroso conseguiu a presidência da casa, derrotando Félix Pacheco.

Também foi no ano de 1932 que ele retornou à diretoria do Museu Histórico Nacional. A partir desse momento, a despeito do seu engajamento no Integralismo, seus projetos voltam a ser aceitos e patrocinados pelo governo. Porém, foi forçado a renunciar ao cargo de diretor na ABL em 1933, por ter difamado a imagem dos outros membros daquela instituição em uma entrevista ao jornal *Estado de Minas*, onde disse que na ABL tudo era muito parado, que era difícil terminar projetos e que essa lentidão não ocorria somente entre os mais velhos, que estes "são renitentes, não adoecem, nem morrem (…)"[442], mas também entre os mais jovens que deixavam de comparecer. A repercussão dessas palavras foi imensa, dentro da Academia e nos jornais, forçando-o a renunciar ao cargo. No jornal *O Radical*, em 06 de dezembro de 1933, saiu uma nota sobre este assunto, que diz:

> Estando em Bello Horizonte, o sr. Gustavo Barroso, presidente, ao tempo, da Academia Brasileira de Letras, concedeu uma entrevista, em que falou contra a "velhice inutil e a mocidade preguiçosa e indolente", do "Petit Trianon". Nenhuma vez o sr. Gustavo Barroso teria sido tão injusto. Poucas, talvez, o chefe de disciplina do Integralismo teve para um desabafo tamanho. O caso provocou uma crise no seio dos immortaes. O autor de "Terra do Sol", regressando as montanhas sagradas, teve de ser interpelado pelo sr. Fernando Magalhães, negado então, a authenticidade da palestra com o jornalista. Como não abrandasse a colera dos deuses, *teve de abandonar a presidencia da Academia*, sendo substituido pelo sr. Ramiz Galvão. Dá-se que a Academia não é uma nem outra coisa. Os academicos, velhos e moços trabalham com afinco, dentro e fóra do recinto. Não se sabe, por isso, como teria sido possivel o sr. Gustavo Barroso desfechar o golpe contra os seus collegas. Possivelmente, inflammado com a campanha *fascista*, de que se tornou paladino, ousou querer destruir o que estava feito. Mas não se lembrava, certamente, que o Duce protege e ampara, na Italia, A Academia de Letras, com a melhor de suas energias [grifos nossos][443].

Podemos observar nessa nota a atribuição de tal ato à campanha integralista, abertamente classificada como fascista. No *Jornal do Brasil* de 13 de dezembro de 1933, no artigo "Ação Nacional Integralista", há uma pequena nota que traz uma fala de Barroso em

[442] " Entre a Coroa de Louros e o 'Sigma 'Integralista". *Estado de Minas.* Belo Horizonte, 10 nov. 1933. Apud MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 149.
[443] *O Radical*, Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

uma conferência em Recife, sobre o integralismo, na qual cita a ABL, à qual ainda pertencia, só não era mais presidente: "Quando tirei o fardão bordado de *uma agremiação de mumias a que pertenço*, e vesti a camisa oliva [integralista], me senti outro homem, e voltei-me a integrar um ideal que talvez não chegue a ver realizado, mas que os vindouros gozarão, agradecidos aos obreiros anonimos de hoje" [grifo nosso][444]. Podemos inferir dessa fala que Barroso poderia sim estar tão empolgado com a militância, que para ele figurava como algo novo e relevante, que acabou por desqualificar o trabalho na ABL.

Sobre sua militância no integralismo falaremos no próximo capítulo. Porém, aqui veremos como essa militância e suas falas e discursos neste âmbito foram recebidos pela imprensa e por outros intelectuais, inclusive os nordestinos. O jornal cearense *A Rua*, ao que parece, discordava das ideias integralistas e das posturas de Barroso, pois nele encontramos diversas críticas a ele. Em uma edição de 19 de dezembro de 1933, o editorial intitulado "Os profetas eram menos agressivos" traz uma crítica a uma fala de Barroso sobre os integralistas do Ceará que o jornal considerou desrespeitosa. No início da nota aparece sua frase que seria criticada: "Aos meus patricios, aos meus irmãos do Ceará, que como eu vestem a camisa verde afrontando virilmente e com altivez o sorriso dos imbecis e o otimismo dos vencidos, a minha gratidão"[445]. O jornal não gostou da forma como ele se refere aos adversários, ou aqueles que não seguem sua doutrina, como "imbecis" e "vencidos". Daí a crítica:

> Por nós, humildes operarios da imprensa, em terras afastadas da metropole, estranhamos que um intelectual de renome, assim venha defrontar-se perante os que não desejam sincronizar com suas idéas politico-sociais. Estranhamos e temos pezar de registrar essa lastimavel grosseria, tanto mais irritante quanto parte de um espirito de lustre e filho desta pobre gleba que o viu nascer[446].

O jornal ainda menciona a saída de Barroso da diretoria da ABL e sua expulsão da agremiação:

> Poderiamos dizer, se a tanto fossemos levados por uma paixão acirrada, que o dr. Gustavo Barroso, após carreira tão brilhante nos altos circulos literarios do país, fôra obrigado a despir-se das galas de presidente da Academia Brasileira de Letras, por motivos que não recomendam á sua inteligencia nem ao seu infatigavel labor no

[444] " Ação Nacional Integralista", *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[445] BARROSO, Gustavo. Apud "Os profetas eram menos agressivos", *A Rua*, Ceará, 19 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[446] " Os profetas eram menos agressivos", *A Rua*, Ceará, 19 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

> campo das letras. Poderiamos avançar, por igual, que *s. s. teria sido escorraçado do Silogeu* [grifo nosso][447].

E critica a postura de Barroso na militância integralista:

> O que seria util e nobre, por igual, dentro dos principios que o ex-presidente da Academia defende, em harmonia com as seduções preconisadas pelo Estado Integral, deveria ser um trabalho de ilustração e catequese, nunca, porem, derivar a sua atividade intelectual para dirigir insultos a quem não sabe sequer se existe a doutrina integralista. O dr. Gustavo Barroso deve demonstrar, dentro da teoria que abraçou, a maneira como o Integralismo pretende solucionar o problema economico-financeiro do Brasil, a questão mater da nacionalidade e em torno da qual se acham condicionadas todas as nossas dificuldades. S. s. deveria encaminhar-se, sem alardes ou ofensas, pelo sereno caminho da persuasão e do raciocinio. Fóra disto, o distinto romancista e estranho profeta, não conseguirá os elementares objetivos de sua *atordoadora campanha*: não explicará a doutrina integralista, nem, consequentemente fará proselitos… Nem no Ceará nem na China [grifo nosso][448].

O mesmo jornal faz outra crítica a Barroso em 23 de dezembro de 1933. Desta vez em resposta a algumas críticas que Barroso fez ao jornal, quando este criticou um artigo seu em relação aos "banqueiros judeus". Aqui, mais uma vez, é criticada sua postura na militância integralista:

> O sr. Gustavo Barroso, sem o querer talvês, está dando a entender ao publico que a finalidade integralista se cifra apenas a insultos dirigidos a quem não se enfileira nas hostes do *fascismo* mal disfarçado, apregoado com tanto ardor por s.s. A imprensa que lhe é simpatica registrou a sua arenga, contra os jornais que lhe são adversos, de maneira suave, aparando convenientemente as arestas, tanto quanto o suficiente para não afundá-lo mais no conceito popular. (...) Linguagem azêda, capaz de ser confundida com garapeiros, não vale a pena ser comentada. (...) Dentro de tudo isso onde achamos maior gravidade foi na candida penitencia do literato emerito. Afirmou que SO 'DEPOIS DE SE HAVER ENTREGUE AOS ESTUDOS INTEGRALISTAS VEIU A CONHECER A SITUAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL. Ora, bolas! Isso também é demais! Então, o sr. Gustavo Barroso, homem publico, de projeção na alta politica e nos destacados circulos das letras patrias - secretario de Estado, deputado federal, presidente da Academia de Letras - só ha poucos mezes é que veiu ter contacto mais demorado com os grandes e vitais interesses do seu país? Que diabo de mentalidade é essa? Perdão, profeta ilustre, a pilula é grande demais para ser engulida sem uma careta expressiva (…) [grifo no original][449].

É interessante perceber como o jornal fala abertamente do movimento integralista como fascismo, ao qual Barroso estaria filiado. Além disso, critica suas ideias e também sua linguagem, que considera grosseira para um intelectual. Já o *Correio do Brasil*, de 4 de dezembro de 1933, traz uma pequena nota sobre outra fala de Barroso em relação à ABL,

---

[447] Ibidem.
[448] Ibidem.
[449]" A imprensa é até camarada...", *A Rua*, Ceará, 23 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

porém considera que os membros da instituição não deveriam levá-la tão a sério, já que Barroso também pertencia à agremiação, sabendo bem o que se passava lá. Como se ele falasse com conhecimento de causa. Nessa ocasião, ele disse que na ABL "nada fazem os moços e os velhos nem siquer se apressam em morrer", como já citamos aqui. E, segundo o jornal, essa fala teria colocado "em polvorosa a Academia"[450].

Já *O Radical* não só critica Barroso e sua postura diante da ABL, como também dá a entender que Barroso, agora um dos líderes integralistas, queria abrir mão dos ganhos e posições que já tinha angariado[451]. Parecia não se importar mais com as outras agremiações às quais pertencia, principalmente ABL, na qual tanto se empenhou para ingressar. Segundo Aline Montenegro, mesmo militando no Integralismo, Barroso não interrompeu seu trabalho na ABL, sofrendo até algumas denúncias, como a de que teria lesado os cofres da instituição enquanto foi presidente. Porém, o presidente à época, Ramiz Galvão, produziu um documento invalidando as denúncias e o assunto foi encerrado. Segundo a autora, o único engajamento que teve na ABL durante o período integralista "foi sua oposição à ideia de Otto Prazeres de denominar a língua portuguesa falada no Brasil de 'Língua Brasileira (...)'"[452]. Assim, ele teria continuado na ABL mesmo perdendo o cargo de presidente, porém não tão engajado quanto antes, como podemos perceber, dedicando mais sua energia ao movimento integralista. Percebe-se que sua relação com aquela agremiação ficou desgastada nesse período, talvez por algum ressentimento em relação a Barroso, dando origem a tais críticas.

Outro caso que gerou polêmica foi a ida de Barroso a uma seção pública da ABL trajado com o uniforme integralista, em 1936. Segundo Aline Montenegro, "o fato causou estranheza e mal-estar nos presentes"[453]. O detalhe é que nesta seção haveria uma recepção para o democrata francês Duhamel, da Academia Francesa de Letras, que seria homenageado pela ABL. Dessa forma, a autora considera que "seu gesto pode ser interpretado como parte de sua campanha integralista, um ato provocador contra a democracia e o liberalismo"[454]. Podemos então perceber que a militância de Barroso no integralismo causou polêmicas e conflitos, e não agradou a todos. Diversos jornais criticaram sua postura, como vimos, inclusive no Ceará, onde ele era tido como um ícone e onde ele dizia haver o maior número de adeptos do movimento. Vemos outro exemplo no artigo "Saltimbancos políticos", de

[450]" Registro alegre", *Correio do Brasil*, 4 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[451] *O Radical*, 6 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[452] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., pp. 178-179.
[453] Ibidem, p. 180.
[454] Ibidem, p. 181.

Gastão Justa, de 24 de dezembro de 1933, onde o autor faz uma crítica contundente ao Integralismo e a Barroso:

> Até agora ninguem sabe o que quer o Integralismo. Os seus profetas fazem uma confusão de todos os diabos, toda vez que procuram explicar aos seus adeptos o sentido filosofico, politico e social da doutrina. Criticam a politica economica do regime liberal, mas não encontram uma saida para resolver o problema da questão social, de um modo diferente do preconizado pelo estado capitalista em voga. O autor considera que, por se achar o Ceará e seu povo muito atrasados economica e socialmente, eles não conseguem compreender o integralismo, e por isso seguem a onda sem saber bem porquê. Depois de enumerar todos os motivos de atraso do Ceará, ele continua: Daí o atrazo em que nos afundamos, a ponto de aplaudirmos calorosamente a confusão integralista. Um povo de analfabetos é um povo de debeis mentais. E o homem inconsciente não tem vontade. Vai para onde lhe mandam as velharias dos seus chefes. (...) E já agora, quando cançado da experimentação amarga do discrecionarismo politico, o povo marcha para a normalidade da sua vida juridica, surge a idéa da nova pregação exotica do Integralismo, exaltando o sistema corporativista da Idade Media! Criticando o Estado liberal, o sr. Gustavo Barroso, que já foi soldado das fileiras do jaguncismo politico do Padre Cicero, ao tempo da celebre deposição do Coronel Franco Rabelo, afirmou que era "preferivel voltar á escolastica a continuar a viver iludido pelas labias do liberalismo". Bela evolução social! O sr. Gustavo Barroso transformado em Barão da Idade Media, de chapeu grande, com umas penas de pavão no alto da cabeça, ditando leis para o resto do país...Aquele que discrepasse da idéa da *epoca integralista* entraria sem mais preambulos na fogueira inquisitorial. Tal deveria ser o regime do feudalismo moderno, imaginado pelo ex-presidente da Academia de Letras. Só mesmo a santa ingenuidade de um povo poderia aceitar como novidade Sociologica a pregação apologetica de saltimbancos politicos que pretendem armar na terra liberal do Brasil o circo de velhas bugigangas sociais [grifo no original][455].

A citação é extensa, mas é importante por mostrar as duras críticas que também eram direcionadas a ele no Rio de Janeiro e no Ceará, principalmente após ingressar no movimento integralista. Além disso, percebemos uma mudança da visão de seus conterrâneos sobre ele após seu ingresso no mesmo. No entanto, apesar das críticas, no Ceará se desenvolveu um dos principais núcleos do Integralismo naquele período, a Legião Cearense do Trabalho. A Legião surge com o objetivo de ser uma organização que trabalharia em prol dos direitos dos trabalhadores cearenses, mas possuía já em seu início fortes características conservadoras. Foi fundada pelo tenente Severino Sombra que, por suas "ideias jacksonianas e antiliberais", recusou-se a participar da Revolução de 1930, organizando um movimento de trabalhadores "com o apoio da Juventude Operária Católica (JOC) do padre Hélder Câmara"[456]. Este movimento já possuía desde seu início ligações com a Igreja Católica. Segundo Hélgio Trindade, quando foi fundada em 1931, a organização já possuía nove mil filiados

[455]" Saltimbancos políticos", jornal não identificado, Fortaleza, 24 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

[456] TRINDADE, Hélgio. "Legião Cearense do Trabalho". Verbete, FGV. Disponível em www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/legiao-cearense-do-trabalho . Acesso em 26/04/2021.

(legionários), aumentando para 15 mil alguns meses depois. Após a fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB), a LCT integrou-se a ela.

Segundo Emília Carnevali da Silva, a LCT foi fundada em Fortaleza e tinha como "co-fundadores o tenente Jeovah Motta e o padre Hélder Câmara"[457], sendo "um movimento de natureza corporativa, integralista e católica, de organização e mobilização dos trabalhadores"[458], antecedendo a AIB. Inclusive em 1933 Jeovah Motta é citado por Gustavo Barroso como líder do Integralismo no Ceará[459]. Já Severino Sombra, criador da LCT, possuía forte ligação com o catolicismo. Ainda segundo Emília Carnevali, Sombra:

> (...) havia recebido todo o embasamento político e católico dentro do centro D. Vital, quando cursou a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, onde as ideias dos seus fundadores Jackson de Figueiredo e Tristão de Atayde, seguidores de D. Sebastião Leme, Arcebispo de Olinda, são difundidas, na perspectiva de criar na intelectualidade brasileira, um sentido cristão e político, que viabilizasse "endireitar o Brasil"[460].

No período que compreende o final do século XIX e o início do século XX, a Igreja Católica havia perdido influência, principalmente após a laicização do Estado e a separação entre este e a Igreja. No século XIX, já havia se iniciado o chamado processo de romanização, segundo Kenneth Serbin, "para reformar o voluntarioso clero brasileiro"[461]. Essa reforma se realizou principalmente através da educação, com a criação de seminários. Por isso, entre 1840 e 1962 o número de seminários mais que triplicou no Brasil. Dessa forma, "a romanização clericalizou o catolicismo e transformou o modelo de sacerdócio. Como resultado, a Igreja institucional atingiu sua postura mais influente de todos os tempos"[462]. Roberto Romano[463] afirma que no período da Primeira República a Igreja prosperou. Segundo ele, "pode-se dizer realmente que, em relação ao declínio seguro, imposto pelo Império à Igreja, esta prosperou e se tornou na República, uma nova e grande força social"[464]. Isto

---

[457] SILVA, Emília Carnevali da. "Severino Sombra – o homem no espelho – A Legião Cearense do Trabalho (movimento que forneceu a base do Integralismo)". ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005, p. 2. Ver também: SILVA, Emília Carnevali da. *O homem no espelho: reflexões sobre a dissidência integralista de Severino Sombra (1931-1937)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2006.
[458] Ibidem.
[459]" O integralismo no Brasil". *O Estado*, Florianópolis/Santa Catarina, 3 de novembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[460] SILVA, Emília Carvanieli da. Op. Cit., pp. 3-4.
[461] SERBIN, Kenneth P. "A romanização e a Grande Disciplina, 1840-1962 (Ou: Trento chega ao Brasil)". In: *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 78.
[462] Ibidem, p. 79.
[463] ROMANO, Roberto. "A astúcia do positivismo". In: *Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairós, 1979, pp. 118-139.
[464] Ibidem, p. 132.

ocorreu por dois motivos. O primeiro foi a separação entre Igreja e Estado, que mesmo não sendo o desejado, acabava por ser melhor que o padroado do período imperial, que tolhia a ação da Igreja. Assim, com a separação esta alargou seu campo de atuação. Além disso, o positivismo adotado pelos líderes políticos do período também ia de acordo com os preceitos da Igreja em vários sentidos. Segundo Romano:

> (...) positivismo e pensamento católico não se chocaram imediatamente, uma vez que tanto um quanto outro conceberam doutrinas sociais que exigiam a adesão dos dominados. (...) Enquanto os liberais repunham as certezas iluministas, o positivismo viu na "tradição católica" do povo brasileiro sua própria condição de possibilidade, para um projeto político autoritário e racional. Esta afinidade eletiva das duas doutrinas da ordem foi inúmeras vezes salientada pelos seguidores brasileiros de Comte[465].

Segundo Romano, foi permitido que a Igreja tivesse direito a posses e propriedades, durante a instauração da República, o que foi visto pela Igreja como benefício. Nesse sentido, a separação entre Estado e Igreja foi vista por esta como positiva, em comparação com as interferências do período monárquico. Esta atuação conjunta se estendeu até o período posterior ao Estado Novo. Além disso, a romanização possibilitou a expansão da Igreja principalmente através da atuação da ordem dos padres vicentinos, que iniciou seu trabalho com dom Antônio Ferreira Viçoso, vicentino português que implementou uma reforma clerical a partir da aplicação do método tridentino. Segundo Serbin, "os vicentinos construíram e administraram alguns dos maiores seminários do Brasil, onde formaram centenas de padres nos novos moldes disciplinares. Assentaram os alicerces do crescimento institucional e do poder político da Igreja no século XX"[466]. Sendo assim, as primeiras décadas do século XX são um período de recuperação do antigo prestígio social por parte da Igreja Católica, o que ocorre no bojo da romanização, já que, segundo Serbin, ela vai de 1840 a 1962, tendo sua fase mais intensa de 1846 até a Primeira Grande Guerra[467].

Desde a década de 1920, a ênfase da atuação católica recai sobre os intelectuais; o que seria também um resultado da romanização, como as missões e fundação de seminários, principalmente no interior. Segundo Serbin, "conforme prosseguiu a europeização, o catolicismo brasileiro tornou-se mais erudito e, portanto, mais atrativo para os intelectuais e os setores médios urbanos"[468]. Além disso, esse processo "dividiu a Igreja brasileira em dois campos conceituais: de um lado, um clero ávido por controle, que privilegiava os

[465] Ibidem, pp. 133-134.
[466] SERBIN, Kenneth P. Op. Cit., p. 78.
[467] Ibidem.
[468] Ibidem, p. 82.

sacramentos, e de outro as organizações populares, como as irmandades, com sua devoção aos santos"[469]. Sobre a Primeira República, o autor cita algumas perdas da Igreja com a separação do Estado, mas concorda com Romano em que "separar-se do Estado significou libertar-se do opressivo padroado. A Igreja deu início a uma expansão sem precedentes"[470]. Serbin cita o aumento do número de padres estrangeiros e informa que o aumento de freiras foi ainda maior.

No entanto, a Igreja ainda via duas ameaças no Brasil: a perda de privilégios com a separação do Estado e o avanço do comunismo após a Revolução Russa em 1917. Mesmo com os ganhos obtidos para a instituição com o início da República, a Igreja ainda considerava que precisava penetrar a consciência popular. Os intelectuais, artistas, escritores e poetas se engajam nesse movimento incitado por Leme a partir de suas obras, em um novo engajamento político e social, principalmente em torno de Jackson de Figueiredo, um dos principais intelectuais católicos do período, que estava à frente da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Jackson influenciou muitos outros intelectuais católicos engajados em movimentos e organizações do período, como a própria Legião Cearense do Trabalho. Segundo Serbin, na década de 1920 havia "numerosas atividades sociais e religiosas em todo o país" e "eram dirigidas por pessoal eclesiástico altamente qualificado"[471]. Porém, a Igreja não parou por aí, e foi nesse contexto que atuaram Sebastião Leme e Jackson de Figueiredo, que organizaram o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*. Segundo Antônio Carlos Villaça:

> Jackson representou no Brasil o pensamento de Joseph de Maistre. Quer dizer, a doutrina da ordem. E quando, em 1921, se fundou a primeira revista de intelectuais católicos no Brasil, Jackson escolheu para título a palavra ordem. Daí até à sua morte prematura e trágica, em 1928, a vida do fundador se confunde com a da sua revista *A Ordem* e com o Centro Dom Vital, fundado por ele em 1922, contemporaneamente à fundação do Partido Comunista do Brasil. A visão jacksoniana era provavelmente política. Muito mais do que uma revista cultural, ele queria fazer de *A Ordem* uma revista de orientação política[472].

Dessa forma, vemos que esses intelectuais católicos tiveram uma atuação não só religiosa, mas também política. Porém, a Igreja buscava demonstrar um distanciamento em relação às questões políticas, reafirmando a submissão à autoridade eclesiástica. Além disso,

---

[469] Ibidem.
[470] Ibidem, p. 95.
[471] Ibidem, p. 98.
[472] VILLAÇA, Antônio Carlos. "Introdução". *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 13-14.

podemos citar suas relações com o governo de Getúlio Vargas. Segundo Juliana Samara de Souza Garcia[473]:

> A Igreja Católica teve importância fundamental na estruturação desse novo pensamento de ultradireita, um exemplo é o apoio que recebeu de Vargas para realizar sua "missão social" e as relações com o governo. (...) os líderes eclesiásticos tiveram boas relações com a administração de Epitácio Pessoa (1918-1922), e Artur Bernardes (1922-1926), mas as relações com Getúlio Vargas eram de uma proximidade extraordinária[474].

Sobre a Igreja no período do governo Vargas, Serbin diz que:

> O presidente Getúlio Vargas (1930-45, 1951-54) e a Igreja apoiaram-se mutuamente para desenvolver seus respectivos projetos de centralização institucional. Pela primeira vez em sua história, a Igreja brasileira falou com uma voz nacional. (...) Vargas e a Igreja fizeram um pacto informal de cooperação. (...) O pacto entre Vargas e a Igreja representou, na prática, o restabelecimento do catolicismo como religião oficial do Brasil[475].

Além disso, na Constituição de 1934 diversos pontos eram favoráveis aos interesses da Igreja, como por exemplo o financiamento das escolas religiosas, que foi restituído. Foi neste contexto que a Legião Cearense do Trabalho surgiu, servindo posteriormente de base para a implantação de uma seção da AIB no Ceará, segundo Juliana Garcia. A autora ressalta a ligação estreita entre as duas organizações, pois a partir de 1932, quando Severino Sombra foi preso e exilado por participar da Revolta Constitucionalista de 1932, quem se tornou líder da LCT e também da seção da AIB no Ceará foi Jeová Mota, já mencionado anteriormente.

Assim, vemos que, apesar das críticas feitas a Barroso e ao integralismo, estas foram exceções, e que este movimento obteve uma aceitação relevante no Ceará. Porém, as críticas não deixam de ser importantes para percebermos outro olhar sobre ele. Artigos encontrados relatam as caravanas integralistas que iam até lá, chefiadas por Barroso, além de suas idas sozinho até aquele estado, onde proferia conferências propagandísticas sobre o movimento. Em dezembro de 1933, por exemplo, Barroso fez uma conferência no Instituto Epitácio Pessoa, no Ceará, noticiada no *Correio do Ceará*. O jornal afirma que a sessão foi "animadíssima, com a casa completamente cheia"[476]. O artigo menciona também outras pessoas que falaram no evento: "a senhorinha Lecticia Ferreira Lima", e os chamados

---

[473] GARCIA, Juliana Samara de Souza. "O pensamento fascista na Legião Cearense do Trabalho". *História e Culturas*, Fortaleza, Vol. V, Nº 09 – janeiro-junho, 2017, pp. 117-137. Ver da mesma autora: *A influência do catolicismo social na política cearense (1922-1933)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.
[474] Ibidem, p. 128.
[475] SERBIN, Kenneth P. Op. Cit., p. 100.
[476]" A bandeira integralista". *Correio do Ceará*, 22 de dezembro de 1933. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"caravaneiros", que pertenciam à comitiva integralista vinda do Rio: José Brasil, Gustavo Barroso, Miguel Reale, Loureiro Junior, Herberto Dutra e o padre Hélder Câmara. Este aparece novamente, mostrando as ligações do integralismo com membros da Igreja Católica, questão que desenvolveremos melhor no próximo capítulo desta tese.

Porém, é relevante ressaltar que justamente neste período de arregimentação dos intelectuais por parte da Igreja, Barroso publica a obra *O Livro dos Milagres*, onde narra os feitos das vidas dos santos. No *Diario Carioca*, de 5 de fevereiro de 1930, Alcibiades Delamare fala sobre esta obra:

> (...) o que mais me agrada pela belleza da fórma, o sabor do assumpto, a naturalidade da narrativa, - deparo o crente, simples e desartificioso na tessitura dos episodios miraculosos da vida dos santos e thaumaturgos, emotivo na composição dos poemas de fé que a egreja, sem lhes authenticar veracidade, não condemna, entretanto, sincero na urdidura dos dramas commoventes, que se formam, emmaranham, desenrolam e culminam numa apotheose christan á Virtude, ao Dogma e á Verdade. (...) Tudo nelle é doçura. Encanto. Delicadeza. Sentimento christão. Tudo espiritualidade[477].

Seria coincidência publicar um livro com este teor no contexto que relatamos? Acreditamos que Barroso buscava reforçar sua imagem como intelectual católico nesse momento, principalmente por ser um dos principais dirigentes da AIB. Nas fontes analisadas não encontramos referências diretas a intelectuais católicos; ou seja, não vemos Barroso citando nenhum desses intelectuais católicos mais conhecidos, como Jackson de Figueiredo ou Alceu Amoroso Lima[478]. A AIB também não declarava abertamente uma ligação com o catolicismo, até porque não era uma postura adotada pela Igreja, a de demonstrar ligações com algum partido. O Integralismo não declarava apoio a nenhuma vertente religiosa, mas adotava uma linguagem religiosa, buscando assim o apoio de diversas religiões. Segundo Leandro Pereira Gonçalves e Everton Fernando Pimenta[479]:

---

[477] DELAMARE, Alcebiades. "Da 'Academia 'ao 'Instituto'". *Diário de Notícias*, 05 de fevereiro de 1930, pasta 19, Hemeroteca do Museu Histórico Nacional.

[478] Na pesquisa encontramos apenas uma referência citando a amizade entre Gustavo Barroso e Carlos de Laet, que também foi um importante líder católico do período. A informação sobre a amizade entre eles se encontra em um artigo da *Revista do Instituto do Ceará*, de autoria do padre Azarias Sobreira, onde este relata inclusive que Barroso teria se tornado mais dedicado à prática religiosa devido "as estreitas relações de amizade que bem depressa o vincularam a Carlos de Laet", que receberia visitas constantes de Barroso em seu solar. Portanto, teria sido por causa dessa amizade que Barroso se tornou mais religioso nesse período, mas não encontramos outras referências sobre a amizade ou aproximação pessoal entre ele e outros intelectuais católicos. Sobre o contato entre Gustavo Barroso e Carlos de Laet ver: SOBREIRA, Azarias. "Gustavo Barroso – fascinante individualidade", *Revista do Instituto do Ceará*, 1961, pp. 110-120. Disponível em https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1961/1961-GustavoBarrosoFascinanteIndividualidade.pdf

[479] GONÇALVES, Leandro Pereira; PIMENTA, Everton Fernando. "O cristianismo de camisa-verde: as relações do integralismo com o universo religioso". In: CALDEIRA NETO, Odilon; GRECCO, Gabriela de Lima

> Quando se analisam as influências que tiveram um papel importante na constituição do ideário integralista (...) ao lado do corolário de ideias fascistas, o conservadorismo advindo da *Action Française* de Charles Maurras, da Doutrina Social da Igreja Católica e também as concepções do integralismo português foram bastante importantes. (...) diferentes matrizes, concorrendo para que se forjasse um dos principais pilares do integralismo, advinha do teor anticomunista por elas comungado [grifo no original][480].

Portanto, ao lado do conservadorismo e da Doutrina Social da Igreja, outro ponto em comum entre esta e o Integralismo era o anticomunismo. Além deste, segundo os autores, o Integralismo também elencou como seus inimigos "o liberalismo, o capitalismo internacional, o regionalismo e as sociedades secretas originárias da maçonaria e do judaísmo"[481]. Assim, com esses pontos em comum e principalmente o anticomunismo, não era de se estranhar a aproximação entre líderes católicos e o movimento integralista, alguns deles inclusive participando de um dos órgãos mais importantes da AIB: a Câmara dos Quatrocentos. Os líderes católicos citados pelos autores e que participaram desse órgão foram o cônego Tomaz de Aquino e os padres Leopoldo Aires e Ponciano Stenzel dos Santos. Além destes, tiveram ligação com o movimento nomes como Helder Câmara, presbítero do Ceará e D. João Becker, arcebispo de Porto Alegre[482]. No entanto, mesmo com esses nomes importantes ligados à AIB, e com Plínio Salgado tentando obter o apoio da Igreja, este não ocorreu. Segundo Leandro Gonçalves e Everton Pimenta, isto se deu "por motivos como a posição que defendia a não participação da instituição no campo político, a formação liberal que parte do clero mais antigo possuía ou ainda a percepção das ambiguidades presentes no integralismo"[483].

Dois documentos citados pelos autores e que se encontram no Archivio Segreto Vaticano demonstram que a Igreja não via a AIB com bons olhos. São eles: *Breves observações sobre a ortodoxia da doutrina integralista perante a Igreja Católica* e *Ortodoxia della Dottrina integralista nel Brasile?*. No primeiro, além de destacar a atenção com que se deveria acompanhar o movimento, é ressaltado o fato de a AIB colocar seus métodos como preferíveis para a salvação da sociedade em detrimento daqueles utilizados pela Igreja. Por esse exemplo, vemos que para a Igreja era importante acompanhar o movimento com certo distanciamento, ficando atenta ao seu desenrolar, mas sem declarar apoio. Assim, houve

---

(Orgs.). *Autoritarismo em foco: política, cultura e controle social*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia; Pernambuco: Edupe; Madrid: UAM Ediciones, 2019, pp. 251-285.

[480] Ibidem, p. 252.

[481] Ibidem, p. 253.

[482] Ibidem, p. 254.

[483] Ibidem, p. 255.

lideranças que individualmente apoiaram o movimento e outras que o criticaram. Porém, por parte da instituição não houve um apoio formal. Portanto, segundo Gonçalves e Pimenta:

> (...) quando se observam em conjunto as posturas adotadas pelas lideranças do clero e do laicato católico, pode-se entender o fato de que, apesar de ter buscado o apoio oficial da Igreja Católica, o integralismo tenha mantido em sua autodenominação o epíteto de um movimento espiritualista, fato que se fez presente em vários de seus documentos, a contar pelo Manifesto de outubro de 1932[484].

Dessa forma, entendemos que Barroso procurava afirmar sua imagem de intelectual católico e integralista, buscando reconhecimento e apoio para o movimento que liderava. Isso não quer dizer que ele já não demonstrasse sua inclinação ao catolicismo antes, pois ao longo de sua trajetória nessas três primeiras décadas do século XX que analisamos até aqui, nos deparamos com diversos artigos seus de teor religioso, sempre defendendo o catolicismo e criticando movimentos como o de Padre Cícero ou o que chamava de "misticismo" do sertanejo. Ou seja, criticava práticas religiosas que destoavam do catolicismo oficial. Porém, a publicação de um livro desse teor nesse período pode demonstrar o objetivo de reafirmar essa postura.

Após sua morte, em 3 de dezembro de 1959, encontramos outros artigos em jornais do Rio de Janeiro e do Ceará. Desta vez relembrando e elogiando sua carreira. Em dezembro de 1958, ele havia celebrado 70 anos em um ciclo de comemorações que durou três dias (29 e 30/12 e 05/01/59), organizadas, segundo o *Jornal do Brasil* por "Funcionários e professôres do Museu Histórico Nacional e um grupo de amigos (...)"[485]. Em agosto de 1959, ele foi hospitalizado, passando por mais de uma cirurgia[486], mas em setembro viajou para o Ceará, onde realizou seu desejo de visitar o Crato. O *Correio do Ceará* publicou postumamente uma carta para Otacílio Anselmo, na qual Barroso já reclamava de dores, as quais atribuía a um "bico de papagaio":

> Eu já lhe devia ter escrito, mas não pude sequer pegar na pena com as dores constantes, dia e noite, produzidas pelo bico de papagaio de que estou sofrendo. Sómente nestes últimos dias tenho melhorado com um tratamento de calor a que me estou submetendo. Acho que os sacolejos do jipe, serra acima e serra abaixo, no TAL de Crato, contribuiram para as pioras que sofri depois de minha vinda daí. (...) As saudades do Ceará são cada vez maiores. Cada vez mais me custa viver afastado de nossa terra. Infelizmente, êste ano, muito cansado e atacado por êsse terrivel bico

[484] Ibidem, p. 264.
[485] " Gustavo Barroso: 70 anos", *Jornal do Brasil*, 25 de dezembro de 1958. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[486] " Gustavo Barroso hospitalizado", *O Povo*, Fortaleza-CE, 5 de agosto de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

> de papagaio, apondilo arliose no linguajar dos médicos, não pude aproveitar bem como desejava os dias que lá passei[487].

Em outro artigo do *Correio do Ceará*, também de dezembro de 1959, o jornal lamenta sua morte como uma grande perda para o Ceará e revela seu desejo em ser sepultado naquele estado:

> O Ceará perde um de seus maiores homens de sua história. Poucos o igualaram em amor e poucos projetaram tanto a cultura de sua gente. (...) A sua bagagem literária diz bem melhor de sua luminosa inteligência e de suas grandes virtudes intelectuais. Era, sem dúvida, um dos maiores cearenses de nossa época, razão por que o seu falecimento cobre de luto o Ceará. (...) Gustavo Barroso esteve em Fortaleza, em setembro último. Veio despedir-se de sua terra. Já havia se submetido a uma intervenção cirúrgica e sabia que não poderia resistir. Proferiu conferência e almoçou com amigos. Aqui, manifestou o seu desejo de enterrar-se em nosso Cemitério S. João Batista. Queria que o seu corpo viesse para Fortaleza. Mas, admitindo a possibilidade disso não acontecer, levou um saquinho de terra cearense, para que fosse colocado em seu esquife. Sabia que não duraria muito, mas queria ter a certeza de estar perto da terra natal[488].

Em 10 de dezembro de 1959, outro artigo do mesmo jornal também fala desse desejo de Barroso e da sua atitude de levar um punhado da terra cearense para o Rio, o que também teria sido feito por D. Pedro II ao deixar o Brasil após a Proclamação da República, revelando-se uma possível inspiração para Barroso[489]. O jornal *O Estado*, também em publicação do dia 10, traz o artigo "Gustavo Barroso e o remorso", onde o autor Gaspar Brígido elogia Barroso e revela seu próprio remorso por não ter assistido sua última conferência no Ceará:

> Falecendo Gustavo Barroso apaga-se o sistema planetário da literatura brasileira nos últimos trinta anos. Sómente quando houver, pela distância do tempo, perspectiva histórica, será possível a elaboração da biografia de um dos vultos mais impressionantes da vida cultural do Brasil. Idealista sincero, desde os albores da sua juventude vem lutando por uma revolução no campo da inteligência, como solução aos angustiantes problemas que afligem a Nação batida pelos ventos de uma falsa cultura importada. Verberando contra a produção literária gerada nas retortas dos laboratórios europeus ou norte-americanos, o imensurável escritor cearense falou aos peixes da indiferença nacional. (...) Como estivesse tarde e já no fim do seu trabalho, não me animei a entrar no salão(...). E sentí saudade daquêle a quem nunca apertara a mão, com quem nunca falara pessoalmente, a não ser através do contato quase diário com os seus livros. E hoje sinto remorso em não ter ouvido pela última vez a voz da História da Raça Brasileira. Remorso dos que sentem nos

[487]" Conversa de Livraria: última carta de Gustavo Barroso", *Correio do Ceará*, Fortaleza-CE, 15 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[488]" Faleceu Gustavo Barroso", *Correio do Ceará*, Fortaleza-CE, dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[489]" Conversa de Livraria: Gustavo: 'Desejaria na morte restituir-lhe meu corpo'". *Correio do Ceará*, Fortaleza-CE,10 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

> refôlhos d'alma o dever cívico-espiritual de acompanhar atentamente e seguir os passos de todos os gigantes que passam pela poeira das realizações temporais[490].

O jornal *O Povo* também lamentou sua morte, exaltando sua carreira:

> Repercutiu de maneira dolorosa, em todo o País, principalmente em Fortaleza, sua terra natal, e onde deixa grande número de amigos e admiradores, o falecimento do escritor Gustavo Barroso, ocorrido no Rio de Janeiro, no Hospital dos Servidores, onde se encontrava internado há vários dias. Gustavo Barroso era considerado uma das mais expressivas figuras do Ceará, de todos os tempos, no campo das letras. (...) Seu desaparecimento (...) deixa uma lacuna nas letras brasileiras, principalmente no campo da historiografia, onde sempre se destacou, dando grande contribuição para o esclarecimento das questões ligadas à história de nosso povo[491].

Vemos nesse período, após seu falecimento, mesmo com as críticas que havia recebido, sobretudo em sua fase de militância integralista, como ele voltou a ser reconhecido principalmente como historiador e romancista. Os jornais cearenses exaltaram sua figura e sua memória, colocando-o ao lado das principais personalidades que teriam tornado o Ceará conhecido através de suas obras, como o jornal *O Povo*, onde Boanerges Sales Luz dizia:

> O Ceará, pequeno Estado da Federação, tem dado muitos vultos que tiveram a primazia em certos setores das letras, da ciência e do pensamento nacional. Refiro-me a José de Alencar, o maior romancista da época do Romantismo; a Clovis Beviláqua, o maior civilista de seu tempo, e a Farias Brito, o maior filósofo dos fins do século passado. A Gustavo Barroso coube também posição preponderante na historiografia da 2ª fase do Naturalismo. Foi ele o maior historiador dessa fase[492].

O autor ainda considera que Barroso seguiu o mesmo método historiográfico de Capistrano de Abreu, também cearense, e que aquele "ultrapassou seus contemporâneos como o primeiro e o mais profundo estudioso da nossa história militar"[493]. Em publicação de 7 de janeiro de 1960, Luís Sucupira dizia que Barroso era:

> (...) mais do que uma pessoa, era uma personificação. Personificação do caráter de um povo, da energia de uma raça, compendiando de modo impressionante o gênio aventureiro, a firmeza decidida, a linguagem nervosa, a facúndia impressiva, a iniciativa esforçadíssima, a lealdade comprovada, o amor acendrado ao bêrço natal, que especificam e distinguem, no "meting pot" da civilização brasileira, o cearense

---

[490] BRÍGIDO, Gaspar. "Gustavo Barroso e o remorso". *O Estado*, Fortaleza-CE, 10 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[491] FONTES, Carlos. "Politeama". *O Povo*, Fortaleza-CE, 6 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[492] LUZ, Boanerges Sales. "Gustavo Barroso". *O Povo*, Fortaleza-CE, 6 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.
[493] Ibidem.

> bravo e destemido, de voz arrastada, de falar cantante, de olhar ardente, de coração amorável e de talento coruscante que atinge comumente o gênio[494].

Dessa forma, vemos como Gustavo Barroso, após sua morte, passou não apenas a integrar o panteão de personalidades cearenses que teriam tornado o Ceará conhecido no restante do Brasil, principalmente na capital federal, o Rio de Janeiro, como também a ser um símbolo, um arquétipo da personalidade e da imagem do cearense. Portanto, neste capítulo, buscamos apresentar as relações intelectuais de Gustavo Barroso, bem como a forma como ele era visto e reconhecido por seus pares na capital federal e no Ceará. Isto contribui para percebermos como seu trabalho era recebido não apenas na capital, mas no estado sobre o qual falava, buscando demonstrar os níveis de reconhecimento que este intelectual conseguiu angariar nos campos em que atuou, tanto como folclorista e romancista, como quando se tornou integralista. Foi possível pensar também como ficou marcada sua imagem após sua morte. Além disso, vimos o olhar do outro sobre sua militância integralista e introduzimos alguns pontos desse tema que será melhor desenvolvido no capítulo que se segue. Nele analisaremos mais detidamente o desenvolvimento do fascismo na Europa e também aqui no Brasil, a partir do surgimento do Integralismo, que era claramente inspirado na vertente europeia. Veremos também com mais profundidade o envolvimento de Gustavo Barroso no movimento integralista e seu antissemitismo. Aqui vimos o olhar de outros intelectuais sobre esse envolvimento no integralismo, em seguida veremos efetivamente sua atuação no movimento, para assim pensarmos como essas duas questões se encontram interligadas e se relacionam com seu trabalho como um todo.

[494] SUCUPIRA, Luís. "Gustavo Barroso e sua afeição à terra natal". *O Povo*, Fortaleza-CE, 7 de janeiro de 1960. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

3 **INTEGRALISMO, ANTISSEMITISMO E PROJETO DE NAÇÃO**

3.1 **Fascismo, integralismo e nação**

Para iniciar este capítulo, analisaremos as obras integralistas de Gustavo Barroso, contextualizando o momento vivido por ele, marcado pelo surgimento do integralismo no Brasil e do fascismo na Europa. Para esse estudo, selecionamos as seguintes obras: *Integralismo em Marcha* (1933) e *Integralismo de Norte a Sul* (1934). Estes são seus primeiros livros sobre o tema e possibilitam refletir sobre o seu pensamento político integralista e seu engajamento no movimento. Além destas obras, prosseguiremos com a análise dos artigos encontrados na Hemeroteca do Museu Histórico Nacional.

Porém, antes de abordar seu envolvimento no movimento integralista, se faz necessária uma breve contextualização do que ocorria no Brasil sob influência externa, a do fascismo europeu, movimento que inspirou o integralismo. O fascismo foi basicamente um movimento político de cunho conservador que surgiu na Europa, alcançando o poder em países como Itália, Portugal, Espanha e Alemanha. A Alemanha foi um caso mais específico, com características próprias, como o racismo, tendo sua expressão máxima no antissemitismo. Segundo Hobsbawm, após a Grande Depressão (1929), o Liberalismo entrou em declínio e surgiram então três opções políticas possíveis de serem seguidas: o comunismo, o capitalismo aliado à social-democracia, e o fascismo, que, segundo ele, "a Depressão transformou num movimento mundial, e, mais objetivamente, num perigo mundial"[495]. A partir da década de 1920, esse movimento se firma na Europa com a tomada de poder por Mussolini na Itália e, posteriormente, com Hitler na Alemanha e passa a inspirar outros movimentos ao redor do mundo, entre eles, o integralismo no Brasil. Segundo Hobsbawm, "o fascismo, primeiro em sua forma original italiana, depois na forma alemã do nacional-socialismo, inspirou outras forças antiliberais, apoiou-as e deu à direita internacional um senso de confiança histórica: na década de 1930, parecia a onda do futuro"[496].

---

[495] HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 181.
[496] Ibidem, p. 191.

Leandro Konder considera o fascismo "*um dos fenômenos políticos mais significativos do século 20*"[497] [grifo no original]. O autor objetiva fazer uma conceituação do fascismo, porém alerta que "nem todo movimento reacionário é fascista. Nem toda repressão – por mais feroz que seja – exercida em nome da conservação de privilégios de classe ou casta é fascista. O conceito de fascismo não se deixa reduzir, por outro lado, aos conceitos de ditadura ou de autoritarismo"[498]. Ele faz esse alerta para que, ao realizar uma análise, não se caia em equívocos ou generalizações.

Konder considera importante também esclarecer o conceito de direita, que seria "imprescindível a uma correta compreensão do conceito de fascismo", embora aquele seja mais amplo, pois "a direita é o gênero de que o fascismo é uma espécie"[499]. Ou seja, é no interior do espectro político da direita que o fascismo surge. Esta, porém, apresentava uma contradição interna da qual o fascismo se aproveitou para se fortalecer. Konder explica essa contradição:

> (…) a ideologia da direita encerra uma contradição interna, que se manifesta com clareza tanto maior quanto mais abstrato é o nível da sua fundamentação teórica: na medida em que a direita produz seus ideólogos mais ambiciosos (os seus filósofos), não pode impedir que eles se lancem em busca de princípios mais universais para a ideologia que estão ajudando a elaborar. E a busca da universalidade torna a ideologia da direita menos funcional, danifica a solidez das suas articulações pragmáticas, inevitavelmente *particularistas* [grifo no original][500].

Uma consequência dessa contradição é que esses ideólogos não podem confessar abertamente o caráter particularista de seus interesses, pois isso enfraqueceria sua posição. Isto os levaria a dissimular suas intenções, e, por isso, eles:

> (…) tratavam de formular princípios "generosos": tais princípios revelavam na conquista das consciências uma eficácia mistificadora superior à da secura pragmática. Mas, aumentando o poder de mistificação da ideologia da direita, eles aumentavam também, inevitavelmente, os seus elementos de automistificação[501].

O resultado disso foi uma dificuldade para a direita articular a resolução dos seus problemas práticos e teóricos. Dessa forma:

> O fascismo representou, na história contemporânea da direita, uma enérgica tentativa no sentido de superar a situação altamente insatisfatória que a contradição de que vínhamos falando tinha criado para as forças conservadoras mais resolutas.

---

[497] KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Op. Cit., p. 23.
[498] Ibidem, p. 25.
[499] Ibidem, p. 27.
[500] Ibidem, p. 28.
[501] Ibidem, p. 29.

> Enfrentando o problema das tensões que se haviam criado no âmbito da direita entre teoria e prática, o fascismo adotou a solução do *pragmatismo radical* (…) [grifo no original][502].

Nessa tentativa, ele foi, inclusive, buscar subsídios na própria teoria de Marx. Segundo Konder, a direita não tinha a intenção de adotar o marxismo, mas desejava '"importar 'do marxismo alguns conceitos, desligando-os do contexto em que tinham sido elaborados, mistificando-os e tornando-os úteis aos seus propósitos"[503]. O próprio Gustavo Barroso cita Marx algumas vezes em seus textos integralistas e algumas ideias realmente são adotadas por estes, como veremos adiante. Porém, de acordo com Konder, era preciso algo mais ao fascismo, algo que causasse mobilização, engajamento, pelo que se lutaria sem contestação. Mussolini teria percebido ser este o mito da pátria. Teria construído na Itália "*um mito*, atribuindo-lhe uma *unidade fictícia, idealizada*"[504]. Ou seja, ele utilizou o nacionalismo, a ideia de uma nação forte, pela qual se deveria lutar, para gerar o engajamento das massas. Segundo Konder, ocorreu "uma absorção do *social* pelo *nacional*" [grifos no original][505], e este modelo "veio a se tornar um dos princípios básicos do fascismo e logo adquiriu notável influência em escala internacional. Hitler adotou-a e radicalizava-a, sustentando, já em 1922, que 'nacional 'e 'social 'eram conceitos idênticos (…)"[506].

O autor afirma que Hitler se baseou na teoria de Arthur Moeller, que, em seu livro *O Terceiro Reich* (que se tornou o nome do regime de Hitler), defendia que a Alemanha estava sendo "proletarizada" pelas nações estrangeiras vencedoras da Primeira Grande Guerra. Konder explica que "o sentido social conservador dessa ideia era claro: tanto na Alemanha quanto na Itália, os trabalhadores eram convidados a verem em seus compatriotas capitalistas não os beneficiários de um sistema social baseado na exploração interna, mas sim *colegas proletarizados (ou em vias de proletarização), vítimas de uma sistema de exploração internacional*" [grifos no original][507]. Assim, criava-se um inimigo externo, baseado no nacionalismo, do qual eles deveriam se defender. Para Konder, o mito fascista de nação foi muito eficaz, porque:

> (...) em sua evolução, o capitalismo havia ingressado em sua fase *imperialista*: nos países capitalistas mais adiantados, o capital bancário havia se fundido com o capital industrial, constituindo o *capital financeiro*; as condições criadas nesses países

[502] Ibidem.
[503] Ibidem, p. 31.
[504] Ibidem, p. 36.
[505] Ibidem.
[506] Ibidem.
[507] Ibidem, p. 37.

> exigiram deles a *exportação sistemática de capitais*; acentuou-se a *competição em torno da exploração colonialista*; e, no bojo da guerra interimperialista de 1914-1918, difundiram-se em alguns países acentuados *ressentimentos nacionais*, análogos à primeira vista, às mágoas dos povos explorados [grifos no original][508].

Porém, seria importante diferenciar esse nacionalismo mobilizado pelo fascismo do nacionalismo dos povos oprimidos, pois, ainda segundo Konder:

> O nacionalismo dos povos efetivamente oprimidos e explorados é tendencialmente democrático e se fortalece através da mobilização popular feita "de baixo para cima". (...) O pretenso "nacionalismo" fascista, ao contrário, por seu conteúdo de classe e pelas condições em que é posto em prática, exige a *manipulação das massas populares*, limita brutalmente a sua participação ativa na luta política em que são utilizadas, impondo-lhes diretivas substancialmente imutáveis "de cima para baixo" [grifos no original][509].

Konder segue explicando que a "demagogia fascista" assume uma imagem de populismo, pressupondo um povo "tão mítico quanto a 'nação'"[510]. Esse fenômeno ficaria ainda mais claro no nazismo, em razão do cunho racista que desenvolve, fortalecendo, assim, o chauvinismo.

Jason Stanley esclarece que "a política fascista inclui muitas estratégias diferentes", que seria "o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público"[511]. Assim, Stanley reforça a visão de Konder, pois ele também ressalta a ideia de criação de um inimigo comum externo, o que chama de política do "nós" e "eles", pois os fascistas criaram essa divisão "apelando para distinções étnicas, religiosas ou raciais, e usando essa divisão para moldar a ideologia e, em última análise, a política. Todo o mecanismo da política fascista trabalha para criar ou solidificar essa distinção"[512].

Segundo Stanley, esse elemento mítico é relacionado ao passado, onde a nação teria a história de um passado glorioso, cheio de conquistas e tradições, que eram ameaçadas pelo presente desagregador, "pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito por 'valores universais', como a igualdade"[513]. É nesse sentido que os mitos são importantes, pois trazem à tona um passado que supostamente estava se perdendo e deveria ser defendido. Stanley fala que esses mitos:

---

[508] Ibidem, p. 39.
[509] Ibidem, p. 40.
[510] Ibidem.
[511] STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo*... Op. Cit..
[512] Ibidem, p. 7.
[513] Ibidem, p. 11.

> Geralmente se baseiam em fantasias de uma uniformidade pregressa inexistente, que sobrevive nas tradições das pequenas cidades e dos campos, os quais permanecem relativamente isentos da decadência liberal dos grandes centros urbanos. Essa uniformidade – linguística, religiosa, geográfica ou étnica – pode ser perfeitamente comum em alguns movimentos nacionalistas, mas os mitos fascistas diferenciam-se com a criação de uma história nacional gloriosa, em que os membros da nação escolhida governavam devido a conquistas e realizações em prol do desenvolvimento da civilização[514].

Isto é o que percebemos nos livros de Gustavo Barroso, tanto naqueles em que trata de temas históricos, quanto em seus estudos sobre folclore. Como já discutimos nos capítulos anteriores, ao tratar das tradições sertanejas, buscava defendê-las como um passado ideal, ameaçado pelas transformações da modernidade. O próprio folclore possui essa orientação, de preservação do passado e das tradições, e esse é o principal objetivo dos folcloristas. Também vemos essa exaltação e idealização do passado ao analisar seus livros de cunho histórico, principalmente aqueles que falam dos conflitos do Brasil com as repúblicas vizinhas, nos quais Barroso exalta o heroísmo do Império brasileiro na guerra. No livro *A Guerra do Lopez* (1928), ele trata da Guerra do Paraguai, e cada capítulo é composto por uma pequena história que teria acontecido durante as guerras. Nestes livros, Barroso cita suas fontes nas notas de rodapé, mostrando de onde teria tirado os fatos, com documentos da época. Porém, em um artigo do jornal *Correio da Manhã*, de 15 de maio de 1930, ao responder às críticas de um leitor, Barroso esclarece o teor do livro *A guerra do Lopez*, que, para ele, não seria um livro histórico, mas de folclore:

> Em primeiro logar, o volume em questão não é uma obra de historia, nem pretende ser. A pagina 216, uma nota clarissima elucida o assumpto: "Embora este livro tenha vasta documentação historica, o autor considera-o mais de folk-lore da guerra do que outra coisa. Reuniu nelle historias que lhe contaram velhos soldados do Paraguay, alguns versos, tradições e anedotas esparsas". Desde que eu respeite, pois, as linhas geraes dos factos, posso fazer no pormenor minha imaginação intervir como quizer. Assim, querer achar *erros historicos*, nesses racontos é uma prova de covardia mental [grifo no original][515].

Assim como *A guerra do Lopez*, os outros dois livros seguem o mesmo modelo. Nos livros intitulados *A guerra do Flores* (1929) e *A guerra do Rosas* (1929), Barroso trata do período da chamada Guerra Grande[516]. Porém, mesmo que se tratassem de contos sobre a

---

[514] Ibidem.

[515] BARROSO, Gustavo. "O Rhinoceronte de Carthago". *Correio da Manhã*, de 15 de maio de 1930. Hemeroteca do Museu Histórico Nacional, pasta 19.

[516] Conflito ocorrido de 1839 a 1851 entre Brasil, Uruguai e Argentina. Neste conflito o Brasil teria se aliado ao Uruguai e ao chefe colorado Venancio Flores contra o governo de Juan Manuel Rosas na Argentina. Este aliou-se a Manuel Oribe para retomar o controle do Uruguai e da região do Rio do Prata. O Império brasileiro sentiu-se ameaçado e aliou-se ao Uruguai, conseguindo, após alguns conflitos, vencer Rosas, que foi exilado na

guerra, já podemos perceber neles alguns elementos que compõem as ideias de Gustavo Barroso sobre uma história nacional. Neles Barroso sempre retrata os líderes dos outros países de forma pitoresca, com costumes incomuns e exóticos, enquanto exalta a monarquia brasileira. Juan Manuel Rosas, por exemplo, é tratado por ele como "despota" e "tyrano", que recebia as cabeças de seus inimigos e mandava expô-las em público[517]. Ao mesmo tempo, o Império brasileiro, segundo ele, "resolvêra intervir nos destinos do Prata, derramando o sangue de seus filhos pela civilização e pela liberdade", pois "a diplomacia imperial velava pela civilização da America e o imperador condenára o regimem deshumano de Rosas"[518]. Essa visão de Rosas como tirano e ditador não é só de Barroso, mas construída ao longo do século XIX. Barroso ainda situa a questão em uma perspectiva dualista de disputa entre bem e mal, onde o bem seria representado pelo Império brasileiro, que lutava para livrar a América da tirania rosista. Até mesmo ao apresentar os exércitos que desfilaram após o fim do conflito, ele faz essa distinção. Ao descrever a entrada do exército brasileiro na capital argentina, Barroso diz que:

> (…) desfilou o exército vencedor (...). A 'frente, pala de vicunha ao vento, farda azul bordada de oiro (...). A multidão prorrompe em vivas. Salvas e mais salvas de palmas freneticas. As senhoras do palanque pôem-se de pé. E 'a divisão imperial que vae desfilar. (...) Passaram sob a maior aclamação jamais vista na capital argentina (…)[519].

Já o exército argentino seria "desalinhado e deselegante" e desfilava diante de uma multidão "muda", com as senhoras virando o rosto[520]. Na descrição de Barroso, os outros exércitos nunca chegavam aos pés do brasileiro. Em sua narrativa o outro é sempre o bárbaro, desorganizado, selvagem, inferior, necessitando da intervenção do Império para restabelecer a ordem e acabar com a tirania[521].

Assim, desenvolve-se o mito de uma sociedade ideal, que já existiu, na qual imperava o heroísmo, a abnegação e a ordem, mas que estaria ameaçada pelo comunismo e pelo judaísmo, ideologias e grupos estrangeiros que estariam transformando o Brasil de forma

---

Inglaterra, onde faleceu posteriormente. Ver: RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil: 1750-2016*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Versal, 2017.

[517] BARROSO, Gustavo. *A Guerra do Rosas: contos e episodios relativos á campanha do Uruguai e da Argentina - 1851-1852*. São Paulo: Compnahia Editora Nacional. 1ª ed. 1929, pp. 13-14.

[518] Ibidem, p. 121.

[519] Ibidem, pp. 199-200.

[520] Ibidem.

[521] Cabe ressaltar que esta foi uma visão elaborada no século XIX, com forte participação do IHGB, onde as repúblicas vizinhas aparecem como bárbaras e não civilizadas. Ver: GUIMARÃES, Manuel Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, pp. 5-27.

quase imperceptível. Ele viria denunciar e mudar essa situação através do integralismo, como veremos também em seus livros de cunho propagandístico do movimento. Josef Stanley explica a ideia de passado mítico e sua relação com o presente:

> Essa história imaginária fornece provas para apoiar a imposição de hierarquia no presente, e dita como a sociedade contemporânea deve ser e agir. (...) A função do passado mítico, na política fascista, é aproveitar a emoção da nostalgia para princípios centrais da ideologia fascista: autoritarismo, hierarquia, pureza e luta. Com a criação de um passado mítico, a política fascista cria um vínculo entre a nostalgia e a realização dos ideais fascistas[522].

Percebemos, então, que não foi por acaso que Barroso se dedicou a escrever sobre o passado, ainda mais sobre a Guerra do Paraguai. Ao fazê-lo, exaltou justamente esses ideais de autoritarismo, hierarquia e luta no que se refere ao exército. Destaca ainda a pureza de intenções dos brasileiros que ali lutaram e do próprio governo imperial, que teria entrado na guerra para salvar as outras nações da barbárie e dos ditadores platinos. Além disso, os ideais defendidos nessas obras iriam servir de base ao próprio integralismo mais tarde.

Ainda sobre o fascismo, Robert O. Paxton o considera "a maior inovação política do século XX, e também a origem de boa parte de seus sofrimentos"[523]. Segundo ele, Mussolini teria cunhado esse termo ao fim da Primeira Guerra Mundial "para descrever o estado de ânimo do pequeno bando de ex-soldados nacionalistas e de revolucionários sindicalistas pró-guerra que vinha reunindo ao seu redor"[524]. Porém, suas raízes remontam ao período romano, pois *fascio* era um feixe, um maço de varas levado diante dos magistrados romanos em suas procissões públicas para representar a autoridade e a unidade do Estado. Assim, ao adotar um termo derivado desse objeto romano, Mussolini adotava esse simbolismo de autoridade e unidade para o movimento que estava criando. Contudo, segundo Konder, o termo *fascio* também já havia sido adotado no século XIX por diversas associações, não necessariamente de direita, mas também por camponeses, como na Sicília entre 1891 e 1894, por exemplo. Posteriormente, com o início da Primeira Guerra, em 1914, surgem os "*fasci* patrióticos" na Itália, prevendo a entrada do país no conflito. Segundo Konder, Mussolini teria ficado impressionado com esses *fasci*[525].

O movimento é criado oficialmente em 23 de março de 1919, em Milão, em uma reunião ocorrida na Aliança Industrial e Comercial de Milão, quando Mussolini denominou

---

[522] STANLEY, Jason. Op. Cit., p. 12.
[523] PAXTON, Robert O. Op. Cit., p. 13.
[524] Ibidem, p. 15.
[525] KONDER, Leandro. Op. Cit., p. 63.

seu movimento de *Fasci di Combattimento*, que significa, segundo Paxton "fraternidades de combate"[526]. Mas, ele só divulgaria seu programa meses depois e "era uma curiosa mistura de patriotismo de veteranos e de experimento social radical, uma espécie de 'nacional-socialismo'"[527]. Mussolini, que inicialmente era membro do Partido Socialista italiano e dirigia seu jornal (*Avanti!*), deixou o mesmo após o posicionamento contrário à entrada da Itália na guerra, fundando seu próprio jornal, o *Popolo d'Italia*, financiado por alguns industriais. Ele chegou inclusive a se alistar e lutar na guerra, sendo ferido em combate[528]. Nesse conflito, a Itália ficou ao lado dos vencedores, mas isto não implicou em nenhum ganho real, pois os grandes lucros ficaram apenas nos setores da siderurgia, indústria automobilística e química. Já o setor agrário entrou em crise e a inflação pesava sobre os trabalhadores. Estes começaram a protestar e os que retornaram da guerra logo perceberam a dificuldade que teriam em se reintegrar à sociedade. Foi nessa massa de ex-combatentes que Mussolini se apoiou e "começou uma luta inclemente contra os grandes responsáveis pela crise italiana, contra os inimigos da vocação da Itália para a grandeza: a democracia e o socialismo"[529]. Passa, então, a se manifestar sistematicamente contra o Partido Socialista. É a partir desse período que ele funda o *Fasci di combattimento*, já mencionado.

O fascismo surge na Itália, a partir da iniciativa de Mussolini, mas não se estabelecerá apenas no país. Paxton afirma que "movimentos semelhantes vinham surgindo na Europa do pós-guerra, independentes do fascismo de Mussolini, mas expressando a mesma mistura de nacionalismo, anticapitalismo, voluntarismo e violência ativa contra seus inimigos, tanto burgueses quanto socialistas"[530]. Na Itália, Mussolini toma o poder três anos após a dita reunião de Milão. E onze anos mais tarde outra vertente do fascismo iniciou seu governo na Alemanha. Konder destaca que nesse período "pouco se notava a admiração que o *Duce* inspirou, na Alemanha, já na primeira metade dos anos de 1920, a um jovem político que mais tarde se tornaria muito importante: Adolf Hitler"[531]. Para o autor, a situação na Alemanha do pós-Primeira Guerra ainda era pior que na Itália. O país havia sido derrotado na guerra e perdido territórios, entre outras perdas impostas pelo Tratado de Versalhes. Os militares estavam frustrados, os operários descontentes e o país em crise. Com isso, surgiram grupos de extrema-direita "que explicavam a derrota do exército alemão na guerra como

[526] PAXTON, Robert O. Op. Cit., p. 16.
[527] Ibidem.
[528] KONDER, Leandro. Op. Cit., p. 64.
[529] Ibidem, p. 65.
[530] PAXTON, Robert O. Op. Cit., p. 20.
[531] KONDER, Leandro. Op. Cit., p. 80.

consequência de uma *traição*: a pátria alemã estaria sendo apunhalada pelos 'judeus apátridas', que manipulavam tanto a 'alta finança ocidental 'quanto os 'agitadores comunistas 'que insuflavam a revolta no meio operário" [grifo do autor][532]. Assim, foi nesse contexto de crise e confusão política que surgiu o Partido Nazista, ao qual Hitler se filiou:

> O Partido Nazista foi fundado em 1919 na Baviera pelo ferroviário Anton Drexler com o nome de Partido Operário Alemão (*Deutsche Arbeiter Partei*). Adolf Hitler compareceu a uma das suas primeiras reuniões como espião militar, acabou aderindo ao partido, desligando-se das Forças Armadas. Em fevereiro de 1920, Hitler já era o dirigente de propaganda do partido e mudou-lhe o nome para Partido Operário Alemão Nacional-Socialista (*National-Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei*). Como os socialistas (*Sozialisten*) eram popularmente chamados *sozi*, os nacional-socialistas passaram a ser chamados *nazi* (daí "nazista")[533].

Em julho do ano seguinte, Hitler já havia assumido o comando do partido, com um programa confuso que:

> (…) preconizava a supressão da cidadania dos judeus, exigia terras (colônias) para a expansão do povo alemão, mas exigia também a participação dos trabalhadores nos lucros das grandes empresas, a supressão de todos os ganhos obtidos "sem esforço nem trabalho", o confisco dos bens daqueles que "enriqueceram através da guerra" e uma reforma agrária (…)[534].

Porém, com o tempo, parte desse programa foi sendo esvaziado e palavras de ordem mais conservadoras ganharam espaço no partido. Ainda segundo Konder, Hitler teria ficado "fascinado pela tomada do poder pelos fascistas na Itália"[535]. E, assim, inspirado no Duce italiano, tramou também um golpe. No entanto, não teve sucesso e acabou preso por seis meses. Konder conta que os anos seguintes foram ruins para o Partido Nazista, mas foi nesse período que Hitler publicou seu livro, *Mein Kumpf*, e ainda redigiu um segundo que não chegou a ser publicado. Na década de 1920, esses movimentos se proliferaram e se espalharam por diversos países da Europa, como Hungria, Espanha, Polônia e Portugal. Por isso, Konder afirma que "Hitler, olhando à sua volta, encontrava boas razões para não desanimar"[536]. Já em 1928 os grupos conservadores ao redor do mundo já olhavam com grande simpatia para o governo fascista da Itália e o Partido Nazista voltava a se firmar. Porém, a crise de 1929 atingiu profundamente a economia alemã, que andava às voltas com a dívida imposta pelo Tratado de Versalhes. Com isso, em 1930 caiu o governo do Partido

[532] Ibidem, p. 82.
[533] Ibidem.
[534] Ibidem, pp. 82-83.
[535] Ibidem, p. 83.
[536] Ibidem, p. 84.

Social Democrático e se iniciou "um claro deslocamento para a direita"[537]. O país passa a ser governado por um grupo conservador com base em "decretos de emergência", e após uma derrota nas eleições de 1932, mas já com o apoio do capital financeiro, Hitler consegue ser nomeado para o cargo de chanceler em 1933 pelo presidente Hindenburg[538]. Foi o último passo que ele precisava para tomar o poder na Alemanha, do qual só sairia morto, ao fim da Segunda Guerra.

O integralismo, por sua vez, foi um movimento surgido no Brasil nos anos 1930, também inspirado no fascismo italiano. Não é nosso objetivo fazer uma análise do movimento integralista, mas sim da influência que esse movimento teve no pensamento de Gustavo Barroso, este sim nosso objeto de pesquisa. Segundo Odilon Caldeira Neto e Leandro Pereira Gonçalves, o integralismo foi "o maior movimento de extrema direita da história do Brasil"[539]. Segundo os autores, o movimento surgiu após um encontro daquele que seria seu fundador, Plínio Salgado, com o próprio Mussolini, na Itália: "O encontro com Mussolini teve grande importância, pois, a partir dessa aproximação, foi possível consolidar elementos políticos e intelectuais que estavam em formação nas décadas anteriores"[540]. Ou seja, esse encontro foi o ponto culminante para o início de algo que já vinha sendo pensado, mas talvez ainda não tivesse uma diretriz. Plínio Salgado, inclusive, já havia participado de outros movimentos de cunho nacionalista, como o Verde Amarelismo, na década de 1920. Porém, para Hélgio Trindade, mesmo nessa época Salgado ainda não havia definido totalmente os contornos de seu movimento e nem simpatizava com o fascismo. Para o autor, isso só aconteceria a partir da viagem de Salgado em 1930:

> Os contornos definitivos da ideologia em elaboração se definem durante sua viagem ao oriente e à Europa, de abril a outubro de 1930. Desiludido com o partido ao qual pertencia, Salgado medita sobre a política brasileira à luz da experiência européia da época. Nesse período, a idéia fascista se insinua de forma explícita em seu espírito. Esta fase é decisiva para a compreensão do itinerário político de Salgado e da formação do movimento integralista[541].

Mesmo que a viagem tenha sido decisiva, não foi logo ao retornar que Salgado fundou o integralismo, pois o contexto não era favorável, devido à eclosão recente do movimento de 1930 de Getúlio Vargas. Assim, em um primeiro momento, Plínio Salgado continuaria se dedicando a sua atividade jornalística, e somente em 1932 fundou a Sociedade de Estudos

[537] Ibidem, p. 85.
[538] Ibidem, p. 86.
[539] CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. Op. Cit., p. 9.
[540] Ibidem, p. 11.
[541] TRINDADE, Hélgio. Op. Cit., p. 73.

Políticos (S.E.P.), que, de acordo com Trindade, foi a "antecâmara do Integralismo"[542]. Segundo Caldeira Neto e Gonçalves:

> A criação da SEP buscava organizar um grupo que pudesse discutir um novo movimento político, tendo como princípio um forte nacionalismo conservador e revolucionário, seguindo assim a proposta de Mussolini. O SEP foi resultado de vários outros movimentos que existiram no Brasil em anos anteriores, grupos que podem ser denominados como pré-integralistas ou protofascistas[543].

Já na terceira reunião do SEP Plínio Salgado sugeriu a criação de um novo grupo, visando "ampliar as atividades"[544]. Sua proposta foi então aprovada "com o apoio de intelectuais e estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo (...) consolidando a formação da Ação Integralista Brasileira (AIB)"[545].

No entanto, mesmo ocorrendo essa aprovação em maio, o movimento só ficou realmente conhecido a partir de outubro, quando foi lançado o Manifesto de Outubro, no dia 07 daquele mês, no Teatro Municipal de São Paulo. Este foi um documento redigido por Salgado "após calorosos debates nas reuniões do SEP, e que definia as diretrizes ideológicas do movimento"[546]. Assim, "com ampla repercussão, o *Manifesto* foi publicado com uma tiragem de 20 mil exemplares e distribuído na capital paulista e em várias regiões do Brasil. Composto por dez capítulos, o documento é a certidão de nascimento do integralismo brasileiro"[547]. Surgia oficialmente no cenário político a Ação Integralista Brasileira, que, embora não seja nosso principal foco nesta pesquisa, teve um papel muito importante na trajetória de Gustavo Barroso.

Marcos Chor Maio afirma que o contexto brasileiro desse período teria favorecido o surgimento de movimentos políticos como a AIB. Segundo ele, o período de 1932 a 1937:

> (…) se caracteriza por um quadro de imprevisibilidades no terreno político. O ambiente de indefinições que compreendeu o intervalo entre a crise de hegemonia das oligarquias da República Velha e o fechamento político que culmina no Estado Novo favoreceu o surgimento de projetos radicais e mobilizantes que tentaram galvanizar a sociedade com a idéia de mudança. As duas principais propostas desse tipo foram a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB). Os dois movimentos tinham críticas profundas aos preceitos democrático-liberais da República Velha - A "democracia dos coronéis", segundo Oliveira Vianna - e também aos descaminhos da Revolução de 30[548].

---

[542] Ibidem.
[543] CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. Op. Cit., p. 15.
[544] Ibidem, p. 14.
[545] Ibidem, p. 16.
[546] Ibidem.
[547] Ibidem.
[548] MAIO, Marcos Chor. "*Nem Rotschild nem Trotsky": O Pensamento Anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, p. 78.

É nesse contexto de insatisfações do pós-revolução de 1930 que surge a Ação Integralista Brasileira (AIB), em 7 de outubro de 1932. O movimento existiu oficialmente até 1938, quando Vargas colocou os partidos e movimentos políticos na ilegalidade, a partir da Lei de Segurança Nacional no início do Estado Novo (1937-1945). Dessa forma, segundo Maio, a AIB estava em sintonia com seu contexto político e com outros movimentos do mesmo teor no período que se aglutinaram em torno dela, como a Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista), a Legião Cearense do Trabalho, o Partido Nacional Sindicalista e a Ação Imperial Patrionovista, todos de extrema direita[549]. Portanto, para o autor, o integralismo se insere nesse contexto de ascensão de movimentos e partidos fascistas, e do nazismo, na Europa, como já explicamos. Segundo Chor Maio:

> O engajamento de Barroso na Ação Integralista Brasileira contemplava este conjunto de preocupações que fomentava a militância de parcela ponderada dos intelectuais dos anos 20 e 30. (...) Ela estava em sintonia com a presença ascendente das idéias de extrema-direita no espectro político-ideológico do Brasil dos anos 30. Não só uma vasta literatura apareceu à época, procurando repensar o país e propondo alternativas que superassem as incertezas da democracia, como também uma série de organizações de cunho autoritário surgiram neste cenário[550].

Foi neste contexto que Gustavo Barroso escreveu seus primeiros livros de cunho político, como *Integralismo em marcha*. Neste ele volta a abordar as ideias de ordem, hierarquia e autoridade, já observadas em seus livros sobre a Guerra Grande e a Guerra do Paraguai. Ao falar o que seria a política, ele diz:

> A política é uma ciência de alto valor moral que ensina a dirigir sábia e honestamente os homens, *organizando-os com disciplina* e justiça em corpos coletivos, *orientando-os para o progresso dentro da ordem* e da moralidade, procurando, assim, torná-los tão felizes quanto o permitam as possibilidades de seu destino á face da terra [grifos nossos][551].

Ele defende a autoridade inclusive do próprio movimento, pois este defendia a verdade e seria a verdadeira revolução, diferentemente da Revolução de 1930. Ele também tenta esclarecer que tipo de poder os integralistas desejavam, que não seria o poder comum dos partidos políticos, mas algo organizado de acordo com a hierarquia, a disciplina e a ordem:

---

[549] _____; CYTRYNOWICZ, Roney. "Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano vol. 2: o tempo do nacional-estatismo.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
[550] MAIO, Marcos Chor. "Nem Rotschild nem Trotsky"... Op. Cit., p. 79.
[551] BARROSO, Gustavo. *O Integralismo em marcha*. Op. Cit., p. 13.

> Não queremos ser um partido, porque representamos as primeiras celulas de um todo, porque seremos um dia êsse todo, *arquiteturando coesamente na ordem, na hierarquia e na disciplina*. Não pretendemos o poder-força, o poder passageiro (...). *Queremos o poder autoridade, como um direito real que compete aos mais cultos, como atribuição que assiste aos mais capazes*, poder de que carecemos, não para explorar a Patria, mas para engrandecê-la (…) [grifos nossos][552].

Vemos então que, para Barroso, os integralistas seriam aqueles com um direito real para governar, por serem aqueles com mais capacidade e cultura. Ou seja, Barroso se via como um eleito, um ser especial destinado a guiar as massas. Percebe-se isso ainda mais quando ele fala dos judeus e sua suposta conspiração de dominação mundial que ele, Barroso, estaria denunciando para o público em suas obras antissemitas, como veremos mais adiante. Porém, nesse livro, Barroso continua seguindo a mesma linha de pensamento ao falar do homem:

> O Homem que consideramos é o Homem Integral, corpo, razão e espirito, necessitado de alimentar-se e de amar, mas também necessitado de *liberdade disciplinada, guiado por um destino superior que se manifesta pela virtude e pela inspiração* [Grifos nossos][553].

Ou seja, eles, os integralistas, seriam capacitados para guiar esses "homens integrais", pois possuiriam a virtude e inspiração necessárias. Fica claro o autoritarismo dessa orientação política, onde as pessoas só teriam direito a uma liberdade disciplinada, liderada por um grupo ou líder superior (ou Chefe, como Plínio Salgado era denominado). Além disso, mistura esses elementos com o aspecto religioso, mas sem usar diretamente essa palavra. Diz que para ser integralista deveria se levar em consideração dois lados, o da racionalidade e o da materialidade, e mais um terceiro que deveria integrá-los, que seria a cultura "sob o ascendente da Moral Superior, da Moral Divina" [554]. Dessa forma, seria fundamentado "filosoficamente o nosso modo de enquadrar e resolver o problema político do ponto de vista geral ou universal e, com as particularizações necessárias, do ponto de vista brasileiro"[555].

Ao falar do Homem, este com H maiúsculo como ele escreve, seria "dotado de tríplice natureza, que só os cegos negarão: instintiva ou material, animica ou racional e intelectual, espiritual e superior"[556]; e todas as religiões e doutrinas, segundo ele, aceitariam isso, só que com outros termos. Esse estudo do homem seria importante pois "não é possivel *legislar sobre e para êle, nortear-lhe a atividade social, dirigir-lhe a economia e o espirito*, sem

[552] Ibidem, p. 16.
[553] Ibidem, p. 19.
[554] Ibidem, p. 20.
[555] Ibidem.
[556] Ibidem, p. 22.

conhecê-lo na sua ontologia, de onde vem, o que é, para onde vái" [grifos nossos][557]. Ou seja, o objetivo era governar todos os aspectos da vida do indivíduo. Esse estudo do homem, segundo ele, também seria importante para explicar os "fundamentos fislosóficos" que seriam a base cultural do integralismo. No livro *Integralismo de Norte a Sul*, Barroso começa falando sobre política e filosofia, dizendo que a filosofia é a "ciência das ciências"; e como "procura explicar as origens, a existência e a finalidade do homem, nela se tem de alicerçar toda e qualquer concepção social ou política"[558]. Ele busca então em Aristóteles sua definição de Estado. Segundo o filósofo, "todo Estado é uma sociedade de homens unidos"[559]. Ou seja, homens integrados nessa sociedade ordenada que ele defende.

Neste livro, Barroso fala também sobre o liberalismo e o comunismo, para então tratar do integralismo. Ao falar sobre o liberalismo, ele continua com o tema da filosofia, mas esta já não seria tão agradável para ele:

> A filosofia racionalista do século XVIII, cristalizada no grupo da Enciclopédia, verdadeira conspiração contra a verdade, como diz de Maistre, foi a creadora do liberalismo-democrático – que destruiu os restos da sociedade fundada na Escolastica e produziu os Estados modernos. Ao sopro de suas doutrinas derivadas do exagero do individualismo, sossobrou o que ainda subsistia, através do absolutismo monárquico, da antiga organização dos Estados cristãos[560].

Então, a filosofia que acabou com o Antigo Regime e a sociedade idealizada por ela já não lhe era tão cara. Mais uma vez podemos notar sua defesa de um modo de vida tradicional, em detrimento do moderno[561]. Neste livro, ele já começa a envolver os judeus:

> De mãos dadas, o espirito judaico e o espirito filosófico, haviam corroido, em nome dum direito natural racionalista, o *princípio da autoridade*. Dêsde muito tempo, *as dimensões permanentes da vida espiritual*, dentro das quais se emolduravam os povos, vinham sendo minadas no sentido duma revolução geral da humanidade, segundo o afirma uma das maiores inteligencias israelitas, Bernard Lazare, mostrando a colaboração nêsse obstinado trabalho de sapa [sic] dos filosofos racionalistas judeus do seculo Xº ao XVº (...), E, quando apareceu o odioso discurso de Rousseau (...) o filosofo judeu Moses Mendelssohn o traduziu, o propagou e dêle fez o manifesto oficial do movimento de idéas semita conhecido na história pelo nome de Movimento Háscala [grifos nossos][562].

---

[557] Ibidem, p. 23.
[558] BARROSO, Gustavo. *O Integralismo de Norte a Sul*. Op. Cit., p. 9.
[559] Ibidem.
[560] Ibidem, p. 10.
[561] Sobre a permanência das ideias do Antigo Regime no início do século XX, ver: MAYER, Arno. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
[562] BARROSO, Gustavo. *O Integralismo de Norte a Sul*. Op. Cit., p. 11.

Percebe-se mais uma vez a defesa da autoridade e da permanência, ou seja, o que era tradicional e permanente sendo minado pelo moderno e inconstante. Além da tentativa de ligar os filósofos iluministas aos judeus, colocando-os como aqueles que teriam agido para que essa mudança ocorresse na sociedade a qual ele defendia. Para criticar o socialismo, ele critica o fim do Antigo Regime e a filosofia do século XVIII, que chama de "racionalismo-individualista". Ela atacara o Antigo Regime e "não teve a preocupação de erigir um mundo novo sobre os valores positivos e necessários do mundo antigo; porém a de *derrubar todas as fórmas celestes e terrestres da autoridade*. E é por essa razão que Spencer assegura terem sido os liberais que prepararam o caminho para os socialistas" [grifos nossos][563]. Assim, ele relaciona tudo o que considera nocivo na sociedade, e acrescenta os judeus também como um elemento nocivo. Inclusive o capitalismo, que ele também critica, teria começado com "os prestamistas e rendeiros judeus, com os banqueiros e cambiadores lombardos"[564].

Na verdade, percebe-se que Barroso mistura vários conceitos em seus textos:

> Da cultura do Renascimento de tendencia retrograda, segundo Augusto Comte, nasceu o naturalismo que produziu o realismo. Dêste, consequentemente, saiu o racionalismo, pai consciente do individualismo, com o sensualismo de Locke, em que as idéas são simples modificações de sensações. Todos êsses sistemas se estêam numa fé absoluta na razão humana[565].

Essa fé na razão humana era seu principal ponto de crítica, o que ele chamava de materialismo, ou individualismo, que, em sua opinião, também seriam características do comunismo e do liberalismo. Essas duas correntes políticas, para ele, também eram a mesma coisa, e deveriam ser combatidas por igual, pois um era "a sombra do outro"[566]. Ele chega a criticar o sufrágio universal, pois em sua visão, o povo não teria capacidade de escolher: "Minada dia e noite pelo seu proprio estatuto básico, o sufragio universal, a liberal-democracia não poderia durar muito. Se se pudesse duvidar da natural incapacidade do povo para escolher, bastaria meditar na preferencia que deu a Barrabás, condenando Jesus…"[567]. Ou seja, Barroso usa a religião para justificar a suposta incapacidade da população para escolher seus líderes. Sendo assim, precisaria de alguém mais capacitado para fazer essa escolha. Esse alguém deveriam ser os líderes integralistas, incluindo-se ele mesmo.

[563] Ibidem, p. 13.
[564] Ibidem, p. 14.
[565] Ibidem, pp. 15-16.
[566] Ibidem, p. 17.
[567] Ibidem, p. 18.

Sobre o comunismo, aproximando-o do liberalismo, Barroso diz: "O Comunismo promete essa justiça [social] por um processo que é simples reflexo do liberalismo. A mêsma figura invertida. Nasceram duma semente só e se destinam ao mêsmo fim destruidor"[568]. Porém, ele não diz qual seria essa origem, mas pensamos que seja o materialismo, pois ele acrescenta que o comunismo "prende-se á filosofia materialista através dos milenios, explica-se pela teoria do determinismo materialista da história e se prova pelo metodo dialetico do raciocinio"[569]. Barroso volta, então, até a Grécia antiga para buscar o que entende como as origens desse materialismo, que, segundo ele, já se encontrava em Thales, Heráclito, Demócrito, Epicuro, entre outros. Em Roma, ele cita Lucrécio como exemplo. Cita também "o judeu iberico Spinosa", Hobbes e Locke, que seriam:

> (…) netos de Bacon e pais da escola materialista francêsa que preparou o advento da Revolução: Diderot, Helvetius, Holbach, La Matrie (...). Cita ainda Kant na Alemanha, que "encarniçara-se, póde-se dizer, contra Deus, analisando miudamente, a razão de modo a matá-lo no coração das classes cultas. Fichte seguiu-o, dissecando o eu, de maneira a envenenar as classes populares[570].

Cita ainda Hegel, com seu "idealismo sutil", que, na verdade, "não passa, no fundo, de materialismo, porque escorrega até a identificação da materia e do espirito na mêsma realidade; e com um metodo, que, virado pelo avêsso, servirá como uma luva ao marxismo"[571]. Notamos que Barroso desejava demonstrar que tudo tinha uma ligação, que todas as teorias estavam interligadas visando um mesmo fim: a destruição da sociedade cristã. Por isso, coloca todos esses teóricos na mesma posição, relacionando-os também aos judeus, que seriam os principais articuladores desse plano de destruição, agindo nas sombras, como veremos na maioria de seus livros e artigos antissemitas. Além disso, também acreditamos que, ao citar tantos autores, Barroso não estava preocupado com a coerência dessa suposta ligação entre eles, mas em demonstrar sua própria erudição. Nesse sentido, é interessante acompanhar o livro *Integralismo de Norte a Sul*, pois traz de forma clara o seu pensamento, manifestado, principalmente, em algumas de suas conferências realizadas em diversos estados do Brasil com a "caravana integralista". Na caravana, Barroso percorreu o Brasil juntamente com outros companheiros do movimento, visando fazer sua propaganda pelo país. Essas conferências também foram publicadas em jornais e depois compiladas em livros.

---

[568] Ibidem, p. 23.
[569] Ibidem, pp. 23-24.
[570] Ibidem, p. 25.
[571] Ibidem.

Assim, vemos como ele entendia que todas essas filosofias convergiam para o marxismo, citando, inclusive, as obras do próprio Marx: "Stern demonstrou cabalmente, o espinosismo de Marx e de Engels, unicos materialistas conscientes na opinião de Plekhánov. Aliás, a leitura do *Miseria da filosofia* de Marx mostra claramente as engrenagens que unem todos êsses sistemas filosoficos"[572]. De Marx ele ainda cita *O Capital* e uma carta para Engels[573]. Konder explica essa utilização do marxismo pelos fascistas, na tentativa de distorcê-lo e mistificá-lo, como vimos anteriormente. Barroso segue defendendo que o comunismo, no fundo, seria uma teoria burguesa e que outros autores burgueses já haviam falado sobre o materialismo histórico, como Thierry, Mignet, Guizot e Morgan; assim como a teoria de luta de classes, que também seria "outro emprestimo á burguesia liberal"[574].

Obviamente Marx foi influenciado e se inspirou em estudos anteriores, de outros pensadores, para desenvolver seu próprio estudo, assim como ele próprio também inspirou diversos outros autores posteriormente. Mas, parece que Barroso desejava algo original, sem estudo prévio, sendo que ele próprio também cita diversos autores para criar sua teoria de correlação entre as correntes filosóficas e a conspiração judaica. Como já dissemos, acreditamos que ele não buscava ser coerente, mas demonstrar erudição ao citar tantos autores, para legitimar seus escritos. Ele ainda cita Darwin, ironizando-o: "A concepção biologica de Darwin enquadra-se nêsse cánone e por isso é matéria de fé para os comunistas, que se orgulham de ser descendentes do macaco. Êste, infelizmente, não póde ser consultado para nos dizer se está satisfeito com a sua familia…"[575].

Ele continua, então, defendendo que o comunismo é algo antigo e revela quem seria seu verdadeiro criador:

> E ainda depois dos trabalhos de Schliemann, Dussand, Evans, Mosso e Schulten, nos querem impingir como novidade uma velharia de 1848 somente porque foi pintada de vermelho na Russia!... O verdadeiro creador do comunismo marxista é o velho materialismo judaico que vêm desde muitos centenarios solapando os alicerces da civilização cristã. Êle influenciou o advento do liberalismo que abriu as portas ao comunismo[576].

Então, a partir desse ponto ele começa a ligar o comunismo aos judeus, defendendo que:

---

[572] Ibidem, p. 26.
[573] Ibidem, pp. 29-33.
[574] Ibidem, p. 33.
[575] Ibidem, p. 38.
[576] Ibidem, p. 39.

> Toda a corrente filosofica materialista, que vem do século XVIII, corresponde a movimentos politicos-intelectuais dos judeus: os Moskhim, a ação de Leopold Zunz, o Néo-judaismo e o Néo-messianismo. O israelita Bernard Lazare escreve que os judeus vivamente se interessam pela primeira etapa da revolução economica de 1789 (...). Bernard Lazare acrescenta que eles influenciaram a segunda revolução, depois de 1830, sobretudo através da maçonaria. São os propagadores do ateismo geral (...) Karl Marx era judeu, duma familia rabinica-talmudista de Trèves. Engels era judeu, duma familia rabinica de Bamen. Lenine casou com uma judia. Os comissarios do povo da Russia, na maioria, judeus. Bela Kun, judeu. Trotski, judeu. As suas doutrinas são, na verdade, de traição nacional e de decomposição social, destinando-se a destruir a religião, o principio de autoridade e a ideia de pátria, transformando-a em espirito odioso de classe[577].

Vemos que para Barroso o fato de ser judeu já era um crime em si. Além disso, buscava provar uma suposta conspiração e influência desses judeus nos acontecimentos mundiais. Sua ênfase na antiguidade e não originalidade do comunismo também é importante de ser destacada, pois serve de contraponto à sua defesa do integralismo, que ele coloca como algo novo e original e como a única alternativa para salvar o país do comunismo e da liberal-democracia. Segundo Chor Maio, essa visão política de Barroso era singular, diferindo em alguns pontos da visão de Plínio Salgado. Barroso:

> (…) a exemplo de Plínio, concebia o conflito entre espiritualismo e materialismo como força motriz da evolução da história da humanidade. Diferentemente de Plínio, entretanto, no que se refere especificamente ao medievo, ele transformou o embate numa competição inconciliável entre judeus e cristãos, onde os primeiros representariam as forças da matéria, enquanto os últimos, as do espírito. Os judeus deveriam ser eliminados por não aceitarem o convite à dissolução no mundo cristão totalitário medieval, por teimarem em se manter como "raça" à parte, sendo, ao mesmo tempo, fomentadores da modernidade, do capitalismo e do comunismo, instrumentos indissociáveis do projeto judaico de dominação do mundo. À semelhança do nazismo, a revolução integral barrosiana seria essencialmente uma revolução antijudaica. Ao destruir o inimigo objetivo, deveria se inspirar no passado medieval para a construção da nova sociedade, na medida em que seria impossivel restaurar este momento privilegiado da história por causa da ação destrutiva dos judeus[578].

Já Elynaldo Gonçalves Dantas insere o discurso de Barroso em um movimento "de matriz rácica aos moldes da ideologia nazista, mas que, por conta de estar abrigado na AIB, dizia zelar pela união racial, e por isso mesmo colocava uma ideia paradoxal: a de não ser racista porque combatia o verdadeiro racista, o judeu, que não se assimilava a nação nenhuma"[579]. O autor considera que Barroso utilizava o discurso político para encobrir seu antissemitismo. Na AIB buscava-se não tocar nesse assunto, na tentativa de não excluir

[577] Ibidem, pp. 40-41.
[578] MAIO, Marcos Chor. "*Nem Rotschild nem Trotsky*"... Op. Cit., pp. 83-84.
[579] DANTAS, Elynaldo Gonçalves. *Gustavo Barroso, o fuhrer brasileiro: Nação e Identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em História. Natal/RN, 2014, pp.11-12.

adeptos. Com isso, o antissemitismo de Barroso viraria um questão dentro da AIB, pois, como veremos adiante, era escancarado. Porém, Dantas destaca também o outro aspecto do discurso político barrosiano de que já vínhamos falando: "O presente do caos, de uma liberal-democracia desgovernada, de um espaço vazio de tradições, da ruína de todo um sistema social, poderia ser recuperado no futuro, caso se voltasse para esse passado sacralizado, que é ao mesmo tempo um refúgio a ser recuperado pela Ação Integralista, a partir da construção do Estado Integral que seria o espelho da nação"[580].

Era através do integralismo que Barroso acreditava que encontraria a solução para o que ele considerava os problemas da nação, que eram a dissolução dessa sociedade tradicional e a suposta influência judaica nesse processo. Dessa forma, o antissemitismo e suas análises sobre política e história da nação estarão sempre entrelaçados. Assim, para Dantas, "a interpretação barrosiana da história nacional é marcada pela teoria da conspiração judaica e por uma doutrina racista que dialogava em vários aspectos com a doutrina nazista"[581]. Concordamos com o autor nesse sentido, pois encontramos nas fontes analisadas referências abertas e veladas a Hitler e sua doutrina. Ao defender o integralismo como uma terceira opção política (em detrimento do liberalismo e do comunismo), ele acaba por elogiar veladamente o nacional-socialismo, primeira denominação do Partido Nazista: "No duelo travado entre burguêses e operários, os verdadeiros intelectuais entram com uma terceira fórma de justiça social. (...) Sua doutrina coordena os valores sociais dispersos e os canaliza para alto fim humano. Suas primeiras manifestações chamaram-se fascismo e nacional-socialismo. Sua expressão mais completa chama-se integralismo"[582]. Ou seja, além de defender o fascismo e o nazismo como opções benéficas, ainda que inferiores ao integralismo, também se coloca novamente entre os intelectuais que trariam essa nova opção. Em outros momentos, cita Hitler diretamente, como na revista *Fon-Fon* de 09 de julho de 1933, na sessão "Filigranas":

> A sociedade precisa dum quadro hierarchico dentro do qual viva e progrida. Esse quadro pressuppõe chefes e disciplina. No angustioso momento por que hoje passa o mundo, vendo morrer a liberal democracia e bracejar o communismo impotente, somente uma doutrina mostra no horizonte dos povos um lume de esperança: o Integralismo. Porque elle cria e mantem aquelle quadro hierarchico salvador, sob o symbolismo do *Fascio* de Mussolini, da *suastika* de Hitler, da cruz de Christo de Salazar ou do *sigma* brasileiro [grifos no original][583].

---

[580] Ibidem, pp. 13-14.
[581] Ibidem, p. 15.
[582] BARROSO, Gustavo. *Integralismo de Norte a Sul*... Op. Cit., p. 45.
[583] _____. "Filigranas". *Fon-Fon*, 07 de julho de 1933. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.

Barroso deixa clara nesse trecho a inspiração fascista do integralismo, inserindo-o entre os demais movimentos fascistas europeus. Ainda no livro *Integralismo de Norte a Sul* ele fala de Hitler e Mussolini:

> A vantagem precipua de qualquer organização de Estado é realizar a justiça social. O liberalismo agonizante não a realizou. Nem o comunismo. A situação geral do mundo prova-o de sobejo. Entretanto, essas doutrinas dilaceraram a civilização e dispersaram-lhe os valores. O seculo XX reune-os, coordena-os, harmoniza-os dentro da ordem, da hierarquia, da disciplina, numa síntese que nos enche de fé e esperança nos destinos humanos, propondo a terceira fórma de justiça social. Sua simbolica traduz essa integralização. Mussolini dominando as discordias da Italia, adota como sinal o feixe dos litores romanos, o *fascio*, a reunião das varas sob a proteção do machado. Hitler, salvando a Alemanha do descalabro, ostenta a cruz esvástica, expressão do movimento universal, para indicar que os elementos reunidos já se movem devidamente sintonizados. E o Integralismo vai buscar na matematica o sigma do calculo integral, afim de mostrar que a soma da união e do movimento se faz com as infinitas, porque a dessas é o segredo de Deus!... [grifo no original][584].

Aqui fica clara mais uma vez sua inspiração e admiração por Mussolini e Hitler. Mais adiante no mesmo livro, Barroso aborda novamente a questão do simbolismo, citando Hitler. Começa falando do uniforme e do sinal do Sigma, e termina falando do gesto de levantar o braço direito em saudação: "E o gesto de Roma lembra, no fundo dos seculos, a gleba fecunda onde tomaram corpo as raizes da civilização que representamos: o genio da latinidade unido ao genio do cristianismo. E 'essa a saudação que, hoje, o braço de Hitler estende sobre a propria Germania (…)"[585]. São vários os exemplos nesse sentido que deixam claras suas inspirações políticas. Inspirações que eram também as do movimento integralista. Como destacam os autores Leandro P. Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, o próprio Plínio Salgado se inspirou em Mussolini:

> Plínio Salgado apresentava-se como um homem moderno. Ao propor uma nova política, buscava romper as tradições da velha política com um discurso autoritário, antiliberal, antidemocrático, anticomunista, baseado em uma estrutura nacionalista e na concepção cristã radical e conservadora. Esses elementos foram potencializados quando viu a prática desse modelo na Itália, identificando caminhos para o Brasil[586].

Como vimos anteriormente, o encontro de Salgado com Mussolini foi o ponto crucial para que ele iniciasse o movimento integralista. Essa tentativa de conferir uma ideia de modernidade ao movimento (assim como ao seu chefe) também estava presente no discurso de Barroso, que procura sempre frisar o aspecto de "novidade" do integralismo. Por isso,

---

[584] BARROSO, Gustavo. *Integralismo de Norte a Sul*... Op. Cit., p. 60.
[585] Ibidem, p. 78.
[586] NETO CALDEIRA, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O Fascismo em Camisas Verdes*... Op. Cit., p. 13.

enfatiza o quanto as outras correntes políticas são antigas. Ele busca passar a imagem de que o integralismo é uma ideia nova e diferente das demais, mas é claramente fascista. Passa também uma ideia de diferenciação e dinamismo:

> O Integralismo encarna em todas as suas concepções e manifestações o sentido dinâmico, revolucionario do cósmos. Ao invés da biologia social, êle se preocupa com a fisiologia social. Por isso, na sua projeção estatal, renega o feiticismo das constituições fixas e dos codigos congelados. Nêle, tudo se move, caminha, evolúe constantemente, acompanhando a propria vida[587].

Além de ser um movimento moderno, Barroso o coloca como algo diferente de tudo que já era conhecido: "Faremos um Estado diferente de todos os outros Estados de que vos teem falado, como nós somos diferentes de todos os propagandistas que vos teem dirigido a palavra (…)"[588]. Ou seja, ele deixa clara sua inspiração fascista, mas se separa do fascismo ao se colocar como algo ainda mais novo, diferente e original. Dessa forma, acreditamos, de acordo com as análises feitas do discurso de Gustavo Barroso, assim como das demais fontes que utilizamos nesta tese, que o movimento integralista era sim fascista. Os próprios jornais da época assim o consideravam e identificavam Barroso como um líder fascista. No jornal *A Republica*, de Natal/RN, na edição de 17 de junho de 1934, vemos um exemplo. Ao falar do livro *Integralismo de Norte a Sul*, que havia sido lançado naquele ano, o jornal diz que este "(...) reune algumas conferencias pronunciadas no decurso da campanha integralista, a mais brilhante manifestação de mocidade e coragem deste mestre da Historia. Cercado de moços, com uma juventude mental e fisica que o tem indicado para os postos de comando, *Gustavo Barroso é hoje uma das figuras mais expressivas do movimento fascista brasileiro*" [grifo nosso][589].

O jornal integralista *A Ofensiva*, no dia 09 de agosto de 1934, traz uma pequena relação dos países considerados de governo fascista, tais como Alemanha, Hungria, Áustria, Portugal, Polónia, entre outros. Em seguida, vem uma relação com os países com "organizações fascistas" e o nome das organizações, dentre eles o Brasil, com o "Integralismo de Plinio Salgado"[590]. Já o *Diário da Noite*, de São Paulo, se refere a Barroso como "chefe fascista", em sua edição do dia 09 de outubro de 1933, que vem com uma manchete em letras garrafais que diz "A propaganda do fascismo no Brasil", e o subtítulo "Desfilaram hontem

[587] BARROSO, Gustavo. *Integralismo de Norte a Sul*... Op. Cit., p. 54.
[588] Ibidem, p. 81.
[589]" Livros Novos". *A Republica*, Natal/RN, 17 de junho de 1934. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.
[590]" O Fascismo no mundo". *A Ofensiva*, 09 de agosto de 1934. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.

pela cidade 833 camisas-oliva – O sr. Gustavo Barroso pronunciou uma conferencia sobre 'Liberalismo, communismo e integralismo', no salão das Classes Laboriosas". Após a foto do desfile, onde Barroso aparece bem na frente do mesmo, vem um pequeno texto falando sobre ele: "(...) O conhecido escriptor, que é *um dos chefes fascistas do Districto Federal*, foi recebido na estação do Norte pela milicia integralista composta de 833 'camisas-oliva', que desfilaram pela cidade (…)" [grifo nosso][591].

Encontramos até mesmo um jornal estrangeiro, de Madrid, se referindo ao integralismo como "El partido fascista brasileño"[592]. Como podemos ver, em seus artigos e livros, Barroso não escondia sua orientação fascista, assim como a do movimento para o qual fazia propaganda, embora sempre destacasse a originalidade deste em detrimento dos outros, como afirma em entrevista ao jornal *Estado da Bahia*:

> Assim, com estas fallencias consecutivas de um regimen e doutro, *vamos marchando para as formas de conciliação fascista, de que o integralismo é a formula brasileira*, tendo pontos de contacto com as doutrinas fascistas de outras nações, mas consultando antes de tudo, a organização e a historia brasileira (…)[593].

Ele chegou até mesmo a se corresponder com o líder fascista Oswald Mosley, que era diretor da União dos Fascistas Britanicos. Segundo o jornal *A Ofensiva*, Barroso recebe a carta como resposta por ter lhe enviado um exemplar do livro *Brasil, colonia de banqueiros*[594]. Ou seja, tentava também manter contato com fascistas de outros países, talvez em uma tentativa de se inserir em uma rede de sociabilidade internacional com outros intelectuais fascistas. Nesse sentido, é importante destacar que a alcunha de fascista nem sempre seria pejorativa, pois naquele contexto era um movimento novo e que estava angariando muitos adeptos, tinha bastante apoio e já se espalhava por diversos países, como vimos. Esses jornais muitas vezes apenas noticiavam e, por vezes, o denominavam assim como um elogio. O que não quer dizer que não houvesse publicações contrárias, pois, como vimos no capítulo II desta tese, foram muitos os críticos ao engajamento de Barroso no integralismo e a suas atitudes a partir de então, sendo até mesmo ridicularizado em alguns momentos. Apenas destacamos que essas questões estão de acordo com o contexto tratado.

---

[591]" A propaganda do fascismo no Brasil". *Diário da Noite*, São Paulo, 09 de outubro de 1933. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.
[592]" El partido fascista brasileño". *Ahora*, Madrid, mayo de 1934. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 21.
[593]" Os caravaneiros do ideal integralista". *O Estado da Bahia*, 30 de novembro de 1933. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 21.
[594]" Brasil, colonia de banqueiros". *A Ofensiva*, 29 de novembro de 1934. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.

Dessa forma, pelo que vimos até aqui, neste capítulo e nos anteriores, percebemos que Barroso, nesta etapa de sua vida, tinha orgulho em se declarar fascista. Porém, era importante para o movimento que defendia se colocar como uma opção original para aqueles que estavam insatisfeitos com as opções que já possuíam em matéria de política e com o momento político pelo qual o país passava. Para aqueles que não desejavam um governo comunista, pois o comunismo sempre sofreu uma propaganda negativa no Brasil, aspecto que abordaremos com mais detalhes adiante. O integralismo apareceria como uma terceira opção. Por isso, a insistência de seus líderes em apresentá-lo como uma opção moderna, algo novo, diferente de tudo que já foi visto. Segundo Caldeira Neto e Gonçalves, esse discurso mobilizou tantos seguidores justamente porque:

> O integralismo se apresentava como algo novo em uma sociedade intolerante que vivia com medo. Embalada no ritmo dos movimentos fascistas e conservadores europeus, com apoio na encíclica papal do Leão XIII, a AIB assumiu um caráter espiritualista de harmonização social, de negação da luta de classes, denunciando que o liberalismo e o comunismo possuíam duas faces da mesma moeda: o materialismo. (...) A principal motivação que ocasionou a adesão de muitos integralistas, sem dúvida, foi o anticomunismo intensificado pelo pânico criado no Brasil[595].

Segundo os autores, o número de adeptos do integralismo aumentou após os acontecimentos de 1935:

> (…) quando ocorreu uma tentativa revolucionária desencadeada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) e pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), de Luís Carlos Prestes e Olga Benário. O perigo comunista passou a fazer parte ainda mais do imaginário social dos brasileiros. Para as elites e os setores da classe média, o espectro do comunismo rondava o Brasil[596].

Inclusive, "Grupos de prestígio econômico viam no comunismo um perigo real e concediam quantias consideráveis à AIB para ajudar no combate ao comunismo"[597]. Dessa forma, percebemos que os integralistas criticavam a burguesia e o liberalismo, mas aceitavam ajuda financeira de empresários. Até mesmo a viagem na qual Plínio Salgado conhece Mussolini foi financiada pelo banqueiro paulista Alfredo Egídio de Sousa Aranha, primo do ministro de Vargas (Osvaldo Aranha) e fundador do Banco Central de Crédito, que mais tarde se tornaria o Itaú. Ou seja, a retórica anticapitalista dos líderes integralistas não se aplicava na prática.

---

[595] NETO CALDEIRA, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O Fascismo em Camisas Verdes*... Op. Cit., p. 20.
[596] Ibidem.
[597] Ibidem, pp. 20-21.

No entanto, ainda segundo Caldeira Neto e Gonçalves, havia no integralismo "três líderes e alguns inimigos"[598]. Os líderes eram Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Estes, segundo os autores, aderiram ao movimento entre 1932 e 1933, e seriam o "braço direito e esquerdo" de Plínio Salgado. Os inimigos eram "além do comunismo, o capitalismo internacional, o judaísmo e a maçonaria"[599]. Até mesmo os temas dos textos doutrinários eram divididos entre os três de acordo com seus interesses, pois, segundo os autores, "os textos de Reale e Salgado atacavam o capitalismo e o comunismo internacional, enquanto os livros de Barroso tinham como temática central o antissemitismo"[600]. Os textos de Reale e Salgado não fazem parte do nosso quadro de fontes e nem é nosso objetivo analisá-los, mas, em relação a Gustavo Barroso, vemos que ele trata de todos esses temas, estando no centro de tudo o antissemitismo. Este interliga os outros temas, pois para ele todas essas questões seriam resultado de uma conspiração judaica. Porém, é importante ressaltar que essa temática só aparece em seus livros a partir de sua adesão ao integralismo, principalmente de 1933, com o livro *Integralismo em marcha*, que analisamos neste item. No próximo item, adentraremos numa análise mais profunda dos textos antissemitas de Gustavo Barroso, principalmente em sua tradução dos *Protocolos dos Sábios de Sião* (1936) e nos livros *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* (1937) e *História Secreta do Brasil* (1936).

3.2 **História e antissemitismo**

De acordo com Odilon Caldeira Neto e Leandro Pereira Gonçalves, Gustavo Barroso teria se tornado antissemita já inserido no integralismo e seria "o segundo grande nome do movimento"[601]. Barroso:

> (…) foi nomeado comandante geral das milícias e membro do Conselho Superior. Escreveu cerca de 70 livros, sendo muitos deles com o propósito de abordar o antijudaísmo. Ele atribui o contato e o aprofundamento com o tema ao próprio círculo social integralista, como Madeira de Freitas – chefe da AIB na Guanabara e redator-chefe do mais importante jornal integralista, A Offensiva - , que emprestou para Barroso uma edição em francês de Os Protocolos dos sábios de Sião, base fundamental da literatura antissemita[602].

[598] Ibidem, p. 23.
[599] Ibidem.
[600] Ibidem, p. 22.
[601] Ibidem, p. 26.
[602] Ibidem, pp. 26-27.

Os Protocolos dos Sábios de Sião é um livro/panfleto que foi traduzido para o português por Barroso, com comentários seus, obtendo grande repercussão e tornando-se a principal referência sobre o antissemitismo no Brasil:

> Devido à grande aceitação nos círculos autoritários e conservadores, a obra traduzida transformou Gustavo Barroso na principal representação do antissemitismo brasileiro. Acusava os judeus de terem influenciado negativamente o Brasil desde a sua independência, em especial no âmbito econômico, relacionando para isso a situação precária nacional dos anos de 1930 com um passado de dívidas e empréstimos contraídos com banqueiros judeus[603].

Em *História Secreta do Brasil*, ele vai mais longe e defende que a influência dos judeus viria desde o descobrimento do Brasil, como veremos adiante. Segundo Elynaldo Dantas:

> (…) os Protocolos dos Sábios de Sião são falsificações, provavelmente elaboradas em 1897 pela Okhrana, a polícia secreta do czar Alexandre III da Rússia. Os Protocolos são uma cópia de uma novela do século XIX (...) que afirma que uma cabala secreta judaica conspira para conquistar o mundo. A base da história foi criada pelo novelista alemão antissemita Hermann Goedsche, que usou o pseudônimo de Sir John Retcliffe. Goedsche se aproveitou da ideia de outro escritor, Maurice Joly, em seu "Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu" (1864). A contribuição original de Goedsche consistiu na introdução dos judeus como conspiradores para a conquista do mundo. O Império Russo, por meio de sua polícia secreta, usou partes da tradução em russo da novela de Goedsche, publicando-as separadamente como os protocolos, e afirmando serem atas autênticas de reuniões judaicas[604].

Segundo Newton Vieira[605], o suposto plano exposto pelos *Protocolos*:

> (…) estaria pré-concebido desde a antiguidade (mais de três mil anos), terminando por atingir seu fim no século XX. As mudanças ocorridas nos últimos séculos na Europa provocando a derrubada de antigos valores da sociedade cristã e trazendo à tona os princípios da modernidade estavam ligadas diretamente aos protocolos. Tudo isso faria parte da conspiração estruturada pelos judeus[606].

Ou seja, de forma geral, os Protocolos falavam dessas mudanças, porém de uma forma conspiratória, escrito em primeira pessoa, como se fosse realmente o relato de um plano. E assim foi disseminado e propagado, conferindo base para o antissemitismo que ganhou muita força naquela época, o chamado antissemitismo moderno. Este difere de um antissemitismo

---

[603] Ibidem, p. 27.
[604] DANTAS, Elynaldo Gonçalves. Gustavo Barroso, o fuhrer brasileiro... Op. Cit., p. 129.
[605] VIEIRA, Newton Colombo de Deus. *Além de Gustavo Barroso: o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
[606] Ibidem, p. 37.

mais antigo, baseado na religião judaica, que entrou em conflito com o cristianismo quando este passou a ganhar força, no século IV d.C[607], e teria motivado as perseguições da Inquisição posteriormente. Dessa forma, se constituía por um preconceito religioso. Já o antissemitismo moderno teria outros aspectos e, segundo Hannah Arendt:

> (…) deve ser encarado dentro da estrutura geral do desenvolvimento do Estado-nação, enquanto, ao mesmo tempo, sua origem deve ser encontrada em certos aspectos da história judaica e nas funções especificamente judaicas, isto é, desempenhadas pelos judeus no decorrer dos últimos séculos[608].

Para Arendt, o antissemitismo ganhou força nesse período quando os judeus haviam perdido muitas de suas funções e influência, restando apenas sua riqueza. De acordo com a autora, "a riqueza sem função palpável é muito mais intolerável, porque ninguém pode compreender - e consequentemente aceitar - porque ela deve ser tolerada"[609]. Arendt explica que apenas a riqueza sem o exercício de uma função política faz com que os indivíduos que a detém sejam considerados parasitas e daí vem a revolta. De fato, Barroso se refere dessa forma aos judeus e parece que sua riqueza lhe incomoda, pois busca explicá-la, colocando-a como fruto de empréstimos aos governos, como faz no livro *Brasil, colônia de banqueiros.* Ele chega a dizer que os judeus enriqueciam às custas da boa fé alheia.

Gérald Messadié, analisando o contexto do antissemitismo alemão, considera como um fator importante, entre outros, a notoriedade que os judeus estavam conseguindo e a influência no Estado[610]. O autor também destaca a unificação alemã, o nacionalismo e o aspecto racial, que também foi um componente central do antissemitismo moderno, que o diferenciava do antissemitismo tradicional. Segundo ele:

> Não era mais por causa do seu não cristianismo que os judeus eram rejeitados, mas por serem portadores de uma doença racial que ameaçava contaminar a vitalidade da raça alemã (...). Como destaca Gordon A. Craig, esse discurso confuso estava envolto em uma massa de ideias emprestadas de antropólogos (como na França na mesma época, com o mesmo pouco aprofundamento e mesma má-fé e ausência de rigor científico), biólogos (que nada tinham a dizer sobre o assunto, porque a biologia não tinha nenhuma competência sobre as religiões e ainda não tinha sido descoberto o DNA, grande anulador do conceito de raças humanas), psicólogos (ainda menos qualificados), teólogos (os últimos em competência na matéria), que lhe concederam uma aparência de autoridade científica (…)[611].

---

[607] VIEIRA, Fábio Antunes. "O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo". *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, nov. 2019, p. 3.
[608] ARENDT, Hanna. *Origens do totalitarismo...* Op. Cit., posição 356 no ebook.
[609] Ibidem, posição 232 no ebook.
[610] MESSADIÉ, Gérald. *História Geral do Anti-semitismo.* Op. Cit., p. 345.
[611] Ibidem, p. 384.

Messadié discorda da teoria de um antissemitismo disseminado e intrínseco à população alemã e defende uma explicação mais "simples", de que:

> (…) os judeus da Alemanha só tiveram acesso aos direitos cívicos a partir de 1871, quando então passaram naturalmente a chamar a atenção das populações, sempre prontas a julgar se os novos eleitos mereciam ou não os recentes privilégios; este é um ponto de psicologia de massas facilmente desprezado por historiadores posteriores, como também pelos próprios judeus da época (…)[612].

Para Fábio Vieira, houve um conjunto de fatores que culminaram na perseguição moderna aos judeus, mais especificamente a alemã, na qual o antissemitismo teve sua forma mais crítica nesse período, culminando no Holocausto:

> Associado ao elemento religioso, as atividades econômicas praticadas pelos judeus, bem como o esforço para se manterem coesos enquanto nação sem estado a partir de outros estados, contribuíram para potencializar as diferenças. Assim, quanto mais boa parte dos judeus ratificavam distinções em relação às populações cristãs, gradualmente mais passaram a serem vistos em meio a estas como maus, diabólicos, intrusos, apátridas, espúrios, nocivos, gananciosos (…) ou culpabilizados por mazelas ao longo da História, de modo a ocultarem responsabilidades de outros atores sociais, quando não dos próprios judeus, bem como fomentar o alcance dos intentos mais diversos dos seus opositores ou de oportunistas[613].

David Costa Rehem também defende a racialização como um aspecto do antissemitismo moderno, que teria como base a '"cientifização 'da sociedade"[614]. O autor explica que:

> Para os intelectuais do século XIX, não caberia mais uma argumentação de inferioridade racial dos homens baseada em superstições ou meramente no argumento religioso. Eram necessárias comprovações científicas - com base em pesquisas, em dados adquiridos a partir da observação e dos estudos sociais e biológicos - para se definir a inferioridade de um grupo social, e/ou povo, normalmente denominado de *raça* ou *sub-raça*, com o interesse de apartar e/ou exterminar o "objeto" de estudo da sociedade após a comprovação científica da impossibilidade de assimilação, ou de assimilação condicional, daquele indivíduo ou grupo numa determinada sociedade[615].

Dessa forma, em um primeiro momento essa perseguição aos judeus estava mais ligada à questão religiosa, como na Idade Média. Porém, no antissemitismo moderno, temos a questão racial embasada por uma suposta ciência que também se desenvolvia no mesmo período. Além disso, havia também a questão econômica, devido às atividades desempenhadas pelos judeus, historicamente. Segundo David Rehem:

---

[612] Ibidem, p. 349.
[613] VIEIRA, Fábio Antunes. "O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica…" Op. Cit., p. 5.
[614] REHEM, David Costa. *As forças secretas da revolução: antissemitismo do sigma na Bahia (1933-1937).* Salvador: Sagga, 2018, p. 24.
[615] Ibidem.

> As comunidades judaicas no centro-oeste europeu estavam ligadas às atividades urbanas, ao comércio, quando ainda essas atividades eram de pequena importância. Foram impelidos a essa vida, pois como sofriam constantes perseguições buscavam constantes atividades agrícolas, ou seja, se configuravam na estrutura social de forma diferenciada. Havia aqueles que estavam ligados ao poder vigente, na maioria dos casos, a partir da administração financeira de principados ou reinos. Eram estes os judeus-de-corte. Vale ressaltar que enquanto a função de judeu-de-corte era um "privilégio" de alguns judeus e seguramente momentânea, a visão do judeu enquanto usurário era disseminada, de forma generalizada, seja para os da corte, que tinham a proteção dos senhores, como para as comunidades urbanas e rurais, desprovidos de qualquer proteção[616].

Assim, no período aqui estudado, os judeus foram estigmatizados muito mais por questões econômicas e raciais do que propriamente pela questão religiosa. Porém, como veremos nos escritos de Gustavo Barroso, ele misturava os dois aspectos, embora negasse seu racismo. Este, após ler os *Protocolos* e tomá-lo como verdade, tornou-se um antissemita ferrenho. Posteriormente, traduziu o livro para o português, com comentários em notas de rodapé nas quais busca passar suas ideias aos leitores enquanto comenta aspectos do texto[617]. Na edição de 1936 da Editora Minerva, que utilizaremos nesta tese, além do texto traduzido, há também textos de outros autores comentando os *Protocolos*, entre eles Gustavo Barroso. A primeira parte do texto, intitulada "O perigo judaico", é escrita por Roger Lambelin, autor antissemita, e, segundo Vieira, "editor da versão francesa mais popular dos *Protocolos*"[618]. Nesse texto, Lamberlin afirma que esse plano teria sido concebido no Congresso Sionista de Basiléia, em 1897, e por algum descuido teriam sido roubados, copiados e, posteriormente, sido entregues aos escritores russos Sergei Nilus e G. Butmi. Ele também sugere que o nome do criador desses *Protocolos,* Asher Ginzberg[619], estaria em um estudo de L. Fry[620].

A segunda parte, intitulada "A autenticidade dos Protocolos dos Sábios de Sião", foi escrita por W. Creuz, outro autor antissemita citado também por Barroso. Este escreveu a terceira parte, intitulada "O grande processo de Berna sôbre a autenticidade dos 'Protocolos '- Provas documentais por Gustavo Barroso", onde ele trata do processo que os judeus estavam movendo em Berna para provar que os *Protocolos* eram uma fraude. Barroso, então, se propôs a mostrar que eles eram verdadeiros. Por fim, a quarta parte contém o texto original dos *Protocolos*, traduzido e comentado em notas de rodapé por Barroso. O livro conta ainda com um Epílogo, também escrito por ele, intitulado "A opinião dos próprios judeus sobre os

---

[616] Ibidem, p. 46.
[617] DANTAS, Elynaldo Gonçalves. Gustavo Barroso, o fuhrer brasileiro... Op. Cit., pp. 107-108.
[618] VIEIRA, Newton Colombo de Deus. Além de Gustavo Barroso… Op. Cit., p. 38.
[619] Ibidem.
[620] Pseudônimo da escritora antissemita Paquita Louise de Shishmareff, que escreveu *Waters flowing eastward*, obra antissemita baseada nos *Protocolos*, que Barroso também cita diversas vezes.

'Protocolos'". Neste trabalho focaremos apenas nos textos de Barroso, que é nosso objeto de pesquisa. Como vimos, o texto dos *Protocolos* se trata de uma fraude e não é nosso objeto principal. Nosso foco é a visão de Barroso sobre ele. Deste modo, analisaremos seu texto sobre o processo de Berna e as notas de rodapé nas quais ele comenta os *Protocolos*, não só insistindo na veracidade dos mesmos, como buscando prová-la.

Já no início desta edição temos uma nota da editora, intitulada "Razões desta edição". Desde o início, percebe-se que o texto é publicado como sendo verídico, pois a nota da editora já considera a edição como "a condensação do mais terrível e cínico plano subversivo da história"[621]. A nota ressalta que as opiniões divergem quanto a autoria e autenticidade do texto. Porém, "os judeus e amigos dos judeus negam-no sob o pretexto duma falsificação maldosa"; já os "inimigos dos judeus fazem dêle seu cavalo de batalha"[622]. Ou seja, quem discordava do texto seria "amigo dos judeus" e quem concordava era seu inimigo. Porém, haveria também aqueles "homens de pensamento esclarecido" que "estudam-no com cuidado e se documentam a respeito. Tal é sua importância no momento presente que precisa ser divulgado e figurar nas estantes de todos os estudiosos"[623]. Assim, percebemos que sob uma imagem de imparcialidade, a publicação tinha por objetivo a necessidade de ser divulgada, por ser verídica, na visão da editora.

A nota ainda cita os outros textos que faziam parte da edição e seus autores, conhecidos antissemitas da época, como grandes autoridades e conhecedores do assunto. Sobre Gustavo Barroso, a nota ressalta que ele "encarregou-se da tradução, dos comentários, das apostilas e glozas"[624], e a escolha dele para este trabalho:

> (…) foi determinada pelo profundo conhecimento que o mesmo adquiriu em matéria de judaismo, possuindo uma biblioteca especializada no assunto. Autor do famoso livro "Brasil - Colónia de Banqueiros", em que pôs a nu a nefasta ação do judaísmo financeiro no nosso país, levantou no Brasil a campanha anti-judaica, não com a violência ou a calúnia, mas com a lógica e as provas documentais. E 'um técnico no importante assunto, segundo o consenso dos entendidos dentro e fora da pátria[625].

Dessa forma, a editora o coloca em pé de igualdade com os demais escritores antissemitas internacionais e continua relacionando seu currículo, para justificar sua escolha para este livro na tentativa de legitimar seu texto a partir do seu capital simbólico:

---

[621] BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos sábios de Sião*. Op. Cit., p. 5.
[622] Ibidem.
[623] Ibidem.
[624] Ibidem, p. 8.
[625] Ibidem, pp. 8-9.

> Tendo ocupado as mais altas posições políticas, administrativas e literárias (...) seu convívio social, sua experiência dos homens, sua observação dos fatos, seu conhecimento da vida e sua cultura, o indicavam necessariamente para êste trabalho. Os leitores lerão as eruditas e profundas anotações do referido escritor, algumas tiradas de livros raríssimos e verão se fomos ou não bem inspirados na escolha[626].

Segundo a editora, a edição estaria tão bem documentada por Barroso que nem mesmo poderia ser criticada:

> Editando os "Protocolos", não tivemos em mira ofender ou injuriar, mas difundir o conhecimento duma questão de alta relevância para a humanidade e que, de uma vez por tôdas, deve ficar esclarecida. Fizemô-lo, reunindo, graças à competência do tradutor e comentador, um manancial de documentos verdadeiramente raros e preciosos. *Essa documentação é irrespondível* [grifo nosso][627].

Vemos como a editora, sob uma falsa imparcialidade, tenta impor uma fraude como algo verídico, deixando claro que não aceitaria críticas. Barroso segue nesta mesma linha de pensamento e inicia seu texto declarando que "a autenticidade dos 'Protocolos 'não pode ser impugnada por perícia alguma, salvo se feita por judeu ou pessoa de má fé"[628]. Ou seja, qualquer perito que refutasse a autenticidade dos *Protocolos* era tido por ele como judeu, ou alguém agindo de má fé; não haveria outra alternativa. Ele contesta a conclusão do perito do processo de Berna, que atestou os *Protocolos* como falsos, pois "não quer dizer que o processo tenha sido ganho, mas simplesmente que aquele perito deu respostas favoráveis aos judeus nos quesitos acima apontados pelo juiz"[629]. Então, para ele o perito teria sido parcial em sua análise.

Barroso não só não aceita esse veredito, como tenta de todas as formas "provar" a veracidade do texto, mas, como veremos, a documentação que ele usa é parcial e extremamente contestável. Ele começa citando outros autores que, para ele, já teriam provado essa autenticidade, como L. Fry, W. Crewtz e Gottfried zur Beck. Mais adiante, cita também Roger Lambelim, Monsenhor Jouin, Nesa Webster e Léon de Poncins, todos autores antissemitas e conspiracionistas. Assim, ele busca confirmar um documento antissemita a partir de autores também antissemitas. Barroso segue apresentando outros indícios dessa autenticidade que defende e o que mais ressalta é o fato dos acontecimentos relacionados no texto dos *Protocolos* terem acontecido ao longo da história. Diz que uma maneira de se perceber isto seria ler os *Protocolos*" e passar em revista os acontecimentos mundiais daquela

[626] Ibidem, p. 9.
[627] Ibidem.
[628] Ibidem, p. 53.
[629] Ibidem, p. 56.

data até hoje [1936] para se ver que todos coincidem com o que está escrito. Como os 'Protocolos 'não podiam adivinhar o que se ia passar, sobretudo a guerra e o desemprêgo, é lógico que tudo isso foi preparado pelos judeus"[630]. Barroso desejava provar a todo custo que estava certo, pois guerras e desemprego sempre aconteceram em todas as épocas da humanidade, logo não é difícil prever que acontecerão. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, "a obra apócrifa *Os Protocolos dos Sábios de Sião* pode ser considerada como uma das principais matrizes do pensamento anti-semita no Brasil contemporâneo"[631]. A autora ressalta o fato da obra não possuir limites cronológicos. Logo "o texto ofereceu uma interpretação lógica para o caos sendo a universalidade e a intemporalidade uma de suas mais intensas características estruturais"[632]. Assim, o texto poderia ser interpretado como atual em qualquer época.

Além desse raciocínio, que Barroso toma como prova de autenticidade, ele também traz documentos sem citar as fontes, como uma suposta carta "do judeu Baruch Lévy ao judeu Karl Marx", falando da intenção por parte dos judeus de um "domínio universal", mas não diz onde ou como teve acesso a essa carta. Não cita nenhuma referência, mas diz que:

> (…) a autenticidade desta carta é indiscutível e ela não passa de um resumo do plano exposto mais largamente nos "Protocolos". A famosa declaração do rabino Reichhorn, em 1869, e mil outros documentos subsidiários semelhantes demonstram que os judeus querem o que os "Protocolos" preceituam. Os "Protocolos dos sábios de Sião" são absolutamente autênticos[633].

Isto é, ele não diz onde encontrou esses documentos, mas afirma serem todos autênticos, inclusive os *Protocolos*. Sobre o processo de Berna, que Barroso busca deslegitimar, consiste, resumidamente, em um processo movido por alguns rabinos contra jovens suíços pela distribuição dos ditos *Protocolos*. O processo pedia o recolhimento dos livros como "literatura obscena". Ao comentar o caso, ele se refere aos jovens como "rapazes anti-semitas e nacionalistas", minimizando o fato, enquanto acusa os judeus de haverem movido o processo, porque temiam "que a revelação de seus planos infames lhes alienasse tôda simpatia daquela população [suíça] ordeira, varonil e virtuosa, os judeus intentaram êsse processo contra os moços, alegando que a publicação era obscena"[634]. Ele também cita outros processos movidos pelos judeus, um em Bruxelas e outro em Viena, e diz que estariam

[630] Ibidem, p. 53.
[631] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., p. 52.
[632] Ibidem, p. 53.
[633] BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos sábios de Sião.* Op. Cit., p. 54.
[634] Ibidem, p. 55.

também revisando um no Cairo, todos no mesmo sentido. Porém, o de Berna, iniciado em 1934, estava mais em evidência. Segundo ele, havia outros peritos nesse processo, mas aquele que havia declarado a falsidade dos *Protocolos* teria sido "indicado pelos judeus queixosos" e sua opinião refletia a de seus "constituintes". Com isso, ele busca deslegitimar a conclusão do perito dizendo que ele teria sido indicado pelos judeus e atendia aos seus desejos.

Mais adiante, ele chega a citar uma edição dos *Protocolos* de 1935 que foi anunciada pelos jornais esclarecendo que se tratava de um documento da polícia secreta do czar. Barroso, porém, desconsidera esse fato, alegando que esta seria a edição de um judeu. Comenta, então, a declaração de uma testemunha que citou o general Globatchow, ex-chefe da Okrana. No entanto, o general negou seu envolvimento e Barroso desconsiderou seu depoimento como "favorável ao judaísmo", pois em sua visão deturpada tudo que era favorável aos judeus não poderia ser verdade. Inclusive a própria imprensa estaria favorável a eles, ou conspirando com eles, pois não noticiava quando aparecia um depoimento como o do general. Seria interessante saber como Barroso soube da testemunha, se não foi pela imprensa. Mas, ele não diz.

Outro exemplo que Barroso traz seria a fala do rabino Messinger. Segundo ele, "um dos instigadores do processo de Berna". Messinger, em uma reunião no dia 09 de maio de 1933, na qual se discutia a tese "Judaísmo e Maçonaria" teria declarado que "o judaísmo foi o cômeço da humanidade e será o fêcho de sua cúpola!". Diante dessa fala, Barroso comenta: "Tôda presunção, tôda fatuidade e tôda a ambição *protocolar* dos judeus palpita nessa simples frase" [grifo no original][635]. Além deste, ele cita outro judeu, Boris Liffschitz. Em 1918, "segundo informações seguríssimas", diz Barroso, "êsse judeu teria recebido da legação dos sovietes em Berna a soma de 700 mil rublos destinados a financiar a greve geral na Suíça… Mais um laço entre o judaísmo e o bolchevismo. Mais uma prova de autenticidade dos 'Protocolos'"[636]. Ele, porém, não diz quais são essas fontes "seguríssimas", de onde tira essas informações e como sabe da fala desses judeus. O que percebemos é que Barroso se aproveita do seu capital simbólico já adquirido para legitimar suas falas e, assim, obter a confiança daquele que lê na veracidade do que ele está dizendo. Como vemos na nota da própria editora, a confiança sobre ele se baseia em seu extenso currículo literário. Deste modo, ele não precisa apresentar suas fontes, mas suas teorias ganham força mesmo assim, através do seu renome como intelectual.

[635] Ibidem, p. 59.
[636] Ibidem.

Além disso, o fato de citar exaustivamente diversos documentos e exemplos do que diz, mesmo sem referências, faz com que seu texto tenha uma aparência erudita, como já comentamos. O que também forja uma legitimidade. Se o leitor confiasse o suficiente na sua bagagem como escritor não iria conferir se ele falava a verdade ou não, pois acabava que o próprio Barroso em si já era uma referência sobre o assunto. Esta atitude não se verifica apenas neste livro, mas em outros também, tornando-se uma marca dos seus livros antissemitas. Ao analisar *Brasil - Colônia de Banqueiros*, Newton Vieira fala sobre essa questão, pois no livro Barroso cita uma quantidade enorme de empréstimos que teriam sido feitos pelos governos brasileiros a banqueiros judeus desde a independência. Cita também diversos autores e fatos "sem grandes detalhamentos, dando a entender que está apenas retirando suas declarações de obras escritas por autores estrangeiros (...). Consideramos aqui, mais uma tentativa do autor em dar um tom de seriedade a seu trabalho, buscando demonstrar embasamento teórico"[637]. Roney Cytrynowicz, ao analisar o livro *O Quarto Império,* destaca a mesma atitude de Barroso:

> A suposta cientificidade do texto de Barroso procura fundamentar-se na citação exaustiva, massiva, de autores igualmente antissemitas e em versões do suposto complô [judaico], como se a referência a estes autores desse veracidade, verossimilhança, às denúncias de Barroso, como se esse fosse o passado fundador que autoriza a invulnerabilidade pretendida do discurso[638].

O mesmo autor, ao falar dos empréstimos e números trazidos por Barroso no livro *Brasil: Colônia de Banqueiros* comenta: "É efetivamente impossível acompanhar estas contas, seguir qualquer raciocínio. Mas a construção do livro é feita de tal forma que não interessa acompanhar as contas; elas pretendem se impor, como provas das acusações que estão sendo feitas (…)"[639]. Portanto, concordamos com a análise do autor e com Vieira quando este diz que "o uso da ampla quantidade de informações procura transformar essa quantidade em qualidade, fazendo os números parecerem verossímeis, uma característica dos livros de Barroso"[640]. Ou seja, seu método era apresentar tantos dados ao leitor que o fizessem crer na veracidade dos fatos pela simples admiração de sua erudição, não buscando realmente conferir a procedência de tais informações. Porém, precisamos ressaltar que essa atitude corresponde a seus livros sobre antissemitismo, pois em seus livros de história da

[637] VIEIRA, Newton Colombo de Deus. Op. Cit., p. 72.
[638] CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30.* Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/FFLCH, 1992. Apud VIEIRA, Newton Colombo de Deus. Op. Cit., p. 72.
[639] Ibidem, p. 73.
[640] Ibidem.

Guerra Grande e da Guerra do Paraguai, por exemplo, ou nos livros de folclore, já analisados nos capítulos anteriores, ele apresentava referências. Podemos inferir que essa atitude decorre do fato dos seus livros e artigos antissemitas se basearem em teorias conspiratórias, sem comprovação documental, o que lhe fazia recorrer a esses métodos.

Porém, no livro *História Secreta do Brasil*, que também se trata de uma obra antissemita, ele cita fontes e referências reconhecidas, mas deturpa-as para confirmar suas próprias teorias. Nessa obra, Barroso trata da suposta influência judaica no Brasil desde a chegada dos portugueses em 1500. A introdução da editora (Revisão Editora Ltda., cujo dono foi processado por publicar obras negacionistas do Holocausto) já esclarece bastante o teor da obra:

> Na "HISTÓRIA SECRETA DO BRASIL", propõe o Sr. Gustavo Barroso desprender da complexidade das forças que trabalharam na preparação dos acontecimentos políticos do Brasil, aquela que lhe parece predominante, senão decisiva, e, portanto, suficiente para nos dar, desses fatos, uma perfeita compreensão. É uma sondagem profunda a que procede, a procura da verdade histórica ou melhor da "história subterrânea dos acontecimentos"[641].

Percebe-se já de início que a ideia central do livro é a de uma história oculta, que seria revelada por Barroso. Citando autores antissemitas como Emmanuel Malynski e León de Poncins ele explica como se daria essa ação judaica e que revelá-la seria a verdadeira história, sendo este o objetivo do seu livro:

> Todo esse plano, em todas as nações, foi cuidadosamente elaborado e lentamente executado pelo judaísmo, raramente descoberto e sempre embuçado nas sociedades secretas. Judaísmo e maçonarias criaram um meio social propício à guerra do que está embaixo contra o que se acha em cima, desmoralizando e materializando a humanidade pelo capitalismo mamônico, dividindo-a e enfraquecendo-a intimamente pela democracia, separando-a e tornando-a agressiva pelo exagero dos nacionalismos, dissolvendo-a e descaracterizando-a pelo cosmopolitismo, encolerizando-a pelas crises econômicas e enlouquecendo-a com o comunismo. Conhecendo isso, é que se pode dar seu verdadeiro caráter aos acontecimentos históricos e mostrar a verdadeira fisionomia das revoluções. (...) *Empreendo, neste ensaio, a história da ação deletéria e dissolvente dessas forças ocultas.* Até hoje se escreveu a história do que se via a olho nu, sem esforço. *Esta será a história daquilo que somente se descobre com certos instrumentos de ótica e não pequeno esforço.* É a primeira tentativa no gênero e, oxalá possa servir de ensinamento à gente moça, a quem pertence o futuro [grifos nossos][642].

Neste trecho podemos perceber claramente o teor conspiratório do livro; conspirações estas que apenas aqueles que possuíssem um olhar especial, entre os quais ele se coloca,

---

[641] BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil*, vol. 1. Op. Cit., p. 23.
[642] Ibidem, p. 26.

poderiam desvendar. A partir deste seu olhar e seu esforço investigativo, também faria uma obra singular e pioneira, na qual denunciaria essas conspirações e os planos ocultos dos judeus-maçônicos. Assim, Barroso se coloca quase como um eleito, que conseguiu desvendar o que estava oculto em nossa história e se propõe a revelá-lo. Ele então traça uma linha temporal desde o descobrimento, passando pelos principais acontecimentos do período colonial, nos quais os judeus teriam, com o auxílio da maçonaria, influenciado ocultamente. Ele aborda acontecimentos como o descobrimento, o processo de colonização e exploração colonial como a extração de pau brasil, ouro e diamantes e o açúcar no nordeste, o tráfico de africanos escravizados, a ocupação holandesa no nordeste e as principais revoltas desse período, como a Revolta dos Mascates, a Revolta de Beckman, a Inconfidência Mineira, a Revolta dos Alfaiates, etc. Em todos esses acontecimentos os judeus estariam envolvidos, agindo ocultamente para direcioná-los a seu favor, visando enriquecer com pouco esforço, segundo Barroso. Para ele, "toda a história do Brasil é assim: uma parência - o idealismo construtor do português, do mameluco e do brasileiro, dos cristãos; uma realidade - o utilitarismo oculto do judeu, explorando as obras do idealismo alheio"[643].

Em relação às fontes e referências dessa obra, além das obras de autores antissemitas, como exemplificamos acima, também há citações de autores brasileiros, documentos históricos e relatos de cronistas, como Antônio Vieira, Antonil, Gilberto Freyre, Paulo Prado, Varnhagen, Capistrano de Abreu e Taunay, mas até nas mais simples frases desses autores ele vê a ação judaica. Um exemplo é quando ele cita Isaac Izeckson, que no texto "A contribuição judaica na formação da nacionalidade brasileira" diz: "(…) não há exagero em afirmar que não há quase fato histórico de importância nos quatrocentos anos de vida nacional, no qual não tenham influído ou colaborado, às vezes proeminentemente, elementos da raça hebraica" [644]. No trecho o autor ressalta a importância da comunidade judaica e suas contribuições para o país. Porém, para Barroso, surpreendentemente, tal fala consistia em prova de seu envolvimento na escravidão: "Ora, que fato de maior importância histórica para nós do que a escravidão? O comércio de escravos é tão fundamentalmente semita que sempre foi denominado 'tráfico fenício'"[645].

Não colocamos em questão que os judeus tenham sim participado de fatos importantes de nossa história, pois desde cedo eles vieram fugindo da inquisição portuguesa, como relata

[643] Ibidem, p. 45.
[644] Ibidem, p. 56.
[645] Ibidem.

Anita Novinsky[646]. Segundo a autora, os judeus se espalharam por todas as regiões do país e atuaram nas mais diversas atividades, desde o comércio e a administração até a função de artesãos, sapateiros e lavradores, como ocorreu na Bahia[647]. No Rio de Janeiro, atuaram como "homens de negócios, médicos e advogados, além de artesãos, mestres-escola, militares, caixeiros, alfaiates", além do que "mais da metade dos cristãos-novos estava ligada à agricultura, principalmente ao cultivo da cana e ao fabrico do açúcar"[648]. Estavam também presentes em São Paulo, Minas Gerais, Paraíba, Maranhão e Grão-Pará, como documenta a autora. Porém, para Barroso eles não poderiam se envolver em nenhuma atividade de forma benéfica, pois, em qualquer atividade que se envolvessem, teriam um objetivo escuso por trás. Outro exemplo é quando ele transcreve um trecho de Diogo de Vasconcelos, no qual este diz:

> Acima dos paulistas gozavam da vantagem de ser conhecidos e amparados pelos compatriotas das praças marítimas que lhes forneciam à crédito instrumentos e escravos africanos, obreiros estes únicos que podiam suportar as fadigas medonhas de tal indústria desumana e cruel como foi a das minas. Em tais condições, e em breve tempo, as terras mais ricas, as regiões mais férteis, ficaram pertencendo aos reinóis; e algumas outras também aos baianos que dispunham de tais elementos[649].

Não se fala nada sobre judeus, mas Barroso completa: "Azevedo Marques revela o que eles pretendiam: a fortuna das minas *sós e sem partilha*. Tomavam judaicamente o resultado do heroísmo alheio!" [grifos no original][650] Enfim, percebe-se um olhar marcante na análise histórica de Gustavo Barroso, o olhar do antissemitismo. Em sua obstinação de provar a teoria de conspiração judaica, se esforçava para atribuir-lhe as causas de todos os acontecimentos que considerava prejudiciais na história do Brasil, com uma interpretação enviesada dos documentos que utilizava. Assim, vemos que ele até utilizava fontes e leu bastante sobre a história do país, recorrendo a autores renomados, mas sua interpretação era totalmente parcial e direcionada por seu olhar antissemita.

Outra forma encontrada por ele para atribuir veracidade aos seus escritos e impressionar os leitores era recorrer a falas e livros de judeus, como já vimos dois exemplos. Porém, no decorrer de seus comentários sobre os *Protocolos* vemos que ele cita livros de autores judeus, como se eles próprios confirmassem o suposto complô. No entanto, percebemos que ele deturpa o conteúdo desses livros, extraindo apenas os trechos que, para ele, confirmavam sua teoria ou aparentavam confirmar. Assim, ele traz essas falas de autores

---

[646] NOVINSKY, Anita [et al]. *Os judeus que construíram o Brasil...* Op. Cit.
[647] Ibidem, posição 1780 no ebook.
[648] Ibidem, posição 2112 no ebook.
[649] BARROSO, Gustavo. *História Secreta*… Op. Cit., p. 103.
[650] Ibidem.

judeus também como provas da autenticidade dos *Protocolos*. Para isso, então, os depoimentos dos judeus são válidos, mas quando negam a autenticidade não.

Um desses textos seria o poema *O judeu pacificador*, que, segundo ele, foi declamado por um ator judeu no Teatro Real, em Compenhague, no dia 08 de dezembro de 1935, e escrito pelo judeu Luiz Levy. Esse fato teria sido publicado no jornal *Berlingske Tidende*, um jornal dinamarquês. Segundo ele, esse poema "contém, em resumo, o plano de conquista exposto nos 'Protocolos '''e seria "uma prova decisiva da autenticidade" dos mesmos, pois "mostra como êles estão impregnados de espírito judaico"[651]. Eis o trecho que ele apresenta do poema:

> Os tempos chegaram e uma só cousa agora importa: é que nós nos manifestemos o que somos uma nação entre as nações, os príncipes do Ouro e da Inteligência. Um suspiro se elevará de tôda a terra e as multidões estremecerão ouvindo atentamente a sabedoria que emana dos judeus. Quem ignora o que significam as glândulas do corpo humano? Pois bem, agora, por um judicioso instinto de conservação, os judeus se fixaram nas glândulas da moderna comunhão dos povos. As glândulas dessa comunhão dos povos são: as bolsas, os bancos, os ministérios, os grandes jornais, as casas editoras, as comissões de arbitragem, as sociedades de seguros, os hospitais, os palácios da paz. Alguns publicanos e alguns predicadores, professores e sábios afirmam que não existe a questão judaica. Perguntai a um vagabundo qual quer e êle responderá melhor. Por uma ambição belicosa, êsse rústico é naturalmente anti-semita. Naturalmente, é necessário que o povo judaico tenha uma representação internacional e um território próprio. Mas não acrediteis que os judeus da Europa ocidental dêm um passo. Aparentemente, tudo continuará no mesmo e, todavia, tudo será transformado. Jerusalém será o nosso papado. Jerusalém parecerá laboriosa aranha, tecendo uma teia, cujos brilhantes fios de eletricidade e de ouro envolverão o mundo. O centro dessa teia, de onde partirão todos os fios, será Jerusalém![652]

Barroso também diz que esse poema (que não se parece em nada com um poema) foi publicado no "famoso 'Serviço Mundial', de Erfurt, na Alemanha", que se tratava de um jornal antissemita, segundo o rabino Ehrenpreis, citado pelo próprio Barroso[653]. E ele continua nesse mesmo sentido, até entrar no tema do racismo, que seria uma desculpa esfarrapada dos judeus:

> Os judeus, quando acusados de exercerem ação funesta no seio da sociedade, fomentando uma política e uma economia de acôrdo com seu plano de domínio mundial, escudam-se em duas desculpas esfarrapadas: uma é a intolerância religiosa; a outra, a intolerância racista. Só os ignorantes da questão se deixam embair. Não há no anti-judaísmo senão um movimento natural de defesa do organismo social contra o parasita que lhe ameaça a vitalidade. O racista máximo é o judeu, que não cruza, não se funde, não se adapta e despreza, no fundo, como o reconhecem as maiores autoridades israelitas na matéria, os povos no meio dos quais vive. Falar de

[651] BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos*… Op. Cit., p. 70.
[652] Ibidem, pp. 70-71.
[653] BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Op. Cit., p. 163.

> intolerância religiosa nos nossos dias em países como o Brasil, é apelar para uma verdadeira tolice[654].

Como muitos racistas que não assumem que o são, Barroso faz o mesmo, imputando o racismo ao próprio judeu. Como destaca Elynaldo Dantas, Barroso coloca o judeu como racista para mascarar seu próprio racismo e intolerância, ao mesmo tempo em que declara que isto seria impossível de acontecer no Brasil, um país tão diverso e miscigenado. Porém, o que ele mesmo escrevia mostrava o contrário. No Brasil, segundo Marcos Chor Maio, o contingente da população judaica triplicou entre os anos de 1920 a 1928, principalmente nas grandes capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife. Por esse motivo, teria também aumentado sua visibilidade na sociedade, além do seu envolvimento nos setores mais informais de trabalho, "como o pequeno comércio, o comércio ambulante e, em menor grau, a indústria". Essas atividades teriam proporcionado sua "ascensão econômica e social"[655]. Maio destaca que "o comércio ambulante foi um importante meio de integração dos judeus à sociedade brasileira"[656]. Embora o autor relativize a perseguição judaica no Brasil, não considerando que ela tenha impedido sua convivência em sociedade, ele destaca que:

> A presença judaica foi criando aos poucos certas desconfianças que se refletiram em órgãos da imprensa e em círculos intelectuais e políticos. Em parte, essa imagem negativa adviria da onda nacionalista surgida no final dos anos 10, que concebia os imigrantes como concorrentes dos trabalhadores brasileiros ou como seres improdutivos, exploradores da mão-de-obra e da riqueza autóctone. Além disso, as elites políticas da época acreditavam que os estrangeiros eram portadores das ideologias anarquista e comunista, estranhas à "índole do povo brasileiro". Esses "indesejáveis" seriam um mal externo que corromperia a nação[657].

Embora, como defende o autor, eles conseguissem conviver em sociedade, essas ideias eram disseminadas na imprensa e em livros, como vemos no caso de Gustavo Barroso, que publicava suas ideias antissemitas sem nenhum impedimento e até mesmo incitando os leitores e a "mocidade" a combaterem os judeus, como veremos adiante. Apenas uma vez ele foi boicotado por Plínio Salgado em razão de um artigo, que se intitulava "A Sinagoga Paulista", mas somente porque atacara diretamente pessoas importantes do empresariado brasileiro. Por causa dele, Barroso foi proibido de publicar sua coluna "Judaísmo

---

654 BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos*… Op. Cit, pp. 72-73.
655 MAIO, Marcos Chor. "Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30". In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo.* Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 232.
656 Ibidem.
657 Ibidem, p. 233.

Internacional", no jornal *A Ofensiva,* por seis meses, a mando de Plínio Salgado[658]. Em outubro de 1934, ainda segundo Maio, Plínio Salgado se encontrou com o rabino Isaías Raffalovitch, "que transmitiu a preocupação da comunidade judaica do Rio de Janeiro com a radicalização do discurso anti-semita"[659]. Salgado, então, promete que este tema ficaria ausente do programa integralista. Ora, se a questão não fosse realmente preocupante e se os judeus não se sentissem ameaçados, não teria sido necessário que uma liderança judaica tomasse essa atitude. Para Maio, porém, o discurso anti-semita radical de Gustavo Barroso "não parece ter provocado nenhum impacto mais significativo". Ao mesmo tempo, as ações da AIB não levaram a "tensões ou conflitos reais"[660] que afetassem a vida da comunidade judaica.

No entanto, como sabemos, a AIB não chegou ao poder; não chegou a governar de fato o país, embora Plínio Salgado tenha tentado. Logo, não podemos ter certeza de como esse partido, claramente fascista, no qual um dos principais líderes destilava seu ódio aos judeus em diversas publicações teria agido se chegasse ao poder de fato. Pelo que vimos até aqui e pelo que ainda veremos adiante nas fontes, isso poderia gerar muitos problemas aos judeus. Inclusive, a própria preocupação do rabino em falar com Plínio Salgado demonstra isso. Viviane Forrester diz que "(...) não há racismo banal, insignificante: toda manifestação, por mais benigna, resvala no crime e leva a ele"[661]. Como destaca Tucci Carneiro:

> O fato do anti-semitismo não ter se manifestado no Brasil sob a forma de agressões físicas radicais e públicas não quer dizer que ele deva ser subestimado enquanto fenômeno social. O preconceito antijudaico pode variar desde o mais sutil sentimento de desconfiança e de desprezo até o mais violento ato de hostilidade física[662].

Concordando com as autoras, acreditamos que esse discurso, que vemos ao longo deste capítulo ser disseminado por Barroso, não pode ser ignorado ou minimizado.

David Rehem destaca que a questão não era tão fácil no que diz respeito à imigração, pois os dados por ele levantados "confirmam a diminuição de vistos concedidos para imigrantes de origem judaica. Se comparados com os anos anteriores, verifica-se que a queda na imigração coincidiu com a do primeiro governo Vargas"[663]. Esta foi uma medida não só do

---

[658] Ibidem, p. 238.
[659] Ibidem.
[660] Ibidem.
[661] FORRESTER, Viviane. *O crime ocidental*. Tradução Maria José Catagnetti e Tieko Yamaguchi. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 61.
[662] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., p. 17.
[663] REHEM, David Costa. Op. Cit., p. 78.

Brasil, mas de diversos países naquele período. Mesmo quando Hitler já estava governando a Alemanha e dizia abertamente para os judeus irem embora, diversos países dificultaram a entrada deles. Segundo Viviane Forrester, "os países mantiveram as suas baixas quotas de imigração, deixando os judeus presos na malha hitleriana. Sem esperança, sem saída. Sem recurso. O planeta inteiro se esquivava deles, por toda parte reticente, o que em toda parte significava colaborar com o horror" [664]. Forrester cita o exemplo norte-americano: "Procedimentos draconianos, incoerentes, relativos à obtenção de visto foram a primeira causa. Além de numerosos documentos, os perseguidos pelo Reich deviam conseguir a sua folha corrida ou, pelo menos, um certificado de boa conduta fornecido pela polícia da qual fugiam"[665]. Além disso, "o postulante devia também provar que não ficaria 'às expensas dos poderes públicos 'americanos, (...) devia provar dispor de meios de subsistência suficientes (…)"[666]. Estes são apenas exemplos entre tantas outras medidas, que variavam de um país para o outro, mas que dificultaram muito a imigração dessas pessoas, que ficaram praticamente sem ter para onde fugir, o que resultou na morte de "provavelmente mais de dois terços de todos os judeus da Europa"[667].

No Brasil, as leis não dificultaram menos. Segundo David Rehem, houve mudanças internas a partir de 1930 até o golpe do Estado Novo em 1937, e este também foi um período no qual se "consolida, também, o posicionamento do Brasil frente ao cenário internacional" no qual "Vargas posava de defensor da democracia para fora, mas exercia seu poder de ditador dentro do país. Tal postura significou uma posição dúbia do governo brasileiro em relação à política de imigração, uma oficial e uma extraoficial"[668]. Já no início de 1930 Vargas assinava o decreto nº 19. 482, que versava sobre a entrada de estrangeiros no país, dando preferência aos trabalhadores do campo. Segundo Rehem, "na continuidade do governo Vargas, outras leis serão colocadas em prática para o melhor controle da imigração, sempre tendo como justificativa um discurso oficial que escamoteia o projeto de melhoria de uma pretensa *raça* brasileira" [grifo no original][669]. Então, em 1934 é assinado outro decreto, o de nº 24.258, que regulamentava a entrada de estrangeiros no país e nele "se mantém alguns dos

[664] FORRESTER, Viviane. Op. Cit., p. 13.
[665] Ibidem, p. 27.
[666] Ibidem.
[667] COHN, Norman. *A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade? Análise dos Protocolos e Outros Documentos*. Tradução de Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA - Instituição Brasileira de Difusão Cultural S. A., 1969, p. 17.
[668] REHEM, David Costa. Op. Cit., p. 61.
[669] Ibidem, p. 69.

critérios estabelecidos nos anteriores"[670], como o destaque para a necessidade de mão de obra agrícola, por exemplo. Contudo, Rehem ressalta que esse decreto:

> Não era meramente um marco regulatório da entrada de imigrantes no sentido de garantir a estabilidade política brasileira contra os "subversivos estrangeiros", nem tampouco visava assegurar emprego para brasileiros ou defender a saída de capitais do país ou controlar melhor seu trânsito. Como pano de fundo da lei, que delegava aos cônsules a prerrogativa de concederem vistos para estrangeiros e o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, trazia a ideia de construção da *raça* brasileira. Para o aprimoramento da mesma seria necessário selecionar quais estrangeiros eram "melhores" para o povoamento do país[671].

Sabemos que as discussões raciais permearam vários aspectos da sociedade brasileira. Discutimos essa questão no que se refere às décadas de 1910 e 1920 no primeiro capítulo deste trabalho. Não seria diferente nas leis, já que o aspecto racial sempre foi uma preocupação das elites governantes brasileiras desde quando começaram as discussões para a entrada de imigrantes que substituiriam os escravos após a abolição, sendo preferíveis os europeus, principalmente brancos, italianos e alemães, que criaram diversas colônias no país, principalmente no Sul. Nesse sentido, a eugenia foi uma teoria de grande influência no Brasil. Segundo Ricardo Augusto dos Santos:

> A Eugenia chegou ao Brasil por intermédio dos livros e artigos produzidos em numerosa quantidade nos EUA e na Europa. Por aqui, encontrou solo fértil. Casou-se muito bem com um conjunto variado de ideias. Algumas delas existiam, pelo menos desde a metade do século XIX e tentavam explicar a experiência histórica em torno das populações escravas. Outras, espetacularmente desenvolvidas após 1870, almejavam construir um mundo moderno e científico, colocando o Brasil nos trilhos do progresso. Certamente, um dos motivos mais importantes para o desenvolvimento do eugenismo nas três primeiras décadas do século XX estava na preocupação com o controle da população de ex-escravos que estavam em processo de proletarização[672].

Muitos intelectuais da época se preocupavam com a formação de um Brasil tão miscigenado, e como isso poderia afetar seu progresso rumo à civilização. Segundo Santos, esses intelectuais eugenistas se organizaram em grupos e associações, e havia um "número expressivo de periódicos, associações profissionais e culturais que esses intelectuais criaram. Tampouco deve-se negligenciar a importância política que tiveram"[673]. Além disso, ocuparam posições importantes nas administrações governamentais nas décadas de 1930, 40 e 50: "(...)

---

[670] Ibidem, p. 70.
[671] Ibidem, p. 71.
[672] SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Pau que nasce torto, nunca se endireita! E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, saneamento e educação: uma leitura do eugenismo em Renato Kehl (1917-37)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História, 2008, p. 16.
[673] Ibidem, p. 19.

o eugenismo influenciou fortemente o controle sobre a entrada de estrangeiros no país durante muitos anos"[674].

Na década de 1930, vemos a continuidade dessa política no governo Vargas. David Rehem afirma que constatou que "um número significante dos que pensaram a política imigratória da primeira etapa do governo Vargas (1930-1937) era composto por eugenistas racistas e/ou antissemitas"[675]. Os dados resultantes da análise documental desenvolvida pelo autor confirmaram "a diminuição de vistos concedidos para imigrantes de origem judaica. Se comparados com os anos anteriores, verifica-se que a queda na imigração coincidiu com a do primeiro governo Vargas" [676]. Rehem destaca que essa diminuição coincide com a promulgação da Lei de Segurança Nacional, visando combater a ameaça comunista, após os movimentos ocorridos em 1935. Como veremos adiante, no discurso antissemita os judeus eram identificados com o comunismo, sofrendo então a mesma perseguição, como vemos nos discursos de Gustavo Barroso. Assim, o autor conclui que:

> A AIB como organização difusora do antissemitismo à brasileira encontrou, senão a permissão, a omissão do governo Vargas para propagar sua visão sobre o judeu. E não só a AIB. Como apresentado acima, essa visão permeou as ações da política de imigração por parte dos órgãos oficiais, que tiveram o cuidado de manter em caráter sigiloso seus objetivos, atuando a partir das Circulares Secretas e correspondências do seu corpo diplomático[677].

Roney Cytrynowicz defende que as instituições judaicas funcionaram normalmente no período entre 1937 e 1945, precisando, no entanto, se adaptar às diversas exigências do governo Vargas. Até mesmo aqueles que conseguiam imigrar, deveriam se adaptar para conviver aqui. O autor cita várias restrições legais impostas pelo Estado Novo aos imigrantes, como a de "falar em público, de ensinar e de publicar em línguas consideradas 'estrangeiras', (...)", além de "um processo de 'nacionalização', legal e ideológico, que forçou a mudança de diretoria e de nome de várias entidades dos grupos considerados 'estrangeiros'"[678]. Embora o autor defenda que "as instituições judaicas trabalharam serenamente para adequar-se às restrições e funcionaram ativamente durante o período"[679], foram diversas as exigências e

[674] Ibidem, p. 20.
[675] REHEM, David Costa. Op. Cit., p. 72.
[676] Ibidem, p. 78.
[677] Ibidem, p. 82.
[678] CYTRYNOWICZ, Roney. "Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 393-423, 2002, p. 395.
[679] Ibidem.

inspeções governamentais a essas entidades, como o próprio autor relata. Sobre o antissemitismo nos círculos governamentais, ele afirma que:

> O anti-semitismo esteve presente nos anos 1930 e 1940 em importantes círculos do governo, especialmente o Itamaraty, e sua mais grave consequência foram as circulares secretas que restringiram a imigração de judeus no Brasil a partir de 1937. Este anti-semitismo produziu episódios terríveis, como a história dos três mil vistos a católicos não-arianos que o vaticano solicitou ao governo brasileiro e que, em sua maior parte, acabaram sendo recusados (...), e centenas de histórias trágicas de refugiados que não puderam entrar (...). Neste sentido, não há dúvida de que a política do governo brasileiro foi conivente com o anti-semitismo na Europa[680].

Portanto, para o autor, embora o governo brasileiro tenha sido conivente com o antissemitismo europeu, "não se pode, no entanto defini-lo como um regime fascista ou nazista, historiograficamente falando"[681]. Seja como for, como ele mesmo afirma, a política antissemita de imigração com certeza causou danos terríveis para aqueles que não conseguiram fugir do nazismo, por não encontrar acolhimento em outros países. Nesse sentido, concordamos com Viviane Forrester quando ela diz que esses países foram coniventes com o nazismo: "(...) o mundo inteiro não se erguia nem se abria para proteger aqueles que esse crime ameaçava, tragava, exterminava. Ao contrário, ele participava, por omissão e, por pouco que fosse, de uma versão, ainda que pálida, do sintoma nazista"[682]. Tucci Carneiro também ressalta "que o governo varguista não chegou ao supra-sumo da exclusão - o de arquitetar um plano de extermínio de grupos étnicos -, mas colaborou, ainda que indiretamente, com a política anti-semita sustentada pelo III Reich ao impedir milhares de judeus de entrarem no país como refugiados políticos"[683].

Além do plano político, na imprensa eram publicados conteúdos antissemitas em diversos jornais integralistas, de uma forma geral, sem nenhum impedimento. Segundo Rehem:

> O antissemitismo da AIB é tido como uma expressão apenas de um grupo dentro da Ação, não representando a linha política da organização. Mas isso não se sustenta a partir de uma rápida análise da imprensa integralista da época. Não apenas Gustavo Barroso e Miguel Reale escreviam textos de conteúdo antissemita. Existem textos de autoria dos próprios órgãos, em que pese a necessidade de aprovação de Plínio Salgado e da SNI para que fossem publicados, portanto, implicando que não estavam em desacordo com a doutrina integralista[684].

---

[680] Ibidem, p. 396.
[681] Ibidem.
[682] FORRESTER, Viviane. Op. Cit., p. 31.
[683] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., p. 18.
[684] REHEM, David Costa. Op. Cit., p. 112.

Para este trabalho não analisaremos discursos de outros autores, apenas desejamos apontar para o fato de que eles existiam, talvez não tão virulentos quanto os de Gustavo Barroso, mas existiam. E não podemos minimizar a importância do discurso, principalmente em movimentos de massas como o fascismo e o integralismo (como sua vertente). Segundo Newton Vieira:

> O judeu em um parecer geral, sobretudo para os intelectuais de direita e para os altos diplomatas encarregados do serviço de imigração, era tido como elemento subversivo em potencial, desagregador da ordem, agente do comunismo. Soma-se a isso a mudança econômica do período, com a expansão do capitalismo industrial e a ascensão de uma burguesia desejosa por ascensão na hierarquia social, vendo no judeu um concorrente, visto que muitos concentravam-se nas cidades e dedicavam-se ao comércio. Acrescenta-se ainda, segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, a retomada política da igreja católica, que, mesmo em processo de remodelação do seu discurso doutrinário, traz consigo um pensamento oligárquico conservador juntamente com valores antijudaicos. Para a autora, os primeiros anos da década de 30 apresentam uma "campanha antissemita de entrelinhas", enquanto após a instituição do Estado Novo o antissemitismo é mais visível, sendo caracterizado como xenófobo e político[685].

Dessa forma, vemos que o discurso antissemita não era um fator isolado no Brasil, porém o de Gustavo Barroso, por ter sido um autor conhecido e ter publicado não só artigos mas também livros sobre o tema, com um discurso muito mais agressivo, se destacou entre os demais, chegando a ser conhecido como "o Fuher brasileiro", como aponta Elynaldo Dantas.

Ao analisar o Plano Cohen, outra teoria conspiratória criada por um membro da AIB, para legitimar as atitudes autoritárias do Estado Novo, Elynaldo Dantas ressalta a influência das teorias de complô judaico-comunista no mesmo e no pensamento de Gustavo Barroso. Dantas fala sobre a formação dessas teorias conspiratórias:

> A permanência dessa estrutura metafórica em espaços-tempos diferentes nos faz pensar que os indivíduos não se preocupam tanto com a originalidade das ideias nem tanto com a veracidade de suas denúncias, basta fazer explodir um escândalo público, denunciar um perigo, no qual as provas e os conspiradores não precisam ser encontrados para serem desmascarados e perseguidos. (...) Essa ameaça tem de ser denunciada e convém que as revelações sejam extraordinárias, perturbadoras, romanescas e que se constituíam enquanto algo de fácil compreensão, de apelo popular e, de certo modo inédito. Em contraposição a essa ameaça, constrói-se a figura das forças do bem, responsáveis pela salvaguarda mundial. O que está em jogo são visões de mundo construídas na lógica do dualismo relacional dos conceitos de nação e identidade, expostos na seguinte forma: Deus *versus* diabo, forças do bem *versus* forças do mal, nós e eles. Representação do mundo forjada na ameaça do mal judaico comunista, em um discurso que pretende ao significar o *outro* e suas ameaças apresentar os próprios valores do sujeito significante como base da reconstrução da realidade pretendida [grifos do autor][686].

---

[685] VIEIRA, Newton Colombo de Deus. Op. Cit., p. 48.
[686] DANTAS, Elynaldo Gonçalves. Op. Cit., p. 128.

Vemos como os escritos de Barroso se encaixam nessa lógica de criação de um inimigo ao qual se deve combater, cabendo a quem denuncia o papel do "Bem" *versus* o "Mal" que deve ser combatido, nesse caso os judeus. Disso resulta a reflexão acerca das implicações reais de um discurso como esse. Embora Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz defendam que no Brasil não houve implicações reais para os judeus, sabemos que na Alemanha não foi assim. E vemos como Barroso defende o governo alemão. Dantas também ressalta como essa demonização do outro pode participar da "construção do real". Para o autor:

> (…) a demonização da figura do judeu apresentado nos Protocolos, não gerou sozinho o antissemitismo, mas sim toda uma gama de pensamentos correntes que fabricam a imagem do inimigo objetivo, que leva as pessoas a acreditarem na veracidade do documento, no qual o processo criativo da leitura, sempre histórica, permite sua ressignificação, sua reelaboração, povoando sonhos, pesadelos, que se materializam em outras páginas passando para as ações concretas, como perseguições, participando assim da construção do real[687].

Acreditamos que o próprio Barroso passou por este processo ao ler os *Protocolos*, que despertaram nele um preconceito que já existia, fazendo-o defender a veracidade do documento. Dantas inclusive destaca, sobre sua tradução dos *Protocolos*, que "uma tradução nunca é pura, mas sim feita a partir de suas próprias experiências (…)"[688]. Sua aplicação no real então passa a ser sua escrita militante, conclamando os demais à ação. E como poderemos medir os resultados da leitura de seus textos nos indivíduos? Ainda mais em um momento em que o medo coletivo era alimentado utilizando o comunismo como um mal a ser combatido, como destaca Nelton Araújo. De acordo com ele, após a fundação da Aliança Nacional Libertadora em março de 1935, como um partido de oposição, que teve a adesão de

> (…) milhares de membros, de todas as tendências políticas em seus quatro meses de funcionamento legal, fora posta na ilegalidade depois de sua radicalização, promovida por Luis Carlos Prestes e pelo PCB (...) a radicalização levou aos levantes de novembro de 1935 e ao recrudescimento do panfletarismo do governo sobre um perigo comunista[689].

Araújo destaca, através do periódico *O Jornal*, como a imprensa teve papel preponderante na criação do mito do "perigo comunista", ao longo da década de 1930, e, principalmente, após os movimentos ocorridos em Natal, Recife, Bahia e Rio de Janeiro

---

[687] Ibidem, p. 130.
[688] Ibidem, p. 133.
[689] ARAÚJO, Nelton Silva. *"O traidor vermelho": O Jornal e o discurso anticomunista (1935-1937).* Dissertação de mestrado - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009, p. 13.

liderados por Luis Carlos Prestes e o Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1935, episódio que ficou conhecido como Intentona Comunista. Após esse movimento, que não obteve sucesso e foi logo reprimido pelo governo Vargas, este e a imprensa passaram a fortalecer o discurso de que havia um perigo do comunismo ser instaurado no Brasil e que isto deveria ser evitado de todas as formas. Assim, nesse discurso eram ressaltados todos os males que poderiam advir de um governo comunista, a exemplo do que ocorria na Rússia, relatando a miséria e opressão pelas quais supostamente passava a população russa sob o governo da URSS. Esse discurso gerou um verdadeiro pânico na sociedade brasileira em relação ao comunismo, que sobrevive até hoje, sendo mobilizado de acordo com as intenções das elites brasileiras. Tucci Carneiro também afirma que naquele contexto da década de 1930:

> O mito do complô judaico penetrava silenciosamente em terras brasileiras acolhido por uma mentalidade racista e anti-semita lapidada desde os tempos coloniais. O clima estava propício: vivenciávamos um momento de crise político-econômica. A idéia de um complô secreto e a indicação de um inimigo-objetivo era adequada para justificar a continuidade de Getúlio Vargas no poder, explicar o caos e a repressão aos comunistas[690].

Assim, vemos que o medo foi instrumentalizado pelo governo Vargas para permanecer no poder a partir de medidas autoritárias, como a Lei de Segurança Nacional e a declaração do estado de sítio, que se justificava como combate a esse inimigo externo (judaico ou comunista). No que se refere a esta pesquisa, vemos que Barroso relaciona também em seus livros antissemitas os judeus ao comunismo - para ele, dois elementos maléficos da sociedade. Já vimos essa relação nos textos dos *Protocolos* trazidos neste capítulo, e ela também ocorre, já no título, no livro *Judaismo, Maçonaria e Comunismo*. Basicamente, para ele, todos os judeus seriam comunistas e maçons e os envolvidos na Intentona Comunista seriam judeus:

> Viu-se, em 1935, na ofensiva comunista contra o nosso país, como os judeus formaram entre os primeiros colaboradores do movimento: David Rachaides Rabinovitch, mentor oculto de Prestes; Harry Berger, mentor oculto da revolução; o proprietário judeu da casa da rua Copacabana onde se ocultava o mêsmo Prestes; a judia Olga Benario, sua companheira e fiscal de seus atos mais intimos (…)[691].

Barroso prossegue defendendo que estão "sempre de mãos dadas, nos profundos mistérios das sombras sociais, o comunista, o maçon e o judeu, tramando a dissolução dos

[690] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., p. 57.
[691] BARROSO, Gustavo. *Judaismo, Maçonaria e Comunismo*. Op. Cit., p. 21.

fundamentos da sociedade cristã"[692]. Assim, vemos como Barroso também contribuiu para esse medo geral em relação ao comunismo, associando-o ao judeu, para que o medo também se estendesse a ele, sempre cobrindo seu discurso com uma aura de ocultismo e conspiração. Em outro momento do mesmo livro, Barroso cita um artigo do jornal *Der Moment*, segundo ele, publicado por judeus, no qual teria "a confissão da existência de uma força oculta que manobra toda a politica mundial"[693].

Barroso vê forças ocultas e conspiração judaico-maçonicas-comunistas por toda parte e em tudo o que lê, de modo a tornar repetitiva a escrita dos seus livros. Citando o artigo anterior, ele afirma que foi um judeu que elaborou o acordo entre França e Inglaterra sobre o rearmamento da Alemanha (após a Primeira Guerra), revelando toda uma conspiração, que só ele teria conseguido descobrir. Ele ainda cita ao longo do livro diversos artigos que teriam sido escritos por judeus confessando seus planos e que seriam provas do que ele dizia, o que seria contraditório, pois os judeus agiriam ocultamente ao mesmo tempo em que confessariam seus planos na imprensa. Comentando o artigo citado acima, Barroso diz que: "Graças á sua insolente pretensão de domínio universal, de quando a quando os judeus deixam escapar confissões dessa ordem"[694]. Esses artigos, que os judeus "deixam escapar" seriam provas documentais de seu "crime social". E era assim que Barroso pretendia provar suas teorias.

Sobre o discurso, Mikhail Bakhtin [695] explica seus diferentes gêneros, que são compostos pelos "enunciados". A própria língua se constitui de enunciados, que são "proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana"[696]. O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão ligados ao enunciado e também são determinados pela especificidade de cada campo da comunicação. Assim, "cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*" [grifos no original][697]. Dessa forma, Gustavo Barroso pode usar enunciados particulares, mas o campo do qual faz parte, o intelectual (como vimos no capítulo anterior, com Bourdieu), tem seus tipos estáveis de enunciados, ou seja, seus gêneros de discurso próprios. Isso também se aplica a outros campos do qual ele fazia parte, como o campo político, a partir do

[692] Ibidem, p. 40.
[693] Ibidem, p. 72.
[694] Ibidem, p. 75.
[695] BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso.* Op. Cit.
[696] Ibidem, p. 261.
[697] Ibidem, p. 262.

integralismo. Cícero Costa Filho contextualiza esse campo intelectual e político no qual Barroso estava inserido na primeira metade do século XX:

> O que existe na história oficial brasileira é a continuidade de um pensamento por si só xenofóbico e racista elaborado por uma elite material e intelectual de homens brancos, católicos e de mentes europeias, que sempre acompanharam o saber ocidental que tem como base a ideia de evolução, acabando por hierarquizar "raças" e culturas. Nas duas primeiras décadas do regime republicano veríamos a preocupação não apenas com a urbanização, tendo como modelo o projeto francês de "civilização" (de arquitetura e outras particularidades que simbolizam o progresso), como a preocupação em "higienizar" espaços e corpos infectos por meio da política sanitarista. Entrou em cena toda uma preocupação por parte do Estado brasileiro de perseguir o "desviante", aquele que colocaria em risco a ordem do país, mais que isso, para a gestação do novo Brasil era interessante a existência de "corpos e mentes sadias" com condição de formar um Brasil não mais biologicamente inferior, que não tivesse como única preocupação uma "política de sobrevivência" (a *política alimentar*), como lembrou Sílvio Romero. Ideologicamente, intelectuais (médicos, escritores e políticos ligados ao governo), corroboraram e reabilitaram a crença de que a "raça" era a causa dos problemas nacionais. No fundo, esta foi uma maneira das elites brasileiras segregarem não brancos pobres e outros grupos que discordavam do autoritarismo do Estado[698].

Era nesse contexto que se inseria o discurso integralista e antissemita de Gustavo Barroso e seus enunciados estavam de acordo com ele e com os campos nos quais se inseria. Os discursos, segundo Bakhtin, são diversos e heterogêneos, podendo se concretizar em diálogos cotidianos, cartas, ordens e comandos militares, documentos oficiais, "manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas)"[699], entre outras. Nesse sentido, poderíamos incluir o discurso barroseano nos gêneros "publicísticos", de caráter político, pois seus livros desse período são verdadeiros panfletos de suas causas. Porém, outro aspecto importante trazido por Bakhtin para esta análise são as funções do falante e do ouvinte no discurso:

> Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz alta[700].

Essa compreensão da relação entre falante e ouvinte é importante para entendermos a responsabilidade do que era dito por Barroso e a resposta dos seus ouvintes. Bakhtin explica

---

[698] COSTA FILHO, Cícero João. *Forças do mal: os prejuízos "raciais" da figura do judeu na produção integralista de Gustavo Barroso (1933-1937)*. São Paulo: Todas as Musas, 2019, p. 147.
[699] BAKHTIN, Mikhail. Op. Cit., p. 262.
[700] Ibidem, p. 271.

que nem sempre essa reação do ouvinte ocorre imediatamente, mas pode demorar; é o que ele chama de "efeito retardado". Porém, "cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte"[701]. Ou seja, o ouvinte pode repetir, criar outros discursos a partir do que ouviu ou até mesmo agir de acordo com o que é despertado nele a partir do discurso. Lembramos aqui que Barroso não só escreveu, mas proferiu palestras, conferências em diversos estados, em associações, teatros, clubes, etc. Além disso, alguns de seus livros eram coletâneas desses discursos. Bakhtin ressalta que toda essa análise também se refere "igualmente, *mutatis mutandis*, ao discurso escrito e ao lido" [grifo do autor][702]. Logo, podemos aplicá-la para o discurso barroseano, aqui analisado.

Assim, segundo Bakhtin, "toda compreensão plena" é "ativamente responsiva", ou seja, sempre que o discurso é compreendido pelo ouvinte, gera uma resposta ativa, seja qual for a forma em que essa resposta se dê. Segundo o autor, o próprio falante já espera uma resposta ao seu discurso: "(...) ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, *uma execução*, etc" [grifo nosso][703]. Assim, podemos refletir sobre o que Barroso desejava, enquanto resposta, dos seus discursos antissemitas. Acreditamos que, ao dizer que os judeus deveriam ser combatidos, Barroso esperava uma ação dos seus leitores. Como já citamos, Barroso utilizou falas de autores judeus como "provas" de suas teorias, como se eles próprios confirmassem seu plano de dominação mundial. Ele faz isso não só nos *Protocolos*, mas também no livro *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Neste livro, Barroso já começa tratando o antissemitismo como uma "defesa" em relação aos judeus:

> A vaga de antissemitismo que se desencadêa pelo mundo inteiro absolutamente não deve ser considerada como resultado duma excitação reacionária ou despropositada, porque, em verdade, o que ella é *é uma reação instintiva contra a ação nefasta de Israel, o parasita que se quer tornar, através do capitalismo e do comunismo, dono dos destinos humanos* [grifos nossos][704].

Era assim que ele justificava o antissemitismo. E ao responder aos críticos que, segundo ele, se utilizavam do argumento da "raça", acabava por elogiar o racismo alemão:

> Esquecem êsses indivíduos que o racismo germânico não é unicamente um pretexto para a campanha anti-judaica e sim *uma verdadeira doutrina que se eleva mais alto.*

[701] Ibidem, p. 272.
[702] Ibidem.
[703] Ibidem.
[704] BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Op. Cit., p. 9.

> Não haveria exagero mêsmo em dizer que *êsse racismo é uma verdadeira filosofia* sobre a qual se alicerça *uma nova concepção da vida social* [grifos nossos][705].

Esta era sua visão do antissemitismo nazista. E continua usando o argumento de que não havia racismo no Brasil, e sim o judeu que era racista. Porém, em dado momento, assim como nega o racismo, também nega que perseguisse os judeus: "Por essas razões somos anti-judaicos. Não o somos no sentido de perseguir os judeus, mas no de esclarecer o povo brasileiro contra o perigo que o judeu representa, *de modo que se possa defender de suas intrigas*, do seu sistema de explorar os outros…" [grifo nosso][706]. Mas, como seria essa defesa? Barroso deixa em aberto… Não obstante, mesmo que não perseguisse diretamente, ele incitava a perseguição, a partir do seu discurso, sob a justificativa de "defesa", como vemos também nos comentários dos *Protocolos*, nos quais ele estimula os leitores a combaterem os judeus, que ele chamou de "cancro da humanidade": "Alerta, cristãos! O autor destas notas cumpre perigosamente seu dever, despertando-vos; cumprí o vosso *combatendo a raça deicida e maldita, cancro da humanidade!*" [grifo nosso][707]. Ele termina o livro conclamando a população a combater os judeus, deixando claro o que pensava deles e se colocando como um líder que os denunciava, quase como se cumprisse uma predestinação. Também no livro *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo,* Barroso conclama a juventude, logo de início, no capítulo II, ao trazer várias citações de judeus, novamente tentando mostrar que estes assumiram seus planos:

> Destas citações, na maioria de autores judeus, se vê bem que o plano de escravização social dos povos cristãos desmoralizados e empobrecidos pelo judaismo é um *segredo de Polichinelo*. Só o negam os interessados. A mocidade brasileira precisa ficar ao par dêle e combater pela salvação de seu país do poder de tão hediondas garras. O seu sangue está sendo derramado nessa causa, sangue humilde de estudante e de operário. Ela não deve esquecer que na hora certa os invasores do nosso país deverão prestar contas - dente por dente, ôlho por ôlho… [grifos do autor][708]

Vemos como o seu discurso era agressivo e conclamava à ação. Assim, acreditamos que, como afirma Bakhtin, Barroso já esperava uma resposta ativa ao que dizia. Além disso, Bakhtin destaca como a individualidade e a visão de mundo do falante sobressaem no discurso, distinguindo uma obra das outras que a precederam ou inspiraram. O autor explica que:

---

[705] Ibidem.
[706] Ibidem, p. 12.
[707] BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos*… Op. Cit., p. 231.
[708] BARROSO, Gustavo. *Judaismo.*… Op. Cit., p. 19.

> A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: *influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções*, respostas críticas, *influência sobre seguidores e continuadores*; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura [grifos nossos][709].

Dessa forma, acreditamos que o discurso antissemita de Barroso, de forma perniciosa, influenciou pessoas ao redor do país, angariando adeptos ao integralismo e para a causa antissemita. Barroso diz que:

> (...) com o tempo, com o desenvolvimento de continuas campanhas anti-judaicas, com a repetição constante da documentação, a luz se fará e um dia a cristandade em pêso acordará de seu enganoso sono. Chegará, então, o momento do terrível ajuste de contas… Os judeus não perdem por esperar…[710].

Assim, ele tem um objetivo claro: disseminar o ódio ao judeu, angariando adeptos que se mobilizassem para agir contra eles no futuro. Há aqui um forte tom de ameaça.

Segundo Bakhtin, até mesmo as palavras que o falante escolhe demonstram sua intenção. Elas em si são neutras, mas inseridas no enunciado podem emitir um juízo de valor do falante. Por isso, defendemos que as palavras escolhidas por Barroso para caracterizar o judeu não são escolhidas ao acaso, como no trecho em que diz:

> Não é por ódio, desdém ou despreso que se deve fazer uma campanha sistematica contra a judiaria infiltrada por toda a parte e sim por instinto de conservação, o qual nos obriga a querer viver livres dum povo *carrapato ou piôlho*, duma *raça parasitaria*, como qualquer pessôa quer viver sem *pulgas* e sem *bichos de pé*… [grifos nossos][711]

Vemos como ele usava de um discurso totalmente desumanizador e animalizante para legitimar a eliminação daqueles que odiava. O discurso de Barroso era de ódio e visava a expulsão ou a eliminação do outro, tal como se eliminam insetos. Segundo Carneiro:

> A figura diabólica do judeu mau ganhou forças com a publicação de dezenas de obras integralistas, que tinham como matrizes os *Protocolos dos Sábios de Sião*, *O Judeu Internacional*, de Henry Ford, o *Judeu Süss*, de Lion Feuchtwanger e um conjunto de outras obras importadas da França anti-semita(…).[712]

A autora ainda afirma que "o fel dessa intolerância era reproduzido por Gustavo Barroso que, identificado com o pensamento conservador e nacionalista da direita católica,

---

[709] BAKHTIN, Mikhail. Op. Cit., p. 279.
[710] BARROSO, Gustavo. *Judaismo.*.. Op. Cit., p. 75.
[711] Ibidem.
[712] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., p. 49.

alimentou o ódio contra a comunidade judaica brasileira"[713]. Assim, para embasar seu pensamento, Barroso cita John R. Stewart, que diz que só haveria paz no mundo quando "os judeus tiverem seu refúgio permanente"[714]. Cita também Teodoro Fritsch, que teria declarado, segundo Barroso, que "antes da completa eliminação do elemento judaico os povos não se curarão de suas enfermidades"[715]. Ou seja, ele cita essas afirmações concordando com elas, assim como as outras referências dele que já citamos ao longo dessa tese, pois, segundo Bakhtin, assim como o falante influencia seus ouvintes, ele também é influenciado por obras que o antecederam, como já vimos. Então, quando Barroso cita esse tipo de fala de outros autores, busca referendar seu próprio pensamento. Tanto que na conclusão do capítulo, declara:

> Preparemos documentalmente o povo brasileiro para compreender a ação subterránea, hipócrita e maléfica do judeu, para que se defenda de sua insidia e vá lhe fechando as portas, de maneira a forçá-lo a deixar nossa pátria, *enquanto não se puder fazer isso de maneira mais rápida e formal* [grifo nosso][716].

Assim, vemos qual era seu objetivo quanto aos judeus: empreender uma campanha de doutrinação da população brasileira contra eles, para que fossem combatidos e expulsos enquanto outras medidas mais rápidas e formais não pudessem ser tomadas, o que provavelmente ele pensava em fazer quando a AIB chegasse ao poder. A partir do discurso de Gustavo Barroso que vimos até aqui neste capítulo, acreditamos que essas medidas visavam mesmo a eliminação dos judeus do território. De acordo também com suas falas, elogiando o governo de Hitler e o que ele fazia na Alemanha, nos perguntamos se ele não faria o mesmo no Brasil, caso tivesse oportunidade.

3.3 **O regional e o nacional no projeto de nação barroseano**

Vimos até aqui como o pensamento autoritário de Gustavo Barroso escalonou, tornando-se muito mais problemático a partir da década de 1930, e como seu projeto nacional tomou novos contornos a partir desse período, incluindo o antissemitismo e um nacionalismo mais exacerbado. No primeiro capítulo, analisamos a contribuição do seu discurso para a

[713] Ibidem.
[714] BARROSO, Gustavo. *Judaísmo.*.. Op. Cit., p. 76.
[715] Ibidem.
[716] Ibidem.

criação da imagem e da identidade regional nordestinas, no momento de formação da região Nordeste. Vimos ainda quais eram suas ideias e projetos para aquela região, com foco no sertão cearense. Porém, na década de 1930 estudada neste capítulo, observamos como ele já desejava um projeto nacional mais amplo, não citando tanto o sertanejo e estando mais preocupado com os inimigos externos (judeus e comunistas) e com sua eliminação do território nacional. Assim, o projeto barroseano de nação, como já dissemos, era elitista, autoritário e racista, ficando esses elementos mais claros a partir da sua militância integralista, quando se torna extremista.

Percebemos seu autoritarismo ao analisar a forma como se referia aos sertanejos e suas práticas e vivências, e como buscou já naquela época construir um projeto para aquele sertão, segundo ele necessitado de progresso, mas como algo que seria imposto, pois em nenhum momento ele demonstra querer a opinião dos habitantes daquela região. Além disso, a busca pela preservação das tradições também já estava presente em seu trabalho como folclorista, sendo outro traço que persiste na sua militância integralista. Porém, se nas décadas de 1910 e 1920 ele buscava preservar as "tradições nordestinas" através do folclore, na década de 1930 ele se mostra bem mais empenhado em preservar as tradições religiosas, a moralidade e a família, pois, além do seu pensamento conservador, ao se tornar antissemita passa a enxergar a história de forma dualista, como uma luta permanente entre cristãos e judeus, entre bem e mal, como vimos em seu livro *História Secreta do Brasil*. Já abordamos o aspecto religioso do integralismo e de Barroso em capítulo anterior, mas percebemos que este se torna muito mais acentuado a partir do momento em que passa a interpretar a história com um olhar antissemita, pois via a necessidade de defender os valores cristãos, que estariam ameaçados pelos elementos externos, como judeus, comunistas e maçons, ou os três juntos.

Maria Luiza Tucci Carneiro fala sobre a influência católica no antissemitismo brasileiro, o que acreditamos ter sido fundamental para o pensamento de Gustavo Barroso, já que era um intelectual católico. Segundo Carneiro:

> No início do século XX, o surgimento de escritos nacionalistas mostraram uma Igreja passadista e autoritária que, enfaticamente tentava retomar o diálogo vivo com a cultura leiga do país, fato consagrado somente após 1930. Foi, a partir dessa década, que os jornais e semanários católicos brasileiros começaram a publicar resenhas e sugestões de leituras anti-semitas(…)[717].

[717] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., pp. 74-75.

Porém, já na década de 1920, a autora encontrou essa propaganda católica, que teria deixado "por conta do imaginário coletivo a construção da imagem do inimigo, identificado ora com o 'anjo caído', ora com o Anticristo, figura bestial profetizada no Apocalipse como um sinal do final dos tempos"[718].

Como vimos, antes do antissemitismo moderno, existiu o tradicional, ligado ao aspecto religioso, que foi responsável pela perseguição e morte de judeus através da Inquisição, inclusive nas Américas. Esse discurso de perseguição criado pela Igreja nesse período não se apagou, ficou no imaginário coletivo e é retomado no início do século XX. Nesse momento, o aspecto racial também surge, mas o religioso não pode ser ignorado, principalmente em intelectuais católicos, que tiveram uma atuação marcante na sociedade brasileira do período. Aqui, esse discurso que já vinha de longo tempo encontra outros elementos que lhe são agregados, como destaca Tucci Carneiro: "No século XX, tais acusações encontraram eco no mito da conspiração judaico-comunista e judaico-maçon fomentado pelo texto apócrifo dos *Protocolos* (…)" [grifo no original][719]. Elementos estes que identificamos no discurso de Gustavo Barroso e que trouxemos neste capítulo: tanto os mitos citados como o conceito de "povo deicida", atribuído aos judeus pelos cristãos, acusando-lhes de matarem Jesus Cristo. Vemos como Barroso adota esses mitos, colocando lado a lado em seu discurso o judeu, o comunista e o maçon, que estariam tramando contra os cristãos: "Sempre de mãos dadas, nos profundos mistérios das sombras sociais, o comunista, o maçon e o judeu, tramando a dissolução dos fundamentos da sociedade cristã"[720]. Até mesmo ao falar da história do Brasil e da colonização, ele a coloca em termos religiosos, de disputa entre cristãos e judeus:

> (...) os nomes de Vera Cruz e Santa Cruz impostos a toda a nova região americana: o idealismo cristão, o heroísmo cristão, o sentido cristão da vida, a propagação da Fé e a dilatação do Império que a gesta dos Lusíadas cantaria com o ritmo do rolar das ondas. Nos bastidores, manobrando os cenários e arranjando as vestiduras, o judeuzinho de Goa, o cristã-novo Fernando de Noronha, os Cristãos-novos e israelitas do seu consórcio comercial, inspirados pela sinagoga e pelo kahak, realizando o lucro à sombra do idealismo alheio; ganhando o ouro à custa do esforço e do sangue dos outros, apagando o nome da Cruz com o nome do pau-brasil (…)[721].

Percebemos como ele entende a colonização portuguesa como um feito glorioso. Já seu lado obscuro e maléfico era atribuído aos judeus, que agiam nas sombras, buscando

[718] Ibidem, pp. 75-76.
[719] Ibidem, p. 76.
[720] BARROSO, Gustavo. *Judaísmo...* Op. Cit., p. 40.
[721] BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil*. Op. Cit., p. 36.

apenas o lucro pelo lucro, enquanto os portugueses vinham trazer a cruz do Cristo. Temos, assim, um exemplo do seu antissemitismo também embebido na religião e o teor conspiratório do seu pensamento. Em seus livros anteriores, já citados, sobre a Guerra Grande e a Guerra do Paraguai, já é perceptível essa valorização dos portugueses e da monarquia e o teor racista quando fala dos negros e indígenas. Mas, neste momento, esse discurso se eleva a outro nível e sua visão de história se torna conspiratória e combativa, impregnada tanto do antissemitismo racial quanto do religioso. Contudo, é necessário ressaltar que, evidentemente, Gustavo Barroso não era o único intelectual antissemita no Brasil, e que este pensamento, como dissemos, já vinha de antes, através da Igreja Católica. Segundo Tucci Carneiro, ainda no século XIX esse pensamento antissemita católico passou por reformulações e procurou reabilitar sua influência junto à sociedade, em um processo que ficou conhecido como ultramontanismo, do qual já falamos. Mas, no início do século XX, há uma nova investida da Igreja no combate à maçonaria, ao liberalismo e ao positivismo, vistos como anticristãos (da mesma forma que Barroso via). Assim, em 1907 é fundada a revista *Vozes de Petrópolis*, que teria como inimigos o socialismo, a maçonaria, o judaísmo, o protestantismo, o espiritismo, o modernismo, entre outros. Segundo a autora, "esse periódico apresenta-se como pioneiro no endosso ao mito do complô judaico-comunista oferecendo suporte para a propagação das idéias sustentadas pelos Protocolos dos Sábios de Sião"[722]. Carneiro identificou diversas matérias de teor antissemita nesse jornal entre as décadas de 1910 e 1920. Um exemplo é o artigo de Viveiros de Castro, intitulado "A Questão Social: o Socialismo, o Judaísmo e o Catolicismo", publicado em 1920, onde o autor "acusa os judeus de terem se unido à maçonaria no combate às crenças católicas e de dominarem a política financeira do país através do sistema bancário"[723], elemento também presente no discurso de Barroso. A autora cita outros textos antissemitas publicados por intelectuais católicos nesse período, demonstrando que antes mesmo do fascismo e do integralismo surgirem, e Barroso iniciar sua cruzada antissemita, esse discurso já existia, disseminado pela Igreja Católica e seus representantes, nos levando a crer que Barroso foi influenciado por eles.

Em relação à década de 1930, alguns:

> (…) elementos políticos e científicos somaram-se aos preceitos anti-semitas sustentados pela Igreja católica desde o século XV (deicização, demonização etc.). Relacionando a imagem estereotipada dos judeus ao comunismo, os membros

[722] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., p. 82.
[723] Ibidem.

> conservadores da Igreja passaram a considerá-los como uma ameaça à ordem social e política brasileiras[724].

Vemos nos jornais católicos citados pela autora um discurso antissemita bem parecido com o de Barroso. Na década de 1930, as publicações continuam, inclusive na conhecida revista católica *A Ordem*, e o pensamento antissemita se alastra, chegando à alta cúpula do Estado e interferindo nas políticas imigratórias, como vimos anteriormente. Como já foi dito anteriormente, não encontramos referências diretas de Barroso aos intelectuais católicos mais conhecidos, mas com essa contextualização objetivamos mostrar que Barroso dialogava diretamente com as influências do seu tempo e estava inserido em um meio que potencializou características já presentes em seu pensamento. Ou seja, como ele, havia diversos intelectuais propagando as mesmas ideias antissemitas. Com isso, não relativizamos as consequências nocivas do seu pensamento antissemita, pois já destacamos diversas vezes como ele foi e é prejudicial, mas demonstramos que esse antissemitismo estava presente na sociedade. Portanto, Barroso não estava sozinho ou deslocado, mas inserido em sua época e seu meio. Cícero Costa Filho resume essa questão quando diz que Barroso foi:

> (…) um escritor racista que por sua formação católica assimilou o tenebroso imaginário medieval sobre o judeu construído pela Igreja. O discurso de Barroso é o mesmo discurso empregado pelas elites católicas brasileiras (Alceu Amoroso Lima, Tenório de Albuquerque, Pe. Cabral, Anor Butler), compactuados por profissionais liberais, médicos, advogados, eugenistas, professores, intelectuais, uma elite economicamente estável que na época participaram dos projetos de Brasil[725].

Assim, embebido nesse nacionalismo que já vinha desde o início de sua trajetória, e vemos presente na própria construção do Museu Histórico Nacional, Barroso caminha para o extremo dessas características ao aderir ao fascismo, passando a acreditar firmemente na existência de uma ameaça externa e na necessidade de preservar a integridade da nação frente a ela. Nesse momento, ele se coloca quase como um missionário na defesa dessa nação e dos valores que acreditava serem os melhores para sua idealização. Passa, então, a desenvolver um discurso perigoso, defendendo e elogiando o governo de Hitler, como vimos.

Dessa forma, buscamos demonstrar como o discurso nacionalista de Barroso eleva-se a um nível extremamente perigoso, que era utilizado como legitimador para o genocídio. Se no Brasil não chegamos a esse extremo na prática, seu discurso não deixou de ser problemático e continua presente até hoje, inclusive a partir das próprias obras de Barroso,

---

[724] Ibidem, p. 84.
[725] COSTA FILHO, Cícero. *Forças do mal*… Op. Cit., p. 207.

digitalizadas e compartilhadas livremente na internet, em sites neointegralistas e neonazistas. Ou seja, como também vimos a partir das reflexões de Bakhtin sobre o discurso, este nunca é neutro e suscita reações e ações na prática. Segundo Tucci Carneiro, "as teses anti-semitas de Barroso fizeram escola. Suas obras - além de terem inspirado as idéias preconizadas por Afonso Arinos de Melo Franco - circularam pelas principais bibliotecas católicas e militares do país"[726].

Carneiro conta que a Escola Militar de Realengo adquiriu três exemplares de *Brasil, colônia de banqueiros*, em 1934. Segundo a Escola, para servir de alerta à pátria e aos jovens[727]. A autora também cita os elogios feitos a Barroso pelo jornal antissemita alemão *Der Stürmer*; além da Editora Revisão, de Porto Alegre, que reeditou diversas obras de Barroso e tinha em seu proprietário, S. E. Castan, seu admirador. Não por acaso ele reeditou suas obras. Contudo, em 1990 esse editor foi condenado pela justiça por prática de racismo, pois sua editora publicava obras antissemitas e negacionistas do holocausto. Assim, a autora considera ser possível afirmar que:

> (…) durante a época em que Barroso atuou como ativista, formou-se uma escola de fiéis propagadores do pensamento intolerante antijudaico. Um dos discípulos de Gustavo Barroso foi Tenório D'Albuquerque, autor de *A Alemanha Grandiosa: Impressões de Viagem ao Paiz do Nazismo*, prefaciado por Gustavo Barroso, *Integralismo, Nazismo e Fascismo: Estudos Comparativos*, e *A grã-Bretanha a Serviço dos Judeus*[728].

Aqui vemos que Barroso não só inspirou Tenório D'Albuquerque, como mantinha algum diálogo com ele, já que prefaciou um de seus livros, de teor muito semelhante aos seus. Segundo Carneiro, Albuquerque também utilizou "vocábulos do repertório de Gustavo Barroso", acusando os judeus de serem "gananciosos, usurários e egoístas; de desejarem dominar o mundo auferindo proveitos econômicos; de serem os responsáveis pela invenção do marxismo e propagação do comunismo; de escravizarem o povo ao dinheiro judaico e de difamarem a imprensa mundial"[729]. Albuquerque, que também era integralista, utilizava ainda expressões como "verdugos insaciáveis" e "raça parasita" para definir os judeus, que também encontramos em Barroso. Assim, vemos como o discurso antissemita de uma forma geral, e a contribuição de Gustavo Barroso, foram perniciosos já naquela época, em um contexto onde a ascensão do nazi-fascismo e sua propaganda antissemita encontraram eco em muitos países,

[726] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., p. 99.
[727] Ibidem.
[728] Ibidem, p. 104.
[729] Ibidem, p. 105.

não sendo diferente no Brasil. Esse discurso era disseminado amplamente na imprensa brasileira em geral, não só na imprensa integralista.

Ainda segundo Carneiro, "tradicionais estereótipos antijudaicos emergem desses textos jornalísticos que definiam os judeus com base em atributos desprezíveis, animalizando-os perante a opinião pública. A demonização do judeu ocupou um lugar importante no discurso periodístico liberado pelos órgãos censores do governo Vargas"[730]. Esses artigos alertavam para o perigo de uma invasão desses judeus que estavam fugindo do nazismo. Para a autora, esse discurso alimentou a ideia de um complô judaico e contribuiu para a estigmatização do judeu no imaginário coletivo. Ela cita jornais como *A Nota*, *Correio da Manhã*, *Folha da Manhã*, *A Gazeta*, entre outros, que veiculavam artigos antissemitas dos mais diversos autores. Assim, mais uma vez, vemos que Barroso não estava isolado, mas inserido em sua época.

Esse imaginário coletivo deturpado por uma propaganda massiva acabou resultando em ações políticas concretas, em ações governamentais e também em outros sentidos. Como afirma Carneiro, "o veneno anti-semita irradiou-se para todos os poros do Poder"[731], desde a polícia até os ministérios do governo Vargas. Ela relata o caso de Filinto Müller, Chefe da Polícia Federal do Rio de Janeiro, que era germanófilo e antissemita, e enviou em 1938 o "*Memorial relativo à questão dos estrangeiros no Brasil, especialmente no que se referia à entrada de judeus em território nacional*"[732] para o Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Francisco Campos. O objetivo do relatório era mostrar como era indesejável a imigração judaica, por serem os judeus um grupo avesso ao trabalho agrícola e possivelmente comunista. Esse discurso de Müller acabou encontrando apoio na Interventoria de Pernambuco chefiada por Agamenon Magalhães, político estadonovista e antissemita, que utilizava seu jornal *Folha da Manhã* para disseminar suas ideias. Segundo a autora, "a idéia de complô judaico internacional propagada por estes meios de comunicação e pelas autoridades políticas instigou a população a agir contra a comunidade judaica de Pernambuco. Pregava-se a necessidade urgente de 'frear os efeitos neffastos da raça destruidora da humanidade'"[733].

Esse discurso surtiu efeito, pois o pernambucano Ivo Pessôa da Silva, por exemplo, mandou imprimir um selo antissemita com o slogan "Salvemos o Brasil da invasão judaica"

[730] Ibidem, p. 110.
[731] Ibidem, p. 125.
[732] Ibidem.
[733] Ibidem, p. 126.

em suas bordas. O selo era circular, com o interior preenchido com o texto “Por causa do judaísmo internacional o Brasil não tem petróleo, trigo, borracha, tranquilidade, estando sempre ameaçado na sua economia”[734]. Ivo Pessôa havia encomendado 5 mil selos, desejando “colaborar com a campanha nacionalista” promovida pela revista Fronteiras, do então Secretário da Fazenda de Pernambuco Manuel Lubambo, que por sua vez não viu problema na confecção dos selos pois achava que “combater o judaísmo era colaborar com o Estado Novo”[735]. Assim, vemos como o discurso antissemita estava enraizado na sociedade brasileira de então. Era algo que vinha desde o período colonial e neste momento alcançou desde a população até as mais altas esferas de poder, causando diversos problemas tanto para os judeus imigrantes que estavam no Brasil, quanto para aqueles que não conseguiram entrar no país, justamente por causa desse antissemitismo de Estado.

Dessa forma, concordamos com Carneiro quando esta reafirma que “as palavras tem poder de interferir na realidade” e considera que:

> (…) um conjunto de estudos antissemitas colaboraram para reforçar junto às autoridades políticas brasileiras uma visão de mundo preconceituosa. A partir de um "saber técnico", o Estado Nacional (1930-1949) desenvolveu políticas imigratórias de exclusão e mobilizou recursos do Direito para afirmar suas categorias raciais. Apoiados em uma estrutura burocrática morosa e um funcionalismo racista, os presidentes Vargas e Dutra, e a maioria dos seus respectivos ministros de Estado, diretores de departamentos, intelectuais orgânicos e autoridades policiais, capitalizaram opiniões e preconceitos endossando a prática do anti-semitismo político no Brasil. Abusando do poder que tinham em mãos e se pronunciando em nome da ética, do bem público e da Segurança Nacional, esses homens negaram igualdade de condições aos judeus, requisito básico da justiça e uma das mais inertes especulações da civilização moderna. A atitude intolerante do governo varguista frente à questão judaica não se fez de maneira aleatória. (...) O tema - antes de ser avaliado como uma "teoria acerca da marginalidade" - se presta também como testemunho de que o anti-semitismo não foi um fenômeno exclusivo da Alemanha nazista, guardadas as respectivas proporções. O Brasil, assim como tantos outros países da América, teve também seus "verdugos", muitos dos quais continuam escondidos atrás de suas máscaras, ainda que mortos[736].

Aqui, desejamos pensar como a trajetória de Gustavo Barroso não está dividida em partes, nem sua atuação no movimento integralista está isolada, como um bloco à parte em sua vida. Seu pensamento caminhou para o extremismo, acompanhando a radicalização do período em questão e a sua personalidade que já era conservadora e autoritária. Inclusive o fato de ter aderido a um movimento de inspiração fascista reforça essa ideia, pois ele se identificou com suas características autoritárias e conservadoras.

---

[734] Ibidem, p. 127.
[735] Ibidem.
[736] Ibidem, pp. 122-123.

Assim, o regional e o nacional se encontram em seu discurso nacionalista, ao longo dessas décadas, defendendo um projeto regional e um nacional, em diferentes momentos, mas que não se excluem. Pelo contrário, entendemos que esses discursos se complementam, tendo como fio condutor o conservadorismo e o autoritarismo em seu olhar sobre o regional e o nacional. Vemos, então, que essa nação pretendida por Gustavo Barroso, era uma nação elitista, autoritária e excludente, voltada para si mesma, da qual o estrangeiro deveria ser eliminado, seja na figura do comunista, do maçom ou do judeu, como já ressaltamos. Por isso, vemos em sua trajetória um ápice de extremismo na década de 1930.

Prosseguiremos analisando a construção dessa trajetória no próximo capítulo em suas autobiografias *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940) e *Consulado da China* (1940), nas quais o autor volta a falar da sua infância no Ceará, mas onde, segundo Tucci Carneiro, ele também "registrou suas idéias contra os judeus"[737]. Outros autores consideram haver um silenciamento do período integralista nessas obras. Se isto ocorreu, pensamos que foi devido aos próprios acontecimentos da época e aos caminhos que o movimento integralista tomou, a partir de mudanças nas relações entre este e o governo de Getúlio Vargas. Vargas havia prometido aos integralistas maior participação no governo após o golpe do Estado Novo, entregando a Plínio Salgado o Ministério da Educação. Isto, porém, não ocorreu, o que despertou "um sentimento de traição aliado ao desejo de vingança entre os integralistas. (...) Esse fato despertou um estado de revolta nos camisas-verdes, que, no limite, foram levados ao levante armado"[738]. O governo de Vargas passa a investir contra os integralistas, prendendo-os e revistando suas casas. Até mesmo a casa de Plínio Salgado foi revistada.

Posterior a isso, os integralistas planejaram o ataque ao Palácio Guanabara, com o objetivo de depor o presidente. Houve um tiroteio nos jardins do palácio, levando à morte de alguns integralistas, mas que foi logo contido pela polícia. Segundo Caldeira Neto e Gonçalves, "outras ações aconteceram simultaneamente, como um assalto ao Ministério da Marinha, a tomada do cruzador Bahia e de algumas estações de rádio, que leram o *Manifesto* de Plínio Salgado, anunciando uma suposta deposição de Getúlio Vargas" [grifo no original][739]. Os autores consideram pouco provável que Salgado não soubesse dessa ação, mas o resultado foi uma repressão ainda maior ao movimento, com a prisão de muitos

[737] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Op. Cit., p. 98.
[738] CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O fascismo em camisas-verdes…* Op. Cit., pp. 69-70.
[739] Ibidem, p. 74.

integralistas, que foram processados pelo Tribunal de Segurança Nacional. Após o ocorrido, Plínio Salgado também foi preso.

Porém, os líderes do movimento não foram incluídos nos processos por falta de provas do envolvimento. Segundo Caldeira Neto e Gonçalves, "de fevereiro a meados de maio de 1939, Plínio Salgado ficou livre, sendo posteriormente preso em definitivo. Foi levado para o Rio de Janeiro e chegou à Fortaleza de Santa Cruz no dia 30 de maio de 1939, permanecendo até o dia 22 de junho do mesmo ano, quando partiu para Portugal, iniciando um autoexílio, que teve fim apenas em 1946"[740]. Nesse contexto de perseguição ao integralismo, muitos integralistas também foram para o exílio, "alguns foram cooptados pelo varguismo, muitos decidiram manter-se em silêncio, e outros - principalmente camisas-verdes anônimos - foram processados pelo Tribunal de Segurança Nacional"[741].

Além disso, em seu período de exílio, Salgado nomeou como seu representante no movimento Raymundo Padilha, que era chefe dos integralistas do Rio, o que causou descontentamento em Barroso e Reale. Segundo Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz[742], Barroso ainda tentou negociar um cargo ministerial com o governo, porém, até onde sabemos, não conseguiu, pois continuou com suas funções no Museu Histórico Nacional. Logo, acreditamos que por esses motivos Barroso tenha sido um dos que resolveram silenciar e se recolher nesse contexto adverso. Isto não significa que ele tenha renunciado a suas ideias autoritárias e antissemitas, podendo sim ter deixado indícios em suas autobiografias, como aponta Carneiro. Porém, pode ter escolhido dedicar-se mais aos trabalhos no Museu e à escrita e não mais à militância política. Soma-se a isso o fato do governo Vargas ter se aliado definitivamente aos Estados Unidos na Segunda Guerra, em 1941, o que pode ter levado intelectuais pró-Alemanha, como Barroso, a não mais expressarem suas ideias abertamente. Estas questões serão debatidas no quarto e último capítulo no qual analisaremos suas autobiografias e sua atuação neste período, do final da década de 1930 e início da década de 1940. Estas, portanto, serão nossas fontes no capítulo IV, assim como os documentos da Hemeroteca do Museu Histórico Nacional, onde encontramos artigos que Barroso continuou produzindo para jornais nesse período. Veremos, então, suas continuidades, recuos, silenciamentos e escolhas, que, em se tratando de intelectuais, nunca são neutras, mas obedecem às prioridades do próprio campo intelectual no qual estão inseridos.

---

[740] Ibidem, p. 77.
[741] Ibidem, p. 79.
[742] CHOR MAIO, Marcos; CYTRYNOWICZ, Roney. "Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil, (1932-1938)". Op. Cit.

4 **ESCRITA DE SI, MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DAS AUTOBIOGRAFIAS DE BARROSO**

4.1 ***Coração de menino*: a infância como ponto de partida**

Neste capítulo, analisaremos as autobiografias de Gustavo Barroso, contextualizando o período em que foram escritas. Estas consistem em três livros autobiográficos, onde o autor narra sua trajetória, iniciando por sua infância no Ceará até o momento em que migra para o Rio de Janeiro. Sua primeira autobiografia se intitula *Coração de Menino* e neste livro, publicado em 1939, Barroso inicia sua narrativa em 1898, ano em que começou os estudos no colégio Parténon Cearense, aos dez anos de idade. O segundo livro de memórias é o *Liceu do Ceará* (1941), onde ele narra mais uma parte de sua infância no mesmo colégio. Barroso conclui suas memórias no livro O *Consulado da China* (1941), no qual relata sua adolescência até sua partida para o Rio de Janeiro.

Em *Coração de Menino*, Gustavo Barroso narra acontecimentos de sua infância, falando de familiares, amigos e vizinhos, assim como personalidades conhecidas de Fortaleza. Além disso, ele conta como era seu dia a dia na escola, em casa, suas brincadeiras e dificuldades em família, buscando destacar já naquele menino alguns aspectos que estariam presentes na imagem que ele pretende criar de si mesmo como adulto. A escola é um elemento de bastante destaque no livro, assim como a família e as brincadeiras. A dedicatória do livro é direcionada a seu primeiro professor, Lino da Encarnação, que, segundo ele, o ensinou a amar o país e honrar seu nome. Logo, vemos desde o início que ele busca em aspectos da sua infância a formação de seus pendores de adulto. Isso se repete em diferentes momentos ao longo do livro.

Outro aspecto interessante desses elementos pré-textuais é um pequeno texto de sua autoria, após a dedicatória, onde Barroso diz que no livro ele só conta "a verdade"[743]. Os "arranjos e atavíos literários"[744] seriam apenas para suavizá-la ou para torná-la mais acessível ao leitor da época. Termina essa espécie de epígrafe dizendo que "a saudade é a maior

[743] BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. Op. Cit., p. 8.
[744] Ibidem.

testemunha da verdade"[745]. Esta saudade também seria um aspecto muito destacado por ele, como veremos. Segundo Afonsina Moreira, houve um desejo por parte de Barroso "de ser identificado como um intelectual que não esqueceu o Ceará, o norte de sua escrita"[746].

Sendo assim, no momento em que escreve, já com cinquenta anos, Barroso destaca em suas memórias o que gostaria que ficasse marcado em sua personalidade e a característica de escritor saudoso de sua terra natal faz parte de toda sua obra, como já destacamos em capítulos anteriores ao analisar suas obras folclóricas. Ao escrever sobre o sertão ele também demarca essa saudade, e não seria diferente nas obras autobiográficas, justamente onde ele construiria a imagem final de sua personalidade, que ficaria para a posteridade. Então, era importante para essa construção destacar novamente essa característica.

Assim, é importante ressaltar que o intelectual possui objetivos próprios ao escrever uma autobiografia, ou permitir que outros escrevam sua biografia. Há o objetivo declarado, que é afirmado pelo próprio autor, e aquele que fica subentendido na sua prática. Em 1940, Barroso declarou em entrevista os motivos de ter resolvido escrever uma autobiografia, ao falar do primeiro livro *Coração de Menino*:

> Percorri já muito mais de metade de minha carreira, abafei muitas ambições, arranquei pela raiz innumeras esperanças e carrego commigo as saudades dos amigos que se fôram e os cadaveres dos sonhos da mocidade. Era tempo de voltar-me para trás e de olhar com os olhos de hoje o panorama de minha meninice. Sómente pintando-o com toda a alma poderia *dar aos meus contemporaneos e aos pósteros uma idéa da longa caminhada que fiz para chegar onde estou*. E, como *isso foi obra quasi unicamente do meu esforço pessoal, da minha pertinencia, pensei que a narração serviria de bom exemplo a outros* como eu, que, sem fortuna e sem protecção, lutam para vencer [Grifos nossos][747].

Vemos então que seus objetivos eram bem claros: cultuar essa saudade e servir de exemplo. Percebe-se a ideia que ele tinha de si mesmo, como alguém que venceu pelo próprio "esforço" - embora tenhamos visto no capítulo 2 que ele teve muita ajuda a partir das redes de sociabilidade que foi criando. Além disso, Barroso pensava que sua infância era "singular e aventureira", logo digna de ser narrada. Até porque, segundo ele, seus amigos o instigavam a fazer isso, quando ouviam suas histórias. Então, ele teria esperado completar 50 anos para narrá-las, pois precisava de uma "grande dose de tolerancia e de serenidade que somente os

[745] Ibidem.
[746] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No Norte da saudade...* Op. Cit., p. 17.
[747] *O Malho*. "Como foram escritos os livros do momento". 03 de abril de 1940. Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 26, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

annos e os sofrimentos conseguem nos dar"[748]. Barroso fala do processo de escrita e se felicita por ter feito também um trabalho histórico sobre o Ceará:

> Recolhi-me ao meu mundo interior e percorri os meus primeiros 10 annos de vida, respingando as lembranças espalhadas por toda a parte e fui deitando ao papel tudo aquillo sob o impulso das vivas emoções que essas reminiscencias despertavam. Não exagero dizendo que algumas paginas foram escriptas com lagrimas. Quer me parecer que os *guardados* de minha memória foram tantos sobre os aspectos daquele tempo e os typos que o povoaram que fiz nesse livro, não só a minha historia de garoto collegial, porém mais ainda: a propria historia de Fortaleza, minha terra natal, naquella época. Se assim foi, é o caso de felicitar-me a mim proprio, porque mais uma vez pude render homenagem ao Ceará [grifo no original][749].

Vemos então que, para ele, sua história e a história de Fortaleza se misturam, quase como uma só coisa, pois ao escrever a própria história, consequentemente ele escreveu a história daquela cidade, pois uma não poderia estar separada da outra. Mais uma vez, sua história é atrelada a sua terra natal, ponto principal de sua escrita e de sua saudade na imagem que ele desejava criar, que era sua própria identidade como escritor. Além disso, ele fala sobre continuar escrevendo livros do gênero memorialístico:

> O exito de "Coração de Menino", que posso avaliar pelas cartas e telegrammas recebidos, pelas notas e artigos na imprensa de todo o paiz, anima-me a prosseguir no genero e a continuar contando minha historia em outros volumes. A literatura brasileira é pobre de memorialistas e alguns dos poucos que existem serviram-se infelizmente do genero para ataques ou desabafos desnecessarios. Pretendo fugir a esse perigo, contemplando com a maior serenidade tudo o que já vae longe, esse velho rio da vida, em cuja margem o philosopho grego Demetrio nunca vira passar a mesma gotta de agua[750].

Nesse trecho podemos perceber que há também um certo interesse editorial por trás do desejo de continuar escrevendo suas memórias: a boa recepção do público e da crítica, além de não haver muitas iniciativas do gênero no mercado literário brasileiro. Além, claro, do reconhecimento que ele recebeu como intelectual, expresso por meio das muitas cartas e telegramas, artigos e notas na imprensa. Já debatemos a busca por reconhecimento em outros capítulos, a partir das reflexões de Tzvetan Todorov, e vemos que ela continua presente em seus escritos memorialísticos. Angela de Castro Gomes denomina esse tipo de escrita como "escrita de si", ou "escrita auto-referencial"[751], que "integra um conjunto de modalidades que se convencionou chamar produção de si no mundo ocidental"[752]. A autora explica que esse

[748] Ibidem.
[749] Ibidem.
[750] Ibidem.
[751] GOMES, Angela de Castro (Org.). "Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo". Op. Cit.
[752] Ibidem, posição 99 no ebook.

tipo de produção data do século XVIII, "quando indivíduos 'comuns 'passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si"[753]. Logo, também foi nesse período que surgiram as palavras biografia e autobiografia, entre os séculos XVII e XIX, em língua inglesa, tendo seu apogeu neste último.

Gomes explica o que pode ser considerado como "práticas de produção de si". Tais práticas seriam "um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita - como é o caso das autobiografias e dos diários -, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções"[754]. Sendo assim, podemos incluir na produção de si de Gustavo Barroso, além de suas autobiografias, que analisaremos ao longo deste capítulo, também o arquivo que constitui a Hemeroteca Gustavo Barroso, presente na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, cujos recortes de jornal foram utilizados como fontes desta tese. Sobre este arquivo, Aline Montenegro diz ter sido o próprio Barroso que deu início ao trabalho de arquivar estes recortes, o que foi posteriormente continuado por empresas especializadas em Clipping[755]. A autora destaca:

> Na biblioteca do Museu Histórico Nacional há uma coleção de recortes de jornais organizada em cadernos e em maços de folhas soltas, somando um total de 100 volumes. Trata-se de um arquivamento de sua vida que Gustavo Barroso realizou pessoalmente, abarcando o período de 1907, quando iniciou sua carreira jornalística, ainda em Fortaleza, até 1942. A partir do ano de 1943, a coleção ganhou novo formato e não foi mais realizada pelas suas mãos. O trabalho de recolher partes de jornais relativos a Barroso passou a ser realizado por outras pessoas, na maioria das vezes por empresas especialistas em clipping. Não se apresenta mais em formato de cadernos, mas sim colados em folhas avulsas, muitas das quais com a logomarca da empresa de notícias impressa. O arquivo se estendeu até 1973, graças ao trabalho de Nair de Morais Carvalho, que continuou recolhendo e guardando tudo de e sobre Barroso que saía na imprensa[756].

Vemos então que antes mesmo de escrever seus livros de memórias, Barroso já tentava guardar algo sobre si para a posteridade. Inclusive, segundo Aline Montenegro, até sua obra folclórica teria um caráter memorialístico, como também suas publicações em jornais e revistas:

---

[753] Ibidem, posição 104 no ebook.
[754] Ibidem, posição 114 no ebook.
[755] Segundo definição atual, o trabalho de Clipping é "o processo contínuo de monitoramento, análise e arquivamento de menções feitas na mídia a uma determinada marca, como empresa ou celebridade". Ou seja, a empresa monitora tudo sobre determinada pessoa ou marca. Podemos inferir então que, no período tratado na tese, a empresa era responsável por selecionar e organizar essas menções feitas a determinada pessoa na imprensa, em jornais e revistas. No caso, foram selecionadas as menções a Gustavo Barroso e organizadas em cadernos que hoje constituem seu arquivo no MHN. Para saber mais sobre o trabalho de Clipping ver: https://www.comunique-se.com.br/blog/clipping-o-que-e/
[756] MONTENEGRO, Aline Magalhães. *Troféus da guerra perdida…* Op. Cit., p. 246.

> A escrita de si barroseana se apresenta de diferentes formas ao longo de toda a sua trajetória. Inicia-se com crônicas sobre sua infância, publicadas nos jornais da cidade do Rio de Janeiro, quando contava 22 anos de idade, passando pela sua literatura folclorista e regionalista, marcada por um forte caráter autobiográfico. Aparece nas páginas das revistas ilustradas, como a Fon-Fon, onde vários aspectos da sua vida e de seus pensamentos são expostos aos leitores e culmina com uma coleção de 26 cadernos de recortes de jornais organizados por ele e seus três volumes de memórias, Coração de menino (1939), Liceu do Ceará (1940) e Consulado da China (1941), onde a infância vem à baila mais uma vez num processo de construção da identidade do homem maduro que já havia vivido meio século[757].

Afonsina Moreira também ressalta essa característica ao longo de toda a produção barroseana: "A sua bibliografia editada entre 1912 e 1932 e classificada na época de publicação de 'estudos do folclore 'e 'sociologia sertaneja 'foi marcada pelo estilo memorialístico, com contornos de auto-biografia"[758]. Para a autora, o saudosismo e a experiência direta narrada nestes livros, que também destacamos nesta tese, aponta que Barroso:

> (…) conjugou a pesquisa etnográfica a uma escrita memorialista. Ao mesmo tempo em que defendeu o caráter científico do estudo do "folclore", enalteceu a experiência do convívio direto com essas práticas, enfatizando a inspiração na saudade como aspecto legitimador de sua produção escrita. Ou seja, Gustavo Barroso construiu seu percurso "folclorista" em sintonia com seu depoimento de memorialista[759].

Como já analisamos estas obras de sua primeira fase como escritor no primeiro capítulo e destacamos esses aspectos, no presente capítulo o foco serão as autobiografias. Mas, consideramos importante ressaltar essa questão no que diz respeito à escrita de Barroso para demonstrar como ele pensava em construir uma imagem de si para a posteridade.

Em relação aos demais objetivos da escrita de si, Angela de Castro Gomes destaca:

> Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas. *O ponto central a ser retido é que, através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos*, cujo sentido passa a ser alargado [grifo nosso][760].

---

[757] Ibidem, p. 21.
[758] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 17.
[759] Ibidem, p. 20.
[760] GOMES, Angela de Castro. Op. Cit., posição 119 no ebook.

A autora explica também como essas práticas estão relacionadas com o desenvolvimento do individualismo na sociedade moderna, tornando relevante a transmissão das memórias individuais:

> As sociedades modernas, nessa acepção, são individualistas porque se consagram tendo por base um contrato político-social que reconhece todos os indivíduos como livres e iguais, postulando sua autonomia e abrindo campo para um novo tipo de interesse sobre esse "eu moderno". Uma ideia que confere à vida individual uma importância até então desconhecida, tornando-a matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros[761].

Gomes cita Philippe Levillain, que considera recente a ideia de que "a vida é uma história" e, segundo ela, "é esse fundamento que está na base do que se considera a escrita biográfica e autobiográfica"[762]. Assim, é nesse contexto que se consagra o "lugar do indivíduo na sociedade", sendo a partir dessa "nova categoria de indivíduo" que se transformam "entre outras, as noções de memória, documento, verdade, tempo e história"[763]. Em relação à memória, também se tornam importantes "os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual 'comum', e não apenas de grupo social/nacional ou de 'grande 'homem (político, militar, religioso)"[764].

Outro ponto importante citado pela autora é a busca pela verdade nesses escritos: "(...) toda essa documentação de 'produção do eu' é entendida como marcada pela busca de um 'efeito de verdade '- como a literatura tem designado -, que se exprime pela primeira pessoa do singular e que traduz a intenção de revelar dimensões í'ntimas e profundas 'do indivíduo que assume sua autoria"[765]. Além disso, o fato de ser subjetivo também legitima sua autoria: "Um tipo de texto em que a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua *autoridade*, sua *legitimidade* como 'prova'. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade" [grifos nossos][766]. Vemos como logo no início do seu primeiro livro autobiográfico, Barroso traz esse aspecto da verdade, declarando ser realmente isso que ele pretendia apresentar no livro, como destacamos acima. Ademais, pesa o fato de Barroso já ser um autor conhecido em sua época, já ter um nome consolidado no meio literário, possuindo então a autoridade do reconhecimento. Ninguém duvidaria da sinceridade de sua narrativa.

---

[761] Ibidem, posição 134 no ebook.
[762] Ibidem.
[763] Ibidem, posição 144 no ebook.
[764] Ibidem, posição 144-148 no ebook.
[765] Ibidem, posição 197 no ebook.
[766] Ibidem.

Assim, Barroso começa seu livro na infância, como foi dito, ao iniciar seus estudos no colégio Parténon, sendo este o título do primeiro capítulo do livro. A narrativa se inicia em janeiro de 1898 e vai até dezembro do mesmo ano. Dessa forma, ele narra o primeiro ano de sua vida estudantil, relacionando-o com outros acontecimentos da vida e da cidade. Esta, inclusive, é descrita exaustivamente, com detalhes sobre cada casa ao redor da sua, ou o local onde ficava o colégio, as casas e arredores de todos os personagens citados por ele, os locais onde passeava ou brincava… Enfim, tudo é minuciosamente descrito, começando por sua própria casa, sobre a qual ele destaca principalmente o aspecto antigo, onde tudo era velho, desde os móveis até os moradores (a avó, o pai e as tias). Afonsina Moreira explica essa característica na escrita de Barroso:

> Suas descrições dos ambientes do sertão e do litoral tinham uma escrita pautada nos detalhes, detalhes de nomes, lugares, pessoas, sensações. Foi constante essa demonstração de apurado conhecimento de sua cidade e uma sagacidade como observador. Intentou legitimar o valor de sua obra, não só pelo grau de conhecimento letrado, mas também, e especialmente, pelo nível de envolvimento com os temas e personagens. Os relatos de memória foram expostos como vestígios de sua vivência pessoal[767].

Assim, ele buscava construir a imagem de intelectual experiente e conhecedor da região, o que o legitimou como um escritor regionalista/folclorista. Ele também fala logo de início sobre sua relação com o pai, pelo qual parece guardar certo ressentimento por ele não ter sido muito amoroso, como, por exemplo, quando diz que o pai não saía muito com ele. Esse ressentimento de Barroso pelo pai e também por outras pessoas e situações de sua vida, criando até certo rancor, será demonstrado diversas vezes ao longo de seus livros autobiográficos, como veremos. Claudine Haroche[768] faz uma reflexão sobre o ressentimento, e sobre os sentimentos que levam a ele, como "processos psicológicos de recalque e de frustração ligados a sentimentos negativos e obscuros; sentimentos como a amargura, o rancor, a hostilidade impotente (...)".[769] Para a autora essas questões, que partem de uma abordagem transdisciplinar com a psicologia social e a antropologia política, são problemáticas:

> (…) porque, além da autoestima, do narcisismo da vida e da morte, do ódio do outro, indissociável do ódio de si mesmo, tocamos aqui, de fato, na integridade

[767] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 27.
[768] HAROCHE, Claudine. "Elementos para uma antropologia política do ressentimento: Laços emocionais e processos políticos". Op. Cit.
[769] Ibidem, p. 334.

> psíquica, moral, física, no próprio sentimento de existência, que pode pôr em jogo, em questão e até em causa as próprias condições da construção de si mesmo[770].

Portanto, todos esses sentimentos, que fazem parte da subjetividade do indivíduo, podem levar ao ressentimento. Ao longo de sua análise, a autora utiliza os estudos de outros autores sobre essa questão, como Erich Fromm, Hannah Arendt e Norbert Elias. Erich Fromm aborda o ressentimento na sociedade alemã à época do nazismo. Ali o ressentimento se acentuou nas classes médias no período pós-guerra, e foi abrangendo paulatinamente toda a sociedade alemã. Sobre Arendt, Haroche destaca que aquela autora não aborda diretamente o ressentimento, mas "os elementos que constituem suas condições de emergência, assim como os efeitos produzidos por ele (…)". [771] Já Elias, segundo Haroche, considera que o ressentimento surge quando um grupo antes subalterno começa a obter ganhos sociais, provocando esse sentimento nas classes superiores. Para a autora, "o ressentimento aparece então como uma resposta inconsciente, efeito longínquo de uma angústia ignorada, recalcada, ligada ao sentimento ameaçador de uma negação da existência"[772]. Veremos ao longo deste capítulo como Barroso guardava sentimentos de angústia por não conseguir tudo o que queria na infância, e até na juventude. Ele mesmo relata que nesses momentos não falava nada, mas recalcada sentimentos, que podem ter vindo à tona posteriormente em sua vida adulta, quando escreve seus livros.

Sobre a morte da mãe, Barroso conta que se deu sete dias após seu nascimento e teria dispersado a família que o pai construiu. Este colocou seus objetos no andar térreo do sobrado onde vivia sua mãe e usou a parte da frente da casa como cartório, onde trabalhava como tabelião. O pai ainda mandara os outros dois filhos para viver com a avó materna em São Luís do Maranhão. Nas palavras de Barroso: "(…) faz sua vida como bem entende e pouco se dirige a mim"[773]. Barroso então foi criado efetivamente pelas tias, irmãs do seu pai. A avó já era bastante idosa e ele se refere a ela com carinho e respeito. Sobre o pai, falava como sendo bastante ausente. Inclusive, diz que ficava triste quando via outras crianças passeando com os pais ou alguma delas chamando pela mãe. Conta que baixava a cabeça nessas ocasiões,

---

[770] Ibidem.
[771] Ibidem, p. 338.
[772] Ibidem, p. 340.
[773] BARROSO, Gustavo. *Coração de menino.* Op. Cit., p. 10. Uma característica deste livro é que ele escreve no presente, como se estivesse inserido nos acontecimentos. Nem sempre consegue fazer isso, às vezes mistura os tempos verbais, porém isto marca a maior parte do texto. Nos outros livros, ele já escreve usando mais o tempo passado.

principalmente quando alguém se dirigia a ele "com pena"[774] por não ter mãe. Barroso relata uma das raras vezes em que teria saído com o pai, quando fora se matricular na escola. Ele já havia sido alfabetizado por uma das tias e quando o professor Lino da Encarnação (professor e dono da escola) mandou que resolvesse alguns cálculos e fez uma espécie de entrevista teria concluído que ele já poderia ingressar no 3º ano do curso primário, pois estava bem adiantado.

Barroso relembra a escola de sua tia, bem simples, montada em casa. A tia "tinha bastante leitura e o espirito romantico da cultura de 1860. Falava muito em Lamartine, em Victor Hugo, na Revolução Francêsa, em D. Pedro II, Joaquim Nabuco e Maciel Monteiro"[775]. Teria sido na simplicidade da sua escola que sua alma fora moldada "para a luta da vida, dando-lhe um idealismo salutar que a preservou sempre da ansia imoderada de enriquecer e gozar"[776]. Ou seja, teria sido esse primeiro contato com a cultura, ainda em família, responsável por formar o que seria seu caráter de adulto, um caráter moderado e humilde. Aqui vemos que ele desejava destacar como os acontecimentos de sua infância influenciaram sua vida adulta, forjando sua personalidade, como veremos em diversos momentos neste livro.

Outro exemplo é quando ele já está estudando no Parténon e vê os mapas dos continentes colados na parede da sala de aula, mas não vê o Brasil em nenhum deles. Pensa então que "não via nunca o Brasil citado em livros ou pintado em quadros" e que "se um dia fôr alguma cousa na vida" mandaria fazer "um lindo painel do Brasil e distribui-lo por todas as escolas"[777]. Nesse trecho, o vemos demarcar também neste período a origem do seu patriotismo. Curioso, porém, é que quando deputado, não se preocupou com nada relativo à educação, criando apenas um projeto de lei sobre imigração e outro para restaurar os uniformes dos Dragões da Independência, como vimos em capítulo anterior.

Em outro trecho, Barroso tenta demonstrar mais uma vez seu interesse infantil pelo Brasil: "E eu fiquei a pensar que seria tão bom haver decalcomanias do Brasil, com sertanejos de roupa de couro, gaúchos a cavalo, seringueiros e índios, soldados do tempo de Caxias"[778]. Além desse interesse já quase inato, houve também, segundo ele, influência da família, que estimulava o interesse pelas tradições. Seu pai, por exemplo, teria lhe ensinado que "não póde haver pátria sem tradição"[779]. Cita, inclusive, seus avós e bisavós, e o "sangue germânico" da

[774] Ibidem, p. 11.
[775] Ibidem, p. 13.
[776] Ibidem, p. 15.
[777] Ibidem, p. 17.
[778] BARROSO, Gustavo. *Coração de menino.* Op. Cit., p. 23.
[779] Ibidem, p. 25.

mãe, como se tentasse demonstrar essa tradição familiar. Diz que "os nomes de Fidelis e Liberato Barroso projetavam-se no cenario provincial nas letras, na política e nas armas"[780]. Dessa forma, se, por um lado, ele demonstrava que a família não era abastada e que ele conseguira projeção intelectual com dificuldades, ao mesmo tempo desejava deixar claro que ainda assim sua família possuía tradição e uma ancestralidade nobre.

A família teria ainda influenciado na sua profissão, impondo-lhe a obrigação de se tornar doutor, em detrimento da sua "tendência" para a carreira militar. Suas tias, porém, não aceitavam essa carreira, o que ele confessa ter lhe gerado uma certa revolta:

> Na minha casa ha a mania, a superstição do doutor. (…) Entre as varias espécies de doutor, dava-se preferencia ao bacharel em direito. (…) Quando eu revelava minhas tendencias para militar, era um Deus nos acuda de protestos. Dêsde a mais tenra idade o ambiente domestico guerreava as minhas aspirações. A Guerra foi tal que acabei bacharel contra a vontade. Sinto dentro em mim sempre uma revolta surda[781].

Vemos então como o aspecto familiar era bastante ressaltado, de forma a demonstrar sua importância em sua vida e em suas escolhas. Inclusive frustrando suas aspirações infantis, que, segundo ele, "são profundas e duradouras"[782] e persistem na vida adulta, mas que os adultos não davam importância. Para ele, até mesmo brincadeiras com outras crianças deixaram marcas traduzidas na vida adulta, como da vez em que quis criar um Batalhão, mas as outras crianças fizeram chacota da sua ideia. Barroso comenta: "O que pretendera fôra unir pela imaginação as duas inspirações que me enchiam a alma. Não compreenderam. Quantas vezes na minha vida não tenho querido unir, sem que me compreendam, outras aspirações mais sérias?"[783] Ou seja, ele utiliza um episódio da infância para fazer uma reflexão sobre a vida adulta e suas decepções atuais. E faz esse movimento diversas vezes ao longo do texto. Com isso, Barroso busca também ressaltar sua solidão em relação aos seus gostos e escolhas, pois não tinha apoio em seu círculo de relações, nem familiares, nem entre seus colegas. Mesmo assim, teria persistido, alcançando reconhecimento ainda que em outra profissão que não aquela desejada. Isso é demonstrado na relação construída entre passado e presente. Afonsina Moreira analisa esse "trabalho de memória" feito por Barroso:

> Essa época foi retratada como a época de importantes descobertas para sua vida. A convivência nesse lugar teria propiciado momentos de conhecimentos compartilhados no grupo e instantes de reflexão solitários, favorecidos pelo

[780] Ibidem, p. 26.
[781] Ibidem. p. 30.
[782] Ibidem.
[783] Ibidem, p. 32.

> ambiente natural. Foi com persistência que ele comentou acerca dessa solidão produtiva para sua identidade. (…) À solidão foi relacionado um sentido criativo e construtor da compreensão de sua existência, dos medos, das indagações. Essa é uma das características do trabalho de memória, a visualização de episódios relembrados e a produção de significação e identificação no presente, quando as lembranças são figuradas[784].

Assim, para a autora: "Diante dessa infância e de suas conquistas intelectuais, Barroso quis configurar uma imagem de menino e homem persistente e 'vocacionado'"[785]. Ou seja, uma pessoa que mesmo com tudo indo contra desde a infância, conseguiu ter seu nome reconhecido nacionalmente.

Michael Pollak[786] se propõe a tratar da ligação entre memória e identidade social no âmbito das histórias de vida ou da história oral. O autor acredita que "a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa"[787]. Define quais são os elementos constitutivos da memória, que são os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles vividos por tabela. Os primeiros seriam os acontecimentos individuais e, os segundos, os vividos pelo grupo ao qual o indivíduo pertence. Neste caso, o indivíduo talvez nem tenha participado, mas eles acabam ganhando tal importância em seu imaginário que se torna quase impossível distinguir sua real participação. Indo mais longe, há ainda os acontecimentos que não se encaixam no espaço e no tempo de uma pessoa ou grupo.

Além dos acontecimentos, a memória também é constituída por pessoas e personagens, que podem ser "personagens realmente encontrados no decorrer da vida, (…) personagens frequentadas por tabela (…) e ainda (…) personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa"[788]. Por fim, pode-se definir também os lugares como constitutivos da memória. Segundo Pollak, "existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico"[789]. Vemos como essa definição de Pollak se adequa a Barroso, lançando mão de todos esses aspectos da memória em sua narrativa memorialística. Barroso cita memórias individuais, memórias que viveu em grupo (com amigos e familiares, e em festas populares), cita diversos personagens de Fortaleza à época de sua infância, e muitos lugares também (os locais onde ia brincar, na praia, nos sítios da

[784] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 36.
[785] Ibidem, p. 37.
[786] POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social." Op. Cit.
[787] Ibidem, p. 201.
[788] Ibidem, p. 202.
[789] Ibidem.

família, etc). Assim, vai tecendo essa memória de sua vida como uma "trajetória, com início, meio e fim, como um *enredo*" [grifo nosso][790], como observa Afonsina Moreira.

Ainda segundo Pollak, existem os "vestígios datados da memória", que é "aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento"[791]. Ou seja, em alguns momentos se destacam na memória ora as lembranças da vida privada, ora as da vida pública. Também pode ocorrer uma transferência em relação às datas. Gustavo Barroso cita diversas datas; a cronologia parece lhe ser muito importante. Em seu primeiro livro biográfico é como se a narrativa acompanhasse o passar do tempo, pois vai colocando os meses ao longo dos capítulos. Por exemplo, o primeiro capítulo começa em janeiro, a partir do quinto capítulo já é fevereiro, o nono capítulo começa em março, e assim por diante, com o mês destacado no alto da página. Também cita datas comemorativas da cidade, como o carnaval e o natal, além da forma como essas datas eram celebradas. Assim, vemos como ele desejava mesmo seguir um enredo, concordando com o que defende Afonsina Moreira. Isto também ocorre no segundo livro, como veremos adiante.

Portanto, Pollak conclui que a memória é seletiva. Ou seja, nem tudo fica registrado na memória individual ou coletiva. Por mais que Barroso tentasse passar uma imagem de escritor com uma memória excepcional e que seus contemporâneos realmente o vissem assim, como vimos nas fontes até aqui. E por mais que ele destacasse detalhes dos acontecimentos que narrava buscando justamente reforçar essa imagem, podemos afirmar que ele fez escolhas do que iria narrar e do que iria silenciar. E, além disso, não lembrou de tudo, pois essa seleção é um trabalho da própria memória, segundo Pollak. Segundo o autor, a memória "também sofre flutuações que são em função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa"[792]. A partir dessa reflexão, Pollak considera que "a memória é um fenômeno construído"[793]. Porém, os meios de construção podem ser tanto conscientes como inconscientes. Consideramos que no caso de Barroso tenham ocorrido ambos os casos. Seguramente, houve esquecimentos involuntários, mas precisamos problematizar o autor e sua escrita. Sobretudo tratando-se do estudo de intelectuais, sabemos que muito do que desejam mostrar como "vocação" ou acontecimentos casuais, são na verdade escolhas, visando ganhos simbólicos dentro do seu campo de atuação, como já vimos ao longo desta

[790] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 33.
[791] POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 203.
[792] Ibidem, p. 204.
[793] Ibidem.

tese a partir as reflexões de Pierre Bourdieu. Além disso, ao tratar do relato autobiográfico[794], Bourdieu considera que este:

> (…) se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário[795].

Ou seja, o relato autobiográfico busca um sentido, geralmente linear, de apresentação dos acontecimentos, na tentativa de conferir significado a eles e à vida, à trajetória daquele indivíduo em questão. Esse movimento não é aleatório ou inconsciente. Por isso, Bourdieu chama a atenção para a necessidade de se problematizar esse tipo de narrativa e não aceitá-la como algo dado ou totalmente natural. O autor define os acontecimentos biográficos como:

> (…) *colocações* e *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra, etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado [grifos no original][796].

Ou seja, para Bourdieu:

> (…) não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - do conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis [grifo no original][797].

Portanto, segundo Bourdieu, não se pode avaliar uma narrativa biográfica sem inserir o indivíduo e suas ações no seu campo, a partir do qual ele faz escolhas, traçando essa trajetória de forma consciente, visando ganhos específicos. Buscamos essa inserção de Barroso em seu campo intelectual e político no capítulo II desta tese, ao mapear suas redes de sociabilidade e os caminhos escolhidos por ele para se tornar um intelectual reconhecido. Agora o vemos em suas autobiografias narrando esses caminhos como algo natural, já

[794] BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. Op. Cit.
[795] Ibidem, posição 3654 no ebook.
[796] Ibidem, posição 3748 no ebook.
[797] Ibidem, posição 3752 no ebook.

presente em sua personalidade desde a infância, para dar forma a este enredo de sua vida, seguindo uma linha cronológica sem rupturas. Tal atitude é justamente o que se deve questionar, segundo Bourdieu. O autor define essa noção de trajetória como uma "série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações" [grifo no original][798]. Ou seja, o campo no qual o indivíduo atua é marcado por transformações contínuas, não sendo possível uma trajetória dada, mas uma série de escolhas feitas a partir dessas transformações e mudanças às quais ele está sujeito no decorrer de sua vida. Assim, é necessário ter em mente estes aspectos ao se analisar uma narrativa biográfica.

Voltando à questão da memória, que também é importante na construção dessa trajetória que se quer linear, sendo assim selecionada e moldada, como explica Pollak, esta também é, em parte, herdada. Logo, ela "também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa"[799]. Portanto, a narrativa biográfica, que se utiliza da memória, sofre essas flutuações no momento em que está sendo escrita. Segundo o autor, isto pode acontecer tanto com a memória individual quanto com a coletiva e demonstra que "a memória é um fenômeno construído"[800], sendo os meios de construção tanto conscientes quanto inconscientes. Assim, se a memória é construída social e individualmente, pode-se também dizer que "há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade"[801]. Aqui a identidade é tomada no sentido de imagem que se constrói para si e para os outros.

Pollak então enumera três elementos essenciais para a construção dessa identidade, que seriam a unidade física, como o corpo da pessoa ou as fronteiras de um grupo, a continuidade dentro do tempo, e o sentimento de coerência. Diante disto, ele afirma que "*a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si" [grifo no original][802]. A própria narrativa biográfica é um esforço de afirmação identitária, pois busca justamente essa construção de si, disponibilizada ao olhar do outro, que irá lhe conferir esse reconhecimento. O outro, segundo Pollak, muitas vezes escapa à percepção, mas também é um elemento importante na constituição da identidade social. Para o autor, "ninguém pode

[798] Ibidem, posição 3744 no ebbok.
[799] POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 204.
[800] Ibidem.
[801] Ibidem.
[802] Ibidem.

construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros". Logo, "a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros"[803].

Fizemos esta reflexão sobre o olhar do outro e a busca por reconhecimento em relação a Gustavo Barroso também no capítulo II, utilizando o trabalho de Tzvetan Todorov. Portanto, concordamos com as reflexões feitas por Todorov sobre a importância do olhar do outro para conferir reconhecimento identitário. E essa busca por reconhecimento também identificamos na escrita memorialística barroseana. Assim, também cabe questionar o que Barroso desejava, além de construção identitária, ao escrever suas memórias. E que identidade era esta que pretendia construir? Acreditamos que o dito e o não dito respondem a essas questões, ou seja, o que ele quis narrar e o que ele escolheu silenciar era o que desejava deixar para a posteridade. Ao longo do capítulo, veremos em seus livros autobiográficos o que ele escreveu ou silenciou, mas até aqui já percebemos que ele parte do que considerava o início de uma trajetória individual, a infância, e vemos a importância que esta possui em sua narrativa. Segundo Afonsina Moreira, "a ênfase para uma infância idílica é um traço característico das narrativas de memória. Esse foi um traço do estilo de Barroso, intentando conquistar uma satisfatória recepção do público leitor, através da exposição do tempo primaveril"[804].

O primeiro livro inteiro e parte do segundo tratam desse período de sua vida, no qual percebemos que ele demarca os elementos constitutivos de sua identidade enquanto adulto. Logo, vemos também nessa preocupação com o reconhecimento do público e essa busca por demarcar na infância os elementos de sua personalidade um trabalho de construção identitária. Além desses aspectos, Moreira elenca outros, como quando ressalta:

> A delimitação de lugares e episódios nessas narrativas foi justificada por ele mesmo como os lugares e as vivências que teriam marcado seu modo de percepção do meio, da paisagem e das gentes, como também, a sua trajetória intelectual. Essa é uma das imagens que Gustavo Barroso desejou consolidar, de escritor saudoso e conhecedor de sua cidade natal e do modo de vida sertanejo[805].

Ainda sobre essas memórias de infância, Afonsina Moreira diz que Barroso "compôs uma imagem de escritor da memória e uma imagem de um garoto incorporado aos costumes de sua cidade, mesmo intitulando seus divertimentos como 'vadiagem', como se o tempo de

[803] Ibidem.
[804] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 24.
[805] Ibidem.

garoto fosse um tempo apropriado para essas diversões e passeios"[806]. Porém, essa imagem de garoto que ele quer demarcar é a de um menino endiabrado, para depois ressaltar a mudança que lhe ocorreu na vida adulta. Nesse momento ele não preza pela continuidade, mas pela ruptura, pois até seus professores ficam perplexos diante da mudança do seu comportamento quando o encontram mais velho, como veremos no segundo livro. Ou seja, a permanência ou a ruptura são usadas de acordo com a imagem que se quer passar. Quando é conveniente para a narrativa, Barroso lança mão de uma ou de outra. Porém, neste primeiro livro ele narra mais a algazarra que fazia com os amigos, que eram "uma malta de meninos terríveis, nadadores e mergulhadores, mestres em soltar papagaios [pipas] e atirar pedras (…)" [807]. Em dado momento Barroso também fala da memória, que, segundo ele "(…) é toda assim fragmentaria a nossa memoria de vida. Ninguém é capaz de desenrolar de ponta a ponta o filme de sua existência. Rememora trechos com maior ou menor intensidade". E fala das primeiras memórias que tinha, dentre elas a de uma passeata promovida pela Escola Militar para comemorar a posse de Floriano Peixoto. Memórias emblemáticas para a personalidade que tinha quando escrevia.

Em outro momento, Barroso fala de sua formação religiosa, que ele diz não ter, pois em sua casa não eram dados a prática ostensiva dos rituais católicos. Apenas sua avó ainda rezava o terço, mas seu pai era "livre pensador" e suas tias não eram muito inclinadas a exercer práticas religiosas. Apenas em datas comemorativas ele ia às festas religiosas, como cita em outros momentos, sendo apenas batizado, mas diz não ter a obrigação de ir à Igreja, indo apenas às vezes por curiosidade ou com sua tia Nenen. Diz que nunca fez a primeira comunhão e que seu colégio era "absolutamente leigo, ao gosto do século XIX. Não tem ensino religioso e nem se fala nisso"[808]. Ele não era religioso por não ter sido ensinado, não ter nenhuma influência do meio para isso. Como criança endiabrada, não levava isso a sério, como exemplifica ao relatar o dia em que o diretor levou os alunos à missa e eles não se comportaram, principalmente o grupo de Barroso. O diretor os expulsou da missa e eles foram tomar banho de açude. Quando participava de festas ou rituais religiosos, era como se não os entendesse, como quando cita a vontade de "reviver a passagem da Procissão do Enterro pela rua das Flôres", pois na ocasião não entendia seu significado.

Ao ler essas histórias a impressão que fica é a de um menino "largado", ou pelo menos com o qual a família não se preocupava tanto quanto ele gostaria. Barroso diz que o pai não

[806] Ibidem, p. 32.
[807] BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. Op. Cit., p. 41.
[808] Ibidem, p. 63.

falava e nem saía muito com ele, que tinha muitos momentos de solidão e parecia sentir falta de uma educação religiosa mais profunda. Chega a demonstrar certo ressentimento em relação à família, principalmente ao pai:

> Em nossa casa era assim. Ninguém procurava satisfazer o desejo duma criança, guiá-la, mostrar-lhe as cousas com clareza e, ao mêsmo tempo, dar-lhe o carinho preciso para que não se estiola-se o coração á mingua de aféto e confiança. Menino era como uma planta. Adubava-se. Crescia naturalmente. Se um galho bracejava mais alto ou se desviava da posição normal, amarravam-no, torciam-no, aparavam-no ou decepavam-no. Eu já compreendera que não havia remedio nem para quem apelar, *sem mãe e com um pai que era indiferente ao que me fôsse nalma, tão indiferente como se eu vivesse na China*. Conformára-me. Esperava a minha libertação do tempo [grifo nosso][809] .

Fica claro então que Barroso desejava demonstrar o quanto lhe fez falta a presença da mãe na infância; e a do pai também, este não pela morte, mas pela indiferença. Além de reclamar da sua criação, também reclama dos modos de vida antigos da família e chama sua antiga casa de "ambiente do passado", onde "um menino não podia ter nada do que os meninos adoram: sêlos, passaros, gatos ou cachorros"[810]. Ele também se queixa de, naquela época, ainda utilizarem fogão à lenha e candeias de querosene, como se sua família não acompanhasse o progresso da sociedade. Em um momento anterior relata ter "pena" dos objetos e não gostar que a família jogasse nada fora, pois achava que eles "mereciam uma aposentadoria silenciosa a um canto", fazendo uma clara ligação com seu trabalho posterior no Museu, como se desde criança prezasse pela conservação material. Percebe-se assim como Barroso desejava construir uma ligação entre seu passado e sua carreira posterior.

Barroso também conta vários episódios envolvendo sua infância e a história militar, que começa a aprender já nessa fase. Um dos seus primeiros mestres teria sido, segundo ele, um amigo do seu pai chamado Teodoro Nunes, que o colocava no colo e fazia desenhos de soldados e oficiais, contando-lhe casos da Guerra do Paraguai: "Teodoro Nunes não é somente meu primeiro e inconsciente professor de desenho, como também o meu primeiro mestre, também inconsciente, de história militar. Conta-me dezenas de histórias da guerra do Paraguai, que produzem funda impressão no meu espírito"[811]. Inclusive ele escreveria uma série de livros sobre essa guerra, dos quais já falamos no capítulo anterior. Continua contando que também brincava com a espada do bisavô, imaginando batalhas dessa guerra. Então, recorda, mais uma vez falando como se estivesse inserido no momento narrado: "Minha vida

[809] Ibidem, p. 88.
[810] Ibidem.
[811] Ibidem, p. 94.

é povoada de recordações militares e gosto tanto de tudo o que se refere á vida guerreira que todos os amigos e conhecidos de meu pai me auguram um futuro de soldado. (…) Na nossa família ha o culto da tradição da pátria e a estima pela bravura pessoal"[812]. Aqui ele já vê esse aspecto da família como algo bom e uma influência positiva na formação da sua personalidade. Seu pai, que trabalhou na polícia e na Guarda Nacional da Província, desfilava nas paradas militares e o levava para desfilar também. Ele considerava "lindas as paradas daquela época"[813].

Além do pai, seu padrinho também é citado como tendo bastante influência nesse sentido, pois participou da campanha do Paraguai e lhe contava diversas histórias da época. Barroso diz que lhe admirava "dêsde tenra idade pelo que conta das suas campanhas, das suas estadias no sertão e das suas viagens"[814]. Nesse período ele também relata que desenvolveu o gosto pela Marinha, quando seu pai lhe contou uma história da construção de um navio por um homem rico da região, e então ele passa a se interessar por navios: "Tenho mania de ser marinheiro e só leio com verdadeiro prazer histórias de viagens e de piratas"[815]. Então, ele apresenta longas descrições sobre suas brincadeiras envolvendo navios e diz que "parece que algum antepassado navegador se agita dentro de mim"[816]. Ele também passa a frequentar o porto e faz amizade com os trabalhadores, citando alguns.

Porém, é interessante destacar também um episódio contado por ele, em que desejava muito um brinquedo e seu pai se nega a comprá-lo. Mais uma vez, ele reclama: Ê"le não me compreendia, nem eu a ele. Era muito distante"[817]. Diante da negativa do pai e da falta de recursos das tias, ele considera: "Tinha, pois, de pedir o dinheiro, áquele que, sozinho, me tem dado todo o dinheiro que tenho gasto comigo e com os outros, áquele que, sozinho, me fez o que sou: a mim mêsmo"[818]. Ou seja, desde pequeno ele já teria aprendido a ir atrás dos seus objetivos. Ele então teria reunido o dinheiro de todas as formas que conseguira, mas quando foi comprar o brinquedo, este já havia sido vendido a um menino rico da cidade, que não teria se esforçado como ele para obter o dinheiro. A partir disso ele faz uma reflexão sobre toda sua vida: "Toda a minha vida tem sido assim. Esforço-me e perco a parada. Depois de perdida, o destino me oferece generosamente o que me recusou. Tira-me o sabor de todas as vitórias, o

[812] Ibidem, p. 100.
[813] Ibidem, p. 101.
[814] Ibidem, p. 111.
[815] Ibidem, p. 124.
[816] Ibidem, p. 127.
[817] Ibidem, p. 133.
[818] Ibidem, p. 134.

perverso!”[819] Fala ainda sobre o menino que comprou o brinquedo, que ele encontra anos depois no Rio:

> Muitos anos mais tarde, depois que morreu o doutor Garcia, quantas vezes encontrei nas ruas do Rio de Janeiro o seu filho, o gordo menino que tinha os brinquedos que imaginava, que possuía uma biclicleta americana e até um cavalo pequira, em que passeava todo taful acompanhado pelo criado Amaro. Era eu, então, deputado federal e tinha certo nome como jornalista e escritor. Ele diluíram-se no anonimato dum empreguinho burocratico, sem bicicleta, sem pequira e sem futuro[820].

Fica claro nessa passagem o ressentimento que Barroso guardou do menino por anos, além da vaidade intelectual que possuía. Na infância ele se sentiu inferior por não ter a mesma quantidade de brinquedos que este, mas na vida adulta isso mudou, pois ele já se sentia superior por ser reconhecido como escritor, jornalista e deputado, dando um tom de superação à sua vida. Antes era um menino sem brinquedos, que não conseguia ter o que queria, mas que se tornou um homem reconhecido não pelos bens materiais, mas pelo que conquistou como intelectual, ou seja, por seu capital simbólico. Assim, nota-se que ele queria se colocar como alguém que venceu na vida a partir do próprio esforço. Sobre essa questão, Afonsina Moreira considera que:

> Ele quis repassar para os leitores uma imagem de que estava vivendo na glória, mas para dizer que sua glória estava ligada ao sacrifício, demonstrou uma insatisfação, tanto por essa sua ausência, quanto pela transformação das coisas. (...) O apreço pelo seu Ceará de garoto e a insatisfação num presente de lembrança foi registrado nas páginas desses livros de memória repetidas vezes[821].

Nota-se também que ele desejava passar uma moral através de suas histórias, ensinar uma lição aos leitores através do seu exemplo de superação. Sobre essa questão, Afonsina Moreira considera que “Gustavo Barroso moldou em seus escritos a imagem de memorioso, pela minúcia da descrição dos lugares, eventos e pessoas. Imagem de jovem envolvido na ambiência de um sertão que teria marcado sua conduta moral diante de desafetos e ensinado lições”[822]. Vemos que ele cultiva esses desafetos até a vida adulta e assim também cultiva o passado, se apegando a ele. Ao mesmo tempo, ele quer mostrar que superou não só as dificuldades, mas os próprios desafetos, ao conseguir mais reconhecimento na vida pública e se colocando como exemplo a ser seguido.

---

[819] Ibidem, p. 136.
[820] Ibidem.
[821] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 58.
[822] Ibidem, p. 70.

Sobre esse conhecimento do sertão, Barroso remonta não apenas ao que ele viveu, mas aos seus antepassados, que seriam os primeiros povoadores daquela terra. Ao falar da sua vó, destaca sua linhagem com orgulho:

> O que póde haver no meu caráter de mais retilineo e mêsmo áspero, isto no modo de pensar dos amolecidos de hoje, vem de minha avó. Linha. Compostura. Dignidade. Nunca se curvou senão deante de Deus. Verdadeira fidalga. Tinha o concentrado orgulho de sua estirpe sertaneja dos primeiros povoadores da capitania, cujos governadores, vindos do Reino, quando ainda viviam na vila do Aquiraz e não na do Forte, depois Fortaleza, iam beijar respeitosamente a mão de sua mãe, D. Rosa Marciana Perpetua da Cunha Lage.[823]

Ao relacionar as qualidades da avó, Barroso coloca-se como herdeiro delas. Herdeiro dessa estirpe e fidalguia dos primeiros conquistadores vindos do Reino, ou seja, de Portugal. Assim, reforça a ideia de uma linhagem nobre. Mais adiante, fala de outra família que também seria de seus antepassados, a família Cunha. Segundo ele, sua avó contava a história de uma briga envolvendo essa família. Após o relato, ele conclui, mais uma vez, exaltando sua linhagem:

> Em 1937, de automovel pelo vale do Jaguaribe, em viagem para a vila do Riacho do Sangue, cujo nome relembra outra luta cruel, passei pelas terras dos Cunhas (…) onde a mais terrível tragédia ceifára duas gerações da minha velha família, aquêles *senhores feudais do sertão, cujo sangue meu tio Antonio Alexandrino relembrava que eu tinha nas veias* e cuja história minha avó contava, satisfazendo-me a curiosidade infantil e fazendo-me vibrar bem pequenino com a minha terra e com a minha gente [grifos nossos][824].

Nota-se como ele tinha orgulho de descender dos primeiros conquistadores do que viria a ser o Ceará e de pertencer a uma família de "senhores feudais do sertão", ou seja, como ele valorizava a linhagem e o sangue. Barroso menciona esses elementos em diferentes momentos ao longo do livro, sempre destacando que pertencia à linhagem dos primeiros povoadores. Em um deles, chega a citar as propriedades da família:

> Pelos tabuleiros e várzeas da redondeza, minha família trabalhou e viveu dêsde recuados tempos, sob os reinados de D. Maria Iª, de D. João VI, de D. Pedro Iº e de D. Pedro II. Meu bisavô fundou o sítio do Cocó, que já passou a outros donos, o do Curió, onde ainda mora meu tio Antonio Alexandrino da Costa, e o do Sabiaguaba, na barra do rio, que continúa na posse dum dos ramos da família. Meu avô fundou o do Itambé, que o povo miúdo chama Taimbé, com sua casa avarandada no alto dum morrete, ladeada de esbeltas palmeiras, mirando-se na agua limpida de pequeno lago, que pertence á minha avó e tem como rendeiros dois antigos escravos, o velho Gonçalo, filho dum africano, Pai João, e a velha Chica. Meu tio Francisco fundou o

[823] BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*. Op. Cit., pp. 144-145.
[824] Ibidem, p. 169.

> Muritiapuá, perto da lagôa Redonda (...). Todas terras proprias, livres de fóruns, alodiais, remanescentes do nosso antigo feudalismo rural nascido das sesmarias[825].

Com isto, novamente buscava destacar suas ligações com o sertão desde os primórdios para assim legitimar seus escritos. Já tratamos nesta tese de como ele o fazia através da experiência de vida que demonstrava ter naquela região, através das suas vivências. Mas, aqui ele vai mais longe e busca essa legitimidade nas raízes de sua família, que teria fundado a região, através da conquista e do povoamento. Assim, Barroso não estaria ligado ao sertão cearense apenas por suas vivências, mas sim pelo próprio sangue.

Em alguns momentos também fica subentendida uma frustração em relação a questões políticas. No capítulo intitulado "A Cajulepsia", fala sobre a criação de uma casa na árvore e a fundação de uma loja maçônica em uma brincadeira com os amigos. O interessante é que Barroso acabaria se tornando um crítico da Maçonaria, como vimos no capítulo anterior. Posteriormente, o professor teria descoberto e destruído tudo junto com sua tia. Sobre esse episódio ele comenta: "Esta foi a primeira medida violenta por parte do poder público que sofro. Anuncia outras, mais duras e mais injustas para o futuro. Em idade alguma os homens escapam ás tiranias"[826]. Estaria ele se referindo à sua retirada forçada do Museu Histórico Nacional pelo governo de Vargas? Em outro capítulo ele comenta uma ida à Europa "num delicioso outono da França", onde estava "espairecendo no estrangeiro os desgostos da política"[827]. Não sabemos com exatidão que desgostos seriam esses, mas talvez tenham sido devido à não concretização dos seus objetivos com o integralismo. Aline Montenegro também aborda essa questão da escrita de si barroseana ao final de sua vida e como ele se colocava como um injustiçado:

> (…) aos 50 anos de idade, já se considerava um "velho". (…) O que estava em jogo era deixar para a posteridade a imagem de um eterno menino peralta, que sonhava em ser militar e que, mesmo tendo frustrada a sua vontade inicial, deu a vida ao serviço à pátria. Preocupava-se em enaltecer seus feitos, tirando-os do esquecimento e apontar eventuais injustiças por não ter obtido o reconhecimento esperado da sua atuação pública. Afinal, vira frustrar as pretensões políticas de obter um cargo na administração direta do Estado. Voltava-se, então, para o seu íntimo e o seu passado, tentando ressignificar sua vida e consolidar seu papel como um cultor da história nacional[828].

[825] Ibidem, p. 290.
[826] Ibidem, p. 179.
[827] Ibidem, p. 240.
[828] MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da guerra perdida*… Op. Cit., p. 204.

Para a autora, a frustração com o fim do integralismo teria feito Barroso se voltar para a escrita do seu passado, que foi muito influenciada por ela e pelo sentimento de perda do objetivo almejado. Assim, ele "vivia o vazio do fim do integralismo como possibilidade de ascensão política. Havia investido tanto tempo, energia e trabalho que, diante da perda desse 'objeto de desejo', passou a vivenciar o luto, onde o passado pessoal se torna objeto de novo investimento, no lugar daquele que se perdeu"[829]. De fato, vimos no capítulo anterior o quanto Barroso havia investido no movimento integralista e se dedicado à propaganda do movimento. Mas, este não continuou atuante, pois com a instauração do Estado Novo o movimento foi colocado na clandestinidade. Logo, a AIB teve que ser dissolvida e a militância encerrada. Assim, como demonstrado anteriormente, Barroso preferiu se dedicar a outros trabalhos, retornando ao que fazia antes da militância integralista. Odilon Caldeira Neto e Leandro Gonçalves ressaltam:

> Gustavo Barroso, por ser um homem muito bem relacionado entre os intelectuais, apesar do forte discurso antissemita e da radicalização política, conseguiu trânsito livre no Estado Novo. O fato de ser um imortal da Academia Brasileira de Letras ao lado de Getúlio Vargas (que passou a ocupar, a partir de 1941, a cadeira n. 37) facilitou essa relação. Nesse contexto, as atividades integralistas foram protocolares, e a relação com Plínio Salgado durou até 1945[830].

Assim, por esses motivos, mesmo não conseguindo que seu movimento tomasse o poder, Barroso ainda conseguiu manter seu cargo no MHN e suas atividades intelectuais. Em outro trabalho[831], Caldeira Neto fala sobre a reordenação da memória por parte dos ex-militantes após o fim do movimento:

> Se, por um lado, alguns integralistas (sobretudo o *chefe nacional* Plínio Salgado) persistiram na ambição de rearticulação da doutrina do Sigma, fosse por meio do Partido de Representação Popular (PRP), da Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ), onde diversas outras organizações - até os integralistas no tempo presente (neointegralistas), inúmeros outros ex-integralistas buscaram reordenar a memória dos tempos de militância nas *fileiras do Sigma*, de forma que esse período na vida de cada um fosse devidamente *explicado*, a partir de um claro processo de construção da memória, por meios objetivos e/ou subjetivos, tornando "aceitável", deste modo, em pleno contexto do pós-guerra, a antiga participação em um movimento de cunho fascista [grifos no original][832].

---

[829] Ibidem.
[830] GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes*… Op. Cit., p. 80.
[831] CALDEIRA NETO, Odilon. "Gustavo Barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e escrita de si". *Cadernos do Tempo Presente*, n. 14, out./dez. 2013, pp. 44-56.
[832] Ibidem, p. 45.

Em 1939, quando publica a primeira autobiografia já inicia esse movimento de reordenação e silenciamento da memória integralista. Talvez seu trabalho em uma instituição diretamente dependente do governo, como era o MHN, e sua posição na ABL, o tivessem feito tomar essa atitude, já que este mesmo governo havia perseguido o integralismo. Logo, para continuar usufruindo da sua posição junto a ele, seria melhor parar com a militância política e se voltar novamente ao trabalho intelectual. Segundo Caldeira Neto, posteriormente:

> Quando Plínio Salgado retornou ao Brasil e iniciou a rearticulação do integralismo no contexto do pós Estado Novo, Gustavo Barroso já havia rompido com o integralismo, de forma que não participou da gestação da principal organização integralista no pós-guerra, o Partido de Representação Popular (PRP). As atividades profissionais de Barroso após o período de dedicação exclusiva à AIB seguiram no ramo da literatura e principalmente da museologia, devido ao cargo de direção do Museu Histórico Nacional[833].

Assim, Barroso não se envolveu mais com o integralismo após o movimento ter sido colocado na ilegalidade por Vargas, mas preferiu seguir por outro caminho e manter sua posição como intelectual e diretor no MHN. Vemos então mais uma escolha do intelectual visando ganhos simbólicos dentro do seu campo. Barroso preferiu mantê-los a arriscar tudo por um movimento que já havia sido desbaratado e seu líder exilado. Ele então se volta para si mesmo e para suas memórias. Segundo Caldeira Neto, Barroso começa a escrever suas memórias logo após se desligar da AIB em 1938. Em 1939, lança sua primeira autobiografia, já dando a entender que continuaria a escrevê-las em outros volumes, como vimos. Para Caldeira Neto:

> Nestas obras, apesar - ou justamente por conta - da proximidade temporal com a experiência de vida junto à AIB, há uma evidente minimização não somente da fase integralista do autor, mas também grande parte do período vivido no Rio de Janeiro, de modo que o período da vida em que Barroso residiu no Ceará é majoritariamente relembrado, descrito como um período de pureza infantil e felicidade, mesmo com todas as dificuldades vividas[834].

Consideramos não haver somente uma minimização, mas sim um silenciamento. Sua atuação no movimento integralista não é citada em momento algum, já que suas autobiografias tratam do período de sua infância até sua migração para o Rio de Janeiro, que se deu em 1910, enquanto seu engajamento no integralismo ocorreu na década de 1930. Deste modo, sua narrativa memorialística não alcança esse período. Vemos indícios de uma

[833] Ibidem, p. 49.
[834] Ibidem, pp. 49-50.

insatisfação pessoal e percebemos, principalmente no segundo livro, que ele não mudou suas ideias conservadoras. Mas, não há relatos sobre essa época:. Caldeira Neto afirma que:

> Esses acontecimentos demonstram como Gustavo Barroso empreendeu uma clara tentativa de construção da memória autobiográfica e escrita de si, elencando quais aspectos de sua vida, de maior valor, seriam deixados à posteridade. (…) Há, no caso de Barroso uma clara tentativa de construção biográfica, manejada de forma a resguardar o conveniente e silenciar o que foi julgado inconveniente pelo próprio sujeito e ator histórico[835].

Com tudo isso, podemos perceber que Gustavo Barroso fez escolhas em relação ao que seria dito ou não em suas memórias. Em relação à sua atuação, não há mais uma militância ativa e clara. Inclusive no contexto da Segunda Guerra não encontramos opiniões emitidas por ele sobre esse tema. Apesar de ter defendido Hitler abertamente na década de 1930, ao longo da guerra silenciou também sobre isso. Além das autobiografias, no início da década de 1940, ele se dedica novamente ao folclore e à história, ministra conferências sobre esses temas, volta-se às atividades na ABL, e atua fortemente no MHN.

4.2 **O *Liceu do Ceará* e a passagem para a juventude**

No livro *Liceu do Ceará*[836], o segundo da trilogia autobiográfica de Gustavo Barroso, o autor aborda a passagem da infância para a adolescência, e os acontecimentos de sua vida neste período, que vai de 1899 a 1906. Apresenta sua mudança de colégio, do Parténon Cearense para o Liceu do Ceará, narra diversos acontecimentos nessa escola, com colegas e professores, e já no final desse período a escolha da profissão, oferecendo indícios dos motivos de sua mudança para o Rio de Janeiro.

A edição utilizada para esse estudo é de 2000, publicada pela Casa José de Alencar, do Ceará. A nota inicial informa que o texto contém notas explicativas do historiador Mozart Soriano Aderaldo, membro do Instituto do Ceará e conhecido no meio intelectual cearense, autor de livros sobre a história de Fortaleza. Também esclarece que a edição foi patrocinada pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará, que reeditaria as três autobiografias e as publicaria separadamente pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar. Também é esclarecido o objetivo dos editores com a publicação: "(…) divulgar na atualidade, entre os

[835] Ibidem, p. 50.
[836] BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará.* Op. Cit.

jovens estudantes cearenses do curso fundamental e das escolas superiores, o gênio do nosso eminente conterrâneo, membro ilustre da Academia Brasileira de Letras e patrimônio imprescindível para a cultura cearense"[837]. Assim, vemos como Barroso ainda era visto e reconhecido no Ceará no início deste século.

O livro começa em 1899, com sua ida para o Liceu do Ceará, renomado colégio cearense, onde estudaram diversas personalidades importantes não só para aquele estado como para o país. Barroso as cita ao longo do livro, orgulhoso de ter convivido com elas. Ele descreve minuciosamente a escola e seu entorno, no que já sabemos ser uma característica de sua escrita. Diz que "naquela paisagem urbana da praça dos Voluntários, entre aquelas fachadas e aquelas pessoas decorreria lustro e meio de minha vida"[838]. Ao narrar o momento de sua matrícula, faz uma reflexão sobre seu nome:

> O meu nome por extenso espantou o secretário e maravilhou o bedel: Gustavo Adolfo Luís Guilherme Dodt da Cunha Barroso. O secretário declarou que nas listas de chamada não poderiam figurar mais de quatro apelidos e escolheu: Gustavo Adolfo Dodt Barroso. O destino do meu nome era mesmo ser diminuído quanto mais crescesse. Oficialmente reduziram a Gustavo Dodt Barroso, graças à minha carta de bacharel. Eu o limitei ao mínimo possível: Gustavo Barroso[839].

Bourdieu chama a construção e descrição da personalidade do indivíduo "designada pelo nome próprio" de "superfície social", que é "o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos"[840]. Assim, é através do nome próprio que o indivíduo constrói sua personalidade e age nessa "superfície social". Daí a importância que vemos Barroso conferir a seu próprio nome. Ele, no entanto, não cita os pseudônimos que utilizou, principalmente o João do Norte, pelo qual ficou conhecido quando publicou seu primeiro livro *Terra de Sol*. E continuou a utilizá-lo praticamente metade da sua carreira, passando a assinar com seu próprio nome somente após a entrada na ABL, como vimos nos capítulos anteriores. Neste livro, ele cita apenas o pseudônimo Nautilus, utilizado nas primeiras publicações em jornais, ainda no Ceará. Porém, quando chega no Rio de Janeiro e publica seu primeiro livro, lança mão da identidade nortista para se tornar conhecido. Mais uma vez buscando autoridade para seus escritos, pois só um João do Norte poderia falar com propriedade sobre o Norte. Posteriormente, abandona também este pseudônimo, mas isso

[837] Ibidem.
[838] Ibidem, p. 17.
[839] Ibidem, p. 20.
[840] BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". Op. Cit., posição 3753-3757 no ebook.

ocorre bem depois. No início, precisava dele para ter sua identidade ligada ao Norte, sobre o qual falava em seus livros. Assim, vemos mais uma escolha feita por Barroso em seu caminho intelectual na busca pelo reconhecimento.

Mais adiante, Barroso volta ao tema da vadiagem em sua infância, fazendo-o inclusive repetir de ano: "Eu e todos os da minha turma encontraríamos no terceiro ano como que uma esquina do pecado. Repetí-lo-íamos, como outros mais, tentados pelo demônio irresistível da vadiagem"[841]. Ele cita então os motivos de sua vadiagem, que o impediam de estudar: banhos nos reservatórios e açudes, banhos de mar, pescarias, passeios de bonde, o carnaval, as novenas, o São João, o Natal, etc. Sobre esses momentos, diz: "(…) todas as horas eram poucas para o gozo sem par de tudo isso naquele tempo de lampiões a gás, sem rádio, sem bondes elétricos, sem automóveis, quando a vida andava devagar"[842]. Ele inclui nesses motivos também um café, o Café Peri, que frequentava por ser amigo do dono, que se chamava Narciso. Diz: "As visitas ao Narciso no Café Peri atraíam-me a gazetas [faltar às aulas] ou me forçavam a chegar tarde às aulas"[843]. Percebe-se mais uma vez o tom de nostalgia em relação a um passado idílico que não existia mais. Segundo Afonsina Moreira, para Barroso:

> O recurso a uma escrita memorialista, dentre tantos motivos, foi uma tentativa de dirimir a distância decorrente da aceleração do tempo e suas implicações. Houve o desejo de amenizar as angústias e o mal estar diante das transformações, incertezas, insatisfações. A escrita foi uma tentativa de reatualizar o passado no devir, com forte teor nostálgico[844].

Já discutimos essa questão e a problemática da vadiagem no tópico anterior. Neste livro ele enfatiza esta última, pois, segundo ele, teria piorado em relação a isso. Em 1902, quando estava com 13 anos, conta os motivos da sua vadiagem, que já haviam mudado: organizava corridas a cavalo, ia às sessões do júri na Intendência Municipal apenas para fazer barulho e o juiz mandar esvaziar as galerias, ia ao circo ou ao cinema, tudo em grupo com outros meninos. Assim, os estudos iam "de mal a pior! Não estudava e quase não frequentava as aulas, salvo as de geografia e história, que continuavam a me atrair"[845]. Sobre os professores, cita o Monsenhor Bruno de Figueiredo e o Dr. Teodorico como aqueles que mais lhe tratavam bem, pois não duvidavam da sua capacidade. Sobre o Monsenhor, Barroso relembra: "Monsenhor Bruno nunca descreu de mim. Devo-lhe isso. Quando lhe contavam

[841] BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Op. Cit., p. 22.
[842] Ibidem, p. 25.
[843] Ibidem, p. 26.
[844] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 77.
[845] BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Op. Cit., p. 103.

minhas diabruras, encolhia os ombros e dizia: - Isso passa! Isso passa! Ele endireita. Os outros, não; estavam todos convencidos de que era um perdido, um moleque"[846].

Essa imagem de menino endiabrado, que não se dedicava aos estudos, pode parecer uma ruptura em sua trajetória, já que na vida adulta ele se mostra o oposto. Mas, na verdade, essa mudança de atitude serve à imagem que desejava criar de si mesmo, de um intelectual que venceu pelo próprio esforço, quando tudo demonstrava o contrário. Até quando traz depoimentos de alguns professores surpresos porque ele conseguiu algo na vida, é para demonstrar que conseguiu mesmo com tudo contra e todos dizendo o contrário. Através de um pensamento meritocrático, ele queria demonstrar o próprio mérito de mudar para melhor, conseguir vencer na vida, e calar aqueles que duvidaram dele. Barroso cita diversos exemplos desse tipo ao longo do livro. Como por exemplo, quando ele conta uma conversa que teve com um antigo professor quando já estava no Rio e este diz que ele era "um demônio em figura de gente" e se admirava da situação em que estava na capital: "Que milagre foi esse? Como passaste de repente a estudar e deste para gente, tu, o mais descarado moleque que jamais houve em Fortaleza?... Sempre pensei que não desses para nada. Julgava-te homem do mar. Felizmente, enganei-me". Ao que Barroso responde:

> Eu mesmo não sei como foi… Talvez que tudo fosse resultado duma falta de compreensão. Não me compreendiam os outros. Um dia, deu-me o estalo na cabeça. Dei para compreender-me um pouco e para compreender os outros. Bastou isso. Nem foi preciso que me compreendessem. Imagine se me compreendem… o que eu poderia ser…[847]

Vemos então como ele atribui a si mesmo seu sucesso, pois nessa época já trabalhava no *Jornal do Commercio*, onde "desfrutava invejável situação. Gozava de certo nome nas rodas literárias. Frequentava a famosa Porta do Garnier. Privava com Coelho Neto e João do Rio. Andava em companhia de Félix Pacheco"[848]. Esse sucesso não teria dependido dos outros, mas de uma mudança interior do próprio Barroso, de como ele passou a se compreender, segundo ele, sem depender de uma intervenção externa ou de outra pessoa.

Em outro momento, fala sobre sua rebeldia na infância, e cita outro professor que não acreditava nele pelo seu comportamento, mas que posteriormente o teria recebido em seu gabinete, quando já era Secretário do interior, dizendo-lhe: "Você foi um profeta errado, vaticinado que não daria para nada"[849]. Ele conta diversos casos de atos que praticava na

---

[846] Ibidem, p. 104.
[847] Ibidem, p. 66.
[848] Ibidem.
[849] Ibidem, p. 85.

infância e que considerava como rebeldias. Um deles era o fato de faltar muita aula. Nessa época, chegou a ser "eliminado" da escola, ou seja, foi expulso pelo alto número de faltas. No mesmo período, chegou a ameaçar um professor com uma navalha que sempre carregava consigo, o que diz ter aprendido observando os marinheiros. Sua família não sabia de nada. Barroso relata quando a notícia da expulsão chegou até eles: "(…) houve o diabo. Nem é bom relembrar isso. Corramos sobre os sermões, os ralhos, as ameaças e os castigos o véu do esquecimento. Nada, absolutamente nada adiantou. Continuei mais revoltado e mais terrível do que nunca. Comigo era na navalha!"[850] Assim, vemos que além de demonstrar como era rebelde, antes de sua mudança interior, Barroso também diz preferir não lembrar da briga e dos sermões que levou pelo seu comportamento, preferindo esquecer o assunto. Deliberadamente, prefere não aprofundar no tema que lhe incomoda.

Sobre o que trazia ou não à tona em sua escrita, Aline Magalhães considera que "Barroso tinha o propósito de trazer à baila aspectos de sua individualidade na infância que marcariam a sua personalidade de adulto. (...) E essas reminiscências, por sua vez, são frutos dos questionamentos do presente, seleções que o autor/narrador/protagonista realiza em função do momento vivido enquanto produz suas memórias"[851]. No momento em que escrevia era desconfortável para ele relembrar aquele passado, por isso preferiu não aprofundar. Outros momentos ele sequer mencionou, como afirmamos no item anterior em relação ao silenciamento de memórias na sua escrita. Vimos como ele calou em relação à política, mas em *Liceu do Ceará* também encontramos alguns indícios de que mesmo escrevendo suas memórias quando estava mais velho, não havia mudado tanto assim suas percepções. Aos 11 anos ele ainda não era antissemita, como ele mesmo diz, via os judeus como qualquer outra pessoa. Porém, percebe-se em sua escrita o antissemitismo presente no momento em que ele escreve, onde já os considera como parasitas que afetariam negativamente a sociedade. Ao contar que um comerciante judeu foi com a filha no casamento de sua prima, mesmo ficando muito impressionado com a jovem, diz que:

> Naquele tempo, naturalmente ainda não podia saber o que era em verdade um judeu. Considerava os judeus como quaisquer outros estrangeiros sem maior distinção. Ignorava completamente na insciência de meus onze anos seu papel de *lagartas rosadas* da sociedade cristã, com algumas exceções, sem dúvidas, de *perigosos parasitas* secretamente organizados e de *fermentos ruinosos* para a saúde material e moral dos povos [grifos nossos][852].

[850] Ibidem, p. 116.
[851] MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. Cit., p. 206.
[852] BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Op. Cit., pp. 47-48.

Ou seja, mesmo não abordando mais temas políticos quando escreve suas autobiografias, percebemos que ele não havia deixado de ser antissemita, a partir de seu olhar do presente sobre o passado.

Como já foi dito, Mozart Aderaldo é o responsável pelas notas desta edição e busca explicar e suavizar a fala de Barroso: "O autor escreveu estas memórias entre 1938-1940, ainda ressabiado com a perseguição ao integralismo, movimento a que emprestou o seu talento. E o judaísmo era uma de suas preocupações. Mas judeus eram Cristo, Maria e os Apóstolos, que somente bem fizeram à humanidade" [853]. Percebe-se uma tentativa de amenizar a fala, dissipando seu antissemitismo e trazendo o nome de judeus exemplares para os cristãos. Provavelmente essa atitude resultou do fato do livro ser destinado a crianças e jovens das escolas de Fortaleza. Logo, não seria uma fala muito exemplar para eles. No entanto, Aderaldo não explica realmente o que foi o integralismo ou o antissemitismo presente na atuação integralista de Barroso. Sua intenção provavelmente se reduz à tentativa de preservar a imagem de cearense ilustre de Barroso diante de uma fala problemática. Barroso continua o capítulo citando os judeus que conheceu em Fortaleza, acusando-os de roubo e contrabando ou citando pejorativamente suas características físicas. Um desses judeus seria "baixotinho e barrigudinho, verdadeiro porco baé, que morreu maluco, subindo pelas paredes, vítima duma das taras da raça" [854]. Ou seja, neste capítulo fica claro que seu antissemitismo não estava necessariamente ligado à AIB, pois esta não existia mais e Barroso já estava desligado do movimento há pelo menos um ano. Não militava mais em nenhum movimento político, mas continuava com ideias antissemitas.

Outro indício de que continuava com as mesmas ideias políticas é quando relata um conflito ocorrido em 1903 entre o Ceará e o Rio Grande do Norte pelo território de Grossos. Para ele, este era "gravíssimo sintoma da desagregação nacional" em razão do "liberalismo maçonico-positivista, com a ampla autonomia dos Estados por um lado e o ideal das pequenas pátrias pelo outro"[855]. Aqui claramente não é o pensamento do Barroso adolescente, mas do Barroso adulto, onde percebe-se os mesmos termos usados por ele em seus livros de cunho político, analisados no capítulo anterior. Nessa época ele estava com 15 anos e em sua "inconsciência política e social" acompanhou o desfile do Batalhão que ia para o conflito, endossando o hino que estava sendo cantado para animar a tropa. Porém, diz que:

---

[853] Ibidem, p. 48.
[854] Ibidem, pp. 48-49.
[855] Ibidem, p. 117.

> Não fora essa a lição que aprendera no colégio do professor Lino da Encarnação [o Parthenon Cearense]. Ele ensinara-me que o Espírito Imortal do Brasil sobrelevava a todos os pruridos de desunião e que os brasileiros eram irmãos e deviam esquecer as rivalidades mesquinhas em face da soberba grandeza da *Pátria Integral*. Mas eu me afastara muito dos ensinamentos e exemplos daquele modesto, mas modelar, instituto de educação. O contágio do outro meio infeccionara-me sutilmente [grifo nossos][856].

O conceito de Pátria Integral é integralista. Assim, seria impossível ele ter aprendido isso com o professor Lino da Encarnação, pois o movimento não existia ainda. O que acontece neste exemplo é uma mescla do que aprendeu enquanto adulto e que influencia na escrita das memórias. Vemos então como presente e passado se misturam nessa narrativa memorialística. Seu professor pode ter lhe ensinado sobre nacionalismo, que traz essa ideia de preservar a pátria como um território grande e homogêneo, mas Barroso faz uma mescla com suas ideias de adulto integralista. Ou seja, ele não deixou de ser integralista apenas porque o movimento se tornou ilegal, devido ao contexto político daquele momento, como já vimos. Ele apenas interrompeu a militância, o que não quer dizer que ainda não cultivasse as mesmas ideias, como indica a análise do livro.

Em entrevista de 1947 (que não faz parte do nosso recorte cronológico, mas vale a pena citar), Barroso afirma que ainda era "verde" e por isso não poderia participar do PRP. De acordo com a notícia: "Gustavo Barroso disse que continua com os mesmos pontos de vista, frisando: 'Sou tão verde que não posso ingressar no Partido de Representação Popular'"[857]. Isto porque o PRP já não era mais o mesmo que a AIB, mas sim um partido, que se adaptara às exigências do contexto político para existir. Segundo Odilon Caldeira Neto, o partido foi fundado em setembro de 1945, quando Plínio Salgado retorna do exílio em Portugal. Naquele momento, "havia uma ampla campanha do Estado Novo contra o integralismo. Uma rearticulação integralista não era simples, pois existia um clima acentuadamente hostil contra os camisas-verdes"[858]. Dessa forma, podemos perceber não só os motivos de Plínio Salgado seguir outra orientação para seu novo partido, mas também os motivos de Barroso em parar sua militância, pois o contexto não era favorável. Porém, não deixa de ser integralista por isso, apenas não falava mais abertamente sobre o assunto tanto quanto antes. Até porque precisava se manter em boas relações com o governo. Tudo isso mostra novamente as escolhas feitas por Barroso em sua trajetória, com objetivos bem definidos.

---

[856] Ibidem, p. 118.
[857]" Escritor Gustavo Barroso não pode entrar no PRP". *A Noite*, 29 de setembro de 1947. Hemeroteca Gustavo Barroso, Museu Histórico Nacional, pasta 28.
[858] GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas-verdes*… Op. Cit., p. 90.

Outra questão muito abordada por Barroso neste livro foi sua escolha profissional. Desde o primeiro livro ele já quis deixar claro seu gosto por questões militares. Neste apresenta uma verdadeira "obsessão" que teve pela Marinha, elencando atitudes que estiveram relacionadas à ela ou ao mar, como quando comprou o chapéu e o talim de um general cearense falecido e com uma sobrecasaca velha do seu pai se fantasiava de almirante no carnaval. Ou quando visitou um navio onde seu amigo trabalhava e pensou em fugir a bordo como grumete. Barroso também conta que:

> Essa mania de ser marinheiro fazia-me namorar silenciosamente o almirante Manhães Barreto, quando este esteve em Fortaleza. Um almirante, que cousa do outro mundo para mim! (…) Seguia-o onde quer que fosse, admirando-lhe a farda, sem que ele pudesse suspeitar aquela comovida contemplação. Se cursasse a Escola Naval talvez um dia chegasse a almirante, pensava. Sem coragem de revelar meu desejo, que morria ao peso da incompreensão do ambiente (…)[859].

Por ambiente ele queria dizer sua casa, sua família que não apoiava seu desejo de ser militar. Sobre este desejo não realizado, diz: "Só eu sei o que me custou essa tragédia íntima. Só eu sei, porque somente eu a presenciei continuamente dentro de mim. Nossas almas são sepulturas de desejos e ambições desconhecidos dos outros e que se não realizaram"[860]. Mais uma vez, notamos como ele constrói a ligação da vida adulta com os desejos da juventude, como destaca Aline Magalhães, trazendo os aspectos que marcariam sua personalidade de adulto. Porém, esclarecemos que não duvidamos que esses desejos e gostos realmente existissem. Vemos isso em seu trabalho no MHN e em seus livros de história, e até mesmo em seu envolvimento no integralismo. No entanto, nas autobiografias ele evoca essas lembranças como se esse gosto fosse uma vocação que já se apresentava desde criança, como algo até mesmo intrínseco a sua personalidade. Mas, uma vocação que foi perdida, não se concretizou, e não por culpa dele, mas pelas dificuldades impostas pelo meio em que vivia, ou seja, sua família. Assim, ele se coloca como injustiçado, característica que busca incorporar na sua identidade.

O mar seria inclusive um dos motivos que o afastava da escola, pois ia constantemente ao porto ver os navios e fazia amizade com os trabalhadores, que o deixavam às vezes subir em algum deles. Até mesmo o episódio em que pensou em fugir como grumete se deu visitando um navio por intermédio de um amigo do porto. Outro episódio que conta é a chegada de um navio norte-americano à Fortaleza em 1901 e que, em suas palavras,

---

[859] BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Op. Cit., p. 78.
[860] Ibidem.

"reacendeu a chama de meu entusiasmo em ser marinheiro"[861]. Porém, no fim deste ano ele reprovou em muitas matérias e por isso "a luta em casa aumentou. Minha revolta íntima cresceu"[862]. Chegou a criar, com outros meninos, uma Escola de Aprendizes Marinheiros. Mas, um dos pais não gostou da brincadeira e ela acabou. Logo depois teria inventado outra "para encher o tempo", pois "meu espírito irrequieto e ativo exigia derivativos à sua revolta"[863]. A outra brincadeira foi fabricar um canhão e ficar disparando-o na praia junto com outros meninos. Isso aconteceu após o pai se negar a colocá-lo na Escola Militar. Barroso demonstra ressentimento ao falar sobre isso: "Se meu pai me tivesse atendido, outro teria sido o meu destino. Mas recusou. Sabia que com um pequeno esforço podia realizar o meu desejo. Por isso, mordendo os lábios, recalquei uma explosão e afastei-me desalentado. Nunca mais na minha vida lhe pedi nada"[864].

Ele então passa a relatar como foi sua mudança de comportamento, devido a acontecimentos que fizeram com que se sentisse envergonhado, como a desconsideração dos colegas, a decepção do professor Lino da Encarnação e a chacota que sofreu de um aluno que ironizou o tempo que ele levaria para se tornar bacharel, caso continuasse sendo reprovado daquela forma. Sobre isso, comenta: "Não respondi. Minha vida respondeu-lhe com o tempo. Quinze anos depois de suas palavras, eu tinha sido no Ceará tudo o que se podia ser na minha idade. Secretário de Estado e Deputado Federal, e viajava à Europa e aos Estados Unidos com o presidente eleito da República. Os governos enchiam-me o peito de condecorações"[865]. Ou seja, seu exemplo falaria por si, assim como as condecorações que gostava de levar no peito.

Segundo ele, esses acontecimentos despertaram um desejo de mudança. Porém, estava muito atrasado para continuar o curso integral na escola. Então, pensou em fazer os chamados "preparatórios avulsos", que seria uma forma mais rápida de concluir os estudos. Para isso, precisava decidir para qual Escola Superior desejava ir. A primeira que pensou foi a Escola Naval, mas sabia ser impossível, pois seu pai "não faria os sacrifícios necessários"[866]. Pensou então na Escola Militar, mas teve "cerrada oposição" por parte da família, que, segundo ele, só valorizava o diploma de bacharel. Assim, passou mais um ano "em busca duma decisão que não dependia infelizmente de mim"[867]. Vemos que Barroso se coloca como alguém que

[861] Ibidem, p. 88.
[862] Ibidem, p. 89.
[863] Ibidem, p. 108.
[864] Ibidem, p. 109.
[865] Ibidem, p. 120.
[866] Ibidem, p. 121.
[867] Ibidem.

não escolheu o próprio destino, mas ao mesmo tempo se vangloria dos resultados obtidos, pois mesmo com tudo ao contrário do que desejava, havia conseguido ascender na vida.

Além disso, as novas amizades que fez também teriam sido um estímulo para a mudança. Diz ele: "Aqueles amigos achavam que eu poderia dar pra gente e que já sabia muita cousa aprendida às tontas, por aqui e por ali. Carecia de certa metodização. Estimularam-me. Abandonei a navalha"[868]. A partir disso, afirma que "não perdia mais as aulas e não levava mais zeros"[869]. Mais adiante, ao relatar as comemorações do tricentenário da primeira exploração do Ceará por Pero Coelho, volta a falar da sua aversão pela faculdade de direito. Nessa comemoração compareceram os alunos do Liceu, as alunas da Escola Normal e seus professores, e os professores da Faculdade de Direito. Sobre estes últimos, Barroso comenta: "Eu já perdera a esperança de cursar a Escola Naval, mas conservava ainda a de entrar para a Militar. Quão longe estava naquele dia de pensar que muito breve seriam meus mestres naquelas disciplinas tão alheias às inclinações de meu espírito"[870]. Porém, ele terminaria aquele ano aprovado em todas as matérias.

Ao começar os relatos do ano de 1904, Barroso aborda o tema da imprensa partidária e alguns jornais que surgiram naquele período, como o *Unitário*, de João Brígido, e o *Jornal do Ceará*, de Agapito dos Santos, onde Barroso trabalharia mais tarde. Ele relata as contendas políticas e conta sobre o dia em que viu o jornalista Hermenegildo Firmeza ser preso por um artigo que havia desagradado a polícia. Os policiais então prenderam o jornalista e o obrigaram a engolir pedaços do jornal com seu artigo. Barroso, que presenciou a cena, diz: "Tinha quinze anos e aquilo como que foi o estupro da minha crença dos dogmas da liberdade. O tempo reservava-me a ver cousas piores, de maneira a fazer-me rir como a diante duma pilhéria de palhaço, quando ouço alguém se referir às tradições liberais do Brasil…"[871] Ele quer fazer crer que havia se tornado descrente do liberalismo já com quinze anos, claramente ligando este momento às suas futuras escolhas políticas, como que para reforçá-las. Porém, Barroso não havia se ofendido efetivamente pelo que aconteceu com o jornalista, mas com a forma como foi feita a represália. Para ele, deveria ter sido apenas um policial a enfrentar o jornalista, mas como foi um grupo de policiais, considerou uma covardia. Sobre isso, diz:

---

[868] Ibidem, p. 122.
[869] Ibidem, p. 124.
[870] Ibidem, p. 133.
[871] Ibidem, p. 137.

> Se de fato o artigo era ofensivo aos brios da classe, fosse um deles bater-se em duelo ou, pessoalmente, de qualquer modo, para defrontá-la. Se o ofensor estava abaixo dessa honra, um o procurasse e o chicoteasse ou obrigasse sozinho a engolir as pílulas [pedaços do artigo de jornal]. A agressão em massa, sem dar ao outro a menor possibilidade de defesa, enojou-me. Foi o primeiro empurrão que levei em Fortaleza para cair nos braços da oposição[872].

Portanto, Barroso não se enojou com a punição em si, mas com a forma como foi executada. Assim, ele teria se tornado opositor do governo vigente, da família Nogueira Accioly. Nessa época, chegou até a se engajar em manifestações, como no caso de uma greve ocorrida no porto. A repressão da polícia teria sido tão violenta e arbitrária que seguiram-se vários protestos pela cidade. Os estudantes do Liceu participaram, entre eles Barroso. Sobre o episódio, comentou, fazendo uma crítica à imobilidade dos jovens do presente: "No meu tempo, o Liceu tinha alma, vibrava com as vibrações do seu meio. Errado ou certo, não importa. A verdade é que não havia na mocidade de então a triste imobilidade dos pântanos"[873].

Além disso, no período Barroso também começou a participar de algumas sociedades, como o Esporte Club, onde fazia aula de esgrima, pois "continuava com a mania de ser militar" e "preferia a baioneta e ainda mais o sabre"[874]. Porém, nessa época ele ainda não se interessava pelos clubes e associações literárias:

> Minha mudança de rumo não havia sido tão radical que me fizesse contrariar totalmente as verdadeiras tendências de meu espírito. Preferi a sala de esgrima e os exercícios náuticos às tertúlias espirituais. Não fazia sonetos como a maioria dos meus colegas. Não participava dos grêmios e revistas literários estudantis que brotavam como tortulhos na antiga Fortaleza (…) pelo tempo da Padaria Espiritual, que tanta fama deixara[875].

Barroso reforça que nunca quis participar dos grêmios literários da época, pois não tinha "nenhuma preocupação com as letras". Afirma: "Lia muito, mas cousas de guerra e de aventuras. Longe estava de pensar que um dia houvesse na minha terra Grêmios Gustavo Barroso"[876]. Porém, diz ter uma vocação para as artes que "corria parelha com a vocação militar"[877] e fazia pinturas e desenhos com esse tema. Mais uma vez, reafirma a "vocação militar" que possuía, sendo esta uma característica muito forte da identidade que desejava fortalecer com a escrita memorialística. Uma vocação que só não foi seguida por intervenções externas, por empecilhos criados por outrem, e não por motivos próprios, mas, que teria

[872] Ibidem, p. 138.
[873] Ibidem, p. 144.
[874] Ibidem, p. 147.
[875] Ibidem.
[876] Ibidem, p. 148.
[877] Ibidem.

moldado sua personalidade de outras formas. Inclusive, relata um episódio em que o professor de literatura do Liceu, ao ler um trabalho seu, teria anunciado que ele seria escritor, o que ele considerou como "troça"[878]. Percebemos também em sua escrita memorialística que sempre havia alguém profetizando algo sobre ele. As boas profecias se cumpriam, já as ruins ele desmentia por suas próprias ações. Então, conta como aceitou ser bacharel em direito: "Como a Escola Militar estivesse fechada e constasse que tão cedo se não reabriria, curvei a cabeça aos desejos de minha família, ainda mais veementes após a fundação da Faculdade Jurídica em Fortaleza, e aceitei ser bacharel em Direito. O destino era mais forte do que eu"[879].

Antes de falar sobre seus primeiros trabalhos jornalísticos, Barroso faz mais uma reflexão sobre memória e esquecimento, ao relatar uma briga travada com um professor[880]. Posteriormente, esse mesmo professor teria chegado a agredir um aluno, o que gerou vários protestos dos estudantes, dos quais ele participou, mesmo já estando na Faculdade de Direito. Devido aos protestos, o professor perdeu o cargo e saiu de Fortaleza. Segundo Barroso, ele "mergulhou para sempre no mais completo esquecimento"[881]. Percebe-se que para Gustavo Barroso cair no esquecimento era algo muito ruim, uma punição ou uma derrota na vida de alguém. Ele sempre fala que seus desafetos ficaram esquecidos ou anônimos, enquanto ele conseguiu ser reconhecido nacionalmente. Dessa atitude podemos inferir a motivação para escrever seus livros de memórias: manter esse reconhecimento e não ser esquecido. Em um momento em que o maior projeto ao qual se dedicou, que foi o movimento integralista, não deu certo, o que se constituiu em uma derrota pessoal, Barroso busca reafirmar sua imagem e suas contribuições para o país, na tentativa de demonstrar que ainda tinha importância no meio intelectual nacional, o que não deveria ser esquecido.

Mais adiante, ele considera que todos os seus desafetos acabaram mal de alguma forma: "Desde esse dia, comecei a observar que quem me persegue gratuitamente deita-se em breve a perder, sem que em pessoa [eu] contribua para isso. Chego, às vezes, a pensar que *meu santo é muito forte* - como diz o povo" [grifo no original][882]. Acontece que, no caso citado, o professor agrediu um aluno, ou seja, o que aconteceu foi uma consequência do seu ato. Mas, como já havia brigado com esse mesmo professor, Barroso toma essa consequência como uma vitória pessoal. Além disso, ao mesmo tempo se vê como uma pessoa protegida por forças sobrenaturais, que tira seus desafetos do caminho. Assim, ao mesmo tempo em que

[878] Ibidem, p. 149.
[879] Ibidem, p. 161.
[880] Ibidem, pp. 162-163.
[881] Ibidem, p. 164.
[882] Ibidem.

não tem as rédeas do próprio destino para fazer suas escolhas, também é protegido por uma força superior. Na imagem que busca passar nada realmente depende dele ou é fruto de suas escolhas. Ao mesmo tempo, já vimos como ele também reafirma constantemente que conseguira tudo que tinha a custa do próprio esforço. Essa postura constitui uma característica de sua escrita memorialista.

Voltando ao assunto de sua escolha profissional, ele conta sobre as informações trazidas pelo pai das alunas de sua irmã, que era coronel e residia no Rio de Janeiro: "As informações que esse velho oficial me deu sobre o fechamento da Escola Militar e o pouco futuro da carreira no momento acabaram por me dissuadir de tentá-la"[883]. Então, após pensar em ser pintor, chegou a pensar que seria andarilho, depois de conhecer um que havia chegado ao Ceará e andava pelo mundo vendendo seus livros de versos. Sobre este homem, ele pensa: "Invejei-lhe a indumentária esquisita, o todo decidido, a liberdade de andar mundo afora, contemplando novas paisagens e novas caras. Havia dezessete anos que eu via as mesmas, todos os dias. Estava cansado. *Ansiava por uma mudança*" [grifo nosso][884]. Com essa afirmação temos mais um indício de que Barroso tinha outros motivos além da perseguição política para sair do Ceará e já pensava nisso antes mesmo dela acontecer. Este pode ter sido o motivo que faltava para ele tomar a decisão final de migrar, mas era algo que ele já vinha pensando como uma possibilidade.

Outra característica da escrita memorialista de Gustavo Barroso era falar de pessoas que conheceu ou admirava quando era jovem e com quem trabalhou junto posteriormente ou ajudou de alguma forma. Uma dessas pessoas foi o médico Álvaro Fernandes, que, segundo ele, "nunca percebeu minha admiração silenciosa e estava longe de pensar que aquele rapazinho pobre e mal vestido um dia referendaria sua nomeação para Prefeito de Porangaba e seria seu colega na Câmara Federal"[885]. Com isso, demonstrava sua ascensão social e o orgulho da própria trajetória. Segundo conta "aos dezessete anos, não era bem a eles que admirava, mas as cousas que os cercavam"[886]. Ou seja, ele não queria propriamente ser como eles, mas ter o que eles tinham. Barroso diz que só não tinha esse sentimento com o Dr. Aurélio de Lavor, seu professor no Liceu, que ele admirava "não pelo que o rodeava, porém por ele pessoalmente"[887]. Conta que João Brígido o apelidou de Monsieur de Laveur em razão de sua mania de falar em francês após uma viagem que fez para a Europa. João Brígido era

[883] Ibidem, p. 167.
[884] Ibidem, p. 168.
[885] Ibidem, p. 169.
[886] Ibidem, p. 170.
[887] Ibidem.

um jornalista cearense, conhecido por sua participação no movimento abolicionista e por sua atitude combativa na imprensa. Também foi professor no Liceu e colaborou em diversos jornais, entre eles o abolicionista *O Libertador*[888].

Sobre João Brígido, Barroso diz que era "uma alma sem escrúpulos, escrevia horrores contra tudo e contra todos, é verdade que com uma graça diabólica"[889]. Isso porque Brígido não usava meias palavras, possuindo um humor irônico, que utilizava através da imprensa, principalmente com a oposição. Barroso diz também que "João era de inigualável perversidade nas alcunhas com que mimoseava seus desafetos e adversários"[890]. Ou seja, ele atribuía apelidos irônicos e um tanto perversos para seus adversários e desafetos, principalmente na política. Mas, no início de sua carreira Barroso foi seu amigo, se tornando um desafeto posteriormente. Ele conta como foi sua relação com Brígido no início, com quem iniciou sua vida na imprensa: "Na casa vizinha à de Mister Myles, veraneava João Brígido. Frequentava-a por causa de seu neto Tibúrcio, meu colega no Liceu. Daí datou nosso conhecimento. Com ele comecei a vida de jornalista. Fomos os melhores amigos deste mundo e, depois, os piores inimigos. Mas isto é outra história, como diria Rudyard Kipling, e será contada oportunamente"[891]. Assim, vemos que Barroso teve ajuda de um jornalista já experiente e conhecido para ingressar na imprensa, quando ainda estava no Ceará.

Barroso adentra então a narrativa do ano de 1906, ainda criticando João Brígido, e chama uma crítica feita por ele em um artigo de "inoportuna, inábil e peçonhenta"[892]. Conta que, por causa desse artigo, Brígido teve seu jornal empastelado. Sobre sua opinião política nessa época, diz: "Ainda não tinha um pensamento definido em questões políticas locais, embora me inclinasse mais para a oposição, desde o 3 de janeiro. Ouvia os comentários de ambos os lados e refletia em silêncio"[893]. O que ocorreu em 3 de janeiro foi o episódio em que o jornalista foi obrigado pela polícia a engolir partes de seu artigo, já relatado por Barroso. Isso já o teria inclinado para a oposição, pois foi a mando do governo que tal coisa aconteceu.

Embora não estivesse ainda envolvido na política, Barroso já dava aulas nessa época, o que lhe permitia comer fora e ir ao cinema. Nesse ano também ocorreu a visita de Afonso Pena, então presidente, ao Ceará. Pena foi ao Liceu junto com uma comitiva de imprensa,

---

[888] Sobre João Brígido, ver: https://academiacearensedeletras.org.br/membros/joao-brigido/
[889] BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará.* Op. Cit., p. 135.
[890] Ibidem, p. 170.
[891] Ibidem, p. 171.
[892] Ibidem, p. 178.
[893] Ibidem, p. 179.

pela qual Barroso diz ter ficado admirado. Novamente afirma que futuramente trabalharia com todos eles no Rio de Janeiro: "(…) todos, anos mais tarde, meus amigos e companheiros de lide nas letras e na imprensa"[894]. Aqui nota-se que ele já se interessava pelo trabalho na imprensa e já o via como uma possibilidade. E ele começa seu trabalho na área nessa mesma época, sob o pseudônimo de Nautilus, que, segundo ele, partia de sua admiração por Júlio Verne. Barroso conta como foi a publicação do seu primeiro artigo na imprensa cearense, com este pseudônimo:

> A 11 de outubro, no número especial da "República", comemorativo do aniversário do velho Acióli, impresso em papel cor-de-rosa, estreei na imprensa local. Meu professor Antônio Adolfo Coelho de Arruda, publicou nele um artigo de minha lavra sobre o Descobrimento da América, encimado por uma estrofe de Casimiro Delavigne. Mostrara-lhe o trabalho e ele m'o tomara, achando-o digno de publicação[895].

Posteriormente, revelou aos amigos mais próximos que era o autor do artigo, mas eles não acreditaram. Apenas um deles acreditou, e comentou: "O estilo é o homem!"[896] Para Barroso, seu amigo "adivinhava que *Nautilus* era o botão de que desabrocharia mais tarde João do Norte; para frutificar um dia em Gustavo Barroso" [grifo no original][897]. Mais tarde, na festa de fim de ano do Liceu, o professor contou que ele era o autor do artigo. Sobre isso, declara: "(…) como por encanto, *meu prestígio crescera*" [grifo nosso][898]. A festa foi tão boa que teve o enterro dos ossos. Nesta ocasião, que foi sua despedida do Liceu, Barroso foi junto com a comissão organizadora na casa daqueles que haviam estado na festa no dia anterior. Na casa do Dr. Antônio Pires, este teria lhe dito: "Um moço como você não se deve estilar na província. Procure um meio mais adiantado. Vá para o Rio de Janeiro, lute e vença!"[899] Sobre este conselho, Barroso diz: "(…) não caiu em terreno estéril. Remoí muitas e muitas vezes. Decidi emigrar na primeira oportunidade. Afinal, não é esse o destino de quem nasce no Ceará?"[900] Como vimos em outro capítulo desta tese, Barroso havia declarado que migrara em razão de perseguição política. Porém, neste livro apresenta esse desejo como bem anterior. Aqui vemos que passou a ver o Rio de Janeiro como um local de oportunidades e até mesmo como uma fuga de sua cidade natal. Fica claro que ele desejava mudar de vida e esta foi sua principal motivação.

---

[894] Ibidem, p. 185.
[895] Ibidem, p. 189.
[896] Ibidem.
[897] Ibidem.
[898] Ibidem, p. 190.
[899] Ibidem.
[900] Ibidem.

Sobre seus primeiros trabalhos na imprensa, ele cita o primeiro para a imprensa carioca, ainda residindo no Ceará. Foi por ocasião da aparição de um peixe em uma praia de Fortaleza, que virou sensação entre a população por ser desconhecido. Foi sobre ele sua primeira contribuição na imprensa da capital: "Tirei-lhe o retrato natural, aquarelado, o mandei: com uma descrição à redação das 'Leituras para todos 'da empresa 'O Malho', que estampou tudo em um de seus números. Foi a primeira vez que apareci na imprensa carioca"[901]. Além destes, houve outros trabalhos no final daquele ano, como a capa da revista *Fortaleza*, criada por seus amigos, na qual também publicou o conto "O Sorongo", sobre a Guerra do Paraguai, posteriormente publicado no livro *A guerra do Lopez*; assim como seu artigo sobre o descobrimento da América, que foi apresentado em uma conferência.

A decisão definitiva de renunciar à carreira militar veio em um período de enfermidade, quando ficou vários meses doente e nenhum médico sabia dizer o que era. Sobre esse período, relata: "A insidiosa e longa enfermidade matou definitivamente minhas aspirações à carreira militar. A Escola de Guerra reabrira-se e foi com o desespero n'alma que a ela renunciei para sempre"[902]. Mas, quando ainda estava doente, um amigo de seu pai que era "prestidigitador e quiromante" foi visitá-lo e fez a leitura de sua mão. Falou que ele ia se curar e depois teria uma saúde de ferro por muitos anos. Para o seu pai, disse: " - Se eu tivesse um filho, não desejaria para ele mais do que a posição que este menino vai atingir numa grande cidade aos vinte e tantos anos e aos trinta e tantos!"[903] Para Barroso, ele disse: "Na sua vida haverá altos e baixos, porém mais altos do que baixos. Não desanime nas piores ocasiões!"[904] Sobre esta profecia, Barroso considera: "A profecia realizou-se totalmente. Aos vinte e tantos anos, eu era Deputado Federal pela minha terra (…). Aos trinta e quatro, sentava-me numa das poltronas da Academia Brasileira. Na verdade, fiz algum esforço para dar razão ao velho francês, que talvez só me tivesse dito aquilo para me animar. Segui-lhe o conselho augural e nunca desanimei"[905]. E assim ele conclui este livro, com mais uma profecia sobre seu futuro, que acreditava ter se confirmado, pois não havia desanimado em seus objetivos, conforme busca mostrar em seu relato.

Vemos então como Barroso foi desenvolvendo essa imagem de garoto endiabrado que se modificou e conseguiu uma vida melhor a partir do próprio esforço. Ele também ressalta muito a questão de ser incompreendido e ter o destino escolhido pelos outros. Mas, vimos

[901] Ibidem, p. 188.
[902] Ibidem, p. 193.
[903] Ibidem, p. 196.
[904] Ibidem.
[905] Ibidem.

como essa atitude faz parte da construção de uma identidade através da escrita memorialista e como ele fez sim escolhas para inserir-se no campo intelectual e na imprensa, movimentando-se nesta direção antes mesmo de vir para o Rio de Janeiro. Inclusive esta mudança para a capital, que ele também desejava colocar no plano das coisas que não foram decididas por ele, mas pela força das circunstâncias, vemos que também já era uma ideia alimentada há tempos. Observa-se como ele foi tomando decisões a partir das situações que se apresentavam, mesmo que contrárias ao que ele queria. Ainda assim, foram decisões buscando uma mudança de vida, o que proporcionou as conquistas que ele tanto se orgulha em relatar em várias partes do texto.

4.3 *O Consulado da China*: sertão, início da carreira e migração

Apesar de ter terminado o livro anterior já com o início dos primeiros trabalhos e a vontade de migrar, não é nesse ponto que começa a terceira autobiografia de Gustavo Barroso intitulada *O Consulado da China*. Barroso recua um pouco no tempo para narrar suas primeiras idas ao sertão, quando passa a conhecê-lo efetivamente. Dessa forma, o livro começa com as narrativas dessas viagens e casos ocorridos no tempo que passou no sertão, nas fazendas da família e de seu padrinho, em um formato bem parecido com seus primeiros livros regionalistas. Barroso vai narrando sua estadia nestas propriedades e contando casos e histórias que ouvia de pessoas com quem tinha contato, seja ao longo do caminho ou visitantes que chegavam a sua casa, e episódios que ele mesmo viveu, como o encontro com o famoso cangaceiro Zé Dantas. Então, se assemelha a um livro de casos sertanejos, mas também conta outros aspectos de sua vida que não havia nos primeiros livros.

O livro começa com uma citação de Taine, que, segundo Barroso declarou em entrevista já citada, teria lhe inspirado a escrever suas memórias. A primeira parte se intitula "O sertão e o carnaval" e o primeiro capítulo "O descobrimento do sertão", no qual ele fala de sua estadia no sítio do padrinho, antes de migrar para o Rio de Janeiro. Segundo Barroso, este lhe revelou o sertão e teve também "grande influência" na sua "formação espiritual"[906]. Seu padrinho, como já foi dito, era veterano da guerra do Paraguai, e contava histórias do conflito para Barroso. Além disso, era "conhecedor profundo da vida sertaneja" e lhe ensinou "a

[906] BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China*. Op. Cit., p. 9.

observá-la", contando-lhe "contos, lendas e cantigas"[907]. Ele cita ainda as posses do padrinho, que eram muitas: cinco fazendas nas quais criava gado. Ele ia para o sertão, onde ficavam as fazendas, no início do ano, e só voltava para Fortaleza em abril. Barroso teria lhe acompanhado pela primeira vez em 1907, em razão de uma doença, motivo pelo qual "precisava de ar puro e bom leite"[908].

Barroso então descreve todo o trajeto até o sertão, uma descrição minuciosa da natureza, que também já vimos em outros livros seus e é uma de suas características. Pelo que se percebe, ele foi pela primeira vez com o padrinho, mas depois continuou indo sozinho nos anos seguintes. Ele comenta sobre essas viagens: "Quantas noites iguais áquela de então por deante eu iria passar a cavalo, sozinho, varando as catingas do sertão de minha terra!"[909]. Ao lembrar da primeira vez que fez essa viagem, ele fala da saudade que sentia: "Pensando nessa noite em que me ia ser revelada uma nova face da vida, meus olhos enchem-se ainda de agua que lentamente escorre pelo rosto e chega aos lábios com um gosto amargo. Saudade duma época de aventuras, desocupada e cheia de ilusões!"[910]

Em outro momento, Barroso fala de alguns blocos de granito que havia nos arredores do sítio, onde ele subia e ficava pensando em sua vida com "grande melancolia"[911], questionando o que seria do seu destino. Segundo ele, era um momento de introspecção profunda: "Eu me perdia dentro de mim proprio e percorria em silencio todos os escaninhos de minha alma. Instintivamente, dava início a um processo nietzschiano: construir-me a mim mêsmo"[912]. Nota-se então que este livro continua na mesma linha de abordagem dos mesmos temas dos livros anteriores: melancolia, tristeza e saudade; seja da vida de garoto, seja do sertão. Isso porque, segundo ele, já estava em uma idade em que não sonhava mais com o futuro, mas olhava apenas para o passado:

> Nêsse tempo, gostava muito de andar sozinho a cavalo, sobretudo à noite. A solidão era para mim a maior das sensações. Porque minha mocidade, à espera do que ia acontecer, tecia, com fios de ouro da imaginação, os mais lindos cenários da fantasia. Hoje, o que mais me importa é o que já passou e o que se está passando. Não sonho mais: olho para trás. A mocidade vive no futuro, a maturidade no presente, a velhice no passado[913].

[907] Ibidem.
[908] Ibidem.
[909] Ibidem, p. 17.
[910] Ibidem, pp. 17-18.
[911] Ibidem, p. 36.
[912] Ibidem.
[913] Ibidem, p. 59.

Talvez por achar que a partir de certa idade só poderia olhar para trás, e tendo seus sonhos políticos frustrados, Barroso tenha se decidido por escrever suas memórias. Talvez o desapontamento com a não realização do seu maior sonho - a vitória do integralismo - tenha feito com que ele não desejasse mais sonhar com o futuro, e sim retornar ao passado. Afonsina Moreira destaca a importância dada por Barroso a esse momento de "descobrimento do sertão" e aos sentimentos que o envolviam, como algo que teria acontecido em um período de sonhos e ilusões. A autora pensa essa experiência como "associada a seu processo de reconhecimento. Foi um momento sugerido como espaço de criação e compreensão de suas emoções, produtor de identificação"[914]. Porém, Moreira ressalta que "esse processo de autoconhecimento diz respeito também ao período de elaboração da narrativa memorial, pois foi o olhar do adulto Gustavo Barroso que desenhou essa imagem do garoto"[915]. Ou seja, os sentimentos e sensações do adulto estão presentes na narrativa da juventude. Para a autora, as memórias do passado não eram tidas por Barroso como algo ruim, mas ao contrário, eram melhores que o presente: "(…) as suas lembranças remeteram a um tempo e um lugar de sonhos e descobertas fantásticas, um tempo recordado nos escritos de memória. Assim, o passado foi incansavelmente defendido como melhor que o presente"[916]. Nota-se que, pela recusa de encarar um presente insatisfatório, Gustavo Barroso volta-se para um passado que idealiza como praticamente perfeito. Deste modo, criou lugares de memória, onde esse passado poderia ser preservado. Segundo Afonsina Moreira, essa atitude teria influência sobre todo o seu trabalho:

> O pesar de Gustavo Barroso teve vínculo com sua compreensão acerca da passagem do tempo, dos limites entre o passado, o presente e o futuro. O seu descontentamento foi pautado pela aceleração da vida presente e das incertezas do futuro. O tempo descrito por ele é um tempo da linearidade, um tempo de determinantes cronológicos. A compreensão da mudança e do fim das coisas, lugares e pessoas levou Barroso a criar lugares de memórias. Argumentando que o "passado não morre", a ele foi atribuído o lugar daquilo que houve, assim fez a defesa da criação de lugares de memória. Desse modo, o passado foi delimitado como o tempo em que o fato ocorreu, daí tê-lo como "imutável alicerce". Esses lugares tanto estiveram relacionados à escrita, quanto às suas atividades de preservação de objetos demarcadores de um passado nacional[917].

[914] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., pp. 81-82.
[915] Ibidem, p. 82.
[916] Ibidem.
[917] Ibidem.

Michael Pollak também fala sobre lugares de memória. Segundo ele: "Existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança pessoal (…)".[918] O sertão seria um desses lugares para Barroso. Sacralizado, deveria ser imutável, tal qual era em sua memória. Assim também ele via os objetos históricos, que deveriam ficar no museu, atestando os fatos ocorridos no passado. Desse modo, sua visão sobre a preservação dos monumentos históricos, seu trabalho de museologia, também estava ligada a essa sua ideia de passado como algo a ser mantido intocado na memória. Em dado momento deste livro, Barroso reclama por ter voltado ao sítio da família anos depois, quando seu pai já o havia vendido, e o ter encontrado modificado:

> Conta um autor antigo que Plutarco nasceu em Cheronéa e correu o mundo; mas, na intensidade de sua gloria, não quis deixar a terra onde nascera. Deixei-a, e, ao lembrar-me de seus aspétos [sic], invade-me uma saudade dolorosa, porque não posso fazer como Plutarco, tanto as coisas mudaram. Em 1937, fui dar uma olhadela á Baixa-Preta, vendida a estranhos por meu pai. A casa arruinada. O coassú desaparecido. O manapuçã morto. A janaguba cortada. A jaqueira sumida. Da fila de araçazeiros somente tres de pé, em petição de miseria[919].

Barroso se sente frustrado porque um dos seus lugares de memória não estava intacto como em suas lembranças, como deveria ser em sua visão do passado. Sobre essa visão e sua prática em seus trabalhos, Afonsina Moreira explica:

> O sentido do tempo linear distancia um "antes" do "depois", demarca o passado como o lugar do que já foi. Diante da ausência, da distância, do fenecimento e das mudanças era preciso consagrar um lugar de celebração e, por sua vez, cultuar a saudade, criar lugares para perenizar uma memória. Assim, houve todo um exercício de reelaboração de uma narrativa de recordações em constante mimetização, visando relembrar o Ceará e também, ser lembrado[920].

Por isso, a saudade tem um papel preponderante, por estar diretamente ligada à memória e ao passado. Além disso, segundo a autora, a saudade era importante para legitimar a verdade de seus escritos:

> Gustavo Barroso expressou a saudade como um indício fiel para o conhecimento do passado. (…) Para a delimitação do passado, eram indispensáveis os relatos inspirados na saudade, que, mais do que indícios, vestígios eram tidos como a própria verdade testemunhada. Ao relacionar saudade e verdade Barroso intentou legitimar suas obras de memória, e por sua vez, o passado recortado[921].

---

[918] POLLAK, Michael. Op. Cit., p. 202.
[919] BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China*. Op. Cit., p. 124.
[920] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., pp. 88-89.
[921] Ibidem, p. 89.

Já mencionamos nesta tese essa utilização por Barroso de suas vivências no sertão para legitimar suas histórias em seus livros de folclore, mas aqui ele a expande para seus livros de memória, atestando a veracidade de seus testemunhos através da saudade. Ora, em sua leitura, só se sente saudade de algo vivido, de algo que realmente aconteceu. Logo, tudo o que é narrado foi real. E é justamente essa ideia que ele deseja passar ao falar do sertão, seja em seus livros de memórias ou de folclore. Além disso, o passado também foi utilizado para legitimar sua trajetória intelectual. Com seus livros de memória:

> (…) o autor quis referendar as suas intenções e motivações ao elaborar esses textos, pois respaldadas pela memória. Dentre essas intenções, quis reafirmar sua trajetória intelectual: sua produção bibliográfica e sua atuação na política de preservação de um passado nacional através das atividades no Museu Histórico Nacional. Contando sua história de vida através de textos de memória Barroso identificou as matrizes de sua formação, na tentativa de dar legitimidade à sua vida intelectual, alicerçada nos círculos beletristas desde sua tenra idade. Desse modo, ao passado foi indicado um sentido de continuidade em relação ao presente e ao futuro, dele Barroso traçou lições, ensinamentos e base para sua vocação intelectual[922].

Barroso busca referendar sua trajetória narrando como ela começou, como ele foi encaminhado pelo destino até se tornar escritor, já que a carreira que almejava nas Forças Armadas não deu certo. Assim, se empenha em mostrar ao leitor um encadeamento dos fatos que teriam culminado naquele intelectual reconhecido que se tornou, apesar de todas as dificuldades do caminho e da inveja de muitos, que tentavam detê-lo, porém sem sucesso. A inveja é, inclusive, um tema recorrente. Ao contar uma lição que ouviu de um ancião sertanejo sobre "não pregar rabo em nambú", ou seja, não responder às injúrias, diz trazer essa lição para a própria vida:

> Nunca mais esqueci a lição sertaneja. Dela nasce meu impávido silencio deante dos ataques e calunias de certos indivíduos (…). Podem atirar-me pedras e lamas ás mancheias. *Tracei meu caminho e pôr ele seguirei* sem empurrar ninguem, mas sem deixar que me empurrem e *sem me desviar uma linha*. As pedras tem ferido mais as mãos que as pegaram do que a mim que não conseguiram atingir. A lama até hoje, graças a Deus! não me alcançou, mas sujou as mãos que a apanharam. Minha consciência está tranquila. Minha alma não se apavora com caretas. Caminho, enquanto os apedrejadores e os enlameadores deixam passar as oportunidades. Mais preocupados em vaiar-me do que em construir sua propria vida, perdem o tempo, apanhando seixos e mergulhando as mãos nas sargetas. Enquanto se abaixam, caminho. Quando erguem a cabeça para me bombardear, estou longe e os projéteis cáem e meia distância. (…) Isto não quer dizer que não lute. Ninguém tem lutado mais do que eu. (…) Eu tenho rompido pela vida além cavaleiros e muralhas externas e internas sem me ser possível mudar uma só vez de escudo. Felizmente, temperei o meu ao sol ardente de minha terra natal (…) [grifos nossos][923].

---

[922] Ibidem, p. 90.
[923] BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China*. Op. Cit., pp. 60-61.

Aqui fica claro que ele escolheu e planejou diferentes momentos de sua trajetória intelectual, mas busca demonstrar que teve obstáculos. Também demonstra todo seu ressentimento por seus desafetos pessoais, embora não aponte quem eram. Cita alguns rapazes de Baturité que teriam ficado com inveja em razão das suas roupas e de seus trabalhos na imprensa. Com isso, teriam lhe perseguido quando esteve na cidade. Reflete, então, sobre como isso aconteceu ao longo de sua vida:

> Dêsde os vinte anos estou acostumado a despertar a inveja e acho uma graça infinita dos invejosos. Êles não avaliam como me divirto á sua custa. (…) Até hoje, que estou velho e no ápice da carreira literária, êles não se conformam e continuam a se preocupar comigo quando nem sei se existem[924].

Vemos também a vaidade intelectual em se achar invejado por sua trajetória, que ele considerava estar "no ápice". Mais uma vez, não diz quem seriam os invejosos, mas sugere incluírem pessoas com postos acima do dele: "Peores insultos me têm sido assacados. O meu destino foi sempre irritar certos individuos, ás vezes até os que forças ocultas, o acaso ou a falta de caráter pôem nos cargos acima de mim"[925]. Diz não guardar rancor, contrariando tudo o que foi dito antes:

> Não carrego comigo odios. Os que mais me têm ofendido pódem ficar certos de que os esqueço. Gosto somente de vê-los com raiva, espumando, para divertir-me um bocado. A experiência dos anos já devia ter-lhes demonstrado que não pódem comigo e que seus esforços para me derrubar são vãos. (…) Volto sempre á tona e cada vez melhor, graças a Deus. Meu santo é muito forte, como diz o povo…[926]

Barroso diz ter esquecido seus desafetos, mas ao mesmo tempo se refere constantemente a eles em seu livro de memórias, o que é uma contradição. Com isso, buscava criar uma imagem de intelectual bem resolvido, que sai por cima das questões políticas e não lhes atribui importância. Ainda mais quando já se encontrava em boa posição social e profissional. Contudo, ao falar sobre essas situações, fica claro que não era assim, pois o ressentimento fica evidente em suas palavras. Tratando desse ressentimento, Afonsina Moreira considera que provinha não apenas das questões políticas, mas também de disputas no campo patrimonial e em torno do seu trabalho no MHN:

> (…) as discordâncias no campo da política e da ação patrimonial, uma vez que outros agentes surgiram para dirigir e compor os quadros dessas novas instituições, bem como, assumir muitos dos direitos e das responsabilidades do exercício de

[924] Ibidem, p. 150.
[925] Ibidem, p. 151.
[926] Ibidem.

> preservação e dos recursos destinados a esses órgãos. Foi um campo de disputas quanto à caracterização do passado preservado, ou melhor, quanto aos objetos e edificações selecionados e expostos como patrimônio da nação[927].

Já destacamos em capítulo anterior a abordagem da história do Brasil adotada por Barroso no MHN e seu trabalho no campo da museologia. Aqui apenas destacamos que nesse campo também havia disputas e que isso pode fazer parte desse ressentimento trazido por ele em suas memórias. Como já foi dito, ele volta a falar bastante do sertão neste livro, descrevendo suas viagens, as paisagens e pessoas com quem convivia. No capítulo intitulado "Oração ao Ceará", reafirma ideias já trazidas em seus primeiros livros, sobre as dificuldades da vida sertaneja, o meio, a seca e sua influência sobre o cearense, assim como traços que se tornaram constituintes da identidade daquela região:

> Longo martírio tem feito tua grandeza e tua gloria. Dêle todos os cearenses devem orgulhar-se, porque nenhum povo seria talvez capaz de enfrentar a desgraça com a valentia e a tenacidade com que durante mais de três séculos de dôr eles a têm enfrentado. Essa desgraça é o maior factor da acuidade de sua inteligência, da corajosa decisão de seu temperamento, da sua audacia e da sua paciencia tenaz. A sêca molda e forma uma raça de fortes. Bendito seja essa raça que libertou escravos, dominou o mar sobre os seis páus tôscos das jangadas e conquistou a Amazonia, estaqueando de ossos os pántanos impenetraveis, que deu á Patria soldados como Tiburcio e Sampaio, poetas como Alencar! Bendita a Terra da Liberdade, Terra da Luz, Terra de Sol, Terra do Martirio, Sahara do Brasil que o esforço de varias gerações de seus filhos fecundou em heroismo, abnegação e amor![928]

Assim, após contribuir para a formação da identidade regional e para o discurso e imagem da região nordeste, como vimos no primeiro capítulo, a partir de seus primeiros livros, Gustavo Barroso volta a reafirmar essa identidade em seus escritos autobiográficos, décadas depois. Apesar das questões políticas com as quais se envolveu, o que resultou em um certo hiato em sua produção regionalista, nesse período Barroso volta a tratar do tema. Em outro momento, volta a frisar a questão da seca e o sofrimento por ela provocado:

> E eu tinha vontade de te beijar como uma namorada, caminho do sertão! Prefiro, no entanto, esquecer as vezes que caminhei sobre tua face encandecida pelo sol da sêca, entre os braços negros e suplicantes das catingas mortas de sêde, olhando as taperas tristes, ouvindo o lamento do gado faminto, sentindo os olhos cheios de agua no meio da desolação. Sofri tambem contigo, caminho do sertão![929]

Embora ele tenha reclamado das mudanças de sua casa em outro sítio, os caminhos permaneciam iguais, o que lhe agradava, pois quando voltou ao sertão anos depois, pôde

---

[927] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 73.
[928] BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China*. Op. Cit., p. 63.
[929] Ibidem, p. 93.

sentir novamente os mesmos sentimentos da juventude: "Vendo-te, sentindo-te, respirando outra vez o perfume de tua alma agreste, remocei vinte e muitos anos passei por ti com o mêsmo encanto e o mêsmo deslumbramento da minha mocidade. Caminho do sertão, meu velho conhecido, meu velho amigo, meu velho confidente!"[930]. Assim, mais uma vez, ele se coloca como íntimo do tema que abordava.

Porém, nessa época em que já desbravava o sertão, Barroso também já trabalhava. Ele diz que tinha independência financeira, indo e vindo sem precisar mais da autorização da família. Então, durante as férias da faculdade não ficava em casa, ia para o sertão, voltando para Fortaleza apenas para o carnaval. Relata seu itinerário dessa época: "Dêsde 1906 começára a ganhar minha vida e fazia o que bem me parecia. De janeiro a março, excetuando a semana do carnaval, passava no sertão. Era o começo do inverno. Reservava novembro, tempo dos cajús, aos tabuleiros da Jurucutuoca; dezembro, á serra de Baturité. Sentia-me imensamente feliz nessa época"[931]. Ele não fala apenas das paisagens, mas também dos moradores daquela região, com um olhar carregado de estereótipos:

> Criados naquêles tabuleiros, filhos, netos e bisnetos dos donos daquelas terras, antigos concessionarios de sesmarias, fundadores do municipio, desbravadores das matas, fecundadores do deserto, aledadores de indios mansos, viviamos em verdadeira comunhão com *aquela população tradicional e como que parada no tempo e no espaço, vegetando feliz* e silenciosa na paz dos ermos banhados de sol [grifo nosso][932].

Percebe-se que ele se coloca como diferente da população da região. Mesmo vivendo "em verdadeira comunhão", eles não eram iguais. Ele era descendente dos primeiros desbravadores e fundadores, como gostava de destacar, e aquela população era tradicional e parada no tempo, apenas vegetava feliz e conformada com sua vida simplória. Apesar disso, ele continua relatando sua convivência com eles, pois era importante destacar esse conhecimento e experiência:

> Andavamos por ali tudo, frequentavamos todas as casas, conheciamos toda a gente, dansavamos em todos os sambas, não faltavamos a casamentos e batizados, e interessavamos naturalmente a todas as moçoilas casadoiras. Onde quer que chegassemos [ele e os amigos], todas apareciam e, apesar da timidez natural e do tradicional recato das roceiras, umas até podiam se considerar *oferecidas* [grifo no original][933].

---

[930] Ibidem, p. 94.
[931] Ibidem, p. 97.
[932] Ibidem, p. 109.
[933] Ibidem.

Assim, Barroso demonstra seu conhecimento travado com essas pessoas, mas sem se colocar no mesmo patamar que elas. Ao contrário, no caso das mulheres, eram elas que se ofereciam para ele e seus amigos, interessadas em se casar com eles, que vinham da cidade. Percebe-se o senso de superioridade em suas palavras sobre o sertanejo. Porém, quando era acusado de depreciar sua terra e sua gente, ele não gostava. Dizia que apenas quis exaltar sua terra, mas foi esquecido. Sobre isso, afirma:

> Alguns despeitados de quem me apiedo, porque os coitadinhos nada conseguiram na vida, insistem sempre na calúnia de atribuir-me falar mal de minha terra. Meus escritos os desmentem e isso basta como resposta. (…) Em verdade, excetuando alguns amigos, entre os quais os moços do *Gremio Gustavo Barroso* e o grupo do *Salão Juvenal Galeno*, com minha querida amiga Henriqueta Galeno á frente, o Ceará não se lembra de mim. O oficialismo honra-me com seu desdem ou sua antipatia. Somente Matos Peixoto, quando presidente do Estado, me penhorou com suas homenagens [grifos no original][934].

Percebe-se, então, como ele se sentia frustrado por não ter as homenagens que desejava em sua terra. Talvez seu esforço tenha sido para isso, para ter reconhecimento o bastante para voltar para sua terra coberto de homenagens. Vimos que estas ocorreram, mas também houve quem o criticasse, principalmente quando militou no integralismo. Sendo avesso às críticas, ele se frustrou. Daí a saudade do tempo de criança, quando não tinha essas preocupações. Mas, quando começa a falar da juventude, dos primeiros trabalhos, das primeiras críticas, as supostas invejas, seu texto é carregado de ressentimento. Ele considerava tudo como ingratidão e inveja. E ainda acreditava que com o tempo isso mudaria e ele teria o reconhecimento que julgava merecer: "Tenho absoluta certeza que, um dia, quando se apagarem com o tempo as paixões de caráter pessoal e político, ser-me-á feita a devida justiça. Eu só procurei honrar e enaltecer a minha terra"[935]. Barroso ainda lança mão da memória para legitimar esse amor pelo Ceará: "Se eu não amasse o Ceará, não conservaria de memória a maioria dos fátos que ocorreram durante os anos em que lá vivi, sobretudo os três últimos antes de minha partida definitiva"[936]. Ou seja, para Barroso o esquecimento era desamor. Se ele não esqueceu de sua terra, se recordava tudo sobre ela com detalhes, é porque a amava. Mas, se ele foi esquecido, é porque não o amavam e honravam como merecia, mesmo depois de tudo que pensava ter feito por sua terra. Portanto, vemos novamente a conotação negativa que o esquecimento tinha para ele. Daí sua tentativa de não ser esquecido, através da escrita de si.

---

[934] Ibidem, p. 169.
[935] Ibidem, pp. 170-171.
[936] Ibidem, p. 171.

Seguindo sua narrativa, Barroso conta que de 1907 a 1909 estudou na Faculdade de Direito do Ceará, concluindo o curso na Faculdade Livre do Rio de Janeiro, entre 1910 e 1911. Na Faculdade do Ceará, segundo ele, havia um grupo organizado pelo professor Soriano Albuquerque, com aqueles que ele considerava seus melhores alunos, dentre eles o próprio Gustavo Barroso. Este diz que o grupo era "seleto" e "só tirava distinções". Nele se reuniam para discutir "Demócrito e Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Tomás, Espinosa e Comte, Kant e Schopenhauer, os antigos e os modernos"[937]. Diz ainda que o corpo docente da faculdade era excelente, mas "detestava-os cordialmente com meu espirito de tendencia militar, mas, como não havia outro remédio, engolia-os, certo de não os digerir muito bem"[938]. Mesmo não gostando dos professores, ele ainda teria continuado um bom aluno: "(…) distinções choviam-me na cabeça. Decididamente tomára vergonha de vez como estudante"[939].

Barroso não se reunia com os amigos apenas em grupos de estudos, mas também nos bancos do Passeio Público, onde também discutiam sobre diversos assuntos, inclusive política: "Eramos, sem excepção, oposicionistas e atuamos sempre com a idéa de fazer mal ao governo. Academicos de direito, preparatórios, comerciarios e outros, todos estavam envenenados pelo espirito de divisão e de análise do século XIX"[940]. Percebe-se que ele já não concordava mais com as ideias que defendia na juventude. Também cita os amigos que participavam dessas conversas. Um deles era francês e, além de lhe ensinar sua língua, também teria lhe introduzido nas ideias socialistas: "(...) aperfeiçoava meus conhecimentos de francês e me instilava o odio da burguesia e o amor do ploretariado, num grande anseio de justiça social que até hoje ainda não se acalmou em meu espirito. (…) Deu-me a lêr Bakunin e Lasalle, Proudhon e Karl Marx, muito influindo em minha formação mental"[941]. Porém, embora ressaltasse seu desejo de justiça social, vimos que acabou se dedicando a uma vertente política oposta ao socialismo e, em seu período de militância integralista, o criticou diversas vezes. Podemos perceber suas influências intelectuais e o que estudou nessa primeira fase da faculdade, independente do caminho que tomou posteriormente. Segundo Afonsina Moreira: "Houve o intento de ser conhecido como aquele jovem atuante na imprensa e no meio intelectual com postura de oposição política à tradição oligárquica acciolyana; como um jovem inquieto, estudioso da principal literatura de crítica ao modo de produção do

[937] Ibidem, p. 188.
[938] Ibidem, p. 189.
[939] Ibidem.
[940] Ibidem, p. 192.
[941] Ibidem, pp. 192-193.

capitalismo"[942]. E talvez houvesse um desejo também de, como integralista que criticava o socialismo, demonstrar que tinha conhecimento sobre aquilo que criticava.

Como Barroso disse, ele e seu grupo pertenciam à oposição, ou seja, não concordavam com o governo vigente no Ceará naquela época, que era chefiado pelo coronel Acioli. Por isso, escrevia textos contrários ao governo nos jornais onde já publicava nesse período e foi daí que surgiu a perseguição política que sofreu. Esta começou na imprensa, com textos agredindo-o verbalmente e até mesmo ameaçando-o no jornal governista *A República*. O jornal lhe atribuiu alguns apelidos, algo comum na imprensa cearense da época: Gustavo-Besteira, Gustavo-Garapa, Gustavo-Xarope e Opilado. Barroso diz que o jornal começou a lhe perseguir em 1908 e nunca mais o "deixou de mão"[943]. Ele e uns amigos fundaram então um grupo de oposição ao governo, chamado Grupo dos Tiranicidas "cujo fim era a extirpação do que chamavamos *a tirania aciolina*" [grifo no original][944]. Porém, tempos depois, seu amigo foi espancado pelos soldados do governo. Era uma prática recorrente que o governo utilizasse a polícia para bater em oposicionistas e empastelar jornais, e Barroso viveria com esse medo depois. Mas, nesse momento eles apenas dissolveram o grupo e criaram outro, uma "sociedade secreta e terrorista, com reduzidissimo número de membros: o *Clube dos Hussares da Morte*" [grifo no original][945]. O grupo tinha uma sede, toda decorada com panos pretos e caveiras, rituais e juramentos, e tinha caráter socialista. Chegaram a fazer ameaças anônimas ao governo. Contudo, Barroso considera, no momento em que escrevia, que "aquilo tudo não passava de produto da imaginação de rapazes inteligentes, inquietos e vivos. Era quasi uma brincadeira de meninos grandes"[946].

Porém, ele não via assim naquela época. Com o distanciamento e o olhar de quando escrevia as memórias, o autor procura minimizar a importância de suas atitudes. Não obstante, o resultado disso ele leva bastante a sério, inclusive atribuindo sua migração à perseguição sofrida pelo governo. Não chegou a acontecer nada com ele efetivamente, mas passou a viver com esse medo e afirma que migrou antes que lhe acontecesse algo, pois era ameaçado no jornal *A República*. Talvez nada tivesse acontecido com ele de fato - embora acontecesse com outros jornalistas -, porque seu pai era amigo "particular e sincero do velho Acioli"[947]. Ainda assim, ele relata seu medo, dizendo que chegou a sair do sítio do padrinho e voltar a morar em

[942] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 44.
[943] BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China.* Op. Cit., p. 198.
[944] Ibidem, p. 199.
[945] Ibidem, p. 200.
[946] Ibidem, pp. 201-202.
[947] Ibidem, p. 205.

Fortaleza, pois tinha que morar em um lugar movimentado e bem iluminado para não ser pego em uma emboscada. De todo modo, ele não volta a morar com as tias e se instala em uma república, que ele mesmo organizou em Fortaleza, chamada Consulado da China. Depois dela, outros "Consulados" surgiram e ele explica o objetivo dessas repúblicas: "Todas essas repúblicas se ligavam entre si por uma espécie de federação tácita e serviam para esconder e dar escapúla aos perseguidos da polícia, que costumava procurá-los e surrá-los á noite, nas ruas mal iluminadas da cidade"[948]. Ou seja, por serem próximas, uma dava passagem à outra em um momento de fuga.

Ainda sobre as repúblicas, Barroso diz que a convivência era tranquila e que ali também realizavam atividades culturais: "Ali realizavamos todos os mêses pelo menos uma conferencia cultural. As outras repúblicas nos imitavam. Assim, ritmámos certo movimento intelectual em nossa geração"[949]. No momento em que escrevia, ele ainda guardava o livro de atas da sua república, que, segundo ele, "marcou época em Fortaleza"[950]. Seu cargo era de Mandarim-Consul e a primeira ata que ele transcreve registra sua conferência sobre Pero Coelho e a exploração do Ceará. Barroso relata outras conferências, de outros autores, e uma sua sobre o descobrimento da América, que também foi ministrada na Fenix Caixeiral. Ao final desta, ele conta que seu amigo Claudio C. Ribeiro lhe disse: " - Vá para o Rio de Janeiro. Não se estiole aqui"[951]. Ou seja, ele acreditava que no Rio de Janeiro Barroso poderia desenvolver melhor seus talentos, o que não aconteceria no Ceará. Provavelmente ele guardou esse conselho, assim como outros do mesmo teor que já havia recebido.

Enquanto não migrava, continuou com seus trabalhos na imprensa cearense. Colaborou no jornal socialista que Joaquim Pimenta fundou em 1907 e durou até 1908, *O Demolidor*. Quando este foi encerrado, ele mesmo fundou outro, também de cunho socialista, *O Regenerador*. No final do mesmo ano, fundou com José Gil Amora o jornal *O Garoto*. Este era um jornalzinho crítico, que, segundo ele, "não respeitava ninguém", fazendo caricaturas e colocando apelidos nos poetas da cidade[952]. Chegou inclusive a publicar um soneto de Olavo Bilac em comemoração aos seus dois anos. Alguns de seus livros são compostos de contos que publicou neste jornal e foram posteriormente traduzidos para o inglês e o espanhol. Porém, na época não era tão recompensador o trabalho: "Foi um período bastante duro. A fôlha nunca me pagou um tostão, porque não podia, e o orgão governamental descarregava

[948] Ibidem, p. 252.
[949] Ibidem, p. 256.
[950] Ibidem.
[951] Ibidem, p. 261.
[952] Ibidem, p. 222.

constantemente sobre mim suas baterias (…). Fiquei calejado para outras lutas na politica e na imprensa"[953]. Sobre ter destacado consideravelmente o início da sua atuação jornalística, Afonsina Moreira considera:

> Uma das intenções certamente esteve relacionada ao desejo de dar um passado legítimo à sua profissão de jornalista no Rio de Janeiro, já que principiada por volta dos 18 anos de idade em Fortaleza. Na escrita de sua recordação, houve o objetivo de ser conhecido e lembrado como um assíduo atuante na imprensa desde o seu tempo no Ceará; de registrar suas experiências em lugares diferentes desse círculo das letras. O intuito de ser reconhecido e associado à imagem de letrado associou-se ao valor e ao poder creditado à expressão escrita oriunda, em especial, do jornalismo[954].

Nesse período, ele já usava o pseudônimo de João do Norte e em Fortaleza passaram a chamá-lo de João, assim como no Rio de Janeiro, posteriormente, mas "depois, o nome proprio acabou absorvendo o pseudónimo, quando, em geral, se dá o contrário"[955]. Ele também relata outros trabalhos dos quais participou: "Colaborei em quasi todas as revistas literarias que brotavam e morriam como cogumelos. Fundei com Liberato Nogueira pequena sociedade em que se praticava a oratoria (…)".[956] Também conta como conheceu a revista *Fon-Fon*:

> Um dia, meu bom amigo Francisco Salgado (…) chamou-me e deu-me uma revista recém-aparecida no Rio de Janeiro, pedindo-me bôa noticia de apresentação no "Jornal do Ceará". Era o "Fon-Fon". Achei-a interessante e fiz o que me pediu. Não poderia advinhar naquêle momento como meu destino se ligaria ao dessa publicação. Por ela fui gentilmente acolhido e colaborei em suas páginas dêsde meus primeiros passos na imprensa carioca, de 1910 para 1911. Depois, entrei para o corpo redatorial, em 1916. Amigo intimo de seus fundadores, Alexandre Gasparoni e Giovanni Fogliani, tornei-me ainda mais amigo de seu novo proprietario, Sergio Silva. Como redator-chefe, sucedi a Mario Pederneiras e a Gonzaga Duque[957].

Porém, continuava com medo da perseguição policial e se protegia nas outras repúblicas, ou se disfarçava para não ser reconhecido:

> Marcado pela gente do governo, ameaçado de rêlho pelo orgão oficial em letra de fôrma, esperava ser surrado qualquer noite pela policia. Tomei providencias para evitar isso. Disseminados pela cidade, os Consulados ofereciam-me asilo a cada passo. Muitas vezes dormi em um ou em outro dêles. Outras, quando os capangas me esperavam na rua Major Facundo, entrava pela Formosa ou por ela saía, pulando o muro do Consulado do Japão. Isso forçou-me a andar á noite quasi sempre disfarçado. Tornei-me um mestre em percorrer as ruas como mendigo, embarcadiço

[953] Ibidem, p. 232.
[954] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 43.
[955] BARROSO, Gustavo. Op. Cit., p. 244.
[956] Ibidem, p. 246.
[957] Ibidem.

> ou capanga policial. (…) O Consulado transformou-se em verdadeiro camarim de teatro[958].

Barroso não se disfarçava apenas para fugir, mas também para pregar peças nos amigos e na população. Ele conta que muita gente caía nas brincadeiras, pois era bom em se disfarçar. Sobre esses disfarces, diz ainda:

> Meus disfarces permitiam-me andar pela cidade toda e divertir-me á noite, nas barbas da policia aciolina. Em geral, vestia-me como os *cabras* do comandante Raimundo Borges e do coronel Carneiro da Cunha: descalço, calças de uniforme, camisa de braços arregaçados, chapéu de couro, faca no cós e cacete na mão. (…) Minha audácia subiu ao ponto de ir sozinho aos lugares mais perigosos e de divertir-me, fazendo mêdo a muita gente[959].

Inclusive, ele ia trabalhar assim e atribui a isso ter escapado da polícia por tanto tempo: "Assim, ia eu trabalhar na redação do jornal e fazer reportagens escapando da surra classica, á noite ou ao escurecer (…)"[960]. Ainda assim, considerou não ser mais possível continuar em Fortaleza, pois as contendas políticas na imprensa continuavam e mais cedo ou mais tarde algo poderia lhe acontecer:

> Mau grado minhas preocupações, não me era possível continuar mais em Fortaleza. Violenta discussão com Carlos Cámara na imprensa e o que constantemente escrevia contra o governo teriam fatalmente como fim a surra policial ou cousa peor. Era forçoso emigrar, destino do cearense pela sêca, pela pobreza ou pela política[961].

Cabe aqui a reflexão sobre os reais motivos dessa migração, pois, como já dissemos, Barroso queria reforçar sua identidade de cearense que havia passado pelas experiências que todos os cearenses passam, segundo sua identidade regional, e a migração é um forte elemento dessa identidade. Então, ele pode ter migrado por medo da surra policial, embora também nos questionemos se ela realmente aconteceria, já que seu pai era amigo do coronel Acioli, que então governava o Ceará, como o próprio Barroso declara. Ainda assim, seu medo poderia ser legítimo e ter se aliado a sua vontade de crescer na carreira. Afinal, segundo vários conselhos recebidos por ele, como vimos, isso só seria possível no Rio de Janeiro, então capital federal. Portanto, acreditamos que embora o medo da repressão policial fosse um fator considerável, ele também desejava dar impulso a sua carreira de jornalista, que já havia iniciado àquela altura. Logo, sua migração foi uma escolha deliberada, de um

[958] Ibidem, p. 263.
[959] Ibidem, p. 266.
[960] Ibidem, p. 267.
[961] Ibidem, p. 270.

intelectual em busca de ganhos simbólicos e reconhecimento e não apenas uma fatalidade do destino cearense.

Em 1910, Barroso sai do *Jornal do Ceará*, segundo ele, por discordâncias políticas, e vai ainda uma vez ao sertão antes de embarcar para o Rio de Janeiro em 15 de abril daquele ano. Afonsina Moreira considera que a narrativa de Gustavo Barroso sobre sua partida para o Rio também faz parte da construção de sua imagem:

> Alegando as restrições de sua atividade na imprensa, e as perseguições decorrentes de sua postura política, deixou o *Jornal do Ceará*, órgão do jornalismo opositor. Esses foram os motivos expostos por ele para a sua migração, em abril de 1910. Desejando consolidar uma imagem de homem saudoso de sua terra, argumentou ter partido a contra gosto. Com o recurso da imagem de exilado, desterrado de sua cidade, Gustavo Barroso traçou uma imagem de escritor permanentemente saudoso e insatisfeito [grifo no original][962].

Concordamos com a autora quanto a essa imagem criada por Barroso e, além do saudosismo e a da insatisfação, também destacamos seu ressentimento por não se crer reconhecido como gostaria, forjando também uma imagem de injustiçado, além de invejado e perseguido pelos inimigos.

Ele volta então a descrever sua partida, o embarque e a vista de Fortaleza a partir do navio que se distanciava, e nesse momento passa a refletir:

> Só então compreendi e senti o passo que dera. Deixava para trás e para sempre a melhor parte de minha vida, minha infancia, minha adolescencia, minha primeira mocidade, minha terra, minha familia, meus amigos meus pobres objétos pessoais, tudo com que vivera e me habituára, a natureza em cujo seio me fizera, as paisagens guardadas em meus olhos, a gente com quem me irmanára na mêsma tradição e nos mêsmos sentimentos, tudo o que amára. Ia enfrentar o desconhecido, as lutas em terras estranhas, as influencias de outros meios, sem dinheiro e sem proteção, sozinho, sozinho, contando unicamente comigo. Que seria de mim?[963]

Barroso conclui dizendo que chorou neste momento. E assim termina sua última autobiografia. Já problematizamos essa questão de ter começado sua carreira sozinho e traçamos sua rede de sociabilidade, demonstrando a ajuda que teve ao chegar no Rio de Janeiro e os contatos que possuía. Mas, vemos que ele continuava afirmando ter conseguido tudo sozinho, a partir do próprio esforço, como o fez ao longo dos três livros autobiográficos. Com eles, encerramos a análise da trajetória intelectual de Gustavo Barroso e vemos como ele aborda novamente nesses livros temas tratados também nos primeiros livros regionalistas, demonstrando um retorno a esse regionalismo, com um sentido saudosista. Vimos as escolhas

[962] MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. Op. Cit., p. 47.
[963] BARROSO, Gustavo. Op. Cit., pp. 273-274.

feitas por ele sobre o que narrar, dando ênfase a sua infância e à vida no Ceará, encerrando com sua partida para o Rio de Janeiro e deliberadamente silenciando sobre o que aconteceu a partir daí. Assim, podemos perceber as escolhas sobre o que narrar e o que silenciar feitas por um intelectual que desejava forjar uma imagem de si para deixar para a posteridade. Com suas autobiografias ele retoma os temas tratados no começo do século XX, consolidando a identidade regional cearense ao abordar temas regionalistas, ao mesmo tempo em que moldava sua própria identidade ao tratar de sua trajetória, interligando a identidade regional à sua imagem como escritor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com este trabalho analisar o pensamento e a trajetória de Gustavo Barroso, intelectual cearense que fez carreira no Rio de Janeiro como escritor e jornalista na primeira metade do século XX. Portanto, para verificar essas questões utilizamos como fontes seus livros e artigos em jornais, publicados entre as décadas de 1910 e 1940, que constitui nosso recorte cronológico. Esses artigos encontram-se na Hemeroteca Gustavo Barroso, na Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional. Museu este que ele fundou e dirigiu até seu falecimento em 1959. Utilizamos também os artigos do Arquivo da Academia Brasileira de Letras, da qual Barroso também foi membro, tesoureiro, secretário e presidente. Já alguns dos livros utilizados foram encontrados digitalizados em sites na internet, e outros adquirimos em um sebo online. Sendo assim, foi a partir desses escritos que examinamos aspectos importantes do seu discurso sobre o sertão e o sertanejo, a História nacional, suas redes de sociabilidade, seu pensamento político e autoritário, seu antissemitismo, e seu olhar sobre a própria trajetória e o que desejava deixar registrado para a posteridade, através de suas autobiografias. Além disso, o conjunto de fontes que constituem os cadernos de recortes organizados pelo próprio Barroso, digitalizados na Hemeroteca do Museu Histórico Nacional em si, já constitui um trabalho de escrita de si. Embora outros pesquisadores tenham dado continuidade após seu falecimento, foi Barroso quem iniciou essa espécie de coleção de si mesmo com recortes que tratam de notícias e textos publicados por ele e sobre ele na imprensa. Assim, concluímos esta pesquisa analisando seus trabalhos autobiográficos.

Dessa forma, procuramos refletir sobre a trajetória de Gustavo Barroso de maneira ampla, dentro do recorte cronológico ao qual nos propomos. Não como se esta trajetória fosse dividida em etapas, mas como momentos vividos por ele e pelos quais ele passou através de suas próprias escolhas. Para tanto, dividimos o trabalho em quatro capítulos. No primeiro buscamos entender o olhar e o discurso de Barroso sobre o sertão do Ceará e o Nordeste, no momento em que este era delimitado enquanto região, no início do século XX. Para isso, analisamos o processo de formação daquela região e como Barroso contribuiu para o mesmo a partir de seus primeiros livros, de caráter regionalista, assim como artigos de jornais e revistas. Assim, buscamos entender como seu discurso sobre o sertão do Ceará e seus habitantes também contribuiu para a formação de uma imagem e identidade para aquela região. Abordamos também sua migração e como ele se utilizou de sua vivência naquela região para conferir legitimidade aos seus escritos.

No segundo capítulo, procuramos analisar as redes de sociabilidade nas quais Gustavo Barroso se inseriu ao chegar no Rio de Janeiro, então capital do país. Ele migra para o Rio de Janeiro em 1910, exerce a atividade de professor por algum tempo e depois ingressa na atividade jornalística, a qual ele já havia começado a exercer no Ceará. Porém, só se torna realmente conhecido após a publicação do seu primeiro livro, *Terra de Sol*, em 1912. Por isso, fizemos uma contextualização sobre o campo literário no início do século XX e como Barroso nele se inseriu enquanto um escritor regionalista. Porém, antes mesmo desta primeira publicação ele já estava inserido em uma rede de sociabilidade muito importante naquele período que era a rede de amigos do escritor Coelho Neto, que teria estimulado Barroso a escrever seu primeiro livro (que é dedicado ao escritor). Assim, acreditamos que essa rede tenha tido uma influência importante na recepção positiva e divulgação de seu primeiro livro, bem como outras redes às quais ele se insere posteriormente, a partir de amizades que inicia com outras personalidades importantes da época, tanto na literatura quanto na política, que irão lhe proporcionar novos trabalhos e visibilidade (como a amizade com Epitácio Pessoa, que lhe conferiu uma vaga na delegação da Comissão de Paz de Versalhes e a direção do Museu Histórico Nacional).

Além disso, neste segundo capítulo, também procuramos compreender o olhar do outro em relação a Gustavo Barroso, pois é a partir desse olhar que o intelectual obtém o reconhecimento desejado em sua trajetória. E não foi diferente com Barroso. Procuramos demonstrar como ele buscou esse reconhecimento, e como este lhe foi conferido a partir do que era dito sobre ele. Para isto, continuamos utilizando as fontes do Museu Histórico Nacional e da Academia Brasileira de Letras, porém aquelas que se referiam a Barroso, sendo elas elogiosas ou não. A partir dessa abordagem pudemos verificar como ele foi elogiado por seu trabalho intelectual, mas também muito criticado, principalmente quando se envolveu no movimento integralista. Com isso, buscamos entender como Barroso era visto por seus pares em diferentes momentos de sua trajetória, a partir dos caminhos intelectuais e políticos que trilhou.

Em seguida, no terceiro capítulo damos continuidade à analise do seu envolvimento no movimento integralista. Antes, porém, fizemos uma breve contextualização do integralismo como um movimento inspirado no fascismo europeu. Portanto, introduzimos brevemente como o fascismo se desenvolveu na Europa, principalmente na Itália e na Alemanha, para então analisar a adesão de Barroso ao movimento integralista, este uma vertente desse fascismo europeu. Não tivemos a intenção de fazer uma análise do integralismo em si, mas da participação de Gustavo Barroso no mesmo. Realizamos esta análise a partir do seu discurso

integralista, em seus livros que tratavam deste movimento e artigos para revistas e jornais com o mesmo teor. Vimos então como neste período seu olhar conservador e autoritário se torna mais acentuado, e se desenvolve seu antissemitismo. Este também foi analisado através dos seus livros e textos antissemitas, nos quais pudemos observar seu discurso preconceituoso em relação aos judeus, até mesmo propondo sua eliminação. E é neste ponto que acreditamos que ele se aproxima do nazismo e vemos como seu projeto de nação era influenciado por estas ideias.

No quarto e último capítulo analisamos as autobiografias de Gustavo Barroso, ou seja, sua escrita de si. Dessa forma, buscamos entender neste capítulo seu olhar sobre si e sua própria trajetória, bem como a imagem que ele desejava deixar para a posteridade. Com este objetivo, Barroso escreveu três autobiografias, em 1939 e 1941, que foram intituladas *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1941) e *O Consulado da China* (1941). Neste momento de sua trajetória, o integralismo já havia sido posto na ilegalidade pelo governo de Getúlio Vargas, com seu principal líder Plínio Salgado precisando se exilar na Europa. Por isso, acreditamos que Barroso teria se voltado para a escrita de si, não abordando esse período mais recente de sua vida, destacando o período de sua infância e juventude até o momento em que migra para o Rio de Janeiro. Sendo assim, a partir do estudo de sua escrita autobiográfica, abordamos temas como memória, ressentimento e o silenciamento de determinados fatos em detrimento de outros, problematizando as escolhas do intelectual ao escrever suas memórias. Estas não estão dadas de forma linear, como o intelectual deseja demonstrar, mas são organizadas a partir de escolhas do que será narrado e do que será silenciado, a partir do que ele quer que fique marcado em sua trajetória para a posteridade, da imagem que ele objetiva deixar de si mesmo.

Contudo, como em todo trabalho desta natureza, a análise não se conclui definitivamente nos limites de uma tese. Outros temas permanecem em aberto e outras reflexões ainda se fazem necessárias de modo a inspirar trabalhos futuros. Uma dessas questões é a mobilização do envolvimento de Gustavo Barroso com o integralismo e do seu pensamento antissemita nos últimos anos com o aumento de grupos neonazistas e neointegralistas no Brasil. Segundo notícias recentes[964], esses grupos têm crescido de forma

[964] Para mais informações sobre o crescimento dos grupos neonazistas no Brasil, ver: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/01/16/grupos-neonazistas-crescem-270percent-no-brasil-em-3-anos-estudiosos-temem-que-presenca-online-transborde-para-ataques-violentos.ghtml; https://www.jb.com.br/pais/2022/07/1038793-investigacao-da-sputnik-revela-quem-sao-os-neonazistas-que-assombram-o-brasil.html e https://observatorio3setor.org.br/noticias/neonazismo-cresce-no-brasil-e-prega-odio-as-minorias/

alarmante e pregado o ódio às minorias, apoiando-se no fortalecimento da extrema direita que ocorreu recentemente, não apenas no Brasil, mas também em outras partes do mundo, principalmente na Europa e nas Américas. Jason Stanley cita países como Rússia, Hungria, Polônia, Índia, Turquia e Estados Unidos[965].

Enzo Traverso cita oito países da União Europeia que desde 2018 "são governados por partidos da extrema direita, nacionalistas e xenófobos"[966]. São eles: Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Itália, Polônia, Hungria e Eslováquia. Embora não tenha conseguido governar de fato, a extrema direita também obteve um crescimento expressivo na França, com o partido Frente Nacional, liderado por Marine Le Pen; além da Itália e da Alemanha, também citados por Traverso. Segundo o autor "com a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos, o surgimento de uma direita nacionalista, populista, racista e xenófoba tornou-se um fenômeno global. O mundo ainda não havia experimentado um similar crescimento da direita radical desde os anos 1930, um desenvolvimento que desperta a memória sobre o fascismo"[967].

No Brasil, também vimos esse crescimento no mesmo período. Aqui, a extrema direita chegou ao poder sob a liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro, que muito se espelhava em Donald Trump. Porém, o neointegralismo começou a se reorganizar neste século a partir de um congresso ocorrido em São Paulo, em 2004, segundo pesquisas de Odilon Caldeira Neto e Leandro Pereira Gonçalves[968]. Desde então, os neointegralistas se organizaram em diferentes grupos, como a Ação Integralista Revolucionária (AIR), o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B) e a Frente Integralista Brasileira (FIB)[969]. Estes grupos têm recuperado os textos de Gustavo Barroso, principalmente o MIL-B, cuja "intensidade do antissemitismo o aproxima, sobretudo, da tendência integralista de Gustavo Barroso, que é cotidianamente citado e exaltado nos textos do grupo"[970]. Porém, o grupo discorda do posicionamento de Barroso em relação à maçonaria de modo que a proximidade com seu pensamento se dá "exclusivamente em torno do antissemitismo e do anticomunismo"[971].

Já a Frente Integralista Brasileira (FIB), elogia o integralismo da AIB e seus antigos líderes, dentre eles Gustavo Barroso. Mas, segundo Caldeira Neto e Gonçalves, esse elogio

---

[965] STANLEY, Jason. Op. Cit., posição 39 no ebook.
[966] TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2021, p. 12.
[967] Ibidem.
[968] CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. Op. Cit., p. 177.
[969] Ibidem, p. 181.
[970] Ibidem, p. 189.
[971] Ibidem, p. 190.

busca silenciar o antissemitismo de Barroso. Segundo os autores, "uma das estratégias escolhidas pelo grupo é a de silenciar as expressões antissemitas das obras de Gustavo Barroso"[972]. A FIB é a organização melhor estruturada dentre as que surgiram após o Congresso de 2004. Segundo os autores:

> A FIB tem relações com diversos grupos conservadores e nacionalistas da extrema direita brasileira. (…) A presença da FIB é particularmente forte nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, que são locais de intensa movimentação neointegralista desde 1975, além de a FIB ter relações profundas com a Casa de Plínio Salgado. Há alguns núcleos estáveis da FIB no Ceará, Distrito Federal, em Minas Gerais e no Paraná, com algumas dezenas de membros. Em 2007, a FIB realizou parcerias com o Centro Cultural Arcy Lopes Estrella, para a digitalização de documentos integralistas de diversas épocas doados pela Academia Brasileira de Letras. Embora fossem, em teoria, organizações diferentes, a sede das duas entidades ocupava o mesmo endereço. Em 2009, a FIB inaugurou o Instituto Plínio Salgado, uma plataforma de educação a distância destinada a formar novos militantes. Embora não seja o único grupo neointegralista, a FIB é a principal organização em atividade. Ela tem uma estrutura mais organizada, um maior número de militantes e, como resultado disso, maior aceitação entre os neointegralistas e outros grupos da direita brasileira, inclusive os partidos políticos[973].

Podemos observar, a partir da citação acima, como esses grupos estão se articulando já há bastante tempo e o seu alcance. Caldeira Neto e Gonçalves relatam que a partir de 2010 a FIB também participou de protestos contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, enquanto declaravam apoio a Olavo de Carvalho, considerado o principal ideólogo da direita brasileira e do ex-presidente Jair Bolsonaro; este que também obteve apoio de neonazistas durante sua campanha à presidência[974]. Os autores também abordam o contexto das manifestações contra o aumento das passagens de ônibus em 2013, movimento que acabou tomando uma direção reacionária, da qual esses grupos tiraram proveito. Eles citam o caso de um grupo neonazista que divulgou a fundação de uma organização, a Frente Nacionalista, cujo evento de fundação reuniria "grupos que homenageavam Gustavo Barroso e utilizavam o *Sigma* como emblema" [grifo no original][975]. O Ministério Público acabou proibindo o evento, devido à apologia ao nazismo, mas este caso demonstra que a figura de Barroso e o integralismo ainda são mobilizados por esses grupos.

Entre 2015 e 2016 vimos diversas manifestações ao redor do país pedindo o impeachment de Dilma Rousseff, dentre eles "Membros do MIL-B, da FIB e alguns Carecas foram vistos caminhando ao lado de grupos a favor da ditadura militar, de artistas de televisão

[972] Ibidem, p. 194.
[973] Ibidem, p. 198.
[974] Ibidem, p. 204.
[975] Ibidem, p. 207.

e de policiais militares”[976]. Nesse contexto, e após a saída de Dilma Rousseff da presidência, esses grupos foram ganhando cada vez mais força, enquanto outros iam surgindo, como o Accale (Associação Cívico Cultural Arcy Lopes Estrella). Não por acaso, eles também apoiaram a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência, em 2019.

Portanto, não poderíamos deixar de apresentar nestas considerações finais uma breve reflexão sobre os vínculos entre o estudo da trajetória e das obras de Gustavo Barroso e a história recente. No momento em que concluímos esta tese, não estamos mais sob o governo de Bolsonaro. Porém, isso não significa que esses grupos tenham desaparecido ou que seus discursos não tenham mais influência. No capítulo III, buscamos mostrar o quanto o discurso antissemita de Gustavo Barroso pode ter sido prejudicial em sua época. Aqui defendemos a importância de entendê-lo também na atualidade, pois ele ainda está fortemente presente. Isto ficou claro no decorrer da pesquisa, inclusive quando levantávamos fontes e encontrávamos alguns de seus livros digitalizados em sites neointegralistas e neonazistas. Basta uma busca na internet para qualquer pessoa ter acesso a esses sites e livros.

Sendo assim, acreditamos na relevância da análise e da problematização do discurso barroseano para a compreensão do passado e do presente do pensamento autoritário no Brasil. O discurso integralista, autoritário e de extrema-direita, está ainda bastante vivo, ao contrário do que acreditava Hélgio Trindade ao escrever seu trabalho referencial sobre o tema, quando disse que “o integralismo - que acreditava responder às aspirações de um país jovem e aberto às influências - foi rejeitado pela história brasileira, como um pesadelo dos anos 30”[977]. Este pesadelo não ficou nos anos 1930, alimentando ainda hoje grupos neofascistas e neonazistas e demandando novos e profundos estudos.

Outra questão que talvez possamos aprofundar futuramente, pois não coube nos limites desta tese, é o antissemitismo no Brasil. Buscamos desenvolver uma contextualização de Gustavo Barroso e seu antissemitismo na década de 1930, mas talvez fosse interessante um maior aprofundamento, por exemplo, através da investigação de outros intelectuais antissemitas que atuaram no mesmo período, na imprensa ou na literatura. Um estudo sobre a mobilização do antissemitismo por esses grupos neointegralistas e neonazistas também pode ser importante, pois entendê-los, seus meios de atuação e seu discurso, que vem angariando tantos adeptos nas últimas décadas, auxiliaria a descortinar a atual conjuntura de ascensão da extrema-direta no país.

---

[976] Ibidem.
[977] TRINDADE, Hélgio. Op. Cit., p. 279.

Por fim, ressaltamos a complexidade do estudo de um intelectual como Gustavo Barroso. Vimos como ele atuou em muitas frentes, o que tornou necessário o estudo de diversos temas distintos ao longo da pesquisa. Tratam-se de sujeitos inseridos em seu campo, participando e refletindo sobre sua época. Desta maneira, este trabalho buscou destacar aspectos que consideramos importantes da trajetória intelectual de Gustavo Barroso, um intelectual de seu tempo, preocupado com questões também de sua época, o que fez com que se mobilizasse por causas por vezes muito diferentes umas das outras, mas que também fizeram parte de suas escolhas enquanto um intelectual que buscava reconhecimento e capital simbólico, dentro dos campos nos quais atuou. Diferentemente de alguns estudos que destacam uma fase ou outra de sua vida, buscamos ter um entendimento mais amplo de sua atuação, sem dividi-la em etapas, mas observando seu engajamento ao longo do nosso recorte como escolhas feitas por ele.

Com essa abordagem conseguimos perceber como o seu olhar sobre o Brasil, a história nacional e o sertão era um olhar autoritário e conservador, o que também não era uma especificidade de Gustavo Barroso, pois outros intelectuais neste período também pensaram o Brasil por um viés autoritário. Assim, não vemos Gustavo Barroso como um intelectual particular ou único, mas como um intelectual do seu tempo, envolvido em questões próprias da sua época, que fez escolhas de acordo com o capital simbólico que buscava obter.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *A Feira dos Mitos: A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950).* São Paulo: Intermeios, 2013.

_____. "A invenção de um macho". In: *Nordestino: a invenção do "falo": uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013, pp. 137-229.

ALTAMIRANO, Carlos. "Introducción general". In: ALTAMIRANO, Carlos. (dir). *Historia de los intelectuales en America Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo.* MYERS, Jorge. (ed. del volumen). Buenos Aires: Katz, 2008, pp. 09-27.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Nelton Silva. *"O traidor vermelho": O Jornal e o discurso anticomunista (1935-1937).* Dissertação de mestrado - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

ARENDT, Hanna. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo.* São Paulo: Companhia de Bolso, 2013, edição digital.

BAKHTIN, Mikhail. "Os gêneros do discurso". In: *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 261-306.

BARROS, José D'Assunção. "História, região e espacialidade". *Revista de História Regional* 10(1): 95-129, Verão, 2005.

BOURDIEU, Pierre. "A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região". In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989, pp. 107-132.

_____. "Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe". In: *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectivas, 2007, pp. 183-202.

_____. "O campo intelectual: um mundo à parte". In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp. 169-180.

_____. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e abusos da História Oral*. 8a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, Edição digital, 2012, pp. 228-238.

CAETANO, Vivian Marcello Ferreira. *Modernidade, gênero e condição feminina nas páginas da revista Fon-Fon (1910-1920)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

CALDEIRA NETO, Odilon. "Gustavo Barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e escrita de si". *Cadernos do Tempo Presente*, n. 14, out./dez. 2013, pp. 44-56.

_____.; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O Fascismo em Camisas Verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

CANDIDO, Antônio. "De cortiço a cortiço". *Novos Estudos*, nº 30, julho/1991, pp. 111-129.

_____. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O veneno da serpente: reflexões sobre o anti-semitismo no Brasil.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

CASTRO, Fernando Luiz Vale. *As colunas do templo: história e folclore no pensamento de Gustavo Barroso*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2001.

COHN, Norman. *A Conspiração Mundial dos Judeus: Mito ou Realidade? Análise dos Protocolos e Outros Documentos*. Tradução de Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA - Instituição Brasileira de Difusão Cultural S. A., 1969.

COSTA FILHO, Cícero João. *Forças do mal: os prejuízos 'raciais' da figura do judeu na produção integralista de Gustavo Barroso (1933-1937)*. São Paulo: Todas as Musas, 2019.

CYTRYNOWICZ, Roney. "Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002, pp. 393-423.

DANTAS, Elynaldo Gonçalves. *Gustavo Barroso, o fuhrer brasileiro: Nação e Identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em História. Natal/RN, 2014.

DE LUCA, Tania Regina; MARTINS; Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, Versão digital.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e identidade fluminense. A escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950.* Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2009.

FLORES, Elio Chaves. "A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 43-80.

FORRESTER, Viviane. *O crime ocidental*. Tradução Maria José Catagnetti e Tieko Yamaguchi. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FRAIZ, Priscila. “Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema”. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, pp. 73-102.

FREIRE, Camila de Sousa. *O Instituto do Ceará e a identidade regional a partir do movimento abolicionista cearense (1884-1956).* Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2018.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 7. ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

FUNES, Eurípedes A.; RODRIGUES, Eylo Fagner da Silva; RIBARD, Franck (Orgs.). *Histórias de Negros no Ceará.* Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

GARCIA, Juliana Samara de Souza. “O pensamento fascista na Legião Cearense do Trabalho”. *História e Culturas*, Fortaleza, Vol. V, Nº 09 – janeiro-junho, 2017, pp.117-137.

_____. *A influência do catolicismo social na política cearense (1922-1933)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

GINZBURG, Carlo. “História da arte italiana”. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI; Carlo (Orgs) *A Micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989, pp. 5-93.

GOMES, Angela de Castro (Org.). “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: *Escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, livro digital, posição 25-398 no ebook.

_____. “Essa gente do Rio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, pp. 62-77.

GONÇALVES, Leandro Pereira; PIMENTA, Everton Fernando. “O cristianismo de camisa-verde: as relações do integralismo com o universo religioso”. In: NETO, Odilon Caldeira; GRECCO, Gabriela de Lima (Orgs.). *Autoritarismo em foco: política, cultura e controle social*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia; Pernambuco: Edupe; Madrid: UAM Ediciones, 2019, pp. 251-285.

GUIMARÃES, Manuel Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.

HAROCHE, Claudine. “Elementos para uma antropologia política do ressentimento: Laços emocionais e processos políticos”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, pp. 333-349.

HERMANN, Jacqueline. “Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp., pp. 111-152.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Bandidos*. Tradução Donaldson M. Garschagen. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. "Nacionalismo e nacionalidade na América Latina". In: BETHELL, Leslie (Org.). *Viva la Revolución: a era das utopias na América Latina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Edição digital.

KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. "Historia Magistra Vitae: sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento". In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, pp. 41-60.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, Versão Digital.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da Guerra perdida: Um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso.* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2009.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, edição digital.

_____.; RAMOS, Jair de Souza. "Entre a riqueza natural, a pobreza humana e os imperativos da civilização, inventa-se a investigação do povo brasileiro". In: SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor (Orgs.). *Raça como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010, edição digital, posição 326-346 no ebook.

_____. *"Nem Rotschild nem Trotsky": O Pensamento Anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

_____.; CYTRYNOWICZ, Roney. "Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil, (1932-1938)". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano - o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado-Novo: Segunda República (1930-1945)*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019, edição digital, pp. 32-53.

_____. "Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil dos anos 30". In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo.* Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, pp. 229-256.

MALERBA, Jurandir. "Esboço crítico da recente historiografia sobre a independência do Brasil". In: MALERBA, Jurandir (Org.). *A independência brasileira: novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 19-52.

MAYER, Arno. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

MELO, Leda Agnes Simões de. *O trabalho em tempos de calamidade: a Inspetoria de Obras nos campos de concentração do Ceará (1915 e 1932).* Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2015.

MESSADIÉ, Gérald. *História Geral do Anti-semitismo.* 2ª ed. Tradução Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No Norte da saudade: Esquecimento e memória em Gustavo Barroso.* Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2006.

NEVES, Frederico de Castro. '"Desbriamento 'e 'perversão': olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877." *Proj. História*, São Paulo, (27), pp. 167-189, dez. 2003.

_____. "A seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900)". In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Seca*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015, pp. 75-104.

NEVES, Margarida de Souza. "Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 11-41.

NOVINSKY, Anita [et al]. *Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma visão da história*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

OLIVEIRA, Gilberto Gilvan Souza. *"O livrinho que desencadeou o resto": circulação e produção do romance O Quinze de Raquel de Queiroz pela Livraria José Oplympio Editora (1948-1990).* Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017.

OLIVEIRA, Raimunda Rodrigues. *Gustavo Barroso: a tragédia sertaneja*. Fortaleza: Secult, 2006.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social." *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

RANGEL, Marcio Ferreira. "Museologia e patrimônio: encontros e desencontros". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* Ciências Humanas, v.7, n.1, jan.-abr. 2012, pp. 103-112.
REHEM, David Costa. *As forças secretas da revolução: antissemitismo do sigma na Bahia (1933-1937)*. Salvador: Sagga, 2018.

RICUPERO, Rubens. *A diplomacia na construção do Brasil: 1750-2016*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Versal, 2017.

ROMANO, Roberto. "A astúcia do positivismo". In: *Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairós, 1979, pp. 118-139.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São paulo: Companhia de Bolso, 2003, edição digital.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Pau que nasce torto, nunca se endireita! E quem é bom, já nasce feito? Esterilização, saneamento e educação: uma leitura do eugenismo em Renato Kehl (1917-37).* Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, edição digital, 1993.

SERBIN, Kenneth P. "A romanização e a Grande Disciplina, 1840-1962 (Ou: Trento chega ao Brasil)". In: *Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, pp. 78-154.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. *Diálogos sobre a escrita da história: ibero-americanismo, catolicismo, (des)qualificação e alteridade no Brasil e na Argentina (1910-1940).* Tese de doutorado. Niterói: UFF, 2010.

SILVA, Emília Carnevali da. "Severino Sombra – o homem no espelho – A Legião Cearense do Trabalho (movimento que forneceu a base do Integralismo)". ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005.

_____. *O homem no espelho: reflexões sobre a dissidência integralista de Severino Sombra (1931-1937)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2006.

SILVA, Regina Cláudia Oliveira da. "Breves notas autobiográficas do cearense fundador da Museologia no Brasil". In: Encontro Cearense de História da Educação (ECHE), 11.; Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação (ENHIME), 1., 2012, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Imprece, 2012, pp. 701-718.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do "nós" e "eles"*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

SUSSEKIND, Flora; VENTURA, *Roberto. História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo: Ed. Moderna, 1984.

THIESSE, Anne-Marie. "Ficções Criadoras: As identidades nacionais". *Anos 90*, Porto Alegre, n. 15, 2001/2002, pp. 7-23.

THIESSE, Anne-Marie. ’“La Petit Patrie enclose dans la grande’: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940)”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, pp. 3-16.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: Ensaio de Antropologia Geral*.São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo: Populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte, 2021.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo (O fascismo brasileiro na década de 30)*. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

_____. “Legião Cearense do Trabalho”. Verbete, FGV. Disponível em www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/legiao-cearense-do-trabalho . Acesso em 26/04/2021.

VIEIRA, Fábio Antunes. “O antissemitismo em uma breve perspectiva histórica: de Roma ao nazismo”. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, nov. 2019, pp. 1-14.

VILHENA, Luís Rodolfo. “Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 11, n. 32, 1996, pp. 125-150.

VIEIRA, Newton Colombo de Deus. *Além de Gustavo Barroso: o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

VILLAÇA, Antônio Carlos. “Introdução”. In: *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 13-14.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Ebook – 2ª Ed. - Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

FONTES

Documentos da Hemeroteca do Museu Histórico Nacional

A Capital, 19 de junho de 1915. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 04.

ABC, abril de 1915. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, pasta 04.

A República, Natal, 1914, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

A Capital, SP, maio de 1915, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

A Rua, 28 de dezembro de 1917, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 06, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

A Folha, de 11 de março de 1921, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 08, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

"A propaganda do fascismo no Brasil". *Diário da Noite*, São Paulo, 09 de outubro de 1933. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.

Brasil Ferro Carril, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1916. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 05.

BARROSO, Gustavo. "Mysticismo sertanejo". *Correio Paulistano*, 1921. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 09.

_____. "Do Iran ao Sertão". *O Jornal*, 12 de julho de 1923. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 11.

_____. "Os dragões da independência". *Selecta*, 9 de junho de 1917. Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

_____. "O Rhinoceronte de Carthago". *Correio da Manhã*, de 15 de maio de 1930. Hemeroteca do Museu Histórico Nacional, pasta 19.

_____. "Filigranas". *Fon-Fon*, 07 de julho de 1933. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.

Belem Nova, Pará, 06 de junho de 1925, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 15, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

"Brasil, colonia de banqueiros". *A Ofensiva*, 29 de novembro de 1934. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.

CASCUDO, Luís da Câmara. "Gustavo Barroso, chronista". *Imprensa*, Natal, 02 de setembro de 1925, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 15, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

CAVALCANTI. M. "A phantasia de Nhônhô". *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1917. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 06.

Correio da Manhã, 01 de maio de 1915, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

Correio do Ceará, 11 de junho de 1915, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

COSTA, Benedicto. "O Livro do meu destino - Memórias: Salões mundanos e literários". *Jornal do Commercio*, 20 de janeiro de 1952, Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual MHN, pasta 35.

DELAMARE, Alcebiades. "Da 'Academia 'ao 'Instituto'". *Diário de Notícias*, 05 de fevereiro de 1930, pasta 19, Hemeroteca do Museu Histórico Nacional.

Diario do Estado, Ceará, 01 de maio de 1915, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

"Escritor Gustavo Barroso não pode entrar no PRP". *A Noite*, 29 de setembro de 1947. Hemeroteca Gustavo Barroso, Museu Histórico Nacional, pasta 28.

"El partido fascista brasileño". *Ahora*, Madrid, mayo de 1934. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 21.

"Homenagem D''O Progresso 'ao Príncipe dos prosadores cearenses". *O Progresso*, 03 de julho de 1926, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 15, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

Jornal do Commercio, 10 de novembro de 1913. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, pasta 04.

Jornal do Commercio, 7 de julho de 1917. Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

Jornal do Commercio, 1914, Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 04, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

"Livros Novos". *A Republica*, Natal/RN, 17 de junho de 1934. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.

L.M., *Diário Popular*, SP, 6 de agosto de 1917. Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

MANTA, Neves. "Ceará de sol e de sangue", *O Norte*, de 15 de maio de 1924. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, pasta 13.

"O Fascismo no mundo". *A Ofensiva*, 09 de agosto de 1934. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 20.

O Malho. "Como foram escritos os livros do momento". 03 de abril de 1940. Hemeroteca Gustavo Barroso, pasta 26, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

"Os caravaneiros do ideal integralista". *O Estado da Bahia*, 30 de novembro de 1933. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Digital do Museu Histórico Nacional, pasta 21.

PEREGRINO JÚNIOR. *O Imperial*, 29 de novembro de 1917. Hemeroteca Gustavo Barroso, Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, pasta 06.

Documentos da Academia Brasileira de Letras

"A bandeira integralista". *Correio do Ceará*, 22 de dezembro de 1933. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Ação Nacional Integralista", *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"A imprensa é até camarada...", *A Rua*, Ceará, 23 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

BARROSO, Gustavo. "Os cangaceiros e a polícia". *Folha da Noite*, 09 de julho de 1927. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

_____. "O Rei do Sertão". *Folha*, 04 de outubro de 1926. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

_____. "O Rei do Sertão II". *Folha*, 09 de outubro de 1926. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

_____. Apud "Os profetas eram menos agressivos", *A Rua*, Ceará, 19 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

BRÍGIDO, Gaspar. "Gustavo Barroso e o remorso". *O Estado*, Fortaleza-CE, 10 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Conversa de Livraria: última carta de Gustavo Barroso", *Correio do Ceará*, Fortaleza-CE, 15 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Conversa de Livraria: Gustavo: 'Desejaria na morte restituir-lhe meu corpo'". *Correio do Ceará*, Fortaleza-CE,10 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Faleceu Gustavo Barroso", *Correio do Ceará*, Fortaleza-CE, dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

FONTES, Carlos. "Politeama". *O Povo*, Fortaleza-CE, 6 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Gustavo Barroso: 70 anos", *Jornal do Brasil*, 25 de dezembro de 1958. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Gustavo Barroso hospitalizado", *O Povo*, Fortaleza-CE, 5 de agosto de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

LUZ, Boanerges Sales. "Gustavo Barroso". *O Povo*, Fortaleza-CE, 6 de dezembro de 1959. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Os profetas eram menos agressivos", *A Rua*, Ceará, 19 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"O integralismo no Brasil". *O Estado*, Florianópolis/Santa Catarina, 3 de novembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

O Radical, Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

O Radical, 6 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Saltimbancos políticos", jornal não identificado, Fortaleza, 24 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

"Registro alegre", *Correio do Brasil*, 4 de dezembro de 1933, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

SALLES, Antonio. Apud Editorial "O Norte e a literatura", *O Globo*, 12 de dezembro de 1927, Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

SUCUPIRA, Luís. "Gustavo Barroso e sua afeição à terra natal". *O Povo*, Fortaleza-CE, 7 de janeiro de 1960. Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Livros de Gustavo Barroso

BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. Rio de Janeiro: Getulio M. Costa Editora, 1939.

_____. *Liceu do Ceará. Memórias de Gustavo Barroso*. 3ª Ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.

_____. *O Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getulio M. Costa Editora, 1941.

_____. *Terra de Sol: natureza e costumes do Norte*. 6ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

_____. *Praias e Várzeas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979.

_____. *Ao som da viola*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1921.

_____. *Alma sertaneja*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1979.

_____. *Almas de Lama e de Aço*. São Paulo: Editora Malhoramentos, 1928.

_____. *O Integralismo em marcha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. *O integralismo de Norte a Sul*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

———. *História Secreta do Brasil, vol. 1*. Coleção comemorativa do centenário de Gustavo Barroso. Porto Alegre/RS: Revisão Editora Ltda., 1990.

BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos sábios de Sião*. São Paulo: Editora Minerva, 1936.

_____. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. *A Guerra do Rosas: contos e episodios relativos á campanha do Uruguai e da Argentina - 1851-1852*. São Paulo: Compnahia Editora Nacional. 1ª ed. 1929.